

DR. JULIEN OCHOROWICZ



A SUGESTÃO MENTAL



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

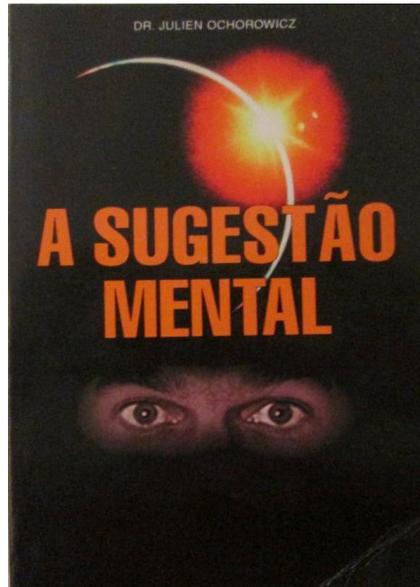
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



Julian Ochorowicz

A Sugestão Mental

Título original em francês
Julian Ochorowicz - De la Suggestion Mentale
Paris
Octave Doin, Éditeur
8, Place de L' Odéon, 8
(1889)

Conteúdo resumido

Ochorowicz foi um dos mais competentes e metódicos investigadores da *sugestão mental*, também conhecida como *comando telepático*.

Esta obra pode ser considerada como um clássico na literatura parapsicológica. Nela o autor faz um minucioso relato das suas investigações acerca das diferentes modalidades de fenômenos telepáticos por ele estudados, quais sejam: sugestão mental aparente, provável e verdadeira, simpatismo orgânico e contágio, transmissão dos estados emotivos e das ideias, ação da vontade,

a importância da “relação psíquica”, sugestão mental a prazo ou à distância, etc.

Não obstante ter sido Ochorowicz contrário à argumentação espírita, sua obra é um importante documento histórico para o Espiritismo, já que suas importantes pesquisas são citadas nas obras de grandes autores espíritas, como Léon Denis, Gabriel Delanne, Ernesto Bozzano, Camille Flammarion, Gustave Geley, entre outros.

Prefácio de Alberto Lyra	4
Prefácio de Charles Richet	9
PRIMEIRA PARTE – À procura de um fenômeno	13
I – A sugestão mental aparente	15
II – A sugestão mental provável	53
III – A sugestão mental verdadeira	72
IV – As experiências de Havre	82
V – Novas experiências	93
SEGUNDA PARTE – Fatos observados por outros.	
– Evolução da sugestão mental. – Analogias físicas	100
I – O simpatismo orgânico	100
II – Simpatismo e contágio	109
III – Transmissão dos estados emotivos	121
IV – Transmissão das ideias	134
V – Transmissão direta da vontade	145
VI – Sugestão mental a prazo	151
VII – Sugestão mental à distância	163
TERCEIRA PARTE – Teorias, conclusões e aplicações	194
I – A hipótese da percepção exaltada	194
II – A hipótese da exaltação do cérebro	201
III – A hipótese de uma ação psíquica direta	206
IV – A hipótese de uma ação física direta	211
V – A hipótese de um fluido universal	217
VI – A hipótese de uma transmissão psicofísica	226
VII – Os elementos de uma explicação científica	229
VIII – A lei da reversibilidade	245

IX – Últimas suposições	250
-------------------------------	-----

Prefácio de Alberto Lyra

Em *A Sugestão Mental*, Ochorowicz apresenta-nos um roteiro completo e as bases metodológicas para uma pesquisa psíquica. Pesquisador já aos 17 anos, quando publicou o trabalho “Métodos de estudos psicológicos”, ele acabou tornando-se um observador tenaz, metódico, extremamente minucioso e cuidadoso e crítico sagaz, imune ao entusiasmo e levado exclusivamente pela reflexão lógica.

Desta forma, ele inicia o livro expondo as suas buscas preliminares e as de alguns observadores da sugestão mental aparente, caminhando pela sugestão provável, até terminar com as suas próprias observações de sugestão mental verdadeira, com as experiências que fez com a Sra. M. e com as de Janet e Gibert com a Sra. B., as quais ele acompanhou de perto.

Ochorowicz estuda magistral e profundamente os diversos estados de transe, desdenhados pela ciência acadêmica atual. Aponta esses diversos estudos tendo em vista os mecanismos neuro e psicofisiológicos e psicológicos, assinalando assim a *a-ideia*, a *monoideia* e a *poli-ideia* de Janet e seus mecanismos cerebrais e psíquicos.

Na Hipnologia e na Sofrologia de Caycedo (Barcelona, 1960), os estados de transe têm sido abordados mais no sentido de alguma pesquisa especializada ou para se obter resultados terapêuticos.

Os parapsicólogos modernos têm dado um enfoque diverso ao de Ochorowicz. Não me é possível consultar a imensa literatura sobre o assunto. Posso dizer apenas que não vi nada equiparável aos estudos de Ochorowicz. Assim, há experiências não bem divulgadas, de Milan Rizl, nos E.U.A., de Lozanov, na Bulgária, e de Raikov, na U.R.S.S.

Entretanto, falta-me ter acesso às pesquisas da Escola Sofrológica de Kioto (Japão), que empreendeu o estudo dos estados de transe nos aspectos filosófico, neurofisiológico, eletroencefalográfico e psicológico.

De qualquer forma, parece-me ainda válido repetir as observações de Ochorowicz, utilizando-nos dos recursos instrumentais da eletroencefalografia, da tomografia computadorizada, da kirliangrafia, do polígrafo, dos estudos modernos sobre o sono, sobre os movimentos oculares rápidos e as variedades do reflexo psicogalvânico.

O problema do inconsciente, que Ochorowicz menciona em diversos pontos de seu livro, não lhe foi estranho, embora o tenha entrevisto por um ângulo totalmente diferente do de Freud, que o abordou tendo em vista os aspectos psicodinâmicos e psicoterápicos da Psicanálise, e Ochorowicz, sob o ponto de vista psicofisiológico e psicológico clássicos. Ele descreve, de maneira atraente, os seus tateamentos, as suas dúvidas e perplexidades e compara as suas pesquisas com as de outros observadores. É admirável a sua capacidade de observação e de apreciação dos fenômenos abordados, em todas as partes de seu livro.

Ochorowicz recapitula as pesquisas dos hipnotizadores e magnetizadores do século XIX que o antecederam, os quais, com a paciência e o tempo de que não dispomos hoje em dia, observaram fenômenos que, de tão insólitos, foram desprezados pelos cientistas acadêmicos, que os atribuíram à mistificação, fantasia, coincidência fortuita, má observação, sugestão, má interpretação, quando não a causas psicopatológicas (ilusões e alucinações de doentes mentais).

Provado o fenômeno da sugestão mental, que pode ser denominado com mais propriedade de *comando telepático*, em presença ou na ausência do paciente, de efeito imediato ou retardado, Ochorowicz mostrou os seus mecanismos e as suas causas e, enfim, procurou explicar o fenômeno que, no seu dizer, significa:

“... reduzir o desconhecido para o conhecido, indicando as condições pelas quais o fenômeno se manifesta e sem as quais não pode manifestar-se.”

Seria a ação da vontade? Ou de fluidos (nervoso, vital eletromagnético e outros)? Ou de um fluido universal, aventado por Mesmer? Ou resultante da força do olhar, em certos casos?

Que mecanismos neuro e psicofisiológicos estariam em ação?

Ochorowicz, então, além de estudar todos esses fatores e as hipóteses lançadas anteriormente, mostra-nos as vacilações e receios, dele e de seus predecessores, porque tratar de tais fenômenos, naquela época, representava um desafio à ciência estabelecida. Era um ato de grande coragem moral mexer em tais assuntos.

Quando a comissão presidida por Husson pareceu provar a existência do chamado magnetismo animal (discutido até hoje), Castel opôs-se à publicação do relatório exclamando: “Se a maior parte dos fatos consignados neste relatório fossem reais, eles destruiriam a metade dos conhecimentos fisiológicos e seria perigoso propagar estes fatos imprimindo-os...”

O mesmo se aplicaria às pesquisas de Ochorowicz, na ocasião. Ele foi tão fundo em sua pesquisa e em seu estudo crítico, analisando os achados de seus antecessores (Deleuze, Morin, Bertrand e outros), que até hoje pode servir de modelo para as pesquisas modernas. O capítulo VII, “Os elementos para uma explicação científica”, é magnífico e merece mais de uma leitura, o que ainda pode ser aplicado ao livro todo.

Ochorowicz mostrou que o comando telepático existe irrefutavelmente (embora o mestre Richet em seu prefácio não o ache), porém que é muito raro – ele levou anos para encontrá-lo –, pois depende de um conjunto de circunstâncias:

- a) do sensitivo;
- b) da sensibilidade especial deste, tanto que, dentre tantos observados, Ochorowicz só o encontrou em 4 pacientes;
- c) de um longo trabalho de reforço do condicionamento hipnótico (a educação hipnótica ou magnética, de Ochorowicz);
- d) do experimentador.

Talvez não se tenha visto até hoje experimentador com a capacidade de Lafontaine, que efetuava o comando telepático ao primeiro encontro, sem ter conhecido o paciente e sem o ter treinado!... Lafontaine, aliás, tinha esse poder sobre humanos e animais!

Ochorowicz dedicou-se também ao estudo de fenômenos que são muito mais frequentes do que o comando telepático, ou são confundidos com ele: o *simpatismo*, de Charpignon (comunicação direta de dores e de outras sensações subjetivas; transmissão de doenças (*contágio nervoso físico*), inclusive o curioso fato de o operador ingerir pequena dose de bebida alcoólica e não sentir nada, e o seu paciente mostrar sintomas de embriaguez. Isto nos lembra os pais de santo da umbanda e do candomblé, que tomam fortes doses de cachaça sem apresentar o menor cheiro e o menor efeito da bebida; a *hiperestesia sensorial*; o *imitatismo*, imitação inconsciente de sentimentos e estados emocionais, através do que é visto ou ouvido e as *associações ídeo-orgânicas*, que partem do princípio estabelecido por Sietchenoff, pelo qual não há pensamento sem contração muscular, que Ochorowicz ampliou para: “não há pensamento sem expressão” (calor, modificação elétrica, secreção, movimento muscular, glótico, etc.).

Isto é focalizado quando se pesquisa a sugestão, sob o nome de *ideodinamismo*, cuja lei fundamental é expressa: “Toda ideia sugerida e aceita pode tornar-se um ato, uma sensação, uma imagem, um movimento, como pode neutralizar atos, sensações, imagens e movimentos”, ou pela lei mais restrita de Bain: “Todo fato de consciência pode determinar um movimento que se irradia pelo corpo e a cada uma de suas partes”.

O livro de Ochorowicz está recheado de observações curiosas e de conclusões dignas de serem meditadas. Assim, menciona certos experimentadores de tal acuidade olfativa que esta lhes permite diagnosticar doenças. Ochorowicz, ao apontar que o olfato desperta faculdades inconscientes, ressalta que ele é o sentido do inconsciente, assim como a vista é o sentido do consciente e o tato, o seu mestre comum.

Ele aborda, sem receio, a metaloscopia e a metaloterapia de Burq, que, se se conseguir afastar os preconceitos científicos, merecerão ser revistas.

Por tudo o que se acaba de ver, o livro de Ochorowicz ainda conserva a sua atualidade.

Temos que felicitar a IBRASA pela feliz iniciativa de reeditá-lo e ao Sr. Noé Gertel, tradutor fiel e condensador hábil, que reduziu o original francês a um pouco mais da metade, sem alterar o texto e sem prejudicar a sua clareza.

São Paulo, 08/04/1982.

Alberto Lyra

Prefácio de Charles Richet

Este livro, cujo título talvez assuste os que temem as novidades, não é uma obra de imaginação, mas de experiência. São aqui expostas dezenas de fatos que foram observados tanto pelo próprio autor como por diferentes experimentadores.

É uma coleção de fatos sobre a sugestão mental e em nenhum outro lugar encontraremos reunidos tão numerosos documentos sobre o assunto.

Mas não basta reunir fatos; é preciso também que eles sejam bem observados. Nesse sentido a crítica de Ochorowicz aos fatos que ele viu ou que relata segundo outros sábios é tão severa quanto deve ser num paciente tão difícil. O que domina, em sua obra, é a vontade, bem determinada e bem perseverante, de levar em conta todas as objeções, de afastar todas as causas de má-fé, conscientes ou inconscientes, de se representar, por vezes exagerando-as, as dificuldades do problema e de não se satisfazer senão depois de afastar tudo o que possa causar ilusão.

A tarefa era difícil e já é muito empreendê-la com tal rigor.

Para demonstrar a sugestão mental, basta eliminar duas causas de erros:

– Antes de tudo, e em primeiro lugar, o erro devido ao artifício, ao estratagema. E quando eu falo de estratagema não me refiro àquele que é voluntário, meditado, maquinado, combinado de antemão; este é muito raro. Eu me refiro ao estratagema inconsciente, mecânico, produzido pela tendência natural que em todos nós existe, de querer fazer cobrir de êxito uma experiência. Antes de tudo, pois, é preciso assegurar que nenhuma indicação involuntária deve ser dada, isto é, que não deve haver nem palavra, nem gesto, nem contato que possa induzir a pessoa que responde a preferir tal ou qual resposta.

A segunda causa de erro é o acaso. O acaso leva frequentemente a coincidências impressionantes. Ora, todas as vezes que o acaso possa ser invocado, a certeza matemática jamais poderá ser obtida, não ficando sequer uma certeza moral

que resulta do sucesso consecutivo de muitas experiências cuja probabilidade é fraca.

Ochorowicz procurou eliminar estas diferentes dificuldades: assim, chegou a um certo número de casos que ele considera como probatórios (e eu creio poder dizer que é um tanto difícil fazer provas). Graças a algumas experiências decisivas, ele firmou uma convicção e naturalmente quer transmiti-la para os seus leitores.

Entretanto, não creio que seu livro, por mais demonstrativo que seja, arrebate a convicção de todos. Sei muito bem, por minha própria experiência, como é *difícil acreditar naquilo que se vê*, quando aquilo que vemos não está de acordo com as ideias gerais, banais, que formam o fundo de nossos conhecimentos. Há 15 dias vi um tal fato impressionante, que me convenceu. Hoje eu sacudo a cabeça e começo a duvidar. Dentro de seis meses eu não acreditarei em mais nada. Trata-se de uma curiosa anomalia de nossa inteligência. Não é suficiente, afinal, para conduzir à convicção, que um fato seja lógico e experimentalmente provado; é preciso também que adquiramos, por assim dizer, o hábito intelectual. Se ele quebra nossa rotina, é repellido e desprezado.

É o que nós comumente chamamos de *bom senso*. É o bom senso que faz rejeitar todas as ideias não entendidas, novas, é o bom senso que rege nossa conduta e dirige nossa opinião.

Pois bem, esse bom senso que tanto louvamos não é senão uma rotina da inteligência. O bom senso de hoje não é o bom senso de há 200 anos nem o bom senso de há 2 mil anos. O bom senso, 2 mil anos atrás, levava a acreditar que o Sol gira em volta da Terra e se esconde todas as noites no oceano. O bom senso de há 200 anos dizia que não se pode, no mesmo dia, mandar notícia para Pequim e ter uma resposta e, entretanto, o bom senso de hoje indica que se pode mandar um telegrama para lá, com resposta paga. Hoje o bom senso manda treinar um formidável exército com um milhão de soldados e cinco milhões de fuzis. Não é fato que há dois ou três séculos esse bom senso era um absurdo?

Assim, se nós nos opomos à sugestão mental em nome do bom senso, não estamos falando do bom senso de 1986, pois o bom senso de 1986 terá outras tendências. É apenas uma questão de tempo e eu imagino que dentro de bem poucos anos esta ideia, tendo feito seu caminho nos espíritos, será considerada muito simples. Chegarão mesmo a se admirar de que tivéssemos tido dificuldades para admiti-la. Por acaso não estamos vendo as imortais descobertas de nosso grande Pasteur, estabelecidas com um luxo impressionante de experiências demonstrativas, encontrarem uma assustadora oposição? Que melhor exemplo de nossa incurável rotina?

Isto não quer dizer que eu considere, em definitivo, a sugestão mental como rigorosamente provada. É claro que não; e as experiências demonstrativas são raras. Em geral, quando elas são probatórias (pela concordância dos resultados) não são irrepreensíveis, e quando elas são irrepreensíveis não são de todo probatórias. Há, entretanto, algumas que são ao mesmo tempo irrepreensíveis e probatórias; nós as encontraremos expostas neste livro e poderemos avaliar sua importância.

Depois dos fatos, as teorias. Estas são numerosas, mas não me parecem merecer grande importância. O essencial é estabelecer este fato:

“Além de todo fenômeno apreciável a nossos sentidos normais, à nossa perspicácia normal, tão viva como se supõe, existe, entre o pensamento de dois indivíduos, uma tal correlação, que o acaso não é suficiente para explicá-la.

A meu ver, a demonstração desta proposição é que é ponto fundamental. Ora, o que quer que Ochorowicz e outros, antes dele, tenham acumulado de provas, elas não trazem a convicção absoluta, integral, mas somente a dúvida, tão forte é, para atuar sobre nossas ideias, a influência da rotina e do hábito.

Qualquer que seja, além disso, a opinião definitiva que se faça, sobre a realidade da sugestão mental, isso não deve, eu acho, influir sobre o julgamento do livro de Ochorowicz. Parece-me que todo mundo deverá render homenagem à sua sinceridade, sua perseverança e seu desprezo pelas opiniões firmadas. Sente-

se que ele ama apaixonadamente a verdade. É um elogio que todos os homens de boa fé saberão apreciar.

Charles Richet

PRIMEIRA PARTE

À procura de um fenômeno

“Aquele que, fora da matemática pura, pronuncia a palavra *impossível* não tem prudência.”

Arago (*Eloge de Bailly*)

As fronteiras do possível recuam...

O método experimental, depois de ter fundado a psicologia positiva, nos introduz no domínio do maravilhoso!

O *hipnotismo*, daqui para frente, pertence à ciência, e a *sugestão*, que produz a maior parte de seus milagres, não nos impressiona mais; ao contrário, ela é citada todos os dias para explicar outros fenômenos, ainda difíceis de ser compreendidos.

Entretanto, com a *sugestão mental* o problema se complica. A “imaginação” e a “imitação” dos comissários de 1784 já não são suficientes. Fica-se perdido. Tem-se o ar de quem quer desprezar a ciência, para se engolfar no ocultismo.

Uma vez transposto esse limite e admitida a sugestão mental, será permitido persuadir-se de que haja ainda outro fenômeno mais extraordinário a estudar?

Não importa. A verdade não é feita para assustar a ciência. Esta verdade pode mesmo estar em absoluto desacordo com as opiniões correntes; ela não é menos digna de ser estudada com diligência, pois nada serve melhor ao progresso do que uma descoberta contrária às teorias reinantes.

Só que... Será mesmo uma descoberta? Será uma verdade?

Toda a questão está aí.

Descartemos, no momento, os escrúpulos; dupliquemos nossas habituais precauções, nossos meios de controle, e examinemos os fatos.

Uma experiência é sempre instrutiva, mesmo quando encerra uma ilusão.

Dispensando o trabalho de explicar a experiência, teremos concebido a ilusão; e se nos dermos conta disso, haverá sempre um resultado.

E agora, caro leitor, se estivermos de acordo quanto aos princípios, comecemos nossa pequena viagem à procura de um fenômeno.

CAPÍTULO I

A sugestão mental aparente

Devo, antes de tudo, prevenir de que eu não acreditava na sugestão mental há um ano atrás. Não somente não acreditava como a questão não me parecia suficientemente séria para legitimar um estudo especial.

Ensaiei, entretanto, numerosas vezes, a ação pretendida do pensamento em um certo número de meus pacientes.

A primeira vez foi em Lublin,¹ onde experimentei sobre um jovem de 17 anos, um tanto difícil de adormecer, mas que, uma vez em sonambulismo, apresentou certos fenômenos interessantes.

Ele reconheceu, por exemplo, todas as pessoas de seu conhecimento que, com um só dedo, lhe tocavam as costas. Fez isso quinze vezes e devo dizer que parte dessas pessoas só entrou na sala depois que ele já tinha adormecido.

Se ele demonstrava uma certa hesitação em relação a indivíduos que não pertenciam a seu meio habitual, distinguia sempre meu toque do de todos os outros e chegou a reconhecer uma dama, entrada sem que ele soubesse, e que ele havia visto pela primeira vez muitos dias antes.

Como foi isso possível?

Quanto à diferença entre o magnetizador e uma pessoa estranha, ela é muito nítida para um grande número de sonâmbulos: o toque do magnetizador lhe é agradável ou indiferente, embora qualquer outra pessoa possa causar-lhe dor. Por quê? Porque, dizem os magnetizadores, essas pessoas não estão em *rapport* (relação) com o sujeito. Mas esta é uma palavra que não nos diz muita coisa. O que é, pois, *rapport*?

Para esclarecer a questão é preciso antes de tudo salientar que esse fenômeno não existe no *hipnotismo* propriamente dito. Um hipnotizado pode ser tocado por quem quer que seja e se isso lhe causar dor, pode acontecer o mesmo com todo mundo. Ele ouve todo mundo ou ninguém, obedece a todo mundo, pode ser despertado por não importa quem.

Ele não é sempre o mesmo no sono dito magnético, provocado não mais por um objeto inanimado (um botão brilhante, por exemplo), mas por um magnetizador e sobretudo por passes.

Ora, cada pessoa tem sua própria maneira de tocar e, quando a gente se habitua, sente-se facilmente o contato, o calor ou a pressão de uma mão estranha. Há animais domésticos, gatos sobretudo, que não suportam as carícias de estranhos. Se passarmos a mão num gato adormecido e que apresenta essa idiossincrasia, podemos reconhecer facilmente a diferença dos movimentos reflexos: o gato se espreguiça langorosamente se for a dona que o acaricia; caso contrário, ele acorda descontente e foge.

O isolamento em que se encontra o sujeito magnetizado, a possibilidade de concentrar melhor a atenção, facilitam esta sensibilidade diferencial. O exercício, o hábito a fortificam. O sujeito suporta melhor as impressões às quais está habituado; às vezes mesmo elas se tornam para ele uma necessidade, um desejo agradável, ao passo que as sensações imprevistas, desacostumadas, o desagradam.

Mas desde que se trate de distinguir entre elas as pessoas estranhas, essa explicação não parece suficiente, mesmo considerando-se as diferenças moleculares do contato, diferenças prováveis, embora não provadas, e que seria necessário conhecer de antemão, para poder deduzir daí que uma certa sensação física corresponde a uma dada personalidade psíquica.

Há, então, no caso uma sugestão mental?

Reconhecer qualquer um é reconhecer sobretudo sua personalidade *psíquica*, é reconhecer esse conjunto vivo, interiormente ativo, cujas manifestações táteis exteriores são apenas um reflexo imperfeito. Se ficar bem provado que o *eu* de uma pessoa pode agir virtualmente sobre o *eu* do sujeito, esta será uma explicação direta e relativamente suficiente. A pessoa que toca pensa nela mesma; seu estado mental pode se resumir a uma afirmação (“Sou eu!”) e a uma questão (“Você me reconhece?”). Todos os assistentes olham para a pessoa e

pensam nela maquinalmente; assim todo mundo influencia o sujeito e esta influência constitui a sugestão.

Mas para admitir uma tal explicação é preciso que fique bem demonstrado que a sugestão mental existe, ainda que essas experiências estejam longe de prová-la por si mesmas.

Permito-me uma outra explicação, mais natural, embora um tanto complicada: sim, houve sugestão por parte de todo mundo, mas não sugestão mental. O sujeito tinha os olhos vendados, mas, como eu atraí sua atenção para as pessoas que o cercavam, ele podia ouvir tudo o que se passava em torno; ele estava em sua própria casa, o hábito o familiarizava com todos os ruídos das portas, dos móveis, do soalho; ele conhecia intimamente as 8 ou 10 pessoas presentes, antes de adormecer; as pessoas que não tomavam parte na experiência, a um dado momento, não se privaram de trocar algumas palavras em voz alta, embora os outros recomendassem silêncio; a percepção de vozes conhecidas e as quais é fácil saber de que direção chegam permite que aos poucos se tome conhecimento da posição de diversos interlocutores; o ruído de inevitáveis trocas de lugar completa ou corrige, afinal, suas ideias.

Todas essas induções poderiam ter estado inconscientes. Sob certo aspecto, nós somos melhores observadores nos nossos sonhos do que no estado de vigília. As cenas imaginárias do sono nos representam as pessoas de nosso conhecimento com um profundo sentimento de seus caracteres, de seus hábitos, de suas palavras favoritas, de uma infinidade de sinais fisionômicos que escapam à nossa observação consciente. É, pois, compreensível que um sonâmbulo que não se distraia, cujas lembranças e todas as sensações contribuam para uma só operação perceptiva, possa distinguir melhor do que nós as conexões de certos sinais.

O único fato que me impressionou um pouco foi o da mulher que o sonâmbulo só vira uma vez; mas esse fato oferecia algumas particularidades capazes de o guiar. O roçar de um vestido de seda por trás de sua cadeira fê-lo perceber que se tratava de uma mulher, e de uma mulher estrangeira, pois as da casa não estavam usando vestido igual. Ela o tocou levemente, com uma evidente timidez; era, pois, mais provavelmente uma

senhorita do que uma mulher casada; entre as solteiras que podiam ter ido a esse sarau com vestido de seda, a Srta. W. figurava em primeiro lugar. Devia ser ela.

Não havia, portanto, no fato citado, senão *uma sugestão por conjectura*.²

Vejamos agora outra experiência, feita com o mesmo indivíduo; é uma experiência aparentemente mais extraordinária.

Tratava-se de verificar a visão sem o socorro dos olhos.

Eu tomo um livro, fora da vista do indivíduo, abro-o ao acaso e ordeno-lhe que leia.

– Eu não vejo bem, diz ele.

Eu leio as duas ou três primeiras palavras da página e convido-o a continuar.

– Está no meio do segundo volume, diz ele, capítulo tal e tal; é o romance de Kraszewski *O mundo e o poeta*.

– Perfeitamente, continue agora.

E, para nosso assombro, ele se põe a ler uma página inteira, quase sem errar.

Se eu pousasse o livro, ele parava; ele “lia” correntemente quando eu tinha os olhos sobre o texto.

Mudei de página. Ele lia sempre bem.

Algumas das pessoas que assistiram a esta experiência acreditaram estar vendo a “dupla visão”, apesar das explicações que eu dava imediatamente.

Mas se esse não era o caso de uma dupla visão, seria preciso prova melhor da sugestão mental?

Infelizmente sim. Antes de tudo, ele “lia”, embora menos bem, o livro fechado; era preciso apenas comunicar-lhe a primeira frase do trecho, e isso não era, pois, transmissão do pensamento; não era também dupla visão, pois sem esta sugestão verbal ele não podia ler os números das páginas nem reconhecer um objeto qualquer.

Eis a explicação do mistério:

O jovem em questão lera, anteriormente, *duas vezes seguidas* o mencionado romance. Ele o havia lido como se lia naqueles tempos na Polônia, isto é, com a idade de 17 anos. Conhecia-o quase de cor. Evidentemente não saberia recitar, na idade adulta, páginas inteiras textualmente, mas nossa experiência provou ao menos uma coisa: uma *vivacidade impressionante das lembranças no sonambulismo*. Quanto à influência de meu pensamento, a causa era simples: ele “via” melhor quando eu olhava o livro, porque maquinalmente eu corrigia seus pequenos erros. São exatamente esses erros que me sugeriram a verdadeira explicação da experiência; pois em lugar de ler mal uma palavra escrita, ele a substituía por outra, análoga como sentido mas diferente como forma. Levado por associações exatas, por um erro semelhante, ele parava quando eu fechava o livro, porque eu não podia mais prestar-lhe ajuda.

Apesar dessas decepções, eu ainda tentei a sugestão mental direta:

1 – Ele devia repetir meus gestos, executados numa sala vizinha, cuja porta ficaria entreaberta. Estas experiências não deram nada de surpreendente; houve apenas algumas coincidências, de vez em quando.

2 – Ele devia vir a mim, atravessando muitos quartos fechados, os olhos vendados. Esta experiência dava sempre certo, mas era preciso que ele fosse prevenido antes que ela fosse feita. Então, e sempre com um atraso de alguns minutos, ele vinha me encontrar. Era certo que ele sentia minha presença, desde que estivesse no mesmo quarto, mas isso não provava nada ainda em favor da ação mental, sobretudo porque todos os ensaios feitos de improviso só deram resultados negativos.

3 – Ele devia adivinhar o objeto pensado, tocando minha mão. Resultado quase nulo; alguns, entretanto, deram certo.

Eis a explicação que me pareceu mais provável para um certo número de coincidências:

1º) Nós éramos dois amigos, vivendo juntos nas mesmas condições, e era comum termos simultaneamente as mesmas ideias.

2º) Os movimentos que foram repetidos à distância faziam parte de gestos ou atitudes comuns cujo número é muito restrito e que podiam ser adivinhados ao acaso.

Lembro-me, por exemplo, de ter começado as experiências com uma ordem de “levantar o braço direito”. Ora, é esta, quase sempre, a ideia que nos ocorre em primeiro lugar quando queremos experimentar a sugestão mental; acontece o mesmo quando, querendo provar o livre-arbítrio, damos um murro na mesa, exclamando: “Eu posso bater ou não bater!”.

O sujeito, tendo levantado o braço direito e não tendo executado as ordens seguintes, me deu o direito de presumir que ele teve simultaneamente a mesma ideia que eu. Acrescento que ele foi prevenido antes de que teria que executar os movimentos comandados mentalmente.

Em 1869 renovei minhas tentativas em Varsóvia, numa senhora italiana que se dizia ser “lúcida” e de quem muito se falava. Ela era notável, entre outras coisas, pela insensibilidade quase completa da pupila à luz, em estado de contração geral. Tendo-a adormecido e colocado à prova, fiquei impressionado com sua facilidade especial de contar os sonhos sonambúlicos de modo verdadeiramente surpreendente. Quanto à lucidez ou “clarividência” propriamente dita, ela era muito obscura e eu não consegui uma só vez deter a fluência de sua eloquência em favor da uma ordem mental.

Veremos mais adiante que, no estado de sonambulismo ativo, quando a sonâmbula fala muito dela mesma, a sugestão mental não é possível.

No mesmo ano fiz ainda algumas experiências “espiríticas” (emprego este termo no sentido que lhe deu Richet), experiências que se ligam a nosso sujeito.

Eis sua origem: um homem sério assistia, certo dia, a uma sessão de mesas giratórias. Vendo o entusiasmo fácil das pessoas que se divertiam em impelir a mesa inconscientemente, disse:

– Eu acreditarei nos espíritos se eles me disserem o nome de batismo de meu avô.

Ele mesmo era um homem idoso, convencido de que nenhuma das pessoas presentes conhecia o nome de seu avô.

– Os espíritos podem não saber – observou gravemente um espírita que dirigia as experiências –, mas se você concentrar seu pensamento no nome que só você conhece, eles poderão lhe dizer.

Recitou-se o alfabeto e os golpes da mesa nas letras correspondentes compuseram o nome Alberto. Era exatamente esse o nome.

– É uma coisa diabólica, pensou o homem.

E ele prometeu nunca mais assistir a uma sessão espírita.

Quando ele me contou esta história, tive o direito de supor uma sugestão mental. Não acreditando em espíritos, ele teve, a menos que admitisse um simples acaso, pouco provável, que se resignar a esta última hipótese. Entretanto, dada a complexidade deste gênero de experiências e a facilidade de uma ilusão qualquer, eu decidi não admitir nada antes de uma experiência que eu mesmo executaria, em condições bem conhecidas e bem determinadas.

A ocasião apareceu logo.

Entre as cinco pessoas (moças na maioria) sentadas em torno da mesa, nenhuma, segundo me asseguraram, conhecia o nome da avó de uma mulher idosa que ficou fora da ação. Esse nome foi indicado; mas feita a verificação, constatei que uma das moças da mesa devia ter ouvido pronunciar o nome em questão com frequência; ela mesma me confessou que no curso da sessão tinha ouvido esse nome, que acreditava não conhecer minutos antes.

Foi o suficiente para justificar uma influência, mais ou menos involuntária, de seus músculos.

Imaginei, então, um nome de fantasia que só eu conhecia.

A mesa respondeu outro nome que não tinha qualquer semelhança com meu pensamento. Fingi escrever uma palavra numa folha de papel. A mesa respondeu com uma palavra, “torto”, em que ninguém havia pensado. Ficou, pois, evidente

que a fantasia inconsciente dos “médiums” dava uma falsa rota cada vez que ela não era mais guiada por uma sugestão qualquer.

Passemos a uma outra experiência.

Eu tinha preparado antes a fotografia de um de meus amigos num envelope lacrado.

– O que é que há neste envelope? Uma carta, uma nota bancária ou uma fotografia? (Copio textualmente as questões segundo minhas anotações).

– É uma fotografia.

– De um homem ou de uma mulher?

– De um homem.

– Que idade tem ele?

A mesa bateu 23 vezes, o que era certo. Os crentes acreditaram num milagre. Mas feita a reflexão e depois de eu me ter recordado bem de todas as circunstâncias, não pude participar da mesma opinião.

De início, a probabilidade de uma resposta certa era muito grande; de 1/3 para a primeira questão, de 1/2 para a segunda. Quanto à terceira, ela era bem menor, mas eu havia cometido uma imprudência que sem dúvida determinou o acerto: quando a mesa, depois de ter batido 23 vezes, fez o pequeno intervalo, eu me precipitei em dizer: “Está certo!”. Ora, antes de chegar às 23 batidas a mesa também fez um pequeno intervalo *e eu não disse nada*. Segundo minha impressão, ela certamente continuaria a bater se minha exclamação não a interrompesse.

Além disso eu notara que o envelope, fechado na minha carteira, assumira a forma de um cartão fotográfico, um pouco curvado e visivelmente mais rígido que uma carta ou um aviso bancário.

Enfim, e isso é uma particularidade difícil de explicar, eu sentia perfeitamente que, naquela sociedade e nas condições dadas, esperava-se de minha parte mais a fotografia de um homem do que de uma mulher.

Não houve, portanto, senão uma sugestão por conjectura, de acaso talvez.

Ainda um êxito aparente:

Pedi a uma mulher que não fazia parte dos “médiums” que passasse para um outro quarto e lá escrevesse uma cifra qualquer num pedaço de papel, sem mostrá-lo a ninguém.

Quando ela voltou eu perguntei à mesa:

– Quantas cifras ela escreveu?

– Duas.

– Qual é a primeira? Eu recitei todos os dez sinais, inclusive o zero, mas a mesa não respondeu. Recomecei:

– É o *um*?

– Sim. (Havia sido combinado com os “espíritas” que um golpe seria *sim* e dois *não*).

– E a segunda cifra?

A mesa bateu 6 vezes. Mas infelizmente, quando a mesa acabou de bater a sexta vez, a mulher gritou:

– É fantástico! Eu escrevi 16!

Devo acrescentar que ela não havia podido se decidir na escolha de um número.

– Devo escrever um número de uma só cifra ou de muitas? – perguntou ela antes de sair para outro quarto.

– Um número qualquer – respondi – de duas ou três cifras, por exemplo.

A sugestão de *duas* cifras foi dada por inabilidade, portanto.

Recomeçamos e, desta vez em condições rigorosas. Eu era o único a saber da cifra. Escrevi 4 e a mesa adivinhou 346...

Em 1872 foi uma jovem alemã, muito sensível, muito delicada, sujeita a desmaios histéricos, que me sugeriu a ideia de um novo ensaio. Eu havia feito sobre ela uma série de observações relativas às mudanças da pulsação nas diversas fases do sonambulismo, observações mencionadas na obra que publiquei em 1874. Mas os fenômenos psíquicos, nela, foram muito medíocres e, quanto à sugestão mental, não conseguira nada.

Não mencionarei aqui uma série de experiências de ocasião, feitas à revelia de pessoas despertas e que consistem em fazer voltar a cabeça de uma pessoa a quem se fixa por trás, ordenando-lhe que nos olhe. Estas experiências dão certo de vez em quando, mas jamais em condições científicas. Uma vez, entretanto, as experiências me impressionaram muito. Eu me encontrava num baile. Uma moça atraiu minha atenção pela singularidade de seus traços; dirigia, pois, frequentemente meu olhar para ela e percebi que cada vez que eu lançava um olhar mais prolongado, sua cabeça e seus olhos se voltavam para mim. Ela, entretanto, não me podia ver. Para verificar o fenômeno eu escolhi um momento menos favorável e consegui. Ensaiei mais uma vez, com o mesmo sucesso. Depois, estando eu numa sala vizinha, disse a um de meus amigos:

– Vamos tentar uma experiência curiosa. Você está vendo aquela jovem sentada num canto do salão? Eu a farei vir até aqui...

Um minuto depois a jovem se levantou, entrou na sala, ficou um momento indecisa, lançou sobre nós um olhar interrogador e depois voltou ao salão...

Vim a conhecê-la algumas semanas depois. Submetida à experiência da hipnoscopia,³ ela só apresentou o dedo um pouco engrossado. Adormeceu com dificuldade (em 15 minutos) um sono muito leve e que logo se dissipou. Era pouco. Nenhuma experiência de sugestão mental teve êxito.

Teria sido então uma ilusão? Creio que sim.

Depois de refletir sobre este caso, conhecido o sujeito, passei a interpretar meus primeiros sucessos. Concluí que não havia nada de especial no fato de ela se voltar, quando eu a observava, porque, tendo ouvido falar de mim, ela queria conhecer-me; e é mesmo provável que, por uma forte ilusão comum, acreditei tê-la notado primeiro por causa da “singularidade de seus traços”, quando na realidade ela é que já me observava havia algum tempo. Além disso, é razoável que uma mulher bonita esteja atenta a quem a observa.

Este incidente me deixou desgostoso com a sugestão mental e muitos indivíduos notáveis passaram pelas minhas mãos sem que eu tentasse ensaiar com eles a transmissão de pensamento.

Lembro-me ainda de uma outra experiência desencorajadora.

Eu tinha ido a uma representação “extraordinária” de um certo “Visconde de Caston”, que fazia demonstrações de memória e prestidigitação, improvisava versos, lia sem a ajuda dos olhos e adivinhava pensamentos. Era uma sessão verdadeiramente interessante para um psicólogo. Eu não falarei nos truques comuns, se bem que – digo-o com toda franqueza – esse é um estudo que recomendo sinceramente a todo fisiologista que se ocupa do hipnotismo em geral e da sugestão mental em particular. A magia branca é a obra de uma aplicação engenhosa da psicologia da atenção, das associações involuntárias, da ilusão e dos movimentos reflexos, mais do que da habilidade física.

Merece ser mencionada aqui uma série de casos baseados unicamente na *associação de ideias*. Sabe-se que, por um subterfúgio muito simples, é possível forçar uma pessoa a escolher uma carta pretendida, espalhada entre muitas outras. Tem que se espalhar apenas, rapidamente diante de seus olhos, o jogo de cartas, de maneira que a carta predestinada seja a única bem visível. Escamoteia-se, assim, a percepção da pessoa, que escolhe maquinalmente a carta sugerida. Nosso prestidigitador psicólogo desenvolveu esse método, aplicando operações puramente mentais; depois de ter preparado um certo número de envelopes fechados contendo palavras escritas antecipadamente, tais como “rosa”, “diamante”, “negro”, etc., ele entabulava uma conversa espiritual com o público. E parava exatamente no instante em que a associação mais próxima e mais inevitável era de um dos objetos predestinados. Depois, fazendo um giro hábil, ele repetia, num outro canto, a mesma associação, *não expressa*, e pedia bruscamente a uma pessoa que ele julgava bem absorvida nas suas maquinações, que pensasse num objeto qualquer.

Ela escolhia sempre o objeto sugerido.

Ele só tinha que perguntar, em seguida, a qual dos reinos – mineral, vegetal ou animal – pertencia o objeto escolhido, para

assegurar o êxito e provar à pessoa interessada que seu pensamento escreveu-se, por si só, numa das cartas fechadas.

Como a experiência que acabo de descrever não é senão a utilização consciente de um processo mental que se reproduz diária e mecanicamente na vida comum, conclui-se que num grande número de casos o *meio psíquico* da assembleia é suficiente para explicar coincidências inesperadas entre os pensamentos do experimentador e os dessas pessoas. Coincidências tanto mais surpreendentes quanto menos conhecemos o mecanismo inconsciente dessas sugestões *mentais*, se quisermos, mas que nada têm a ver com a transmissão do pensamento. Depois disso tudo, estou certo de que, numa experiência de sugestão mental bem sucedida, há sempre *duas* questões a elucidar. A questão: “Como pôde o sujeito adivinhar o pensamento?” é a segunda, pois a primeira consiste em saber: “Como é que o experimentador chegou a escolher uma palavra em lugar de outra?”. Não é senão através da relação íntima desses dois processos que se pode julgar o valor científico da experiência.

Todas as vezes que muitas pessoas se entretêm durante um certo tempo, estabelece-se entre suas inteligências um encadeamento recíproco. Basta, então, a um observador hábil se isolar pelo pensamento do mecanismo involuntário, de abraçá-lo mentalmente por uma percepção global, para *prever* o objeto que naquele instante vai ocupar a atenção dos assistentes. É o mesmo mecanismo que faz com que, às vezes, numa sociedade, duas pessoas emitam simultaneamente um mesmo pensamento ou coloquem uma mesma questão. Quanto mais conhecemos seu mundo, mais conseguimos nessa “clarividência” psicológica. Lembro-me de que, sendo secretário de uma sociedade que tinha por objetivo a publicação de uma Enciclopédia de Ciências, eu havia preparado com antecedência o protocolo de uma de nossas reuniões. Tinha-se que discutir a questão de saber se convinha ou não reservar, entre as ciências a tratar, um lugar para a teologia. Dois padres faziam parte da comissão. Mas conhecendo as pessoas e as opiniões, arrisquei a experiência. O protocolo foi preparado; ele prestava contas da discussão geral, terminando

com o seguinte voto: “A teologia não deve ser tratada senão como fazendo parte da História das Religiões.” Não tive que trocar nenhuma palavra para submeter o protocolo à assinatura dos membros.

Evidentemente, não se é tão bom profeta sem ser um pouco cúmplice, mas se é sempre cúmplice desde que se comande a execução de uma ideia que nos venha mecanicamente ao espírito. Eis um exemplo: você é frequentador de uma casa. Você não se lembra de que, na última vez, discutiu-se sobre a política colonial e que logo depois uma mulher começou a tocar piano. Discutiu-se de novo sobre a política colonial, ao mesmo tempo em que você teve a ideia de ensaiar a sugestão mental: você ordenou à mulher que fosse ao piano e ela foi. Você se impressiona com o sucesso, tanto mais que não vê nenhuma relação entre a política colonial e um trecho musical para piano e que sua cúmplice, ela também, garante com a maior boa fé do mundo que não compreende como a ideia de tocar piano lhe veio subitamente à cabeça.

Pode-se utilizar esse processo inconsciente com conhecimento de causa: M. P., meu amigo, tão espiritual quanto distraído, jogava xadrez numa sala vizinha; nós, os outros, conversávamos perto da porta. Eu observava que, entre as obsessões comuns nos jogadores de xadrez, uma das mais frequentes em particular a meu amigo era a seguinte: jogando com a máxima atenção, ele assobiava mecanicamente uma ária de “Madame Angot”. Parecia acompanhá-la com batidas na mesa. Mas desta vez ele acompanha outra coisa, por exceção. Era a “Marcha do Profeta”.

– Ouçam – disse eu a meus companheiros –, vamos fazer uma coisa com P. Vamos ordenar-lhe mentalmente para passar do “Profeta” para a “Filha de Madame Angot”.

Pus-me a bater o compasso da marcha, depois, aproveitando algumas notas comuns, passei rapidamente ao compasso mais rápido.

Então nosso jogador, ele também, mudou rapidamente de ária e começou a assobiar “Madame Angot”.

Todos começaram a rir. Quanto a ele, estava absorvido demais por um xeque à rainha para perceber alguma coisa.

– Recomeçemos – disse eu – e voltemos ao “Profeta”.

E tivemos logo uma reprise de Meyerber.

Meu amigo sabia que tinha assobiado qualquer coisa, mas nada mais.

Quem conhece os hábitos de uma pessoa pode às vezes simular a sugestão mental mesmo sem qualquer impressão sugestiva.

Na Faculdade de X., um professor de Filosofia, dando aula, tinha o hábito de olhar à sua direita, depois para o meio da sala e depois para a esquerda, depois novamente para a direita e assim por diante, com a regularidade de um pêndulo. Certo dia ele estava tentando nos provar a liberdade psíquica do homem...

– Vocês vão ver seu livre-arbítrio – disse eu a meus colegas, por brincadeira.

E, levantando o dedo eu me pus a comandar os movimentos que sua cabeça devia executar, à direita, no meio, à esquerda...

Não acreditem que esta anedota não tenha relação com nosso sujeito; naturalmente tratava-se apenas de uma brincadeira. Seria uma trapaça se fosse levada a sério. Mas precisamente no hipnotismo essas trapaças chegam involuntariamente aos fisiologistas, que bem sabem observar os fatos exteriores, mas que não sabem observar-se a si mesmos. Eis o que, nesse gênero, me aconteceu na categoria das sugestões aparentes.

Eu tratava de uma mulher idosa, pelo hipnotismo. Ela sofria de reumatismo articular crônico. Eu a adormecia muito facilmente e um repouso absoluto de meia hora era sempre suficiente para acalmar seus nervos e melhorar seu sono natural ao menos por alguns dias. Não havia meio de provocar o sonambulismo propriamente dito, de modo que eu ficava folheando um livro, esperando a hora de despertar. Um dia tive a ideia de tentar o despertar por ordem mental.

“Acorde”, disse eu, mentalmente, e logo ela teve algumas contrações musculares na face e os olhos se abriram: ela despertara.

Alguns dias depois tentei fazê-la executar certos movimentos, mas em vão; consegui, entretanto, despertar a paciente da mesma maneira, apenas com algum atraso. Era estranho. Por que ela despertava, ficando insensível, todavia a outras sugestões?

Eis a razão. Havia, no caso, dois hábitos que tinham passado despercebidos. Continuando o tratamento por algumas semanas, eu havia adquirido o hábito de despertá-la exatamente meia hora depois da manifestação do sono. Eu não olhava para o relógio, mas despertava-a sempre na hora fixada e, como era uma hora antes do jantar, meu estômago substituíra perfeitamente o relógio.

Quanto à doente, ela havia também adquirido o hábito de despertar quase no exato minuto: fenômeno bem conhecido entre os hipnotizadores. Isso não acontece sempre, mas com muita frequência.

Tendo havido essa suspeita, eu quis verificar sua exatidão. Pois bem, cheguei logo a constatar:

- 1º) que eu não podia despertá-la “mentalmente” 10, 15 ou 20 minutos depois da declaração do sono;
- 2º) que ela despertava sempre por si mesma, depois de 30 a 35 minutos, sem qualquer sugestão mental.

Em 1881, assisti em Lemberg às representações magnéticas dadas por Donato. Entre suas experiências havia uma que, sem ser apresentada como tal, tinha todas as aparências de uma sugestão mental. Lucile ficava sentada no palco, os olhos vendados, enquanto Donato circulava no meio do público, ouvindo ao pé do ouvido um certo número de atos que a sonâmbula devia executar em seguida. Ela devia, por exemplo, se abanar com o avental de madame N; abrir o chapéu claque do Sr. X e colocá-lo na cabeça; retirar o bracelete de Y para passar para Z e assim por diante. (É preciso notar que os pedidos do público são muito restritos, em geral as mesmas coisas, sem que haja, entretanto, combinação; o *meio psíquico* faz aí seu ofício.

Às ordens recolhidas, Donato atraía Lucile para o meio do público e, sem dizer palavra, unicamente com a ajuda de gestos, executados um a um ou dois passos de distância ele dirigia a “médium” para a pessoa em questão, e ela cumpria perfeitamente tudo o que lhe havia sido solicitado.

Esta experiência produzia muito efeito, pois é evidente que não havia combinação com o sujeito nem com o público.

Como é que Lucile podia executar esse número interessante?

– Pela *educação magnética*.

Tal foi a resposta do magnetizador. É vago, mas verdadeiro.

Existe no magnetismo um fenômeno pouco estudado, já mencionado por Richet: o da *atração* dita magnética. É suficiente aproximar a mão do braço do sujeito adormecido para que esse braço vá na direção da mão e siga todos os seus movimentos. Embora o ímã provoque o mesmo fenômeno, não há analogia.

Essa atração não tem nada em comum com a atração do ferro pelo ímã; ela não é de ordem física, e sim de ordem reflexa.

Mas essa é uma questão à parte. O que importa é que esta faculdade, própria de um grande número de sonâmbulos, pode ser cultivada e aperfeiçoada pela *educação hipnótica*. Pouco a pouco o sujeito se torna sensível a atrações variadas e se às atrações variadas se acrescentar a concepção inteligente dos gestos, tem-se tudo o que é preciso para simular maravilhosamente a transmissão de pensamento.

No começo o sujeito só pode ser influenciado de perto e só compreende movimentos simples; depois ele se habitua à maneira de agir do magnetizador, adivinha os gestos e uma associação mecânica se estabelece entre os indícios quase imperceptíveis do experimentador e certos movimentos reflexos ou mesmo voluntários do sujeito.

E eis com Lucile podia executar as ordens comandadas sem palavras.

Existe ainda um outro meio, muito mais simples, de simular a sugestão mental. Donato mesmo mostrou que com a ajuda de

certos movimentos dos dedos diante das orelhas de Lucile ele podia produzir uma hiper-acústica suficiente para permitir que ela ouvisse as palavras pronunciadas tão baixo que mesmo as pessoas próximas não compreendiam. Repeti essa experiência num camponês de Zakopane, na Galícia, cujas orelhas em abano conseguiam ouvir melhor que outros as palavras que eu pronunciava em voz baixa, a quatro metros de distância.

É evidente que com uma tal hiperestesia o sujeito pode:

- 1º) ouvir diretamente o que se diz no ouvido do magnetizador; ou
- 2º) ouvir depois aquilo que lhe é sussurrado no ouvido, sem que os assistentes ouçam.

Donato quis fazer para mim uma sessão privada. Foi então que tive a ocasião de experimentar ainda uma vez a sugestão mental. O magnetizador mesmo manifestou dúvidas. Acreditava na possibilidade do fenômeno, que certa vez, aliás, demonstrou na presença de Aksakof; mas, segundo ele, a experiência não teve êxito senão raramente.

De qualquer forma, fizemos o ensaio.

Lucile em pé e nós dois a seu lado, eu ao lado do magnetizador, a dois metros do sujeito, e este último devia estender o braço esquerdo. Ao cabo de um minuto ele fez alguns movimentos com esse braço, e às vezes com o corpo inteiro, movimentos que bem poderiam ser determinados pela fadiga do sujeito sem ter qualquer relação com as intenções do magnetizador.

Donato não teve dificuldade em reconhecer isso.

– Estarei mais seguro do sucesso – disse ele – se você me permitir agir por meio de gestos.

Mas a questão não era essa.

Certamente podia-se, agindo por atração, fazer estender um braço.

As outras tentativas não foram melhores, sejam as feitas por mim, depois de ter adormecido o sujeito, sejam as que foram comandadas por Donato. Somente constatei o mesmo fenômeno

num dos meus primeiros sujeitos, isto é, a faculdade de reconhecer a pessoa que o tocava. Quando era Donato que adormecia o sujeito, meu toque lhe causava dores; ao contrário, quando era eu que magnetizava, Lucile suportava sempre relativamente melhor o contato de seu magnetizador habitual.

Foram tomadas precauções para que Lucile não pudesse adivinhar quem era a pessoa que a tocava, sempre levemente.

Esse fenômeno, eu o constatei depois em quase todas as pessoas eminentemente sensíveis, não hipnotizadas mas magnetizadas, e fui obrigado, ao mesmo tempo, a admitir uma ação física individual, fora do hipnotismo.

Espero que não me acusem de leviandade quando publicar os detalhes destes estudos, e que se tenha em vista a circunstância de que durante 14 anos eu fui “hipnotizador”, como todo mundo.

A questão da ação física não é indiferente ao problema da sugestão mental, como veremos adiante, mas evidentemente uma não implica a outra.

Apesar dessa evolução nas minhas opiniões, eu estava ainda longe de acreditar na transmissão do pensamento.

Os ensaios precedentes, ao contrário, me desencorajaram, colocando em dia toda a complexidade da questão e todas as causas erradas.

Convenci-me de que um magnetizador hábil, tendo como sujeito uma pessoa razoavelmente inteligente, pode perfeitamente imitar a sugestão mental ou ser ludibriado por associações inconscientes. As testemunhas, contando o fato, o transfiguram, o embelezam involuntariamente, em virtude desta faculdade psíquica, muito estimável nas artes mas eminentemente perigosa em ciência, que se chama “fantasia complementar”.

Cito o exemplo de Hugues, o inventor do microfone, do telégrafo impressor, etc., físico e pensador notável. Ele acreditou ter constatado, no início de suas experiências, que o microfone *aumenta* a intensidade dos sons transmitidos. Era um erro de interpretação, sugerido por certos efeitos enganadores. Jamais um microfone ampliou a intensidade da *palavra* ou dos *sons* em

geral; produz-se, ao contrário, um enfraquecimento notável. Como é que esse erro pôde nascer? Por um defeito de discernimento entre *sons* e os *abalos* mecânicos que os acompanham. O microfone faz ouvir o passo de uma mosca sobre uma tábua delgada não porque ela amplia o ruído, mas porque o microfone transforma em sons os abalos mecânicos desses passos. Fixando-se na proximidade da tábua um relógio que produza um som mais forte, não se ouvirá nada, mas colocando-se na tábua um microfone se ouvirá o tique-taque do relógio pelo telefone, muito melhor do que diretamente, pois que, neste último caso, os abalos mecânicos são transformados em som. Pois bem, esse erro de interpretação se propagou de tal forma que ainda pode ser encontrado em livros de física.

Frequentemente somos levados a uma posição semelhante no que tange à sugestão mental. O pensamento de um lado do cérebro é seguido de um pensamento semelhante num cérebro semelhante: estaremos nós aqui nas condições de dois telefones que se influenciam mutuamente com a ajuda de correntes ondulatórias, ou melhor, nas condições de dois relógios de Leibnitz, que, indicando ambos a mesma hora, não sofrem qualquer ação mútua? Eis a questão. E é preciso acrescentar que entre essas duas situações extremas uma grande parte deve ser feita por uma ação intermediária e complicada: conservando seu mecanismo independente, os dois relógios podem ser regulados imperceptivelmente por uma transmissão pneumática ou elétrica. Médicos que, como Barrier, Teste, Bertrand, Charpignon, Garcin, Despine, etc. nos atestam a transmissão do pensamento, viram dois relógios marcando a mesma hora ao mesmo tempo...

Tive, pois, o direito de considerar seu testemunho como insuficiente e por outra razão ainda, que passo a expor.

Para poder julgar um fato desse gênero, é absolutamente preciso ter no espírito a *teoria sugestiva* do hipnotismo; é preciso lembrar a cada momento que todos os fenômenos hipnóticos, sem exceção, podem ser reproduzidos só pela ação da imaginação, pela *ideoplastia*. Em consequência, para admitir, por exemplo, um caso de sonambulismo à distância, não basta somente verificar o fato, é preciso ainda ter certeza absoluta de

que o sujeito não pôde, por uma combinação de circunstâncias, *presumir* a experiência. Mais ainda, esta presunção pode ficar inconsciente, determinando o efeito pretendido. Meus estudos hipnóticos não me deixam nenhuma dúvida quanto a isso. De modo que, mesmo no caso em que o sujeito não tenha sido prevenido, ou que se declare não ser dotado de nada, não se está ainda ao abrigo de incertezas. Ora, apesar das publicações do abade Faria, de Hénin, Cuvillier, Bertrand, Braid, Durand de Gross, Morin, Szokalki e Liebeaut, a teoria da sugestão só foi realmente conhecida e reconhecida depois do aparecimento do engenhoso trabalho do Dr. Bernheim. Na época achava-se compreensível a ação das “correntes magnéticas” no espaço, mas acreditava-se inverossímil a produção de sonambulismo através de uma carta (não magnetizada) que fixava a experiência para uma determinada hora. O sujeito adormecia alguns minutos depois de uma concentração de vontade à distância, e em consequência eram o pensamento e o “fluido magnético”, seu fator, que produziam o sonambulismo; *post hoc, ergo propter hoc*.

Durante muito tempo essas dúvidas me pareceram suficientes para renunciar a novas tentativas. Mas a gente volta sempre aos primeiros amores.

Na Universidade de Lemberg, dando aula (1875-81) de Psicologia fisiológica, estudei muito as diferentes questões de hipnotismo. Um grande número de alunos meus se apresentaram como voluntários para toda sorte de ensaios e foi então que comecei a me orientar um pouco melhor nesse terreno misterioso. Um dia reuni seis de meus melhores pacientes numa sala da Escola Politécnica, hermeticamente fechada à luz, para verificar as pretendidas descobertas do Barão Reichenbach. Ficamos três horas na obscuridade absoluta, mas nenhuma das afirmações do químico alemão pôde ser constatada seriamente. Em compensação, descobrimos um fato novo muito interessante, a saber, que certos sujeitos hipnotizáveis enxergam melhor a fosforescência de uma máquina eletrostática, do que os outros. Os filetes de luz completamente invisíveis para nós, e constituindo um prolongamento dos raios visíveis, foram

perfeitamente descritos por dois ou três deles e provados objetivamente de muitas maneiras.

Escolhi dois dos alunos para experimentar a sugestão mental.

O primeiro, um jovem de estatura e força notáveis mas muito sensível ao hipnotismo, apresentava a particularidade de tornar impossível produzir uma alucinação ou uma sugestão verbal qualquer. Adormecido pela fixação do olhar ou por outro meio equivalente, ele caía em contração geral e, do ponto de vista psíquico, num estado de obediência completa (obediência tetânica). Se tentávamos fazê-lo falar ele deixava soltar os músculos da palavra, todos contraídos, e desde que se obtivesse dele uma resposta, não dormia mais; só persistia uma certa contração. Podia-se despertar somente um hemisfério e uma metade do corpo (do mesmo lado), mas era impossível obter o sonambulismo. Ele passava diretamente do estado “letárgico” para o estado desperto; mas em estado desperto, como no da letargia, podiam ser obtidos por passes localizados: a insensibilidade, a hiperestesia, a atração, a catalepsia e as contrações; jamais uma alucinação. A hiperestesia neuromuscular era tão pronunciada que bastava aproximar um dedo, um ímã, projetar um raio de luz ou somente concentrar o olhar num ponto nu do corpo para produzir uma contração ou uma contratura local.

Quando eu tentava influenciar mentalmente, comandando um movimento, esse movimento não se cumpria jamais, mas o membro visado por meu olhar entrava em contratura. Se, em lugar de agir pelo olhar, eu agisse por gestos, havia uma atração excessivamente forte de todo o corpo e ele executava todos os movimentos indicados pelas atrações, até o momento em que uma contratura geral o obrigava a cair rijo ou ficar imóvel. Era preciso, então, aliviar a rigidez com uma ligeira massagem, para poder continuar a experiência.

Essa insensibilidade particular foi se desenvolvendo aos poucos. A atração não se manifestou senão na quinta magnetização. (Todas essas experiências foram apresentadas na Sociedade Médica de Lemberg, em 1881). Ficou claro para mim que ele podia ser influenciado pelo olhar, mas era certo, ao

mesmo tempo, que a sugestão mental em si ficava sempre sem resultado. Não havia sequer traço de ação. Hipnotizado, ele obedecia a todo mundo; magnetizado, ele só obedecia a seu magnetizador; só este podia despertá-lo ou fazer desaparecer a contratura, mas sempre por uma massagem, por passes ou gestos e não por ordem mental. Uma ou duas vezes somente, consegui, neste estado de adormecimento momentâneo do cérebro que precede o despertar, transmitir-lhe algumas *sensações físicas* (uma picada dolorosa, um gosto amargo, etc.), mas, ainda assim, havia incerteza de interpretação e eu não poderia garantir o valor de qualquer sucesso.

Meu outro sujeito era um homem igualmente alto, mas fraco, muito inteligente, um pouco anêmico e tuberculoso. Era muito sensível, sensível demais a toda sorte de impulsos. A aplicação do hipnoscópio na cavidade do estômago provocava nele uma série de fenômenos singulares, sensações, contorções, gritos prolongados, movimentos rotatórios dos braços, da cabeça e de todo o corpo.

Primeira experiência – O sujeito em sonambulismo conta de 1 a 50. Ele devia ser interrompido por uma ordem à distância. Resultado: algumas coincidências, mas a mais frequente, a paralisia, acelerava-se muito e precedia a ordem mental; em consequência, era preciso considerá-la como provocada pela ideoplastia.

Segunda experiência – Eu toco a nuca com um dedo e ordeno-lhe mentalmente que se levante e vá se sentar numa cama. Ele se levanta um pouco, desliza para o chão, senta-se, inclina-se e põe-se de joelhos. Um dos assistentes, o engenheiro B, afirma que foi ele quem lhe ordenou mentalmente para que se pusesse de joelhos. (É provável que a fraca pressão de meu dedo, dirigido um pouco de cima para baixo, lhe tenha sugerido a ideia de se sentar no chão e em seguida a humildade desta posição fez nascer em seu espírito a imagem de uma atitude humilde por excelência e mais cômoda, a de se pôr de joelhos, ao passo que, ao mesmo tempo, e por uma associação semelhante, o engenheiro B teve a ideia de ordenar-lhe).

Terceira experiência – Sem contato e sem gestos. Todos os assistentes pensam em fazer com que ele levante a perna direita. Ele fica imóvel, mas declara ter ímpetos de dançar (insuficiente para autorizar uma conclusão).

Quarta experiência – Só eu comando, sem contato, mas com gestos e dirigindo o olhar para o membro em questão. O sujeito tem os olhos vendados. Fico diante dele a 2, 3, 4, 6 passos de distância.

Ele executa bem muitos movimentos: levanta-se, vai para a direita, para a esquerda, para frente, para trás, coloca-se de joelhos, senta-se. Ordeno-lhe que estenda o braço esquerdo. Foi a única experiência que não deu certo; eu estava então a 6 passos de distância.

As mesmas experiências repetidas com gestos, mas sem uma concentração especial da vontade, dão quase o mesmo resultado positivo.

Alguns dias mais tarde:

Quinta experiência – O sujeito, em sonambulismo, tem os olhos vendados e as orelhas tapadas. Fico diante dele a uma distância de 4 a 5 metros, executando os gestos de atração e de repulsão.

Durante quase uma hora todas as experiências deram certo. A principal consistia em verificar se o sujeito sentia realmente minha presença. Tomei todas as precauções possíveis. Troquei de sapatos, outra pessoa imitou meus passos, tentei induzi-lo ao erro, etc. Ele me seguia por toda parte e me encontrava sempre. Quando avançava, ele farejava como um cão de caça. (Eu era o único fumante naquele grupo e minha roupa estava impregnada de cheiro de fumo).

Resultado definitivo: ele foi guiado:

- 1º) por uma sensibilidade excepcional de toda a superfície do corpo, pelos movimentos do ar (gestos à distância);
- 2º) por uma sensibilidade excepcional ao calor (ele sentia o calor de minha mão a uma distância de 75 centímetros);
- 3º) pela exalação de odores, mas nada pela sugestão mental.

Alguns dias depois:

Sexta experiência – O sono não é completo, talvez devido às emoções da jornada.

Um de meus alunos, P., engana o sujeito, que se confunde comigo. Os movimentos ordenados são mal executados. O sujeito improvisa, deixando vagar sua fantasia. Executa movimentos sobre os quais ninguém pensou, fazendo um ar de quem sente influência. Em suma: resultado claramente negativo.

Ainda um experimento negativo sobre uma jovem histérica muito sensível. Éramos dois magnetizadores, o Dr. B e eu. Cada um de nós toca sua cabeça com um dedo e ordena que ela apanhe um objeto. Como resposta ela se torce, de modo particular: a metade de seu corpo mantém contato comigo, a metade direita pertence ao Dr. B. Ela não me ouve senão com o ouvido esquerdo; ela só ouve o Dr. B. com o direito. A mesma coisa com a atração. Se eu lhe toco o braço direito ela não acusa qualquer sensação. O mesmo acontece quando por intermédio de um objeto. O olhar não se move e a sugestão puramente mental é nula.

A seguir algumas experiências com o “willing”.

Estamos num salão do conde D. Uma das damas conta ter conseguido muitas vezes sugerir à sua amiga um ato qualquer, pousando levemente suas mãos nas suas espáduas. Faço algumas experiências que quase dão certo. Mas nessa espécie de experiência é inútil invocar a sugestão mental. Tendo estudado os movimentos inconscientes dos músculos que fazem girar uma mesa ou balançar um pêndulo, sei a que devo me deter. Esses movimentos involuntários são suficientes para sugerir as direções. Ele não pensa em nada e seu corpo permanece em equilíbrio instável. Às vezes ele *adivinha* o resto, isto é, os atos que não podem ser indicados diretamente.

Uma dessas experiências, entretanto, me surpreendeu. O príncipe C. fica sentado numa poltrona; em consequência ele está em equilíbrio estável; duas mulheres se põem de joelhos diante dele e formam um círculo com suas duas mãos; a ordem consiste em fazer o sujeito cruzar as pernas e provocar um movimento de

balanço com a perna direita. Alguns minutos depois a ordem foi executada.

Nesse caso a explicação se complica. É difícil estender as pernas prendendo as mãos, sobretudo numa posição fixa. Mas precisamente por causa dessa posição, só as pernas (e a cabeça) ficam livres, não sendo de admirar que depois de alguns minutos de imobilidade ele tenha tido necessidade de deslocar as pernas; e ele não podia fazer outra coisa senão cruzá-las, dada a posição das mulheres. Além disso é certo que, talvez para verificar a experiência, o olhar das duas mulheres a cada instante se dirigia para o pé direito do príncipe que, mais ou menos maquinalmente dirigia sua atenção para esse ponto. A direção da atenção para um ponto dado do corpo provoca sempre uma tendência ao movimento, e o único movimento possível foi o que ele executou.

Devo acrescentar que, antes de ter concluído, ele fez muitos movimentos com a cabeça que foram negligenciados como “sem importância”.

No curso da mesma noite fiz ainda outra experiência que simula a ação da vontade à distância. Tendo reconhecido a sensibilidade da condessa D., eu me coloquei em pé diante dela e a fitei durante dois ou três minutos; em seguida recuei e ela me acompanhou; precipito o passo caminhando sempre para trás e, apesar dos risos da assembleia e uma certa oposição de sua parte, ela foi obrigada a me seguir. Essa experiência, de resto muito conhecida pelas representações de Donato, parecem provar uma ação física da vontade e do olhar. Mas não é. A fixação do olhar, a atenção expectante e a emoção fazem nascer um estado de obsessão, de fascínio, que pode ser considerado como um *monoideísmo intermitente*. Sem perder completamente a consciência e a vontade, o sujeito predisposto sofre, de momento a momento, a influência inibidora de *seu próprio espírito*: ele não está paralisado, mas submetido às *sugestões visuais* que dominam sua vontade.

Uma outra experiência de “willing” no conde P., tentada pelas duas damas, não teve sucesso; ele, entretanto, era sensível. Mas eu o piquei com uma agulha num dedo insensibilizado

localmente, sem hipnotização; o que prova que o êxito da experiência, segundo este método, nem sempre tem relação com a sensibilidade. Nós veremos, em seguida, que eles têm relações exatas entre o *hipnotismo* e o *cumberlandismo*.

Eu modifiquei essas experiências em outras pessoas.

A Sra. S., robusta mas anêmica, de tempos em tempos sujeita (sob a influência de emoções) a crises histéricas cataletiformes, estando de pé, é levada ao estado de fascinação pela fixação do olhar. À ordem mental “puxar-me pela barba”, ela leva lentamente a mão na direção da barba, mas não a toca.

A Sra. A., fraca, magra, nervosa. Ordem mental: “abraçar S.”. Ela avança na direção desse homem e diz: “Devo abraçar alguém?”

A Sra. R., linfática, mas de modo geral saudável. A ordem mental (com contato de uma das mãos no occipício):

- 1º “Ir até o piano” – Depois de dois minutos de hesitação: “Devo tocar?”, diz ela;
- 2º “Abraçar a Srta. E.” – Depois de um minuto de silêncio, ela diz: “Devo abraçar alguém... É você, Maria... Não, é você, Edwige?”;
- 3º “Adivinhar se eu penso em uma afirmação ou negação” – ela exclama: “Você está pensando que sim.” (era o contrário).

Salvo a última experiência, que podia ser considerada como resultado de uma simples conjectura errônea, todas as outras pareciam indicar uma ação real. Mas elas não foram realizadas em condições impecáveis, já que os sujeitos não tinham os olhos vendados e os assistentes, cientes do segredo, poderiam influenciar através de suas atitudes. Em todo caso, lembro-me de que a impressão pessoal dessa experiência não foi decisiva. As duas primeiras, devido ao caráter das injunções, difíceis de pressupor, não foram executadas integralmente; as outras, feitas com contato, apresentavam dúvidas inerentes a esse método e, enfim, os atos comandados podiam ser escolhidos sob a influência do meio psíquico. Lembro-me, por exemplo, de que no começo da sessão em que as três últimas experiências foram

efetuadas a Srta. R. foi solicitada a tocar música, mas ela se recusou. Nada de notável, já que em seguida, devendo cumprir uma sugestão, o mesmo ato lhe veio à mente.

Aliás, em condições semelhante o número de atos a escolher é muito restrito.

Que é que se pode comandar a uma jovem numa sociedade conveniente, senão se pôr ao piano ou abraçar sua irmã? E se se trata simplesmente de apanhar um objeto qualquer ou ir a um lugar indicado, o contato da mão e suas pressões involuntárias conduzem o sujeito admiravelmente.

Cito estes pequenos detalhes para mostrar como é preciso ser circunspecto e atento nesse gênero de pesquisas.

Foi por essa época, depois de ter adquirido um certo conhecimento do hipnotismo, que eu me decidi a aplicá-lo no tratamento de doentes. O resultado foi surpreendente e eu compreendi que não somente as alegações de magnetizadores podem ser verdadeiras, como também que uma aplicação racional e metódica levará verdadeiramente a constatar fatos mais surpreendentes ainda. Hoje começa-se a caminhar nessa via e certamente é tempo, depois de se ter embrutecido certo número de histéricos, de lhes devolver a saúde pelo mesmo procedimento.

Absorvido no estudo terapêutico, eu negligenciei o problema da sugestão mental, considerando-a como sem qualquer valor prático. E foi acidentalmente que tive a ocasião de observar alguns fenômenos mais ou menos inesperados e que se interligam. Uma de minhas doentes, por exemplo, adivinhava sempre, desde que eu a tocasse, se minhas impressões da jornada foram agradáveis ou penosas. Ela sofria de uma doença complexa, que serei tentado a chamar de *neurose ganglionária clorótica* e que a manteve no leito durante 30 anos. Excessivamente impressionável, ela era, no entanto, insensível ao hipnotismo e à metaloscopia. Particularidade interessante: minha mão lhe parecia sempre quente, mesmo quando ela estivesse mais fria do que seu corpo. Como eu mantinha sempre a mesma atitude, esta faculdade de reconhecer meu estado

mental me impressionava um pouco. Mas há mil outros meios para adivinhar essas coisas, graças à expressão do rosto, ao timbre da voz, sem que haja necessidade de recorrer a uma transmissão direta. É verdade que ela adivinhava também se, antes de aparecer em sua casa, eu tinha tocado um outro doente; mas ela podia perceber certos sinais de fadiga ou a hora um pouco mais tarde de minha chegada; pode ser também que ela fosse ajudada por certas sensações olfativas.

Uma outra doente apresentava o mesmo talento adivinhatório com todas as pessoas que habitualmente a cercavam. Ela era histérica, facilmente hipnotizável e não manifestava esta aptidão a não ser no momento de despertar, isto é, num estado intermediário entre o sonambulismo e o estado de vigília. Então ela dizia espontaneamente: “Oh! Como X está aborrecido com seu trabalho!”, “Por que Y está tão inquieto?”, “Hoje você tem mais esperança de me curar e está mais contente... eu lhe agradeço...”, etc. ela dizia tudo isso antes de abrir os olhos e às vezes sem pronunciar qualquer palavra sugestiva. Haveria uma transmissão real de estado de espírito? Eu não acreditava. Eram sempre as mesmas pessoas que a cercavam, ela as conhecia muito bem para poder fazer presunções. Entretanto, houve algumas coincidências estranhas. Certa vez, por exemplo, ela ficou muito impressionada com a tristeza da Srta. B. Entretanto, ela não podia vê-la, e a impressão que foi a causa desse desprazer apareceu no curso de seu sono.

Uma terceira, enfim, francesa que não conhecia uma só palavra de polonês, respondeu certo (em estado de sonambulismo) a uma observação feita nesta última língua. Não havia, entretanto, nenhuma analogia nas palavras. Mas isso não se repetiu mais: todas as outras experiências de sugestão mental foram, a meu ver, obra do acaso. Ela era facilmente hipnotizável e adivinhava, em estado de vigília, a doença de uma pessoa estranha, depois de tocar sua mão.

Tendo ouvido contar muitos casos desse gênero, eu quis saber tudo pessoalmente e perguntei-lhe qual era a doença que eu tinha.

– Nenhuma. Você jamais esteve doente. Um pouco de congestão, já que você trabalha muito; mas de resto, tem uma saúde perfeita.

Era exato. Para uma segunda prova, levei até ela uma de minhas pacientes, cuja doença complicada apresentava lesões nitidamente caracterizadas, não sendo fácil reconhecê-la pelo aspecto da doente. Ela tinha uma velha pneumonia, hepatização do pulmão direito, inflamação crônica da laringe, hiperestesia dorsal, frequentes dores de cabeça, muitas perturbações circulatórias, dispepsia e fraqueza geral intermitente. Apesar disso tudo, a doente, graças à sua constituição excepcional, tinha bom aspecto e, à primeira vista, não se poderia duvidar de seu estado.

A sonâmbula, depois de ter tocado a mão da doente, recitou quase todas as suas enfermidades. Ela não detalhou suficientemente as lesões, mas do ponto de vista dos sintomas seu diagnóstico foi muito exato. Mais ainda: fez uma descrição magistral do caráter da doença e de seus maus hábitos.

– Em que você se baseia? – perguntei à sonâmbula. – Você acredita ver os órgãos afetados?

– Não – diz ela –; eu mesma *sinto* os sintomas da doença.

E realmente, eu a vi sofrer e apresentar momentaneamente certos fenômenos mórbidos de uma outra doente que ela examinou, mas que eu não conhecia.

Esse sentir os sintomas eu poderia explicá-lo pela *ideoplastia*, mas ainda assim é preciso conhecê-los. E é aqui que a dúvida começa. A sonâmbula reconheceu-os. Mas tratava-se de uma mulher muito instruída, tendo certos conhecimentos médicos e muita experiência; ela podia, em consequência, ser guiada por outros meios que não fossem uma faculdade misteriosa. Enfim, uma ou duas experiências não são suficientes. Mas, por outro lado, devo dizer que a sonâmbula via minha doente pela primeira vez, que durante toda a consulta ela tinha os olhos semicerrados e não examinou a doente por nenhum dos meios comuns. Quanto à experiência da imaginação no sentir os sintomas, é duvidoso, pois a sonâmbula não era sugestionável nem em estado de vigília

nem no de sonambulismo. Ela passava rapidamente do estado de obediência para o estado de *poli-ideísmo ativo*, que se parecia com o estado de vigília, salvo pela anestesia dos membros.

Em resumo, deixo no momento a questão em aberto, reproduzindo somente um fato observado num relatório lido na Academia de Medicina em 1831 por Husson, e onde está escrito o seguinte: “Nós encontramos uma sonâmbula que indicou os sintomas da doença de três pessoas.”

Teria sido sugestão mental?

Eu era o único a conhecer o estado da minha doente e a sonâmbula podia ler isso no meu pensamento.

Essa hipótese não me pareceu admissível, pois nenhuma sugestão voluntária deu certo; e então, o melhor é ficar naquilo que parece menos extraordinário, isto é, no caso, a uma transmissão dos sintomas de uma doença.

É possível isso? Não sei. Não me julgo autorizado a sustentar com certeza a existência de uma faculdade que permita *sentir* diretamente todas as particularidades do estado patológico de outrem, embora um médico de Paris me tenha assegurado seriamente que não somente esta faculdade lhe é própria, como jamais teve necessidade de outro método para fazer seu diagnóstico.

Tudo o que pude constatar por minha própria experiência é que existe uma outra transmissão nervosa, mais geral e menos circunstancial, que também me pareceu durante muito tempo insustentável e ridícula.

Há um preconceito popular muito antigo segundo o qual pode-se *dar as dores* que se tem para outra pessoa ou mesmo para um animal. Contaram-me muitos fatos desse gênero, outros são mencionados nas obras de magnetizadores e de alguns médicos, mas eu só mencionarei o que vi e provei eu mesmo.

Eis as conclusões de minha prática pessoal:

- 1º) A ação de magnetizar, mesmo quando se restringe a uma imposição das mãos, esgota muito mais do que uma ação mecanicamente análoga.

- 2º) Esse esgotamento é mais marcante quando se magnetiza um doente do que quando se magnetiza uma pessoa sadia.
- 3º) O esgotamento nervoso que se manifesta por certos caracteres particulares é às vezes acompanhado por uma transmissão de dores.
- 4º) As dores mais aptas para provocar esse fenômeno são: dores fulgurantes de atáxicos, dores reumáticas e hiperestesia dorsal.
- 5º) Um contato prolongado facilita esse fenômeno, que, mais raramente, se manifesta também depois de uma magnetização sem contato.
- 6º) A transmissão é raramente nítida e imediata. Às vezes somente a dor ataca o mesmo lugar e a mesma metade do corpo, o que chega sobretudo quando se tem um caso de muitas doenças, apresentando os mesmos sintomas. Geralmente ela ataca os *nodi minoris resistentiae* e se manifesta sobretudo no limiar do despertar.
- 7º) As dores transmitidas são sempre muito mais fracas e de curta duração.
- 8º) Salvo as dores, certos estados patológicos como congestões, pressão cerebral, insônias, etc. podem ser transmitidos igualmente depois de uma magnetização. Distingue-se-os mais facilmente de uma doença individual espontânea, por seu aparecimento e desaparecimento brusco e também por seu caráter superficial.
- 9º) O fenômeno é acompanhado sempre por um alívio notável do doente que comunica seu estado doentio. Somos tentados a crer que o equilíbrio nervoso se estabelece à custa de um outro organismo, mais bem equilibrado.

Em consequência, admitindo uma transmissão nervosa mais ou menos geral do doente ao magnetizador, não posso negar a possibilidade de uma transmissão mais explícita e mais detalhada

do doente ao sujeito, hipnotizável e hiperestesiado pelas práticas do sonambulismo artificial.

Dois corpos com temperatura desigual tendem a igualar sua temperatura.

Dois corpos desigualmente eletrizados tendem a igualar sua eletricidade.

Dois corpos desigualmente equilibrados nas suas funções nervosas tendem a equilibrar suas funções.

Comparação não é razão, mas é uma aproximação que atenua um pouco nossa ignorância.

E o pensamento? Não corresponde ele também a um estado nervoso? Sem dúvida; e eu jamais neguei a possibilidade teórica da transmissão de um estado psíquico, como não nego a possibilidade teórica de uma transmissão da voz humana através do oceano, sobretudo depois de uma lição de circunspecção que dei a mim mesmo.

No mês de outubro de 1884 eu ainda estava convencido de que, em vista do antagonismo essencial que existe no microfone, entre a sensibilidade de suas peças constitutivas e a nitidez da palavra, não se chegaria nunca a reproduzir a palavra em voz alta; eu acreditava ser capaz de provar essa impossibilidade por uma série de fatos e de considerações rigorosas; e no mês de janeiro de 1885 eu mesmo inventei o *termo-microfone*, que reproduz a palavra em voz alta. Lembremos, pois, as palavras sábias de Arago que coloquei à testa deste trabalho e... prossigamos nosso estudo.

Chegando a Paris em 1882, fui procurar, naturalmente, tudo o que dissesse respeito a hipnotismo.

Certo dia eu estava assistindo a experiências hipnóticas em casa de um médico de Paris. Depois de ter posto em jogo todo o mecanismo maravilhoso de uma jovem histórica, convenientemente *educada*, o médico me deu a surpresa de uma sugestão mental...

Eis como a experiência foi feita:

A sonâmbula recebeu a ordem (verbal) de ir até o fundo da sala. Ela se manteve com os olhos entreabertos, com o jeito de uma colegial que conhece sua lição na ponta da língua, e ficou longe de nós.

E então, fixando na doente um olhar aterrador, o médico ordeno-lhe “mentalmente” que voltasse (nós estávamos ao lado de seu leito).

Depois de alguns minutos de hesitação e de impaciência, ela veio ao nosso encontro.

O médico me deu um sorriso de triunfo que queria dizer:

– Não é notável?

Mas a única coisa que me impressionou nesse caso foi a boa fé do experimentador, que se contentava com tão pouca coisa.

Pede-se ainda menos nos círculos dos magnetizadores. Se, por exemplo, fixando-se o olhar no dorso da mão de um sujeito (que não está com os olhos vendados) obtém-se a contração, isso é uma prova de que a concentração foi devida ao influxo ocular.

Se se pergunta ao sujeito se ele sente alguma sensação nas pernas, ele responde que na realidade sente qualquer coisa e isso é prova de que essa qualquer coisa foi provocada por “sugestão mental”.

Evidentemente, tais experiências só fortificavam minha incredulidade.

Na ocasião de ensaios de “demonstração”, repetidos diante de curiosos, devo fazer aqui uma restrição geral que pode parecer excessiva:

Uma mesma experiência de sugestão mental, repetida nas mesmas circunstâncias exteriores, não tem valor científico. No primeiro momento ela poderá ter o valor de um fato isolado, que não terá mais quando é feita pela segunda vez, do mesmo modo e nas mesmas condições. Exemplo:

Um dedo curvado pode significar muitas coisas e nada. Mas se, em estado de hipnotismo sugestionável, você faz crer ao sonâmbulo que há um papagaio no seu dedo curvado, bastará

apresentar uma outra vez ao sujeito o seu dedo curvado da mesma maneira, para fazê-lo ver imediatamente o papagaio.

Este fenômeno é possível no estado poli-idéico, é inevitável no monoideísmo; não há controle possível, o sujeito não pensa, não é capaz de uma única ideia e aquela ideia foi você quem a inculcou direta ou indiretamente. No caso citado é a associação inseparável que completa a sensação direta.

Suponha-se que a sonâmbula que veio se reunir a nós tenha decidido, na primeira vez, levada pela impaciência, retornar ao leito; suponha-se que houvesse ali uma ação real qualquer; essas duas alternativas são indiferentes, desde que se trata de recomeçar a experiência em outro dia nas mesmas condições. Formou-se já uma associação mais ou menos inseparável entre a ideia da posição no fundo da sala, o olhar imperioso do experimentador, as figuras em expectativa das testemunhas e a intenção de ir reunir-se a elas.

Este reparo sobre a importância da associação pela contiguidade e em seguida por hábito é muito simples, mas quase não é levado em conta. Eu estranho quando vejo isso negligenciado por fisiologistas, sem dúvida distintos, mas que não têm o hábito da observação psicológica.

Esta negligência é de tal forma comum que se tornou causa única de uma série de generalizações errôneas e que nem ao menos são admitidas como princípios em hipnologia!

Exemplo: Não há qualquer relação entre os “olhos abertos” e a catalepsia. A catalepsia pode ser produzida com os olhos abertos, semi-abertos ou completamente fechados e também na mais absoluta escuridão. Para se verificar a catalepsia, habitualmente ergue-se o braço do paciente; se o braço cai novamente é porque ele não está em estado cataléptico, pois do contrário manteria a posição imposta.

Um dia experimentei provocar a catalepsia por ordem mental. Ela veio; o braço ficou no ar. Eu a suprimi para recomeçar; o braço caiu. Ordenei mentalmente a catalepsia, ela se manifestou de novo e assim tantas vezes quantas ordenei.

Deve-se, então, acreditar que eu tinha o direito de concluir pela existência de uma ação real?

Jamais. Eis a explicação natural do fenômeno:

Fazendo a experiência pela primeira vez, eu obtivera a catalepsia de um braço, erguendo-o pela mão, enquanto a outra mão executava alguns passes de alto a baixo. Foram precisos vários minutos para provocar essa flexibilidade mecânica do membro, que constitui a catalepsia. Mas à força de repetir, tudo foi mais rápido; um só passe ao longo do braço foi suficiente.

Depois da experiência em questão, tive que reconhecer que mesmo este passe se tornou supérfluo; formara-se uma associação ídeo-orgânica entre a ação de levantar o braço e o próprio estado cataléptico. Uma provocava a outra, o que quer dizer que minha sugestão mental não valia nada e que eu provocava a catalepsia querendo verificar se ela existia.

Mas, dir-se-á, o mesmo movimento do braço, executado imediatamente, demonstrou uma firmeza completa dos músculos! Como é que o mesmo movimento sugere uma vez a paralisia simples (a letargia) e uma segunda vez o estado cataléptico?

É que precisamente este movimento *não é o mesmo*. Levanta-se o braço uma vez para fazê-lo cair e outra vez para ver se por acaso ele não fica no ar. Uma ligeira nuance no estado de nosso espírito é suficiente para imprimir em nossos músculos e em nossos dedos uma diferença de movimento e de toque, diferença perfeitamente suficiente, em hipnotismo, para reproduzir, em um caso, a associação orgânica de catalepsia e não reproduzi-la de outro.

Toca-se, diversamente, sem intenção nenhuma e diversamente quando se quer produzir qualquer coisa; diversamente quando não se acredita e diversamente quando se tem absoluta confiança.

Em 1884 chega a Paris o famoso “leitor do pensamento”, Cumberland. Eu, depois de numerosas experiências, já não podia alimentar qualquer ilusão quanto ao sujeito dessa transmissão mental aparente.

Tendo observado que o verdadeiro médium, nessas experiências, era o que pensava e não o que adivinhava, eu refiz as experiências de Cumberland em muitas pessoas e publiquei a respeito uma série de artigos na *Gazeta Polska* (Gazeta da Polônia), no mês de maio de 1884. Depois a coisa foi suficientemente elucidada na França pelas pesquisas de Gley e de Richet e eu só tive que formular minhas observações para completar as deles, sem contar os detalhes experimentais.

É certo que todo pensamento que tem uma relação qualquer com o espaço tende a provocar movimentos inconscientes, indicando essas relações. Trata-se de um hábito, um mecanismo nervoso, uma parte hereditária e uma parte adquirida. No caso de um objeto escondido ou de uma pessoa escolhida, pensa-se no lugar em que eles se encontram e se *conduz* simplesmente o “leitor de pensamento” que nos segura a mão. É suficiente se exercitar uma noite para se fazer tanto quanto o famoso adivinho, pois apesar de tudo o que se publicou de extravagante sobre esse sujeito, não se trata de uma particularidade do tato nem de vibrações imperceptíveis: *é preciso saber ir para onde nos levam*, eis tudo. O lado cômico da questão é que não se duvida do que se faz e se paga 20 francos para ver uma pessoa mostrar com o dedo o objeto que ela mesma escondeu. O lado triste, ao contrário, é que nosso desdém pelas “ciências ocultas” nos tornou ignorantes quanto a fenômenos fisiológicos realmente notáveis e muito instrutivos. É o caso do hipnotismo.

Conheço uma dama muito inteligente e muito instruída com a qual eu encontraria uma agulha num palheiro. Ela me conduz com tanta segurança e com uma tal força que se torna difícil resistir. Uma vez esconderam um pequeno brilhante debaixo de um vaso de flores. Ela me indicou o vaso e eu comecei a tatear dentro; então com sua mão, que eu segurava levemente na minha, veio um gesto negativo, perfeitamente compreensível, que dizia: embaixo!

Ora, essa pessoa não somente não tinha nenhuma consciência desta conversação expressiva, como jamais quis acreditar que por seus movimentos inconscientes é que eu me guiava nas buscas.

– Não, dizia ela, isso é impossível. Você percebe o pensamento; eu tomei cuidado desta vez para não fazer um só movimento!

Ela era uma pessoa facilmente hipnotizável.

Há cerca de 60 por cento de pessoas com as quais as experiências de cumberlandismo se realizam mais ou menos facilmente; são mais numerosas do que as hipnotizáveis, cujo número não passa de 30 por cento. As experiências são mais fáceis com as hipnotizáveis.

Há, entretanto, entre estas últimas um certo número com as quais não se consegue nada. Por quê?

Porque as condições de sucesso no cumberlandismo são duplas:

- 1º) uma tendência orgânica a um desdobramento entre os movimentos voluntários e os movimentos involuntários, que caracteriza a maior parte das pessoas hipnotizáveis;
- 2º) uma facilidade em concentrar e sustentar a concentração de seus pensamentos, que provoca esse desdobramento em todo mundo, de uma maneira natural e necessária.

Ora, entre as pessoas não hipnotizáveis há as que possuem esta última faculdade em alto grau e, ao contrário, ela às vezes faz falta entre os indivíduos facilmente hipnotizáveis, mas incapazes de concentrar sua atenção. Quando elas passam diante de uma pessoa, pensam nessa pessoa; mas quando percebem um espelho, pensam no espelho e, evidentemente, as indicações musculares se embaraçam. Sim, há pessoas facilmente hipnotizáveis e incapazes de concentrar sua atenção, o que, seja dito de passagem, contradiz a teoria de Braid.

Em geral, o cumberlandismo baseia-se no mesmo princípio fisiológico de “willing”, que já descrevemos, quaisquer que sejam as condições exteriores. No “willing” é pela vontade que se procura determinar a pessoa que se toca, para que execute um movimento desejado, e então empurra-se involuntariamente. No cumberlandismo, ao contrário, não se tem essa vontade, a gente se contenta em pensar num lugar, mas se conduz de qualquer

forma. O primeiro fenômeno compara-se com as mesas que giram, o segundo com a varinha adivinhadora. No fundo o princípio é o mesmo: uma *ideoplastia dos movimentos* (realização dos movimentos nos quais se pensa) e, do ponto de vista de quem adivinha, uma *sugestão mecânica*.

Estamos longe de sugestão mental! E, entretanto, são estas experiências que mais contribuíram para suscitar entre alguns fisiologistas a ideia de estudar a verdadeira sugestão mental.

CAPÍTULO II

A sugestão mental provável

Tais eram minhas apreciações e minhas dúvidas até que, no mês de março de 1884, recebi de Nice uma carta de um conhecido médico, na qual havia a seguinte mensagem:

“... Apresentaram-me hoje mesmo um jovem de 24 anos, inteligente e instruído, desejoso de servir à ciência e em quem se podem determinar fenômenos sugestivos pela palavra e pelo pensamento, em estado de vigília.

Ele é notâmbulo desde sua infância; sua mãe, seu avô materno e seu tio também são ou eram. Fiz com ele algumas experiências. Imaginei ver um pássaro que voava em todos os sentidos num quarto – eu o toquei e ele viu o pássaro em diferentes sentidos...

Ele parecia sentir um pouco mais vivamente em toda a metade esquerda do corpo.

Devo rever esse homem que, certamente, é singular.

A. Baréty.”

Como os pormenores da experiência não estivessem bem precisos, adquiri o direito de crer que as *questões* do experimentador e sua *atitude* pudessem sugerir ao paciente as alucinações desejadas. Na verdade, basta lançar um olhar ao teto e perguntar ao sujeito se ele não vê alguma coisa no ar para sugerir-lhe a ideia de um pássaro voando.

É ainda provável que, insistindo sobre os detalhes da visão, descubra-se que o pássaro visto pelo paciente não se assemelhe ao do experimentador.

Algumas semanas depois recebi uma segunda carta mais detalhada:

“Tenho sobre minha mesa duas estatuetas, uma de bronze e outra de marfim. Eu as coloquei uma ao lado da outra a uma distância de 8 a 10 centímetros. Eu disse então ao paciente:

– Olhe para estas duas estatuetas: que cores têm?

– Uma é branca (a da direita) e a outra é escura – respondeu.

Então, pousando minha mão esquerda na sua mão direita, perguntei-lhe se ele via alguma coisa particular, em relação a essas duas estatuetas. De meu lado eu havia *imaginado* ou fortemente pensado que a branca se *deslocara*, para *confundir-se* com a escura... Ele me respondeu, depois de alguns minutos, que a estatueta branca se *deslocava*, que ela se transportava para *o outro lado* da estatueta escura.

Era um pouco mais do que eu havia pensado.

Em seguida imaginei (sempre sem fazer o menor sinal) que as estatuetas *se encolhiam* (minha mão esquerda pousando sobre sua mão direita). Perguntei-lhe o que via. Ele me respondeu que via as estatuetas cada vez menores, até ficarem do tamanho da cabeça de um alfinete. Ora, estas estatuetas têm uma altura de 12 centímetros.

Em seguida tive a ideia de que elas aumentavam e, sem que eu lhe perguntasse, ele me disse que as via crescerem cada vez mais. Ele chegou a erguer a cabeça para acompanhar seu crescimento. Imaginei a seguir que elas diminuía até tomarem suas dimensões exatas e ele declarou que elas diminuía...”

Esta experiência é, seguramente, muito mais importante que a primeira. Mas está longe de ser decisiva. Antes de tudo, as ideias do sujeito foram fixadas de antemão e limitadas a “alguma coisa” que devia acontecer com as estatuetas. Que é que podia acontecer? Uma mudança de cor? As experiências sobre mudança de cores já haviam sido feitas na sessão precedente. Elas podiam se deslocar. O sujeito teria essa ideia com um chamado para os detalhes. Elas podiam crescer. O sujeito poderia adivinhar. Qual é a associação mais próxima do crescimento? A diminuição. Ainda foi adivinhado. Depois de ter falseado a realidade nas duas direções opostas, sente-se a necessidade de restituir a verdade que se impõe a nosso sentido e é provável que o experimentador e o sujeito tivessem tido essa ideia simultaneamente. Seria preciso conhecer não somente os

detalhes da experiência como também a conversação anterior e todas as condições do momento para se estar seguro de que um treinamento associacionista e o *meio psíquico* não tenham sido a causa única do sucesso.

É nesse sentido que fiz minhas observações ao experimentador e ele reconheceu a legitimidade de um certo número de minhas objeções.

Continuemos:

“Depois dessa experiência fiz outra, das mais interessantes, que consistia em fazer com que ele encontrasse um objeto escondido.

Fazendo com que ele virasse a cabeça, apanhei a estatueta de marfim com a mão direita, pousando-a na minha ilharga. Minha mão esquerda desta vez não estava em contato com sua mão, como precedentemente.

Pedi-lhe para que se voltasse e que olhasse as estatuetas, o que ele fez. Mas como ele não manifestasse nenhuma surpresa, perguntei-lhe se ele via as duas: ele respondeu afirmativamente. Então eu lhe disse: – Muito bem. Apanhe a estatueta branca.

Ele avançou a mão até onde anteriormente estava a estatueta de marfim, pareceu apanhá-la e levá-la até si, para examiná-la; mas logo mexeu os dedos, como se compreendesse que estava apenas “segurando” uma sombra ou um objeto que se esvaecia. Nesse momento eu lhe perguntei: – Onde é que ela está?

Ele voltou seu olhar para minha mão direita fechada e pousada na ilharga (posição que eu dera a essa mão antes mesmo de esconder o objeto) e me disse: – Ela está aí na sua mão direita...

Observação: até aqui eu não vejo ainda mais do que uma alucinação passageira e uma presunção que bem poderia ser sugerida pela imobilidade da mão direita fechada, que o sujeito pôde notar somente no momento da busca. Mas prossigamos:

“Eu lhe pedi, então, para que se virasse completamente para o outro lado e rapidamente e sem ruído escondi a estatueta no meu colete. E coloquei outra vez minha mão direita fechada, como antes, na ilharga. Pedi-lhe para que se voltasse e me dissesse rapidamente onde estava a estatueta e que a apanhasse. Então ele fez a sua mão direita seguir um trajeto dos mais curiosos. Levou-a primeiro para o ponto da mesa onde antes estivera a estatueta. Depois, sempre lentamente, ele dirigiu a mão para o colete onde estava a estatueta, passou perto da ilharga e, em seguida, para onde estava a estatueta.

Para terminar, refiz a experiência do crescimento e da diminuição das estatuetas, sem que minha mão estivesse em contato com a sua e fechando meus olhos. A experiência deu certo. Esta última experiência me pareceu muito probatória: que pensa o senhor?”

Sim, ela é mais probatória do que a primeira, mas infelizmente era a *segunda*, repetida quase que nas mesmas condições; em consequência, não se livra das dúvidas que formulei acima.

Mas de qualquer forma me interessei muito pelas experiências do Dr. Baréty e enviei-lhe uma série de questões, com o pedido de resolvê-las experimentalmente. Quanto às experiências do objeto escondido, disse-lhe francamente que eu não a entendi.

Seria preciso um estudo mais rigoroso. Baréty sabia disso tão bem quanto eu. Podia ser uma incredulidade exagerada, mas quando se trata de experiência de sugestão mental só tenho confiança em mim mesmo. Assim, fiquei muito feliz em saber, um mês mais tarde, que o sujeito e seu magnetizador resolveram vir a Paris. Eu me preparei e as experiências foram planejadas segundo um programa previamente combinado com o Dr. Baréty.

Comecei pela *experiência hipnoscópica*. Ela denunciou um homem muito sensível: tinha contratura e insensibilidade quase

instantâneas no braço inteiro. Esse fenômeno podia, de resto, ser provocado ou suprimido só pela sugestão verbal.

– O que você pensa obter de seu sujeito? – perguntei ao magnetizador.

Ele mencionou toda uma litania de fenômenos, dentre os quais escolhi os três seguintes:

- 1º) ação simpática e atração à direita, antipática e repulsiva à esquerda;
- 2º) paralisia à distância;
- 3º) procura de objetos escondidos.

– Você crê poder obter de seu sujeito uma transmissão direta, qualquer, através apenas de seu pensamento?

Para minha surpresa, o magnetizador respondeu que não. Era esse o objetivo da nossa reunião, afinal!

– Tenho necessidade de gestos, me disse ele, salvo para a terceira experiência, que pode ser feita sem qualquer participação de minha parte. Mas eu não posso garantir a ação somente do pensamento.

Que importa! Faremos a experiência de qualquer maneira, pois o Dr. Baréty acredita ter conseguido várias vezes.

Não contarei em detalhes a primeira experiência. Ficou evidente, e R. concordou com esta opinião, que ela foi pura e simplesmente o resultado de uma educação hipnótica.

Segunda experiência – O sujeito volta as costas para o magnetizador, que se encontra numa outra sala a uma distância de oito metros. O Dr. Baréty fica perto do sujeito e eu observo o magnetizador. O sujeito diz cifras em voz alta. A um sinal dado por mim, o magnetizador “projeta o fluido” de toda sua força. O sujeito para de contar. Ele está paralisado.

Esta experiência deu certo três vezes. Só que acreditei ter observado que os punhos engomados de sua camisa faziam muito ruído.

Agora sou eu que fico na sala. Passei-o pela sala para impedir que o sujeito ouça os gestos do magnetizador. A experiência gorou, isto é, houve um atraso de muitas cifras.

Como o magnetizador agia com absoluta boa fé, pedi-lhe que retirasse os punhos. Recomeça-se e, desta vez, embora o magnetizador tenha feito menos barulho com seus gestos, houve êxito.

Conclusão: A ação direta não foi provada, mas ao contrário, houve motivo para se pensar que as impressões auditivas *ajudaram a produção do fenômeno*.

Terceira experiência – Desta vez tratava-se de alguma coisa verdadeiramente nova. Eis como foi a nossa maneira de agir:

Foram tomadas todas as precauções para evitar ilusões.

Escolhe-se um objeto qualquer (nesta experiência a escolha do objeto não tem importância), um livro, por exemplo, que está pousado sobre a mesa.

Transporto esse livro (ausentes o sujeito e o magnetizador) numa direção escolhida por mim e escondo-o num canto da sala, difícil de adivinhar. O Dr. Baréty e eu sabemos onde está o livro, mas nós nos colocamos de maneira a não poder influenciar o sujeito por um sinal involuntário qualquer.

O sujeito é introduzido, os olhos vendados. Indica-se para ele o lugar exato onde se encontrava o objeto escondido, sem nomeá-lo. O sujeito não adormece, mas fica evidente que no curso da experiência a concentração da atenção provoca nele um estado de superexcitação quase hipnótica. Ele começa por tatear o lugar indicado. Ele não conhece o objeto, ele não adivinha, mas, coisa estranha, seus dedos, tateando, desenham o contorno de um livro. Dir-se-ia que o espectro do livro apresenta uma resistência a seus dedos. Estando seguro de sua forma e do lugar ocupado anteriormente pelo objeto, ele ensaia duas ou três direções, sempre tateando o ar, e escolhe o verdadeiro. Lentamente desvia-se duas vezes, volta, continua com mais segurança e, ao cabo de três minutos, encontra o livro. Não dizemos nada, mas ele nos afirma que aquele era o objeto que escondemos.

Eis outra coisa extraordinária: escolhi, como objeto para esconder, um ímã forte (o hipnoscópio) sem prevenir o sujeito. Ele chega, tateia o local antes ocupado pelo ímã e fica imóvel.

– Não posso continuar – diz ele –, pois meus dedos estão duros.

Fiquei bastante surpreso, mas, sem dizer palavra, suprimi a rigidez com a ajuda de massagens e animei-o para que continuasse.

Chegando junto à chaminé, onde o ímã estava escondido num vaso, o mesmo fenômeno:

– É por aqui – disse ele –, mas meus braços estão duros...

Manifestava grande fadiga depois de cada experiência.

Eis o que posso dizer sobre o enigma:

- 1º) Todas as experiências tiveram êxito ou quase;
- 2º) Não houve sugestão mental ou, em todo o caso, ela desempenhou um papel secundário.
- 3º) O papel principal pertencia às *sensações táteis*, de uma finura extrema.
- 4º) O objeto escolhido poderia ser magnetizado ou não, transportado por uma pessoa desconhecida; em consequência, nem o “fluido” individual nem certas emanções entram aqui em jogo, ou pelo menos não são necessários.
- 5º) A menos que se admita a sugestão mental ou a realidade de um espectro dinâmico, deixado no lugar que antes fora ocupado pelo ímã, é preciso confessar, nesse caso, a impossibilidade de uma explicação científica qualquer.
- 6º) Foi preciso que entre o transporte do objeto e a execução da experiência não demorasse mais do que alguns minutos, pois do contrário os “traços” do objeto no ar se esvaeciam.

Eis ainda algumas indicações interessantes:

Interrogado sobre as próprias sensações ou opiniões, o sujeito me declarou que ele considera o fenômeno como o efeito de uma sensibilidade tátil particular, adquirida por exercício.

“Quando você está no banho – me disse ele –, você sente perfeitamente a diferença de densidade destes dois meios: ar e a água. Muito bem: eu quase sinto a mesma sensação no ar que foi atravessado por um objeto. Ele fica mais rarefeito para mim, ele me opõe uma resistência menor e é esta resistência menor que me guia. Eu não me sinto senhor de mim mesmo nesses momentos. Sinto-me isolado de todos, não ouço nada, existo somente nos meus dedos que trabalham sem mim. Quanto menos penso, mais consigo...”

Quanto à experiência com o hipnoscópio, será necessário admitir que sua presença imantou o ar por um certo tempo ou então produziu uma outra mudança que não podemos determinar.

Quisemos ainda verificar a ação direta do pensamento.

Tocando o sujeito, imaginei um objeto qualquer, forma, cor, sensação, mas ele não via nada ou só via alguma coisa muito vaga.

Tendo sido colocada diante de nós uma folha de papel branco, eu imaginei uma rodela amarela: o sujeito viu qualquer coisa cinzenta; imaginei uma cruz negra; ele viu uma mancha redonda.

Parece que o Dr. Baréty foi mais feliz do que eu, pois o moço adivinhou duas ou três vezes a cor mentalmente representada.

No ano seguinte (1885) Charles Richet publicou seu notável trabalho na *Revue Philosophique*.

Ele foi inspirado por uma ideia que julgo ao mesmo tempo simples e engenhosa e que posso resumir assim:

Não há limites absolutos nos fenômenos fisiológicos: há apenas uma graduação. Em consequência, se a sugestão mental existe em um grau excepcional em alguns sujeitos privilegiados – o que resta ainda provar – ela deve existir em grau mais ou menos imperceptível em todo mundo. O que é imperceptível num fato isolado pode tornar-se palpável por uma adição de fatos

isolados. A estatística pode revelar um efeito até então despercebido e o cálculo das probabilidades pode indicar facilmente aquilo que pertence ao acaso e o que é devido a um agente real. Poder-se-á, pois, encontrar uma base racional, premonitória (desculpem este termo colérico) antes de se chegar à constatação direta de um fato extraordinário.

Ele se pôs a fazer experiências (muito fáceis de repetir), a reuni-las por grupos, e chegou à conclusão interessante de que ali onde a sugestão mental podia juntar-se ao acaso havia sempre uma ligeira vantagem de sucessos.

Eis uma tabela sumária dos resultados obtidos:

	<i>Successos</i>	<i>Prob.</i>	<i>Reais</i>
Para 1883 experiências c/ cartas		458	510
Para 218 experiências c/ fotos		42	67
Para 98 experiências c/ varetas		48	44
Para 124 experiências ditas espíritas		3	17
	<i>Totais</i>	521	638

Isto quer dizer que em todas as experiências havia uma vantagem a favor da sugestão. Repeti a experiência com cartas de jogar em quatro pessoas e obtive cifras sensivelmente análogas.

De todas as suas experiências, Richet concluiu a probabilidade do que se segue:

- 1º) O pensamento de um indivíduo se transmite, sem o concurso de gestos exteriores, para o pensamento de um indivíduo colocado perto dele.
- 2º) Esta transmissão se faz em graus diferentes entre os diversos indivíduos; ela é também eminentemente variável entre as mesmas pessoas.
- 3º) Esta transmissão é, em geral, inconsciente, no sentido de que ela age mais sobre a inteligência inconsciente do que sobre a inteligência consciente do indivíduo que transmite.

- 4º) Entre as pessoas adultas, de boa saúde, não hipnotizáveis, o grau de probabilidade desta transmissão não passa de 1/16.
- 5º) A probabilidade geral em favor da sugestão mental pode ser representada por 1/3.

Minha impressão pessoal é de que o método empregado nas experiências não convence, mas, se a sugestão mental existe, este método prestou um grande serviço à causa, preparando uma base de probabilidade, um ponto de apoio sério, e excitando a curiosidade dos pesquisadores.

Diz Richet:

“Todas as minhas experiências foram feitas em pessoas não sensíveis, como meus amigos e eu; seria interessante saber o que seria se fossem feitas em pessoas realmente sensíveis, hipnotizadas, hipnotizáveis, histéricas, nervosas ou preparadas por um longo exercício para a percepção de sugestões. Infelizmente não tive ocasião de fazer essas pesquisas.”

Como era preciso munir-me de um hipnoscópio e ir a uma sociedade de uma vintena de pessoas para encontrar um indivíduo adequado, comecei a fazer uma série de experiências.

O sujeito era a Sra. D., 70 anos, hipnotizável, reumatismo articular crônico, constituição muito forte, muito robusta, inteligência incomum, habituada a trabalhos literários, muita erudição, impressionabilidade interna, sem sinais exteriores, temperamento psiquicamente ativo mas tranquilo, caráter de uma amenidade excepcional.

Fiz experiências com objetos, cores, letras, fotos, cifras, impressões, figuras, nomes, número, gosto.

Quando o sujeito aparentou muita fadiga, interrompi as experiências. Elas me surpreenderam. Em 31 experiências, houve menos de 13 que foram completamente bem sucedidas, enquanto a probabilidade foi muito pequena. De modo que apenas uma dezena, excluindo-se as que apresentavam evidentes analogias, podiam ser consideradas fracassadas.

Uma dúvida me inquietava.

Já expliquei o que chamo de *meio* psíquico. Todos os objetos imaginados foram escolhidos por mim ou pela pessoa que me ajudou nas experiências. Ora, é possível que nós três tivéssemos sido envolvidos numa engrenagem psíquica de associações que se sucederam mecanicamente, sem que percebêssemos. Esta suposição pode parecer inverossímil, mas devo dizer que eu me apoio numa experiência anterior que foi surpreendente.

Estávamos no campo, entre amigos, cinco ou seis pessoas. Jogávamos carta. Depois passamos para a adivinhação. Tendo adivinhado por acaso duas ou três vezes uma cifra escolhida entre zero e seis e algumas cartas escolhidas mentalmente, achei que devia registrar que depois das experiências repetidas se havia estabelecido em nossos espíritos uma sequência maquinal de cartas ou de números, em razão das contiguidades, das similitudes, dos contrastes, que me permitiam *pressentir* a carta ou o número que se deveria escolher em dado momento. Deixei-me levar pela conjectura de que havia *no ar* a imagem de uma carta. Pensei no rei de ouros. Convidei meu vizinho a pensar numa carta qualquer e ele pensou no rei de ouros.

Não foi uma sugestão mental da parte de meu vizinho, pois eu estava decidido a dizer “rei de ouros” antes que ele tivesse feito sua escolha; depois que chegamos a esse momento, uma outra pessoa gritou: – Engraçado, eu pensei na mesma carta!

Ela estava, pois, no ar.

Algumas vezes foi-me possível descobrir o mecanismo provável desse encantamento. Por exemplo, depois de 47 escolheu-se 28, provavelmente porque $4 \times 7 = 28$. Ou ainda, se entre as cifras de 1 a 9 escolheu-se 8, isto é, uma cifra aproximada do 9, uma segunda pessoa escolherá 2 ou 3, por serem as mais distantes da precedente; 2 e 3 farão pensar em 6; em seguida, para não repetir as cifras já citadas, se escolherá 4 ou 5, associados aos 3 e 6, que foram pronunciados mais alto do que os outros, etc.

Evidentemente o mecanismo dessas adivinhações raramente basta para explicar certas coincidências inesperadas; mas na

minha qualidade de determinista, em psicologia como em outro campo, eu digo: eu não conheço esse mecanismo; em consequência, não posso justificar a hipótese geral trazendo provas; mas tudo sendo determinado por um encadeamento de causa e efeito, é concebível que uma inteligência onisciente, conhecendo todos os traços das sensações em nossos cérebros, todas as conexões de nossas ideias, todos os nossos hábitos, defeitos e qualidades, poderá facilmente calcular ou prever de antemão não somente nossa escolha, como também as respostas do sujeito. E como é certo que o inconsciente dos sonâmbulos é um grande mestre no ocultismo, quem é que poderá se vangloriar de conhecer os limites de sua força? A ideia de que meu sujeito não estava em sonambulismo não me deteve, porque depois de muito tempo eu adquiri a convicção de que *todos* os fenômenos do sonambulismo podem manifestar-se isolada e momentaneamente, em estado de vigília.

Peço ao leitor que não se impressione com estas especulações. Quando se trata de um fenômeno tão controvertido, tão extraordinário e depois de longos anos se chega, enfim, a ver abaladas todas as convicções teórica e experimentalmente adquiridas, a gente se defende como pode.

Mas voltemos aos fatos.

Eis aqui três experiências a favor da hipótese do meio psíquico, feitas às pressas sobre uma outra pessoa não hipnotizável.

UMA COR

Vermelho Rosa

UMA FLOR

Lilás Lilás

UMA PESSOA PRESENTE

J. D.

O aspecto geral dessas três experiências parece um tanto favorável à transmissão; mas examinemos as circunstâncias:

previne-se o sujeito de que se trata de uma cor e ele não a adivinha senão aproximadamente: era vermelha e ele adivinhou rosa. “Rosa”, que é, ao mesmo tempo, uma flor, sugere-nos a nós todos a ideia de uma flor.

Previne-se o sujeito de que se trata de uma flor. A lilás se encontra no centro da mesa e, todos notaram, ela se apresenta como a primeira coisa ao espírito de todos. Depois, uma vez que se trata de uma ideia um pouco mais afastada e em que a probabilidade continua forte (havia 15 pessoas na sala), ele errou. Não somente não adivinha a pessoa, como toma a mulher por homem. Essas três experiências, sedutoras, são quase sem valor quando consideradas *in abstracto*, e se eu digo *quase* é unicamente porque houve uma certa aproximação entre o vermelho e o rosa, que pode ter sido ocasionada por causa fortuita, isto é, estranha à sugestão.

Voltemos ao nosso primeiro sujeito. Na segunda série de experiências, feita com mais precaução, evitou-se o encadeamento de associações (2 de maio de 1885):

UM OBJETO

Um busco de N.	Retrato... homem... busto
Um leque	Algo redondo – O.
Uma chave	Qualquer coisa de chumbo... bronze... ferro...
Uma mão com anel	Qualquer coisa brilhante... um diamante... um anel.

UM GOSTO

Ácido	Doce – O.
-------	-----------

UMA FORMA

Um quadrado	Qualquer coisa irregular – O.
Um círculo	Um triângulo... um círculo.

UMA LETRA

M	M
---	---

D	D
J	J
B	A, X, R, B
O	W, A; não, é um O
Jan	J... (continue!) Jan

A terceira série foi feita a 6 de maio de 1885. Foram feitas 25 experiências cujas notas infelizmente não guardei, salvo três, que foram as que mais me surpreenderam. O sujeito voltou-nos as costas, pegou um lápis e escreveu o que lhe vinha à ideia. Nós o tocamos nas costas ligeiramente, olhando para as letras escritas por nós.

Brabant	Bra... (Eu me esforço mentalmente para ajudar o sujeito, sem dizer nada). Brabant.
Paris	Paris
Telefone	Telefone

QUARTA SÉRIE

Z	L, P, K, J = 0
B	B
T	S, T, F
N	M = 0
P	R, Z, A = 0
Y	U, Y
E	E
Gustavo	F, J, Gabriel = 0
Duch	E, O = 0
Ba	B, A
No	F, K, O

UM NÚMERO

44	6, 8, 42 = 0
2	7, 5, 8 = 0

(Presto minha ajuda para se representar a forma escrita e não o som dos números).

3	8, 3
7	7
8	8, não, 0, 6, 9

UMA PESSOA

O sujeito	O, não, sou eu.
D.	D.

UMA IMAGEM QUALQUER

Representei-me a lua crescente. P. sobre um fundo de nuvens, eu no céu azul. Ele adivinhou:

– Vejo nuvens... uma luz... (e com satisfação) é a luz!

Se depois dessas experiências me perguntassem se eu acreditava na realidade da transmissão, eu teria respondido afirmativamente. Do ponto de vista de uma racionalidade consciente, científica, era preciso render-se à evidência. O acaso não poderia causar tantas aproximações. Considerando, por exemplo, unicamente as experiências com as letras, e sem contar as palavras inteiramente adivinhadas, tem-se sobre 20 experiências 15 sucessos, enquanto a probabilidade do acaso não deveria dar senão 1 sobre 24 experiências, isto é, zero para as 20 – zero contra quinze! Para haver uma chance de adivinhar a combinação de três letras *jan* seriam precisas $25^3 = 15.625$ experiências sem sugestão, ao passo que com a sugestão uma só foi suficiente.

Assim, do ponto de vista objetivo, meu ceticismo tinha o direito de capitular diante da eloquência dos fatos. Mas – e esse é o lado engraçado da questão – em problemas dessa natureza a *impressão subjetiva* do observador precisa às vezes mais do que uma constatação empírica. Evidentemente é preciso que o observador tenha uma rotina científica geral e uma experiência especial dos fenômenos; mas então é sobre sua *impressão subjetiva*, instintiva, que levarei mais em conta; ele me contará todos os detalhes – e lhe é impossível contar realmente todos os

detalhes das condições e circunstâncias – se eu não perceber que ele está subjetivamente não somente impressionado como convencido, pelos fatos observados. Gostaria mais de uma experiência meio fracassada, mas com esta impressão pessoal de um homem instruído e sincero que se resume numa frase ao mesmo tempo prudente e firme: “Há qualquer coisa aí.”

Ora, esta impressão pessoal eu a tive quando fiz experiências precipitadas; mas o que sempre me faltava era esta outra impressão subjetiva, porém mais decisiva: “É uma transmissão direta do pensamento.”

Coisa estranha! Quase todas as vezes que o sujeito devia adivinhar nosso pensamento eu tinha um pressentimento. Parecia-me que, apesar de todas as precauções tomadas, havia uma certa cumplicidade de nossos inconscientes que se riam de nós; mas parecia que, ao escolher os objetos mais difíceis para adivinhar, eu fazia uma escolha astuciosa para dar certo mais facilmente; que mesmo quando a carta era tirada ao acaso eu a substituía por uma outra, sob um pretexto qualquer insuficiente, esquecendo mesmo esta manobra e fazendo tudo com minha consciência tranquila.

Receio ser mal compreendido. Trata-se aqui de um fenômeno quase inapreciável de operações mínimas, fugitivas e mais ou menos inconscientes, causadas pelo meio psíquico. Tenho um velho hábito de observações psicológicas, é a ocupação principal de minha vida, direi, desde a minha infância, pois desde a idade de 15 anos tomo notas diárias e eu tinha 17 anos quando escrevi minha primeira dissertação sobre os “Métodos de estudos psicológicos”, publicada em 1869, na qual eu indicava como os fenômenos do hipnotismo podem ser explorados sob a forma de um método particular, pela psicologia teórica *positiva*.

Por isso não quero ser suspeito de um misticismo qualquer e dou-me o direito de me atribuir a rotina necessária para fazer observações exatas. Mas precisamente devido a esse longo exercício cheguei a sutilezas empíricas muito difíceis de serem expressas. A psicologia tem, para mim, um aspecto muito diferente daquele que encontramos nos melhores tratados de nossa ciência. A psicologia de hoje me parece grosseira demais

frente às sutilezas da vida real, tal como eu a vejo. A teoria associacionista, por exemplo, que é hoje a base de toda psicologia dos fenômenos, não é, para mim, senão uma expressão parcial e insuficiente do mecanismo da vida psíquica. É apenas um esquema grosseiro de uma mecânica delicada. É suficiente para a didática primeira, mas não para uma ciência fina e completa. Reconheço francamente que, com a teoria associacionista de hoje, não compreendo por que nossas ideias se associam e, em geral, porque elas vivem, circulam e produzem efeitos sensíveis. E contudo sou determinista, e isso não é uma faculdade ou uma força obscura qualquer que eu queira juntar à teoria associacionista, para torná-la mais justa e viva. É apenas uma questão de detalhes, mas de detalhes que estão, com a teoria atual da associação, na mesma relação que a visão direta está com a visão da microscopia.

Para os fenômenos grosseiros da vida psíquica esta anatomia associacionista é suficiente. Mas é a histologia microscópica associacionista que nos falta, quando se trata de fenômenos raros, isto é, raramente notáveis e notados, pois os fenômenos raros não são raros só porque nós raramente somos capazes de vê-los. Ao contrário, seremos menos levados a ver em toda parte um encadeamento por similitude, por contraste ou por contiguidade no tempo e no espaço, se virmos as coisas por um microscópio psicológico que distinguirá frequentemente os fenômenos adequados, assimilará os contrastes e estreitará as contiguidades, por uma série de anéis e de agentes intermediários.

Infelizmente, desde que se trata de precisar os detalhes, duas coisas nos faltam: primeiro a visão nítida desses detalhes e, depois, mesmo quando nós os vemos passavelmente, a possibilidade de exprimi-los como é preciso. É aqui o lugar de se lembrar o círculo vicioso de Gorgias, o sofista.

Evidentemente meu ceticismo não é niilista como o dele. Se hoje não vemos bem, veremos melhor amanhã e encontraremos, sem dúvida, pouco a pouco, palavras novas para ideias novas.

Em resumo, eu estava convencido da realidade dos fatos da

sugestão mental, mas não da sugestão propriamente dita. É a teoria dos fatos que resta formular. Enfim, havia talvez dois ou mesmo muitos processos diferentes que era preciso descobrir, nas minhas experiências.

Primeiro, uma *concordância* de dois mecanismos inconscientes, uma concordância baseada numa espécie de harmonia pré-estabelecida, pela mudança mútua das sensações ordinárias conscientes, e na qual o objeto escolhido, assim como o objeto adivinhado, serão determinados independentemente um do outro, mas por uma mesma engrenagem determinista inconsciente.

Depois, em alguns casos uma percepção verdadeira do pensamento, por intermédio de sinais exteriores, que bem podem nos escapar, pois um sinal tão grosseiro, como a tensão dos músculos na direção do objeto pensado, foi longo a ponto de ter sido visto. Esta seria, assim, uma exaltação da percepção, mas da percepção normal por sinais fisiopáticos e ídeo-gnômicos, que habitualmente permitem somente distinguir a alegria do desgosto, o prazer calmo de um prazer vivo, a simpatia, a suspeita, a ironia ou a sinceridade, no toque da mão ou no timbre da voz; embora aqui, em virtude de uma percepção excepcional, fosse possível ainda adivinhar se se pensa na cor amarela ou azul, numa forma redonda ou quadrada.

Em consequência, meu desejo foi simplificar ao mínimo as condições das experiências. Nos experimentos citados isso foi impossível. Foi preciso sempre prevenir o sujeito de que a experiência se realizaria e, em consequência, seu inconsciente se punha em guarda. O sujeito podia presumir, mais ou menos ciente, que se evitaria repetir as mesmas experiências e que, se na sessão precedente imaginara-se a cor azul ou amarela, agora seria a vez do vermelho e do verde.

Foi preciso circunscrever a categoria dos objetos a escolher e, assim, o pensamento do sujeito também ficava circunscrito por antecipação, só tinha que puxar uma das gavetas da memória para ali concentrar toda sua perspicácia de adivinhação.

Entre os objetos da mesma categoria havia um número muito restrito a escolher. Tratando-se de flor, não iríamos escolher, evidentemente, uma *contrayerva officinalis*; escolher-se-ia uma rosa, um lilás, uma violeta e então, de tempos em tempos, se teria êxito.

O sujeito adivinhará – esta é a palavra – nosso pensamento. Mas não é disso que eu preciso. Eu preciso de um fato de transmissão real, em que ele não terá nada para adivinhar e em que o inconsciente poderá muito bem calcular o que quiser, sem causar dano à pureza da experiência.

Eu preciso de que um sujeito de nenhuma forma prevenido, que não veja nem ouça ninguém, manifeste a ação do meu pensamento por um reflexo qualquer, visivelmente ligado a este impulso psíquico. Eu me contentarei com um sinal mínimo, mas que ele seja seguro e constante, que me seja impossível atribuí-lo a qualquer outra causa a não ser minha ação mental. Eis do que eu preciso: e só depois de eu ter entre as mãos um fato desse gênero é que terei esta *impressão subjetiva* da realidade de uma ação mental, e só então valerá a pena fazer um estudo especial aprofundado e arrostar os preconceitos científicos.

A ocasião favorável para tentar esta experiência decisiva não se fez esperar.

CAPÍTULO III

A sugestão mental verdadeira

Dediquei minha atenção a uma dama afetada de histero-epilepsia e cuja doença, já antiga, foi agravada por acessos de mania de suicídio.

A Sra. M., de 27 anos, forte e bem constituída, tem a aparência de uma saúde perfeita. Ataques convulsivos de grande histeria datam da infância. Influências hereditárias muito fortes. Há algum tempo, além dos ataques clássicos em muitos períodos, acessos de loucura com congestões dos lobos anteriores e anemia dos lobos posteriores. Desmaios nervosos paralíticos e acessos epiletiformes de curta duração. Um só ponto *histerógeno* abaixo da clavícula esquerda. Um ponto *delirógeno* no ócciput direito correspondente à fossa occipital superior. Nada de anestesia. A pressão ovariana detém o ataque momentaneamente. Sensível ao estanho, mas também a outros metais em graus diferentes e inconstantes. Temperamento ativo e alegre unido a uma extrema sensibilidade moral, *interior*, isto é, sem sinais exteriores. Caráter verídico por excelência, tendência ao sacrifício. Inteligência notável, talento, sentido de observação. Em momentos, falta de vontade, indecisão penosa, depois uma firmeza excepcional.

Um certo dia, ou melhor, uma certa noite, terminado seu ataque (inclusive a fase de delírio), a doente adormeceu tranquilamente. Subitamente despertou e eu e seu amigo chegamos junto dela. Ela pediu-nos que fôssemos embora, que não nos preocupássemos.

Insistiu tanto que, para evitar uma crise nervosa, saímos. Desci lentamente a escada (ela morava no terceiro andar) e de vez em quando eu apertava a orelha, perturbado por um mau pressentimento (ela havia se ferido várias vezes, anteriormente). Chegado ao fim, parei ainda uma vez, pensando se devia partir ou não. De repente a janela se abre com estrondo e eu percebo o corpo da doente se inclinar para fora. Corro para o ponto em que

ela poderia cair e, maquinalmente, concentro minha vontade no objetivo de me opor à queda. Era algo insensato.

Entretanto a doente, já inclinada, se detém e recua lentamente.

A mesma manobra recomeça cinco ou seis vezes até que a doente, como fatigada, fica imóvel, as costas apoiadas contra o caixilho da janela, sempre aberta.

Ela não me podia ver, pois era noite e eu estava numa parte mais escura. Nesse momento a Srta. X, amiga da doente, correu e tomou-a pelos braços. Eu as ouvi se debaterem e subi rapidamente as escadas. Encontrei a doente numa crise de loucura. Ela não nos reconheceu. Só consegui afastá-la da janela aplicando a pressão ovariana, o que a fez cair de joelhos. Provoquei a contratura dos braços e consegui adormecê-la.

Uma vez em sonambulismo, sua primeira palavra foi:

– Obrigada e perdão.

Então contou que ela queria atirar-se da janela, mas que cada vez que tentava, sentia-se “erguida” por uma força que vinha “de baixo”.

– Por alguns momentos, disse ela, pareceu-me que você estava a meu lado e que não queria que eu saltasse.

Essa experiência não era suficiente para provar uma ação à distância. Mas me sugeriu a ideia de um novo estudo da questão.

Eu tinha o hábito de adormecer a doente cada dois dias e deixá-la num sono profundo enquanto tomava notas. Eu podia ter certeza de que ela não se moveria, nessas sessões, antes que me aproximasse dela, para provocar o sonambulismo. Então preparei uma experiência, sem contar a ninguém meu projeto.

Adormeci-a e, depois de tomar algumas notas, sem mudar de atitude (eu estava a alguns metros de distância, fora de seu campo visual), fingi que escrevia, mas interiormente concentrei minha vontade numa ordem dada. Ordenei mentalmente que ela levantasse a mão direita e no segundo minuto ela agitou a mão direita. Recomecei, mandando que ela se levantasse e viesse até mim. Ela se levantou com dificuldade e veio até onde eu estava,

a mão estendida. Eu a reconduzi para seu lugar e ordenei (sempre mentalmente) que ela tirasse o bracelete de sua mão esquerda e me entregasse.

Ela estendeu a mão esquerda, depois retirou, vacilando, o bracelete, entregando-o a mim. Continuei dando ordens e ela cumpria, como estender-me a mão direita (ela estendeu a esquerda), sentar-se a meu lado, etc.

Em seguida declarou-se o sonambulismo ativo e ela conversou agradavelmente. Não me obedecia mais e disse:

– Agora vou dormir.

Observei alguns traços de um ataque durante o sono e depois ela pareceu acordar.

– Tenho um tique-taque na cabeça que não me deixa dormir. Não quero mais dormir. Sente-se a meu lado.

No dia seguinte, 3 de dezembro, ela adormece pelo olhar e cai num sono muito profundo. Recomeço a experiência e ordeno que ela me dê a mão direita. Nada. Qualquer mão! Ela, então, estende a mão esquerda.

Se eu lhe falo tocando-a, ela me responde; se eu lhe falo sem tocá-la, ela não ouve senão sons incompreensíveis.

Digo-lhe que devo retirar-me por 15 minutos, mas, uma vez fora, eu tento chamá-la mentalmente. “Venha a mim!”. Ela se agita.

Nesse momento a experiência é interrompida por um acidente curioso. A ação à distância provoca nela uma hiperestesia geral e nesse estado “ela se sente incomodada por alguma coisa à direita”, sente “um odor insuportável”, ouve “um ruído imaginário provocado pela congestão cerebral que a impede de me ouvir”. Diz! “Alguma coisa me impedia... alguma coisa de que você não gosta.”

– O que é?

– Não sei, mas quero que me livre disso.

Faz gestos repulsivos à direita. Vejo que no móvel onde há flores está uma planta nova. Retiro-a.

– Ah, finalmente – diz ela –, obrigada. Eu quase tive um ataque.

Era uma planta que lhe havia sido dada naquele mesmo dia, por uma amiga que ela amava muito quando no seu estado normal, mas a quem não suportava quando em sonambulismo. Eu sabia disso, mas não podia imaginar que um objeto pertencido a essa pessoa pudesse provocar a mesma repulsa. Pensei então na ação do odor dessa planta, mas ela não tinha cheiro algum. Passei a fazer, então, uma série de experiências com objetos procedentes dessa mesma pessoa, misturando-os com outros. Coloquei, por exemplo, ao lado da doente, mas um pouco longe, no canapé, um rolo de músicas para piano trazidas por essa mesma pessoa. E ela fez um gesto, dizendo que se sentia mal. O mesmo em relação a outros objetos. Jamais ela adivinhou o que era, mas sempre sentia uma influência antipática.

Devo acrescentar que esta jovem amava muito a Srta. M. e que ela sentia ciúmes da influência que eu exercia sobre minha paciente.

No dia 7 de dezembro, depois de mais uma experiência no dia 5, a doente está em estado de a-ideia, os braços rígidos, as pernas um pouco esticadas. Ordeno mentalmente que ela se levante, vá até o piano, apanhe uma caixa de fósforos, venha até mim, acenda um deles e volte para o seu lugar.

Ela se levanta com dificuldade, aproxima-se de mim, vai ao piano mas passa adiante (eu continuo ordenando mentalmente), seu braço se ergue, toca a caixa, apanha-a, vem a mim e quer entregá-la. Eu ordeno que ela acenda. Ela acende e volta ao seu lugar.

Nova experiência no dia 11 de dezembro, na presença do engenheiro Sosnowski. Adormeço a doente e demonstro os três estados principais:

- 1º a-ideia (sem pensamento, sono profundo);
- 2º monoideia (uma só ideia possível); e
- 3º poli-ideia (sonambulismo).

Ordeno-lhe, depois de adormecê-la, que venha até mim e ela vem, que estenda a mão ao engenheiro. Ela estende. Nesse momento ela abre os olhos, pois o contato com uma pessoa estranha lhe provoca uma sensação desagradável.

Novas experiências, nas quais ela obedece, em estado de sonambulismo, a quase todas as minhas ordens. Mas contra algumas se rebela. Numa ocasião ela adivinhou meu desejo. Perguntei o que eu queria naquele momento e ela declarou: “Você quer um pouco de vinho no seu chá.” E era correto.

Fico por aqui. A história dessa doente foi das mais instrutivas para mim. Tenho sobre ela um volume inteiro de notas, tomadas na hora. Só relato aqui as experiências essenciais que têm relação direta com a transmissão psíquica, para não complicar demais.

Para mim essas experiências foram decisivas. Tive, afinal, a impressão pessoal, há tantos anos procurada, de uma ação verdadeira, direta, indubitável; com a certeza de que não houve nem coincidências fortuitas, nem sugestões por atitudes, nem outra causa de erro possível.

Para mim, tudo foi relativamente claro; é preciso considerar a transmissão mental como uma espécie de audição, guardadas, é claro, as proporções. Não se ouve quando se é surdo e não se ouve quando se está distraído.

É-se surdo a uma transmissão de pensamento desde que se durma tão bem que o cérebro não funciona nada. Como querer que um paciente mergulhado numa *a-ideia paralítica profunda* obedeça a um pensamento se ele não ouve nem à viva voz? Ele é surdo. Também as sugestões mentais são mais difíceis nesse estado do que no estado de vigília e, em consequência, aqueles que imaginam que é suficiente adormecer alguém magneticamente para torná-lo sensível à ação enganam-se.

Não se ouve quando há barulho demais e um sujeito hipnotizado não ouvirá seu pensamento porque ele está à mercê de todo mundo, porque ele tem sensações fortes e diferentes demais. Em consequência, mesmo que você deixe o sujeito hiperestesiado, pela fixação de um objeto brilhante, por exemplo,

você não o tornará facilmente sensível às influências mínimas pessoais, tais como a ação do pensamento.

Não se ouve quando se está distraído porque uma ação exclui a outra. Aquele que fala ouve mal. Os sonhos do *sonambulismo ativo*, sendo mais vivos do que no estado normal, sendo quase sempre sonhos falados, se opõem mais a uma percepção delicada do que em estado de vigília. Em consequência, é inútil tentar a sugestão mental direta num sonâmbulo que fala com vivacidade, que executa um projeto sonambúlico qualquer; ele não ouvirá. Sua atenção não é nula como num hipnotizado, mas – o que é pior para o objetivo que se tem em mira –, ela é dirigida para outra parte qualquer. Assim, apesar das aparências favoráveis (ele pode ouvir sempre seu magnetizador), o estado de *poli-ideia* fortemente *ativo* não convém às experiências mais do que uma *a-ideia* paralítica.

Restam os estados intermediários. Certos sujeitos, capazes de apresentar fases opostas de *a-ideia* e de *poli-ideia*, não passam diretamente de uma para outra. Eles param, mais ou menos por um tempo longo, na fase *monoideia*. Não se trata de uma inércia, de uma paralisia completa do cérebro, mas de um cérebro que concentra toda sua ação funcional e só pode concentrá-lo numa só ideia, única, dominante. Ela é dominante, não sendo contrabalançada por nenhuma outra. Ela é alucinatória pela mesma razão e pela vivacidade, pela vitalidade fisiológica de um cérebro que está repousando melhor que de hábito (sem nenhuma ideia). É preciso, pois, pouca coisa para pô-lo em funcionamento.

Um nada o abala, um nada o domina.

É o momento das sugestões.

Das sugestões mentais?

Sim e não. Esta fase é ainda mais complicada do que parece. O *estado monoidéico* pode ser duplo; ele pode ser *ativo* e *passivo*.

O *monoidéismo* é *ativo* se se aproxima do *poli-ideísmo*, permanecendo como está. Ele se aproxima por uma preponderância muito grande de uma só ideia, associada a

algumas outras muito fracas. É o chamado estado de *monomania sonâmbula*. As ideias fracas pertencem ao mundo real, a ideia forte à imaginação. Ele não pode, por isso, se conduzir tão bem no meio real como um sonâmbulo ativo propriamente dito, pois este reflete, percebe, evita os obstáculos e cumpre um trabalho difícil. Mas se ele vê (mal) um objeto qualquer, seu sonho pode persuadi-lo facilmente de que se trata de um livro, uma lanterna ou um pássaro e então ele cumprirá um certo número de atos, apropriados à sua visão.

Esse *estado de alucinação espontânea* não é mais favorável à transmissão mental do que o *poli-ideísmo ativo*, onde ele não está mais do que um grau inferior como lucidez, mas mais avançado e mais isolado como vivacidade das sensações.

O *monoideísmo passivo*, ao contrário, se aproxima mais da *a-ideia*, precisamente por seu caráter de passividade, de inércia. A vivacidade de sensações é a mesma. *Mas elas não podem mais nascer por si mesmas*, elas devem ser sugeridas e o são com extrema facilidade. Tudo o que você diz é sagrado. Tudo o que você deixa adivinhar é já obrigatório e a adivinhação se cumpre, não por uma reflexão, mas por associações inconscientes, imperceptíveis, que enganam, que aparecem e desaparecem, tão logo sua tarefa seja cumprida. Pois este estado é, por assim dizer, ainda mais monoidéico do que o precedente. As ideias fracas, acessórias, são quase imperfeitas. E é sempre um estado de tensão, de tensão violenta mesmo, como a outra, com a diferença de que a tensão do monoideísmo ativo entra em jogo por si mesma, enquanto a tensão do monoideísmo passivo espera sempre um estímulo exterior, por menor que seja, um sopro, um indício, um nada. Dir-se-ia que se trata de uma “energia involuntária” que espera apenas um impulso para se manifestar.

Será esta a fase das sugestões mentais?

Quase: Em todo o caso, as sugestões mentais *têm sempre uma ação* nesta fase, o que quer dizer que bastará concentrar fortemente seu pensamento para que o sujeito sinta. Haverá logo um franzir de cenhos, uma expressão de atenção no rosto, uma agitação nos membros e, enfim, uma execução de sua vontade ou um começo de execução. Uma coisa, entretanto, o ameaça e pode

prejudicar a experiência: se a sua ação for demasiadamente viva no começo, ou então se ela for muito vivamente (embora indistintamente) sentida pelo sujeito, ela terá sobre ele uma influência reanimadora, reanimadora no sentido relativo da palavra, isto é, que o sujeito, ao executar a ordem mental, e por causa dela, passará muito rapidamente para um estado um pouco menos profundo, para o *monoideísmo ativo*, no qual se obstinará em executar suas ordens, sem tê-las compreendido bem; ele o procurará, correrá atrás de você e se *insensibilizará*, ele próprio, por esta monomania involuntariamente sugerida; ou então passará para um estado menos profundo ainda, mais tranquilo e mais lúcido ao mesmo tempo, do que o do *poli-ideísmo ativo*; ele começará a adivinhar, a presumir por reflexões próprias aquilo que não pode mais sentir passivamente, e então será capaz de executar qualquer outra coisa que não a que você pediu. Finalmente, o que é mais raro, mas que ocorre nos sujeitos mais sensíveis, a sua agitação mental excita primeiro, como fazem os narcóticos, para adormecer depois; e o sujeito, depois de ter manifestado um começo de agitação, cai outra vez na a-ideia completa.

Eis por que este estado não nos dá o máximo de garantia de êxito. O máximo será preciso procurar um pouco adiante.

O verdadeiro momento da sugestão mental é o do *limite entre o estado a-ideico e o monoideísmo passivo*.

Mas se é assim, se a sua experiência tem mais chance aqui do que no monoideísmo passivo declarado, isto ocorre unicamente porque ela tem mais tempo à sua disposição e porque em geral fazemos um esforço muito grande no começo da ação mental, o que é útil deste lado do limiar da a-ideia, ao passo que é perigoso do lado de lá. Se pudéssemos estar certos do grau exato, bastaria conformarmo-nos com suas exigências; agiríamos um pouco violentamente em a-ideia (para despertar o cérebro), um pouco mais suavemente em monoideia (para não despertar demais) e livremente, até o limite dos dois estados. Em todo caso o cérebro deve ser *regulado*, ele deve ser regulado na *monoideia* nascente.

Permito-me fazer uma comparação telefônica.

Um telefone não reproduz bem a palavra à distância, a não ser em condições bem reguladas. Mas tudo é relativo, na telefonia como na neurologia. Um telefone está bem regulado quando a placa vibradora se encontra bem perto, mas não muito perto do núcleo magnético da bobina; daí, podemos gritar fortemente, sem perturbar a nitidez da transmissão. Ao contrário, quanto mais gritarmos, melhor somos ouvidos do outro lado. Ouviremos relativamente melhor ainda se a placa estiver ainda mais perto do núcleo, quase tocando-o, mas então, falando muito alto arriscamos colar a placa contra o ímã e anular quase completamente a transmissão. *Uma regulagem média, próxima do máximo* – eis o que a prática precisa, um pouco em desacordo com a teoria.

Mas como regular um sonâmbulo?

Eis a questão! Felizmente não se trata de uma questão muito mais difícil em hipnologia do que na telefonia. Só que, aqui como lá, é preciso que o instrumento seja *regulável*.

Ora, há sujeitos que não se deixam manobrar sob esta relação. Bastará que os ocupemos em outra coisa ou que nos contentemos com uma ação furtiva, como fizemos até agora. Mas aqui também é preciso evitar os sujeitos obedientes demais ou já educados, os sujeitos manobráveis. Em troca é preciso aprender a provocar o grau do sono desejado. Mas as primeiras sessões devem ser destinadas unicamente a uma observação puramente passiva, como a que produziu a sua ação primitiva, *para que nos demos conta da natureza do sujeito*. Se for preciso devemos esperar mesmo muitas horas, para que o sujeito desperte por si mesmo, a menos que ele peça para ser despertado mais cedo. Nos sujeitos eminentemente sensíveis ao sono (pois há aqueles com os quais você pode fazer todas as experiências físicas, mas não psíquicas), poder-se-á obter sempre duas fases principais: o *sono profundo*, que pouco a pouco se dissipa, e depois o *sono lúcido*, ou o sonambulismo propriamente dito. Do que precisamos é de um estado intermediário. Não deixar o sujeito despertar demais, recuperando sua atividade espontânea e não deixá-lo adormecido demais, pois do contrário ele não o ouvirá. O melhor meio de se obter esta graduação é utilizar os *passes*

ditos magnéticos, longitudinais e transversais, pois a profundidade do sono geralmente aumenta com o número desses passes, diminuindo com o número dos mesmos. Assim, fazendo dois, três, quatro passes diante do sujeito (sem contado), obtém-se um pouco mais ou um pouco menos de sono e chega-se às vezes até a poder graduar à vontade as fases intermediárias que acabo de enumerar. Se esta graduação não for possível através de passes, será difícil obtê-la por outro meio qualquer. E será preciso sobretudo evitar o emprego de um método diferente para fases diferentes, pois então você criará uma associação ídeo-orgânica artificial, um mau hábito que acabará desorganizando o sujeito.

Está claro que eu não entro aqui numa discussão sobre a ação dos passes. Pode-se imaginar que eles têm uma ação física ou puramente sugestiva, o que não tem importância para os objetivos propostos. Indico simplesmente o meio mais antigo, mais conhecido, que dá resultados mais constantes e mais favoráveis para o sujeito (certas práticas hipnóticas são prejudiciais) e o melhor para graduar à vontade o sono, ali onde a graduação é possível.

Uma vez senhor de seu sujeito, você não terá mais do que escolher o momento em que *ele possa ouvi-lo e não responder ainda muito bem*.

Procure não confundir uma dificuldade de falar causada por uma contração dos músculos da voz, com uma dificuldade afásica, isto é, puramente cerebral.

Entraremos ainda em alguns outros pormenores, ao formular as conclusões de nosso estado.

CAPÍTULO IV

As experiências de Havre

No mês de novembro de 1885 Paul Janet leu, na Sociedade de Psicologia Fisiológica, uma comunicação de seu sobrinho Pierre Janet, professor de filosofia no liceu de Havre: “Sobre alguns fenômenos do sonambulismo”. Este título, prudentemente vago, continha revelações extraordinárias. Tratava-se de uma série de ensaios, feitos por Gibert e Janet, que pareciam provar não somente a sugestão mental em geral, mas ainda a sugestão mental a uma distância de alguns quilômetros, sem que o sujeito estivesse prevenido.

Nesse trabalho Janet só contava os fatos: era crer ou não. Tomei então a decisão de realizar um projeto que provasse ou não as informações contidas naquela comunicação.

É verdade que sobre a sugestão mental eu não tinha mais dúvidas, depois das inúmeras experiências que realizei. Mas os fatos anunciados pelos dois Janet eram outros: conseguiram êxito em condições mais extraordinárias do que minhas experiências feitas em pessoas adormecidas; eles fizeram sugestões mentais a longo prazo e adormecendo o paciente à distância.

O sujeito de suas experiências, a Sra. B., era uma brava mulher do campo, de uns 50 anos, honesta, muito tímida, inteligente, embora sem nenhuma instrução. Constituição robusta. Quando jovem, era histérica, mas foi curada por um magnetizador desconhecido. Depois, só em sonambulismo é que alguns traços da história se manifestam, sob a influência de uma contrariedade. Em estado normal a histeria desaparecia, mas a sensibilidade hipnótica persiste, sendo ela sujeita a acessos de sonambulismo natural durante os quais ela pode falar e descrever as singulares alucinações que sofre. Tem marido e filhos que gozam saúde. Por insistência de Gibert ela foi até o Havre, para ser submetida a experiências. É adormecida com facilidade, bastando segurar-lhe a mão e comprimi-la ligeiramente. Em 2 a 5 minutos adormece profundamente.

Quando cheguei ao Havre, encontrei Gibert e Janet de tal forma convencidos da realidade da ação à distância que aceitaram todas as minhas imposições, quanto a precauções, para me permitir verificar o fenômeno.

Formamos uma espécie de comissão, com F. Myers, o Dr. Myers, membros da *Society for Psychical Researches*, Marillier, da Sociedade de Psicologia Filosófica da França, e eu.

Eis as precauções que tomamos para nossas experiências:

- 1) A hora exata da ação à distância é tirada na sorte.
- 2) Ela só é comunicada a Gibert alguns minutos antes do termo, e tão logo os membros da comissão cheguem ao pavilhão.
- 3) Nem o sujeito nem qualquer habitante do pavilhão, situado a quase um quilômetro de distância, tem conhecimento da hora exata, nem mesmo do gênero da experiência que terá lugar.
- 4) Para evitar a sugestão involuntária, nem nós nem ninguém pode entrar no pavilhão, senão para verificar o sono.

Primeira experiência – O Dr. Gibert deve adormecer o sujeito de seu gabinete, rua Saint-Quentin, e ordenar-lhe mentalmente que saia para a rua. Começo da ação às 5:50. Execução provável, 6:05.

Às 6 horas em ponto chegamos aonde se encontra o pavilhão, mas permanecemos escondidos.

Esperamos um quarto de hora em vão; a paciente não desce para a rua. Experiência malograda.

Entramos no pavilhão pela porta do jardim e subimos ao primeiro piso, sem encontrar ninguém.

Dois de nós descemos para a cozinha, sob o pretexto de perguntar se Gibert não chegou ainda, e encontramos a paciente sentada, sem movimento, mas acordada. Passamos para um quarto do primeiro piso, onde falamos sobre a experiência, considerando-a fracassada. Alguns minutos depois a paciente, Sra. B., entra no salão, situado na frente de nosso quarto, do

outro lado da casa, onde nós a encontramos sentada numa poltrona, em letargia. Parece que é sempre o caso, quando é o Dr. Gibert que a adormece. Nesse momento ele não está presente.

O sujeito responde às questões de Janet, que nos últimos tempos a tem adormecido mais frequentemente do que Gibert. A Sra. B. conta, em sonambulismo, que ali pelas 6 horas ela se sentiu mal e ia adormecer, quando uma campainha a acordou e ela foi para a cozinha; que em seguida ela não resistiu ao sono e voltou para o salão. “Foi o Dr. Gibert que me preparou essa”, disse ela, acrescentando: “Não me atormente!”.

Aproveitamos o sonambulismo para fazer algumas experiências, que o sujeito interrompe todo o tempo, dizendo: “Onde está o Sr. Gibert? Eu preciso achá-lo”. Ela tenta nos escapar para descer à rua. Nós impedimos.

Uma hora depois Janet a acorda. Ela não se lembra de nada, mas tem dor de cabeça. Mostrando-se muito inquieta, chamamos Gibert, que a acalma.

Apesar dessas condições desfavoráveis, uma nova experiência é decidida para 15 minutos depois. Sabíamos que a Sra. B. estaria dormindo seu sono natural.

Segunda experiência – “Fazer passar a Sra. B., à distância, do sono natural para o sonambulismo e vir encontrar Gibert no seu gabinete.”

O êxito dessa experiência era pouco provável. De resto, era a primeira vez que se tentava agir durante o sono normal. Também malogrou.

Terceira experiência – Gibert devia adormecer a Sra. B. de sua casa ao meio dia menos 10, exercendo a ação mental durante 10 minutos. A Sra. B. deveria dormir e ficar no salão.

Ao meio dia e 7 chegamos ao pavilhão sem fazer ruído e sem bater na porta. Ela estava lá. Para não influenciá-la com nossa presença, mandamos a cozinheira perguntar se ela não iria descer para o almoço.

A Sra. B. passeia vivamente pelo quarto e diz que não está passando bem. Desce dez minutos depois. Nós a observamos de longe. Não adormece, mas notamos, de longe, que ela não está em seu estado normal. Parece que não vê o que se passa em torno de si e não sabe o que quer fazer. Entra num quarto, depois em outro e um minuto depois cai em letargia.

Mesmas perguntas, mesmas respostas. “É sempre o Sr. Gibert... mas eu não vou atender... (rindo) vou pôr minhas mãos na água fria. Mas onde está o Sr. Gibert? Por que não aparece?”.

Fazemos uma série de experiências. Ela reconhece todas as pessoas presentes tocando os polegares de cada um. Impossível arrancar-lhe uma explicação para essa manobra. Depois de tocar meu polegar, ela declara que eu teria muita influência sobre ela e que poderia dominá-la facilmente.

Depois desse momento, ela parece realmente sentir minha presença e sofrer uma espécie de atração de minha parte. Querendo verificar a realidade desta influência, eu concentro meu pensamento e ordeno-lhe que me dê a mão. Ela se agita, se inclina na minha direção e me dá a mão. Repito a experiência três vezes com o mesmo sucesso, num estado mais ou menos aproximado do monoideísmo.

No sonambulismo ativo a experiência deu resultado algumas vezes, desde que eu tivesse tomado a precaução de escolher um momento de inação. Agindo quando ela conversava vivamente com o Sr. Janet ou outra pessoa, eu não obtinha nada. Tive também ocasião de observar que numa concentração muito forte de meu pensamento, ela se agitava muito, produzindo espasmos e uma tensão geral que perturbavam a nitidez da transmissão. Ao contrário, um pensamento formulado nitidamente, mas sem uma pressão mental especial, produzia uma ação todas as vezes que o sujeito ficasse acessível a estas influências misteriosas.

Fiz experiências com tensão, que não deram resultado. Numa delas fiquei no fundo do quarto, escondido atrás de Janet, e ordenei à sonâmbula que se pusesse de joelhos. Uma agitação forte se manifestou, ela parecia procurar alguma coisa, seus olhos se abriram e ficaram abertos sem inteligência. O estado no

qual ela se encontrava nesse momento era análogo ao que provocou Donato quando se fazia seguir pelos seus pacientes. Era, pois, um estado de fascinação, mas com uma notável diferença: o estado de fascinação é monoidéico. Ele é eminentemente passivo. Este estado é sensível às influências visuais, à imitação dos gestos, o sujeito mantendo-se em calma. Se, ao contrário, o sujeito, atraído pelo seu olhar, seguir seus passos, a calma desaparece, apodera-se dele uma espécie de febre, seu pensamento fica absorvido demais para permitir a ação de novas influências. Esta não é a monoideia passiva, mas a monoideia ativa, a monomania hipnótica.

Agindo mentalmente à distância e sem ser visto pelo sujeito, produzi um estado análogo, porém mais agitado e menos determinado, menos fixo. Seu estado mental podia ser dominado por um só pensamento.

Ela começou a se erguer, em seguida julguei vê-la olhar firmemente, cabeça baixa, como querendo se ajoelhar; mas parou esse movimento. Eu mudei meu pensamento, ordenando-lhe que viesse a mim e se pusesse de joelhos diante da poltrona. Ela caminhou na direção da poltrona e nesse momento eu pronunciei as palavras: “De joelhos! No chão!”. Esta última expressão me inquietou e eu me arrependi, pois ela poderia se machucar. Então recomecei a ordem: “De joelhos!”.

Nesse momento a Sra. B. se inclinou e caiu para trás, em letargia, nos braços de Janet.

Outras experiências foram feitas, sempre sem que eu a tocasse, mas não deram resultado.

Quarta experiência – Insisto junto a Gibert para a chamada experiência de Cagliostro: adormecer o sujeito de longe e fazê-lo vir, atravessando a cidade. Gibert consentiu. A ação mental devia começar às 8:55 e durar até às 9:10. Nesse momento não havia ninguém no pavilhão, salvo a Sra. B. e a cozinheira. Ninguém apareceu no pavilhão. Aproveitando dessa ausência, as duas mulheres entraram no salão e começaram a “brincar” no piano.

Chegamos às imediações do pavilhão depois das 9 horas. Silêncio.

A rua está deserta. Sem o menor ruído, dividimo-nos em duas partes para vigiarmos a casa à distância.

Às 9:25 vejo uma sombra aparecer na porta do jardim. Era ela. Escondo-me a um canto para não ser notado.

Mas eu não entendo mais nada: a sonâmbula, depois de ficar um minuto na porta, retirou-se para o interior do jardim. Às 9:30 a sonâmbula reaparece outra vez na porta e desta vez ela se precipita para a rua, com a pressa de uma pessoa que está atrasada e que deve chegar logo ao destino. Nós a seguimos.

Chegando à rua Bard, ela começa a cambalear, para um momento e quase cai. Mas retoma vivamente sua marcha. São 9:35. Em 10 minutos estamos na casa de Gibert, que sai para a rua, cruza com a sonâmbula, que não o reconhece e está sempre de olhos fechados.

Ela entra na casa, procura-o por toda parte, perguntando: “Onde está ele?”.

A esta altura, o magnetizador está sentado e curvado. Ela entra no quarto, quase o toca, mas sua excitação a impede de reconhecê-lo. É então que Gibert tem a ideia de atraí-la mentalmente. Ela então volta e segura sua mão. Nesse instante uma alegria imensa se apodera dela. Ela salta sobre o canapé como uma criança e bate palmas gritando: “Você aqui, você, afinal! Ah, como estou contente!”.

Mais tarde tentamos experiências de transmissão de sensações. A verificação do estado necessário para a transmissão foi feita da seguinte maneira: Gibert bebeu lentamente um copo de água. Logo ela manifestou movimentos de deglutição.

Depois desse ensaio preparatório, Gibert, acompanhado de Marillier, vai para uma sala afastada. Eu sussurro no ouvido de Marillier: “Belisque a mão direita!”.

Dois minutos depois a Sra. B. manifesta uma dor forte. Suas duas mãos, mas principalmente a mão direita, se agitam vivamente: “Não – diz ela –, não faça isso; machuca!”.

Uma segunda experiência foi feita por escrito: “Belisque o meio da testa”.

Agitação geral. A sonâmbula leva as mãos para a testa, como se estivesse sentindo dor.

Uma última experiência, que eu vi pela primeira vez, é realizada. Tratava-se de comandar mentalmente uma ação que deveria ser executada na manhã seguinte.

A ordem foi indicada por escrito: às 11 horas a Sra. B. deveria passar para o salão, apanhar um álbum de fotografias que se encontrava sobre a mesa e abri-lo para examinar os retratos.

Para fazer esta comunicação mental Gibert toma as mãos da Sra. B. e apoia sua testa na dela. Eu estava bem perto dos dois. Ele apenas disse: “Ouça bem, Leonie!”.

No momento da transmissão, o rosto da Sra. B. fez uma expressão de quem ouve com muita atenção. Depois começou a se agitar e a ter convulsões. Era um verdadeiro ataque histero-epiléptico. Dois minutos depois a transmissão mental terminou e a Sra. B. foi se tranquilizando, não manifestando nenhum conhecimento do que acabava de acontecer.

Explicaram-me que ela não saberia dizer o que se exigia dela e que as ordens transmitidas desta maneira, para serem executadas no sono, jamais tiveram êxito. Parece, assim, que se trata de uma transmissão *inconsciente* e que o inconsciente do sujeito precisa de um certo tempo para cristalizar, por assim dizer, as impressões recebidas e exercitar os músculos correspondentes.

Este fenômeno não é isolado em psicologia. Acontece que, quando estamos deitados, por exemplo, a ideia nos faz levantar-nos, mas não tem força suficiente para vencer nossa preguiça. Esta ideia ressurgue uma vez ou duas, sem resultado. Depois, quando nosso pensamento está ocupado com outra coisa qualquer, sentimo-nos erguer subitamente, como por uma força estranha.

Acontece isso quando precisamos acordar em hora determinada. Tenho que tomar o trem no dia seguinte bem cedo. Sei que me acordarão a tempo e, portanto, minha consciência pode dormir tranquilamente. Mas o inconsciente recebeu a comunicação desta decisão sem que o *eu* tenha tomado

conhecimento. E ele vela. Vela tão bem, calcula tão bem o tempo que, quando chega a hora determinada, ele nos acorda e chama o *eu* para a consciência.

No dia seguinte, as 10:55, Marillier e eu estamos no jardim. Às 11 horas a Sra. B. desce as escadas de seu quarto, entra no salão e procura qualquer coisa. Toca alguns objetos sem tomá-los com as mãos. Chega Janet e lhe diz bom dia. Ela continua procurando alguma coisa. Janet vem até nós e propõe que a adormecemos à distância, certo de que a experiência fracassou. Eu me oponho dizendo que a Sra. B., não estando no seu estado completamente normal, poderá adormecer sozinha. Alguns minutos depois, às 11:30, a Sra. B. toma um álbum, depois outro, abre-o, senta-se no canapé e, visivelmente tranquilizada, começa a olhar as fotografias. (Ela nos diria, depois, que estava procurando a fotografia de Gibert, “porque me dá prazer olhar para ele”.)

Entramos no salão e encontramos a Sra. B. sempre ocupada em folhear seu álbum, mas em sonambulismo ativo. Aproveitamos para mais algumas experiências e nos retiramos. Já na rua, eu digo a todos que as experiências até então feitas não me convenceram. São aceitáveis do ponto de vista da ação à distância, mas eu estava em Havre principalmente para verificar o fato, até então desconhecido para mim, de *sonambulismo à distância*. Proponho, então, a Janet algo mais convincente: adormecer a Sra. B. no mesmo instante. As condições são claras: eu observaria a Sra. B. de longe, certo de que ela estaria no seu estado normal, sem qualquer tendência ao sonambulismo espontâneo. Ninguém tentara antes experiência semelhante. Era um tanto impiedoso de minha parte.

Janet concorda, desde que possa fazer a experiência estando ele em sua casa e não na rua. Aceito as condições e decidimos almoçar juntos.

Eis como tudo foi arranjado. Peço a Marillier que vá ao pavilhão para acordar a Sra. B. Sua presença lá não perturbaria nada, pois era um frequentador da casa; nenhuma suspeita, portanto. Além disso, ele não sabia da hora exata da experiência, não podendo, assim, influenciar o sujeito. A hora exata foi

sorteada: 4:30. Ficamos sempre juntos. Às 4:29 retiro-me para o pequeno jardim, para deixar a Janet inteira liberdade de ação.

Ele senta-se na poltrona, a cabeça entre as mãos e concentra toda sua vontade para dar ordens à Sra. B., a um quilômetro de distância, a fim de que ela caia em sonambulismo. Esta ação mental dura dez minutos.

Às 4:48 entro no gabinete de Janet. Ele apanha seu chapéu e saímos todos para o encontro com Myers e seguimos até o pavilhão. Antes de entrar peço a Myers que suba e traga Marillier. Este último chega e declara não ter visto nada. Ninguém, disse ele, entrou no pavilhão. Antes de entrar peço a Janet que me deixe a incumbência das perguntas a fazer para a Sra. B., no caso de a encontrarmos adormecida.

Afinal, entramos sem ruído e vemos a Sra. B., cosendo, mas em sonambulismo ativo. Ela não nos ouve: responde apenas às questões de Janet.

- A que horas a senhora adormeceu?
- Eram exatamente quatro e meia.
- Você olhou para o relógio?
- E eu preciso disso? Falei quatro e meia e acabou-se.

Comparo meu relógio com o dela. O dela tem um atraso de 3 minutos e 30 segundos; em consequência, admitindo a exatidão do que ela disse, o efeito foi produzido à distância quatro minutos depois do começo da ação.

A meu pedido, ela conta o que aconteceu. Diz que desceu antes para a cozinha para almoçar, conversou um pouco com a cozinheira e voltou ao primeiro andar para se vestir; que se pôs a costurar e de repente sentiu-se paralisada, de sorte que quando ouviu um barulho (a entrada de Myers) não se pôde levantar. Não fala de Gibert como das outras vezes. A cozinheira confirma tudo.

Janet me interpela:

- Então, está satisfeito?
- Sim, desta vez a experiência é pura.

Passamos a outras experiências.

No começo de nossas reuniões ela manifesta uma certa repulsa contra Marillier, uma repulsa física. Perguntamos o motivo. Ela examina seu polegar e larga a mão.

– Ele me faz mal... oh, não a mim... mas isso não interessa a vocês...

Janet insiste. Ela examina outra vez o polegar de Marillier e diz:

– Não quero... isso não interessa.

Tudo o que se pode tirar dela é que ele está doente.

Marillier me leva para um canto e me diz que sofre do coração.

Com sua vivacidade habitual, mas própria do estado de sonambulismo ativo, ela passa para outras questões, diverte-se como uma criança, toca as mãos dos assistentes, sempre com os olhos fechados.

Como ela manifestava uma viva impressionabilidade em relação a mim, e como julgasse que eu havia partido, eu quis verificar se ela reconheceria um objeto que me pertencia. Retiro minha gravata e, por intermédio de Marillier, passo-a secretamente para Janet que, ocupado com outras coisas, põe a gravata sobre a mesa. Alguns segundos depois a sonâmbula se aproxima, apanha a gravata, vem diretamente a mim, deixa cair a gravata nos meus joelhos e se afasta com um ar de autômato, voltando ao seu lugar. Teria sido uma ação de meu pensamento? Em todo o caso a Sra. B. não me reconheceu; ela somente executou meu pensamento que não tinha sido formulado como ordem mental. E executou-o mecanicamente, como se não soubesse o que estava fazendo. Mas a ausência da gravata em meu pescoço podia ter sido percebida pela sonâmbula, apesar de sua aparente cegueira. Resolvi, assim, refazer a mesma experiência com outro objeto. Escolhi uma pequena fita preta que ninguém viu em mim e passei-a, por intermédio de uma terceira pessoa, para Janet. Este segurou-a, mão fechada. A sonâmbula, sem qualquer demora, abre-lhe a mão, pega a fita e, mal a toca, começa a saltar de alegria, como uma criança:

– Ele está aqui! Ele está aqui! Não partiu!

Em seguida ela pede um pedaço de papel, embrulha a fita e estende a mão na minha direção para entregar-me o pacotinho.

Mais algumas pequenas experiências semelhantes e ela, depois de manifestar cóleras e agitar-se, cai num verdadeiro ataque histérico que Janet se apressa em acalmar, apoiando sua frente contra a dela.

Para elucidar a questão dos objetos, proponho a Janet tomar três folhas de papel iguais, marcadas por três pessoas diferentes. Depois de preparadas, tentamos entregá-las à Sra. B. Ela se opõe com obstinação e não quer tocar nas três folhas de papel.

Tivemos que abandonar esta experiência.

Deixei Havre com uma profunda emoção. Vira, afinal, o fenômeno extraordinário da ação à distância, que tanto abala as opiniões atualmente admitidas. Evoquei minhas lembranças, questionei cem vezes minhas anotações para assegurar-me daquilo que acabara de ver. Examinei os fatos do ponto de vista de um ceticismo absoluto e de um simples acaso, depois de um ponto de vista dos magnetizadores, depois à luz da teoria sugestiva, de outras teorias intermediárias possíveis ou fantásticas. Cheguei à conclusão de que a quarta experiência não pode ser explicada sem uma ligação casual entre um ato de vontade e um efeito produzido à distância. Mas como já disse, nesse gênero de questões é preciso que façamos a experiência nós mesmos; é preciso ter provocado – e muitas vezes – o fenômeno em questão, sobre uma pessoa e num meio que se conheça bem, para poder dar um pronunciamento definitivo. Ora, em relação à ação à distância, eu fora apenas um observador passivo e devo, em consequência, fazer minhas reservas. Sem dúvida, havia constatado a sugestão mental de perto, mas vi somente *uma* experiência à distância que me pareceu rigorosa.

CAPÍTULO V

Novas experiências

Voltando a Paris, fiz novas observações em duas doentes (histéricas), às quais fui obrigado a dar minha atenção.

A Srta. Z. foi magnetizada por mim devido a seus ataques histéricos complicados por um enfraquecimento e uma anemia bem pronunciados. A primeira sessão não deu nada de positivo; apenas minhas mãos esfriaram a um ponto realmente extraordinário. A doente sentiu-se um pouco melhor, mas não atribuiu qualquer ação ao magnetismo. Uma segunda sessão provocou o sono magnético, depois um ataque um pouco longo, mas a passagem da vigília ao sono e do sono ao estado normal se efetivou de maneira tão sensível que ela não acreditou no sono.

Na terceira sessão ela me disse que não acreditava no sono provocado e afirmou que eu jamais conseguiria fazê-la dormir; que se ela ficou algum tempo imóvel foi porque tal era seu desejo, mas que se ela tentasse resistir um pouco, eu não exerceria qualquer influência. Depois de alguma discussão, consenti na experiência.

Ao cabo de alguns minutos, apesar de sua resistência, ela adormeceu pela fixação do olhar, mas passou diretamente para o delírio sonambúlico, repetindo sem cessar: “Não! Eu não quero! Você não conseguirá nada!”. Pouco a pouco o delírio vira um sonho em alta voz que dura mais de uma hora. A doente permanece sentada e tranquila, só ouve a mim, mas não é de todo obediente.

Eu poderia despertá-la, mas depois do que vi convenci-me de que o despertar provocaria um ataque hístico-epilético no estado normal, ao contrário do princípio terapêutico do magnetismo. (Meu tratamento da hístico-epilepsia consiste no seguinte: transporto, por assim dizer, os ataques no sono magnético, o que os suprime pouco a pouco, até o estado normal; a cura é completa, uma vez que não se pode mais provocar um ataque, mesmo no estado sonambúlico.)

Neste momento uma dama de companhia entra suavemente na sala e olha para a Srta. Z. com admiração.

– Não me olhe. – diz esta. – Você me causa mal estar. (A doente estava com os olhos fechados e se achava a 7 ou 8 metros de distância.)

A Srta. Maria se retira assustada. Mas a doente não cessa de apostrofar:

– Não pense em mim! Você me faz mal!

Estas palavras, que poderiam ser determinadas por uma presunção e não por uma ação psíquica real, fizeram-me recordar da experiência de Gibert. Querendo pôr no leito a doente, para poder me retirar, e como ela continua insensível às minhas proposições, ensaio a inoculação psíquica inconsciente: aproximo minha frente e digo-lhe mentalmente: “Em cinco minutos tu desejarás ir deitar”. A doente continua a sonhar e não parece nada influenciada por minha ação. Passam-se cinco minutos e ela não diz nada. Então eu a aconselho, pela segunda vez, a ir se deitar.

– Como queira – diz ela.

Deita-se na cama e depois foi obrigada a acreditar no magnetismo, uma vez que no dia seguinte não se lembrou de como fora parar ali.

A outra paciente, Srta. S., sofria de intensos ataques de histeria, mas pouco frequentes. Eu diria que se tratava de uma *histeria latente*, pois ela só se manifestava sob a influência de causas morais em intervalos de muitos meses. Entretanto, tratava-se da grande histeria, muito grave, com todas as fases principais, inclusive o período do delírio, que terminava em ataque.

Este durava sempre muitas horas, às vezes uma noite inteira.

A Srta. S. era muito sensível ao hipnotismo, o que explica a intensidade dos ataques.

Certa vez fiz com ela algumas experiências com cartas de baralho. O resultado foi um tanto notável; ela não adivinhava jamais completamente, mas tinha uma percepção em parte justa e

sempre segundo os caracteres visuais e não auditivos. Eu imaginava, por exemplo, um dois de espadas e ela adivinhava três de espadas; eu imaginava dama de copas e ela adivinhava valete de copas. Mas tais experiências a enervavam muito. Para poder adivinhar, ela fechava os olhos, baixava a cabeça e ficava absorvida num estado visivelmente monodéico, que lutava com as impressões ordinárias. Depois de um quarto de hora com esses exercícios, ela me pareceu muito fatigada. Interrompo as experiências e, para fazê-la voltar a si, fiz alguns passes despertadores. Errei: teria sido melhor deixá-la dormir. Momentaneamente ela ficou livre de seu enervamento e parecia bem. Mas o choque perturbou o equilíbrio normal e levou-a a um ataque.

Eu estava à mesa, fazendo minha refeição, quando vieram me dizer que a Srta. S. entrara em seu quarto, caindo em convulsão. Encontrei-a no chão, rolando-se com tal força que foi preciso um esforço acima do normal para impedir que ela batesse com a cabeça em algum objeto. Só a pressão ovariana acalmou um pouco a crise, ao menos por alguns instantes. Em tais condições é difícil fazer adormecer a paciente. A luta durou três horas inteiras, durante as quais ela tentou o suicídio, várias vezes. Falava delirantemente em todas as línguas que ela conhecia, recordando sua vida, com grande agitação. Quando começou a me obedecer eu a fiz deitar-se na cama, onde pouco a pouco sobreveio o sonambulismo lúcido. A relação era clara: ela só ouvia a mim e somente quando eu queria que ela me ouvisse, de sorte que conversamos durante todo o tempo em voz alta. O menor contato de uma pessoa estranha, mesmo através do lençol, provocava uma irritação e a ameaça de um novo ataque. Falando em estado de sonambulismo ela me tratava por tu:

– Tu precisas repousar – disse ela –, eu dormirei tranquilamente até amanhã às dez horas da manhã. A esta hora tu virás me acordar.

No dia seguinte às 9:30 entrei em seu quarto.

– Eu te ouvi chegar. – disse-me ela. – Não me despertes ainda, pois ainda não são dez horas.

– Dormiste bem?

– Sim, *porque tu dormiste bem.*

Achei que ela deveria adormecer profundamente por mais algum tempo. Fiz alguns passes sem contato e fui para a sala, onde passei a ler um jornal, junto à janela. De repente ouvi um barulho surdo, como se fosse a queda de um corpo. O barulho vinha da rua, mas eu tive a impressão de que ele vinha do quarto e por um momento tive receio de que ela estivesse sendo acometida por um novo ataque. Mas foi apenas por um momento, por segundos. A reflexão venceu e eu continuei lendo o jornal.

Um quarto de hora depois entrei no quarto da doente, separado da sala por outro cômodo grande e que dava para o pátio e não para a rua.

Toquei sua cabeça e notei que ela estava quente. Por quê?

– Porque tu tiveste medo de alguma coisa – respondeu ela.

– Não. – disse eu, já esquecido do pequeno incidente. – Por que teria eu medo?

– Não sei, mas tu tiveste medo e isso me deu congestão.

Acalmei-a e tentei mais algumas pequenas experiências.

– Tu me acordarás logo e eu não terei mais ataque.

– Nunca mais?

– Nunca mais. Eu não me lembrarei de nada e não será mais necessário me dizer o que se passou durante a noite. Em troca tu me darás a palavra de que nunca mais tentarás agir sobre mim à distância.

– E tu crês que isso seja possível?

– Sim, será preciso, porque isso me faz mal.

– E se eu prometer, tu não ficarás mais nervosa com minha presença?

– Não.

– Como é que tu poderás reconhecer o toque de uma outra pessoa?

– Porque é desagradável... estranho... insuportável!

A Srta. S. dormiu 14 horas seguidas, pedindo antes que eu a acordasse suavemente. Segui a recomendação e a despertei lentamente, levando 10 minutos e fazendo passes transversais sem contato.

Ela acordou, enfim, sorriu, olhou em torno e perguntou o que significava minha presença ali.

À noite ela teve dor de cabeça. Aliviei essa dor com as mãos, mas quando ela cessou, eu é que tive dor de cabeça. Fui visitar outra doente que jamais teve dor de cabeça, pelo menos segundo ela me afirmou muitas vezes.

Eu a adormeci, com dificuldade. Minha dor de cabeça passou. Meia hora depois eu a despertei.

– Vou indo muito bem, não é verdade? – disse ela (ela sofre de ataxia). Mas essa droga de dor de cabeça...

Alivio-a da dor, que afinal desaparece completamente.

(Sorrio para mim mesmo, de tal forma essas coisas me parecem bizarras e inacreditáveis.)

À noite revejo ainda a Srta. S. Ela tem de novo uma cefalalgia e minhas mãos estão secas, a pele me queima, sinto uma umidade desagradável. Molho as mãos na água fria, mas a custo dissipo seu mal por alguns minutos. De resto, não era uma dor intensa.

No dia seguinte sinto-me restaurado e dissipo facilmente, na casa de outra doente, uma hemicrania intensa acompanhada de uma febre que durou três dias; depois, ainda com um pouco de dor de cabeça, na casa de uma quarta doente. É de se notar que as minhas mãos readquiriram sua força e normalidade depois que li um livro que me agradou muito. De repente senti que a secura das mãos desapareceu.

Permito-me citar outra observação. Quando meus olhos ficam fatigados com a leitura, vou ao teatro e, então, a vista à distância me serve de repousante. Para refrescar os olhos, aplico as palmas das mãos sobre minhas pálpebras.

Ora, quando minhas mãos secam é suficiente uma cena da peça, uma frase bem dita, para que eu sinta uma emoção

agradável, para que minhas mãos readquiriram sua qualidade terapêutica e então, apoiando-as nos olhos, a fadiga desaparece.

Chego à casa da Srta. S.

– O que é que o senhor fez ontem às 11 horas? – pergunta-me ela.

Adivinhando uma excentricidade sonambúlica qualquer, eu lhe digo:

– Não. A senhora me diz primeiro o que sabe e depois eu direi se é exato.

– O senhor escreveu toda a noite, e não eram cartas, pois eu vi grandes folhas de papel; o senhor não leu nenhum livro, mas escreveu o tempo todo, depois, às 11 horas, o senhor se deitou mas não pôde dormir, levantou-se ainda uma vez, andou no quarto fumando um cigarro...

Aqui, uma pessoa, que esteve ao lado da Srta. S. na noite anterior, me contou que depois de se deitar, ela não fez outra coisa senão repetir:

– Ah, meu Deus, quando afinal ele irá dormir? Ele está me impedindo de repousar...

Não digo nada à Srta. S., que continua:

– Depois, enfim mais ou menos a uma hora, o senhor adormeceu e acordou às 7 horas da manhã. Não é verdade?

Tudo exato, salvo um atraso de alguns minutos quanto às 11 horas, quando na realidade eu parei às 10:45 e assim por diante. No resto, ela acertou tudo.

Acrescento aqui que a Srta. S. não conhecia meus hábitos e que eu morava a cerca de um quilômetro de distância. Era difícil, pois, explicar tudo isso como acaso. Então de que se tratava?

Eis o que posso dizer:

Sem ter tido a intenção de agir sobre ela, como aliás eu tinha prometido, tive que anotar tudo o que se passou no dia anterior, como sempre faço. Em consequência, passei toda a noite pensando nela. Como havia certos detalhes interessantes, do ponto de vista teórico, esta ocupação mental me impediu de

dormir e durante todo o tempo meu pensamento se voltava para questões em que ela desempenhava o papel principal.

Quanto a ela, deitou-se normalmente e num meio sono acreditou ver tudo o que se passava em minha casa, mas ela afirmou que minha ocupação mental a impediu de dormir e que ela ficou furiosa comigo, tendo a sensação de uma dependência estranha, da qual não se podia desembaraçar. Enfim, disse que, ao acordar de manhã, às 7 horas, teve a sensação de que eu também tivesse acordado.

No dia seguinte ela também teve uma visão semelhante. Era, pois, provavelmente, um caso de “alucinação verídica”.

Na obra de E. Gurney, Myers e Podmore, redigida sob os auspícios da *Society for Psychical Research*, encontram-se muitos casos semelhantes, bem documentados e recolhidos durante vários anos. Esse livro tem como título *Phantasms of the Living*.

Acrescento somente que a Sra. M. também acreditou ver-me na conferência que pronunciei na *Société de Psychologie Physique* a 25 de janeiro de 1886, onde falei de experiências feitas com ela, mas ela no caso estava prevenida. Houve, todavia, certos detalhes que ela ignorava e que acreditou ter visto no seu último sono, a saber, que falando “eu ficava oculto até o peito, por uma longa mesa verde”.

Transmissão de pensamento? Talvez.

SEGUNDA PARTE

Fatos observados por outros. – Evolução da sugestão mental. – Analogias físicas

CAPÍTULO I

O simpatismo orgânico

A superfície de nosso corpo é capaz de transmitir, com ou mesmo sem contato, certos estados orgânicos desse corpo a um outro corpo?

Tal é a questão.

Começaremos pelo exame dos estados físicos para passar às sensações isoladas e daí aos pensamentos.

Estudaremos, pois:

- a) a transmissão nervosa física das doenças;
- b) a transmissão dos estados emotivos;
- c) a transmissão das sensações;
- d) a transmissão das ideias;
- e) a transmissão da vontade.

Depois estudaremos:

- a) a sugestão mental a prazo;
- b) a sugestão mental a distância.

A história do magnetismo contém um grande número de fatos, mais ou menos mal observados ou mal atestados, mas também um certo número de observações positivas que devem ser levadas em conta.

Até o momento limitei-me a contar o que eu mesmo vi, achando que nesse gênero de fenômenos é preciso que nós mesmos sejamos o observador, o ator e o crítico, para podermos admitir o testemunho de outros. De outra forma teríamos apenas que aceitar *todos* os fatos do magnetismo, pois todos, ou quase todos, tiveram testemunhas estimáveis. Mas a estima pessoal é

uma coisa e a capacidade de observar bem e contar bem os fatos novos e inesperados é outra. De resto, ninguém se pode vangloriar de ter suficiente autoridade para fazer entrar no domínio científico um fato inteiramente novo, teoricamente isolado de todos os outros. A precaução que eu me impus e que impus ao leitor não teve outro objetivo e outro significado que o de prestar testemunho da marcha de meus estudos, do desenvolvimento progressivo de minhas convicções e, portanto, de meu método. Não estou dizendo, evidentemente, que meu testemunho vale mais do que o de outros fisiologistas. Digo apenas que ele vale mais para mim. Isso não impedirá, talvez, de os céticos da ciência oficial me acusarem de credulidade e eu seria o primeiro a compreender e a desculpar seu ceticismo. Mas isso certamente não impedirá que eu mesmo me acuse no futuro. Creio que isso é tudo o que um escritor pode fazer.

Infelizmente, não se tem tido sempre esta precaução.

O leitor quer estudar na história do magnetismo o fenômeno da sugestão mental e procura testemunhas sérias. Abre um livro sobre o hipnotismo e ali encontra zombarias sobre a sugestão mental; esses senhores jamais a estudaram, mas certificam a exatidão de suas opiniões negativas baseando-se no testemunho de outros sábios que jamais a estudaram. E, finalmente, o leitor encontra um autor sério, que crê na sugestão mental.

Tomemos o Dr. P. Despine (filho), autor de um grande tratado em três volumes sobre a *Psicologia Natural*. Despine publicou também nestes últimos anos um bom livro sobre o sonambulismo. Ele admite a sugestão mental, mas quanto aos fatos, nada viu, ele mesmo. Refere-se a outros autores estimáveis e sobretudo ao Dr. Bertrand, excelente observador que publicou dois volumes sobre o sonambulismo e o magnetismo (em 1823 e 1826), nos quais trata do fenômeno em questão, mas afirmando não possuir qualquer prova positiva “que pudesse oferecer experiências que seriam pessoais”.

Ele se refere principalmente aos autores dos séculos passados, ao padre Surin, “um homem de uma verdadeira devoção e a quem a maior parte de seus inimigos não se recusaram a fazer justiça, mas de uma credulidade que – segundo a própria

expressão de Bertrand – “passa por tudo o que se possa imaginar”; a Poncet, autor religioso igualmente estimável, e à Sra. Guyon, a melhor testemunha possível, pois ela “lia o pensamento do padre Lacombe, seu confessor, como este lia o seu”.

Mas Bertrand diz que ele não teve fatos de sugestão mental na sua prática. Teve apenas alguns; os fatos observados pelo padre Surin e por Poncet apresentam algum valor, graças a circunstâncias particulares.

Mas se eu não tivesse outras provas senão o testemunho do padre Surin, de Poncet e da Sra. Guyon, acredita o leitor que eu publicaria um livro sobre a sugestão mental ou faria, sequer, uma menção qualquer sobre a existência do fenômeno? Jamais. Eu não o negaria também, porque jamais nego uma coisa que não conheço; mas daí a uma declaração científica de um fato tão estranho, a distância é longa.

Eis por que até aqui me limitei ao histórico do paciente. Mas hoje as coisas mudaram. Eu vi e posso, pois, acrescentar fé ao testemunho daqueles que viram a mesma coisa que eu e não será justo que eu esconda do leitor as observações que não me são pessoais. Ao contrário, vou citá-las, isto é, todas aquelas que têm um aspecto verídico, que foram bem constatadas e que apresentam uma analogia evidente com o que eu mesmo observei. Esta última reserva é desculpável, pois sem ela eu seria obrigado a citar muitas coisas inacreditáveis – ao menos no momento – e é sempre prudente avançar lentamente num terreno obscuro e desconhecido.

Começemos por um fenômeno na aparência estranho a nosso estudo e que encontramos com frequência nos livros dos magnetizadores. Trata-se da apreciação das doenças pelos sonâmbulos e da visão pretendida dos órgãos doentes.

Diz o Dr. Bertrand que observou uma sonâmbula que dizia possuir a faculdade de reconhecer as doenças, resolvendo testá-la numa doente cujo estado conhecia de antemão. Quando a jovem doente chegou, a sonâmbula estava dormindo. Ela não a conhecia. Prossegue o Dr. Bertrand:

“Entretanto, depois de alguns minutos de contato ela pareceu respirar com dificuldade e logo sofreu todos os sintomas que acompanham uma forte crise de asma. Sua voz ficou rouca e ela nos disse que a doente era sujeita ao gênero de opressão que sua presença acabava de lhe comunicar. Acrescentou o detalhe de um grande número de acidentes e dores parciais aos quais a doente estava sujeita e que ela reconheceu com a maior precisão, em meio a sofrimentos que ela sentiu em si mesma nas partes correspondentes de seu corpo; mas o que principalmente manifestou de maneira incontestável a faculdade que tinha a sonâmbula, foi a descoberta que ela fez de uma afecção herpética, que a doente tinha, nas partes genitais. Nenhum de nós sabia disso.”

Bertrand acrescenta:

“Em geral é preciso distinguir, nas consultas dos sonâmbulos, o que eles declaram *experimental pelo contato* com os doentes daquilo que eles *imaginam ver* no interior de seu corpo. O que eles dizem sentir merece confiança, enquanto que o que eles concluem daquilo que acreditam ver não apresenta nunca senão conjecturas isentas de fundamento e por vezes até absurdas.”

Outro caso relatado por Bertrand:

“Eu estava junto da sonâmbula que eu havia adormecido na cama, quando vi entrar um amigo, acompanhado de um pobre homem ferido, havia pouco tempo, num duelo, e que havia recebido uma bala na cabeça. Pus a sonâmbula em contato com o ferido sem lhe dizer o que havia acontecido. Então ela disse, dirigindo a palavra para si mesma: “Não, não, isso não é possível; se um homem tivesse uma bala na cabeça ele estaria morto. É provável que *ele* esteja enganado; ele me disse que o cavalheiro tem uma bala na cabeça”. (*Ele*, segundo a sonâmbula, era um ser distinto, separado dela e cuja voz se fazia ouvir no fundo do estômago. É possível que esta concepção de um ser revelador lhe tenha sido sugerida por um magnetizador espírita). Assegurei-lhe que o que ela disse era verdade e perguntei se ela podia ver por onde a bala

havia entrado e que trajeto havia percorrido. A sonâmbula refletiu um pouco, abriu a boca e apresentou com o dedo que a bala havia entrado pela boca e penetrado até a parte posterior do pescoço, o que era verdade. Depois indicou na sua própria boca os dentes que haviam sido destruídos na boca do ferido. O ferido não tinha sinais exteriores e a sonâmbula não abriu os olhos depois que ele entrou no quarto.”

No seu segundo livro (*Do Magnetismo Animal na França*, 1826), Bertrand se exprime da seguinte maneira:

“Encontramos nas obras dos magnetizadores um grande número de exemplos desse fenômeno e eu mesmo tive ocasião de o constatar muitas vezes, de maneira a não conservar nenhuma dúvida. Creio que não há uma só pessoa, por pouco que tenha observado alguns sonâmbulos, que não os tenha visto sentir, depois de um simples contato, as dores dos doentes com os quais se tenham posto *em relação*. – (Bertrand emprega este termo consagrado pelo uso dos magnetizadores, nada mais acrescentando, pois ele não admite o “fluido magnético”).

A impressão que eles recebem é, em geral, momentânea e é raro conservarem ao despertar os sintomas que lhes são comunicados durante o sono.”

Em agosto de 1825 o Dr. Foissac endereçou à Academia de Medicina uma carta na qual anuncia da seguinte maneira o fenômeno da transmissão das dores:

“Pousando sucessivamente a mão na cabeça, no peito e no abdômen de um desconhecido, os sonâmbulos descobrem as doenças, as dores e as alterações diversas que elas ocasionam!”

Foissac exagera o instinto diagnóstico apresentando-o como regra geral, o que não é senão um fenômeno mais ou menos raro. Os poucos sonâmbulos que ele teve a oportunidade de encontrar inspiraram-lhe uma confiança sem limites, que se dissipou logo, numa prática um pouco maior.

“Embora seja prometer demais – escreve ele –, não hesito em fazê-lo. Não há doença aguda ou crônica, simples ou complicada, e eu não faço exceção das que têm sua sede em uma das três cavidades esplâncnicas, que os sonâmbulos não possam descobrir e tratar convenientemente; mas não se dá da mesma maneira que com as que têm sede nos membros e na superfície do corpo, se elas não excitarem uma reação geral, ou não perturbarem nenhuma função essencial.”

Esta restrição é interessante, sobretudo partindo de um entusiasta competente. Foissac reconhece que, para que possa ter lugar a comunicação dos sintomas, estes devem proceder de uma perturbação do equilíbrio vital pronunciado e profundo. E se os sonâmbulos também não avaliam bem as perturbações locais “dos membros e da superfície do corpo” é porque a faculdade de que se trata aqui não consiste em *ver* ou, como ele mesmo se exprime, em “*ler* na estrutura íntima dos órgãos mais ocultos”, mas se trata mais da faculdade de *sentir* as perturbações de um sistema nervoso desequilibrado. É preciso que essa perturbação seja um tanto profunda, para atuar sobre o sonâmbulo; como uma mudança elétrica num corpo condutor reage sobre um galvanômetro distanciado.

Foissac, pleno de confiança, propõe à Academia uma pesquisa científica.

“Tomai – disse ele –, na cidade, no birô central ou nos hospícios, três ou cinco doenças das mais caracterizadas. Elas formarão o objeto de uma primeira prova; fareis escolher as mais complicadas e as mais obscuras. Os sonâmbulos farão brilhar sua sagacidade em razão das dificuldades. Estas experiências serão renovadas tantas vezes quantas convier, para dar-nos inteira convicção. Comissários nomeados por vós seguirão os detalhes, farão seu relatório, ao qual acrescentarei o meu. Se não vos satisfizerdes com suas operações, escolhereis outros. O mesmo direito caberá a mim. A verdade não poderá escapar de pesquisas tão rigorosas.”

Certamente. Só que é raro que uma Academia se interesse por uma verdade nova. A carta do Sr. Foissac nem sequer foi lida

pela Academia. Foi o secretário quem a leu, comunicando aos outros o conteúdo.

Depois de longa e acalorada discussão, a Academia nomeou uma comissão incumbida de fazer um relatório sobre a questão... “de saber se convém ou não que a Academia se ocupe do magnetismo animal”.

Quatro meses depois, a 13 de dezembro de 1825, o relatório, elaborado por Husson, foi lido para a Academia. A comissão concluiu a favor do exame.

Mas somente depois de várias sessões indecisas é que uma comissão de onze membros, todos incrédulos, foi autorizada a começar o exame. Isso em 14 de fevereiro de 1826.

A comissão fez experiências durante cinco anos e seu relatório, afinal, foi apresentado à Academia pelo mesmo Dr. Husson a 28 de junho de 1831. Ele era inteiramente favorável ao magnetismo e confirmou, mesmo, a ação à distância.

Quanto à questão que nos interessa, a comissão relatou numerosas experiências, tendo como objeto a sonâmbula Srta. Celina Sauvage. A respeito das mesmas, o relator concluiu:

- “1º) que no estado de sonambulismo a Srta. Celina indicou as doenças de três pessoas com as quais se pôs em *rapport* (relação);
- 2º) que a declaração de uma, o exame que se fez da outra, depois de três funções e a autópsia da terceira, coincidiram com aquilo que a sonâmbula havia antecipado;
- 3º) que os diversos tratamentos que ela prescreveu não ultrapassam o círculo de remédios que ela pudesse conhecer, nem da ordem de coisas que ela pudesse razoavelmente comandar.”

Foissac teve a oportunidade de tomar a palavra. Imagina-se facilmente a emoção produzida na Academia com a leitura desse relatório. Raramente ouvimos uma prestação de contas com tão numerosas observações, tão imparcial, tão clara e tão prudente. Explodiram aplausos. Mas, quando se tratou da questão de fazer

imprimir o relatório, ergueu-se o medo pelo prestígio da Academia. “Se a maior parte dos fatos consignados neste relatório fossem reais – disse Castel –, eles destruiriam a metade dos conhecimentos fisiológicos e seria perigoso propagar estes fatos imprimindo-os...”

Já estava quase decidido seguir este conselho, quando Roux teve a feliz ideia de propor um termo médio. Em consequência, o relatório não foi impresso, mas foi autografado.

Pelo relatório verificou-se que a sonâmbula apresentou um caráter um pouco diferente das observações que fiz precedentemente. A sonâmbula em questão não sofre as dores que ela examina, ela as percebe somente como se fossem alguma coisa palpável; ela as tateia, por assim dizer, sem assumi-las.

Esta diferença decorre da existência de dois tipos, um pouco diferentes, da percepção dos sonâmbulos. A base, entretanto, é a mesma e é sempre a possibilidade de transmissão nervosa que a constitui; é, todavia, necessário distinguir entre uma transmissão imitativa ou imaginária, que não tem qualquer relação com a sugestão mental, e uma transmissão física que lhe serve de base e que pode ser mais ou menos pronunciada.

“A maior parte dos sonâmbulos – diz o Dr. Charpignon – sentem as dores das pessoas com as quais se põem em *rapport* (relação). Esta sensação é fugitiva e não deixa traços ao despertar, se se rompe a *rapport* (relação). Se é o magnetizador que sofre, a sensação é das mais vivas e ela persiste depois do despertar. Se se continuar durante muitos dias a magnetizar nessa disposição doentia, acaba inoculando-se nesses sonâmbulos impressionáveis a mesma doença. Deve-se, pois, ser muito precavido nesse ponto e estender a prudência até às afecções da alma, pois pode ser terrível a influência de um espírito agitado em certos sonâmbulos.”

Depois ele acrescenta:

“Esta identificação dos dois sistemas nervosos produz, às vezes, o fenômeno da imitação; assim, quando o magnetizador tosse, o sonâmbulo repete seu ato; se ele toma

rapé, ele espirra; se se pica ou belisca, o sonâmbulo sente as mesmas dores.”

Há, nessa passagem, uma confusão de três fenômenos diferentes:

- 1) imitação dos movimentos;
- 2) hiperestesia do olfato;
- 3) transmissão das sensações.

Evidentemente, na prática esses fenômenos se associam com frequência e aí reside uma das dificuldades das experiências, ao mesmo tempo em que aparece um indício para a teoria do “simpatismo”.

A palavra *simpatismo*, empregada às vezes por Charpignon, me parece bem escolhida e eu a emprego para definir os fenômenos de comunicação direta e instantânea das dores e de outras sensações subjetivas, dos sentimentos e dos estados emotivos, com exclusão dos fatos da imitação pela vista e pelo ouvido, aos quais se poderá dar o nome de “imitacismo”. O imitacismo relativo às doenças e não aos atos toma o nome de *contágio psíquico*, ao passo que os fatos de transmissão das doenças, transmissão quase sempre mediata e retardada, poderão ser considerados como pertencentes ao *contágio nervoso* propriamente dito, ou *contágio nervoso físico*.

O simpatismo físico pode ser subjetivo ou objetivo. Ele é subjetivo entre os sonâmbulos que sentem as dores que descobrem. Ele foi objetivo no caso da Srta. Celine.

CAPÍTULO II

Simpatismo e contágio

Os sonâmbulos da segunda categoria não se contentam em “entrar em *rapport*” (relação) com o doente, tocando sua mão ou mesmo ficando simplesmente frente a frente com ele por alguns minutos, tocando a mão em muitos lugares e passeando suas mãos pelo corpo, com certa atenção.

Pode esta manobra dar ao sonâmbulo algumas indicações reais sobre o estado patológico?

Eis a questão. Compreende-se sua importância, porque, desde que se possa provar que na superfície do corpo e mesmo a uma certa distância os incômodos mais ou menos profundos, mais ou menos invisíveis, se manifestam de maneira desconhecida, a ciência deverá se apoderar desta preciosa descoberta e pesquisar para tirar partido.

É a primeira vez que ouço falar desse fenômeno, que já conheço há uns cinco ou seis anos.

Passo a expor, em poucas palavras, minha opinião.

Há sete anos um velho magnetizador, que já não mais magnetizava, doente, me disse:

– Você não receia estar se prejudicando magnetizando tanta gente?

– E por quê? Sinto-me bem e posso suportar o cansaço.

– Não se trata de cansaço – respondeu ele –, mas é que você recebe todas as emanções dos doentes, todos os fluidos malsãos.

Eu ri. Não acreditava e nem acredito em fluidos. Mas hoje admito uma certa ação física, ao passo que naquele tempo eu confundia magnetismo com hipnotismo.

É verdade que na época eu magnetizava poucos doentes, quase nada; fazia minhas experiências em pessoas saudáveis e foi alguns meses mais tarde que uma circunstância me fez conhecer o valor terapêutico do magnetismo, levando-me a fazer pesquisas nesse caminho.

Mas durante todo o ano seguinte, tendo já magnetizado muitos doentes, eu ainda não havia observado nada de análogo ao que me dizia o magnetizador e ao que me lembrava de ter lido em certos livros.

E, na realidade, não foi em um doente que fiz minha primeira observação no gênero.

Estávamos no campo. O conde P., que vira minhas experiências em camponeses, pediu-me que as fizesse com ele.

Não pude adormecê-lo, mas ele acreditou sentir muitas sensações claras. Eu não disse nada, a fim de não influenciar sua imaginação, mas tive, eu mesmo, ao magnetizar, uma particular sensação nas minhas mãos, coisa que jamais eu havia observado. Esta sensação consistia em um sopro frio, quando eu passeava minha mão sobre seu corpo. Às vezes a sensação era tão forte como se alguém soprasse entre meus dedos. Foi num desses momentos que ele exclamou:

– Oh, diabo de corrente!

Passamos a estudar o fenômeno. Devo mencionar que o conde estava bem de saúde, mas esgotado porque passara várias noites em claro vigiando seu sobrinho doente.

Comecei, pouco a pouco, a ver nesse fenômeno uma causa real. De início, fui obrigado a reconhecer que se tratava de algo mais ou menos independente do calor.

Eu tive uma doente, anêmica no mais alto grau, que achava minhas mãos quentes, mesmo quando elas estavam geladas, ao passo que ela me dava a sensação de frio, apesar do calor de sua pele ao contato direto.

Com uma outra, igualmente debilitada, eu tinha a mesma sensação e, desta vez, com uma perda real do calor, pois minhas mãos tornavam-se muito frias em poucos minutos.

De hábito, era o contrário que acontecia: minhas mãos se aqueciam durante a magnetização e eu ficava com uma sensação de secura.

Uma outra, tuberculosa, me dava a sensação de um vento frio, somente na altura dos pulmões.

Uma outra, atáxica, tinha uma sensação fria à esquerda e quente à direita e eu tinha uma sensação muito nítida de um lado; uma de suas pernas *tirava*, como uma corrente de ar em minhas mãos, enquanto que a outra perna não *tirava*, ou pouco menos.

Pouco a pouco eu reconhecia que esse fenômeno ocorria com muitas outras pessoas doentes ou debilitadas, e que às vezes tinha condições de reconhecer o grau de debilitamento de um órgão. Devo acrescentar que se o órgão tivesse paralisia completa e antiga, eu não o sentia, e que a sensação era errada.

Tive algumas observações muito estranhas de sopro, sensação circunscrita ao trajeto de um só nervo afetado, mas não chegava a um encadeamento lógico dos fatos.

Em troca, constatei um outro gênero de sensações que me deu resultados positivos. Eu curei a dor de cabeça de algumas centenas de pessoas pela simples imposição das mãos. Apesar da simplicidade do procedimento, esse fenômeno é complicado, razão pela qual deixo de abordar aqui sua teoria. Duas coisas, todavia, são certas: primeiro, que por esse meio, velho como o mundo, eu curo uma dor de cabeça, 80 vezes em 100, no espaço de poucos minutos; segundo, que frequentemente posso indicar o momento exato em que a dor fica mais fraca e desaparece sob as minhas mãos.

Eis como: a cabeça que sofre pode ser quente ou fria e todo o mundo sabe que uma dor de cabeça pode ser ocasionada por muitas causas diferentes. Mas independentemente dessas diferenças, uma característica só perceptível para os que têm o hábito de observar fica quase constantemente, a saber: uma sensação de aquecimento nas mãos se a dor desaparece, e a falta dessa sensação, se a dor persiste.

Esse fenômeno pode ser observado não apenas na cabeça mas em toda a superfície do corpo e, principalmente, no epigástrico. Se uma dada superfície da pele cobre um órgão sadio, o aquecimento subjetivo deve começar logo depois da imposição das mãos e chegar ao máximo em alguns minutos.

Algumas pessoas, às quais comuniquei esta observação, puderam constata-la mais ou menos facilmente; mas não posso

garantir que ela apresente em todo mundo o mesmo caráter ou a mesma clareza.

Passo por cima dos detalhes e das exceções porque não estou escrevendo um tratado médico, limitando-me a constatar que no futuro a faculdade de diagnosticar um mal invisível pela aproximação da mão torna-se teoricamente possível. Ela pode ocorrer simplesmente pela reação calórica até aqui negligenciada pela termometria médica.

Conhecem-se as relações íntimas que existem entre certas doenças e a temperatura superficial. Os estudos de Mantegazza demonstram que as dores em geral baixam a temperatura; as pesquisas de Charcot nos ensinam a distinguir a hemorragia cerebral do amolecimento do cérebro com a ajuda das indicações termométricas e Williams pretende que, segundo a temperatura observada, pode-se dizer a que categoria das doenças pertence um idiota. Já Hipócrates dizia: “O ar expirado que sai frio da boca e do nariz é um sinal mortal.”

Se assim é para as indicações gerais, torna-se provável que os índices detalhados, mais específicos, poderão dar uma ideia mais ou menos exata do estado patológico do organismo, dos quais os sinais termométricos estão longe de ser os únicos. As reações elétricas entram necessariamente em jogo. Eu mesmo fiz alguns estudos, encontrando, entretanto, alguns pontos obscuros.

O que é um pouco melhor conhecido e que se liga intimamente às apreciações das doenças pelos sonâmbulos são as *emanações materiais odoríferas*.

Aqui não se deve deixar induzir em erro pelas aparências. Os sonâmbulos parecem servir-se unicamente do toque ou de uma transmissão tátil à distância, mas eu constatei que eles se guiam também inconscientemente pelas sensações olfativas. O olfato é o sentido do inconsciente, assim como a vista é o sentido da consciência e o tato seu mestre comum.

A civilização sufocou esta ciência, ao mesmo tempo profunda e vasta, que os animais devem ao olfato; mas o sonambulismo e certos estados mórbidos dão-lhe seu valor. Não se deve esquecer que se o hipnotizado pode ficar insensível, respirando amoníaco,

ele também pode, um momento depois, sentir vivamente o odor de uma maçã a muitos metros de distância. Ora, é certo que nossas individualidades, nossos estados patológicos, mesmo nossos sentimentos, se traem por um odor especial que não percebemos conscientemente, mas que age sobre o olfato, deixando traços inconscientes no cérebro que se associam, por sua vez, com o estado que os provocou. E, em vista da lei da reversão psíquica, a sensação “a” pertencente ao estado “A” pode reproduzir este, como este pode reproduzir aquela.

A maior parte das doenças têm seus odores especiais que, marcando o grau da evolução patológica, podem mesmo conduzir a um prognóstico frequentemente certo. “No quarto de uma parturiente o odor ácido indica que tudo vai bem, que o trabalho da secreção láctica se inaugura. Ao contrário, o odor amoniacal fará temer a iminência da síndrome mórbida conhecida pelo nome de febre puerperal.” É o que nos diz o Dr. Vidal (de Cassis) no seu *Tratado de Cirurgia*.

É mesmo possível que certos estados psíquicos se revelem da mesma maneira, pois não resta a menor dúvida de que a exalação cutânea sofre alterações marcadas pela influência de muitas emoções. “A ação do sistema nervoso no perfume cutâneo – diz o Dr. Monin – é muito importante. Frequentemente as excitações morais, as paixões depressivas, as neuroses, o exalam ou o modificam.” Gamberini cita o fato de um jovem que depois de um amor contrariado e de ciúme violento, exalava de todo seu corpo um odor fétido muito forte. Eu mesmo observei uma histérica na qual a aproximação de um ataque se traía por um odor de determinado queijo. Há inúmeros outros casos observados nesse sentido. O que, segundo Hammond, o *odor de santidade* não é uma simples figura de retórica: é a expressão de uma santa neurose, perfumando a pele de eflúvios mais ou menos agradáveis, no momento do paroxismo religioso estático.

Os estados mentais diferentes, exprimindo-se por intermédio de uma ação do sistema nervoso, podem determinar um odor cutâneo especial. O odor exalado pela pele nas doenças mentais, odor assinalado em 1862 por Dagonet, foi estudado por Fèvre no seu trabalho sobre as alterações do sistema cutâneo na loucura.

Diz ele textualmente que o odor do suor entre os alienados tem emanções especiais *sui generis*, penetrantes e infectos; esse odor se encontra sobremodo entre os paralisados gerais e os dementes confirmados. Ele se impregna nas vestes, nos móveis, assim como nos quartos ocupados pelos alienados. Esse odor na loucura é tão característico que Burrows afirma que quando ele o sente numa pessoa, “não hesita em declará-la alienada, mesmo que não tenha outra prova” (!).

Essa exalação patológica pode mesmo ser localizada e ocupar um território da pele correspondente aos problemas internos. É compreensível também que a maior parte das *profissões* deva ter seus odores especiais. E que os tenham as doenças.

Na gota, as secreções cutâneas tomam um odor especial, comparado por Sydenham ao soro do leite. Ele é almiscarado na icterícia (Boerhaave); avinagrado na opilação do baço (Winslow); insípido na sífilis (Cullerier); urinoso nas doenças urinárias (cistites); no diabético o odor, quando ele sua, é da acetona (Picot). Ele é amoniacal na cólera (Drasch, Porker); ácido na chamada febre de leite; doce no período da invasão da peste (Diemerbroeck); odor de mel, segundo Doppner, que observa a peste em Vetlanka; odor de ácido fórmico no reumatismo, sobretudo ao nível das articulações enrijecidas (Monin).

Será difícil garantir a exatidão ou, ao menos, o valor prático de todas essas asserções. Elas, entretanto, são suficientes para mostrar que há uma base material para as apreciações misteriosas dos sonâmbulos, não somente do ponto de vista do diagnóstico, mas também para o prognóstico das doenças. Fica evidente que a doença não acaba na superfície do corpo; ela a ultrapassa.

Eu já mencionei as sensações que prova às vezes o magnetizador, quando toca no doente. Não fui o primeiro a observá-las. Nada de novo no hipnotismo! Cem anos antes de mim essas sensações foram descobertas e estudadas por um fisiologista e físico, já completamente esquecido. Ele se chamava Bruno e foi introdutor de embaixadores junto ao conde d’Artois, irmão do rei. Escreveu dois volumes sobre o magnetismo animal,

sem publicá-los. Morreu em 1818. Nessa época, sendo o magnetismo animal desacreditado pelos legitimistas da ciência, a família do morto não quis autorizar a publicação dessa obra; mas trechos dela se tornaram conhecidos.

Há coisas extraordinárias nas experiências de Bruno, que eu não saberia garantir. Parece que ele mesmo foi sensível e pode ser que a imaginação complementar não tenha sido de todo estranha ao que ele acreditava ter observado; mas como há uma certa analogia entre essas observações e as minhas, embora eu não seja hipnotizável, farei algumas citações. Diz Bruno:

“Se a natureza dotou aquele que magnetiza de certa delicadeza na sensibilidade dos nervos, ele sentirá exteriormente uma grande parte dos movimentos irregulares que têm lugar na pessoa magnetizada, as sensações serão para ele indicações seguras do trabalho que a natureza opera no doente. É verdade que todas as pessoas não são dotadas dessa sensibilidade e que esta nem sempre tem o mesmo grau de delicadeza na mesma pessoa. Graças à minha organização natural, tenho uma sensibilidade que se aperfeiçoou pelo uso habitual. Devo muito a esse uso e à atenção que dedico às minhas sensações. Se cada um fizesse o mesmo, esta propriedade se tornaria muito comum e poderia se desenvolver em alguns indivíduos uma delicadeza de sensações que pareceria bem mais extraordinária ainda do que tudo que posso relatar sobre as minhas.”

“As sensações – afirma ele – variam segundo o estado da pessoa que você magnetiza. Você sente, por exemplo, que o sopro que se projeta nas suas mãos é quente. Esse calor tem nuances que o hábito ensina a distinguir; elas consistem em um calor mais ou menos elevado, mais ou menos seco. Às vezes ele seca as mãos. Tenho o costume de umedecê-las; faço-o para conservar a sensibilidade de minhas mãos, pois ela diminui com a secura.

Em outras circunstâncias você provará sensações de frio e esse frio também tem graduações. Às vezes são *titilações* muito leves que se fazem sentir na extremidade dos dedos;

outras vezes são comichões, entorpecimentos. Sente-se também estremecimentos nervosos. Uma sensação de frio indica quase sempre uma obstrução, uma atomia. Um calor seco indica tensão nas fibras; um calor suave e úmido é sintoma favorável, que anuncia uma circulação mais livre e às vezes uma evacuação.”

Os formigamentos nos dedos indicam a existência de bile e de um sangue ácido; o entorpecimento da mão, dos dedos e de suas extremidades indica um defeito na circulação. O magnetizador sente às vezes um movimento de flutuação nos dedos, o que lhe indica que se está operando um movimento sanguíneo no doente.

Além dessas sensações nas mãos, Bruno também tinha sensações simpáticas em todo o corpo, de forma a, às vezes, sentir em si as dores dos doentes colocados perto dele ou mesmo a alguma distância.

“Conheço um homem – diz Deleuze, em sua obra *Instrução prática sobre o magnetismo animal* – que sente o mal daqueles que ele magnetiza, experimentando antecipadamente e, às vezes de maneira muito dolorosa, as crises que eles logo deverão sentir.”

Geralmente imagina-se que o contágio é sempre material. É um erro. Há duas espécies de contágio:

1º – O contágio material, que podemos ainda subdividir, mas que aqui não nos interessa. Seus agentes são os parasitas visíveis, os micróbios, os líquidos virulentos e os miasmas (eu ficaria muito embaraçado se me perguntassem o que é isso, mas afinal suponho que são gases deletérios).

Salvo os casos de comunicação direta do parasita ou da introdução direta do vírus no sangue, esse contágio jamais é inevitável; mas as pessoas não hipnotizáveis são a ele sujeitas da mesma forma que as hipnotizáveis.

2º – O contágio nervoso, que é duplo:

a) contágio nervoso psíquico (imaginação, imitação, ideoplastia) que poupa um grande número de pessoas

(cerca de 70 sobre 100), mas que se manifesta em um número maior de doenças ditas contagiosas ou não, mas sobretudo nas doenças nervosas do sistema cérebro-espinhal e ganglionar;

- b) o contágio nervoso físico (comunicação quase sempre por contato, mas quase unicamente depois de uma relação dita magnética); ela pode se aplicar a diferentes doenças, na maior parte não contagiosas materialmente, mas sobretudo a estados de esgotamento, males e dores.

É evidente que essas três categorias de contágio se combinam na prática, sobretudo as duas primeiras. A terceira pode ser considerada como relativamente insignificante na prática habitual. Ela tem, entretanto, para nós, uma importância teórica capital, já que esse ponto de vista constitui a base do simpatismo em geral, e da sugestão mental em particular.

Infelizmente, porém, estamos ainda longe de compreender esta base, que sustenta outros fenômenos ainda mais delicados. Todavia, é preciso fazer o possível para chegar a uma apreciação justa.

Examinemos primeiro o inverso da questão.

Se a doença se transmite por contágio nervoso, a saúde deve poder fazer o mesmo. Na verdade, uma e outra só experimentam uma relação; não são seres, são estados apenas. A saúde representa a harmonia das funções que mantêm o equilíbrio diante das influências do mundo exterior. A doença quer dizer o contrário, isto é, uma desarmonia das funções que não se opõem suficientemente às influências do meio ambiente. Se assim é, a saúde deve então ser, por assim dizer, mais contagiosa, pelo contato físico, do que a doença, uma vez que é mais expansiva, reage melhor. Falamos do ponto de vista físico, dinâmico.

Abstração feita do contágio material e do contágio nervoso psíquico, uma pessoa forte faz mais bem do que uma pessoa fraca faz mal.

Isso que chamamos de magnetismo animal, enquanto ação física, não é senão um contágio de saúde e de força. E, em suma,

aquele que é magnetizado ganha mais do que perde aquele que magnetiza. Aqui a analogia com o ímã é completa.

E se a ação magnética em geral pode ser considerada como contágio, a sugestão mental o é também, de um modo mais evidente ainda.

Todos os corpos aproximados tendem a equilibrar seus movimentos moleculares. Trata-se de uma lei compreensível compatível com todos os nossos conhecimentos e fáceis de se verificar em muitas categorias de fenômenos. Por que os corpos orgânicos seriam excluídos, eles que são centros de ação muito mais vivos, muito mais expansivos do que os corpos brutos? Além disso, entre esses movimentos moleculares, engendrados, isto é, transformados no seio do organismo, ele existe e a dúvida aqui não é possível. O calor está nesse caso. A eletricidade também, embora de modo menos evidente. Estas duas forças, isto é, estas duas categorias do movimento molecular não podem ficar circunscritas por uma superfície qualquer. O calor e a eletricidade escapam constantemente de todos os pontos e seria insensato supor que, se reagem sobre o meio ambiente, evitam os outros corpos orgânicos e permanecem indiferentes.

Ora, o calor animal e a eletricidade animal, sozinhos, bastam para explicar um grande número de fenômenos magnéticos. Sua fraqueza física nos enganou durante muito tempo. Imaginava-se que, para produzir um efeito fisiológico, eram necessários “pontos de fogo” ou baterias elétricas que contraem os músculos. Ora, o calor da mão é muito mais eficaz do que os pontos de fogo e a metaloscopia, a ação do ímã e das correntes elétricas muito fracas, muito mais eficazes do que a das correntes fortes. Quanto mais um remédio se aproxima dos agentes normais do organismo, mais ele atua. E, evidentemente, nada se aproxima mais das correntes internas, que regem a harmonia das funções, que estas próprias correntes, num organismo semelhante e melhor equilibrado. Não vejo nisso nada de extraordinário. Ao contrário, devia causar-nos espanto se a presença de um corpo vivo, isto é, de um complexo de vibrações e de correntes, ficasse sem influência em um outro complexo semelhante. O que é menos claro, no estado atual de nossos conhecimentos, é esta

afinidade específica das vibrações de certos órgãos por eles apenas, é a transmissão de um nervo para um nervo semelhante, em um outro corpo. Mas isso não é senão consequência de nossa ignorância. E depois, em dois pianos vizinhos as cordas semelhantes não vibram de modo semelhante? Se de dois fios vizinhos apenas um é percorrido por uma corrente elétrica, uma corrente análoga em sentido inverso não nascerá neste segundo fio, por indução? Portanto, há uma afinidade de natureza, e não há razão para que um nervo, perturbado nos seus estados moleculares, não atue por indução, principalmente sobre um nervo semelhante.

Sem entrar nessas questões de simpatismo eletivo das partes, é claro que todas as mudanças orgânicas podem se reduzir a mudanças para mais ou para menos; é claro, repito, que a energia, cuja intensidade é normal, atuando sobre muitas partes associadas, das quais algumas têm um excesso e outras uma falta de energia, tenderá a igualar suas tensões, isto é, a restituir o equilíbrio e, inversamente, uma associação de energias desiguais provocará uma ruptura de equilíbrio análoga, numa associação análoga.

“Todo ser vivo – diz Jussieu – é um verdadeiro corpo elétrico, constantemente impregnado desse princípio ativo, mas nem sempre na mesma proporção. Uns mais, outros menos. Daí concebermos que ele deve ser impelido para fora por uns e atraído ou reaspirado evidentemente pelos outros; que a vizinhança daquele na qual ele abunda é aproveitável àquele que tem falta. A coabitação da criança com o velho é útil a este e nociva àquela. Os vegetais errantes, próximos de viveiros, são vigorosos e frescos; mas vizinhos das grandes árvores, eles secam e morrem.”

O que Jussieu diz da eletricidade se aplica igualmente a todos os movimentos moleculares e a todos os estados orgânicos, embora essa influência possa não ser visível senão depois de uma transformação múltipla, devido à influência do meio.

O fato da transmissão fisiológica entre o corpo de uma criança e de um velho pode ser empiricamente constatado? Até o

momento a ciência moderna não se tem ocupado destas questões; mas a ciência antiga achava isso muito natural e a tradição dos povos o consagrou. Contaram-se muitos casos de cura, sobretudo em doenças reumáticas, efetuadas unicamente por contato de pessoas ou mesmo de animais jovens e sadios. Em um dos casos, extraordinário demais para ser citado como prova, as galinhas serviram de remédio e elas morreram depois de terem curado o doente! Menciono este fato apenas para chamar a atenção para o que se passa todos os dias no campo e os médicos, talvez, se enganem ao desdenhá-lo.

Enumeremos os fatos que acabamos de examinar:

- 1) Transmissão do esgotamento, de uma fadiga nervosa causada por uma doença grave qualquer ou por um estado análogo. Essa transmissão é comum, frequentemente em proveito do doente.
- 2) Transmissão da saúde e das forças, ação reguladora de um organismo bem equilibrado sobre um outro que não é. Esta ação é ainda mais comum e ela se efetua à custa do transmissor.
- 3) Transmissão fraca das dores e de outros sintomas análogos que permitem apreciar o estado do doente, quer por uma sensibilidade excepcional do toque e do olfato, quer por sensações simpáticas análogas, em órgãos análogos.
- 4) Transmissão forte das dores e de outros sintomas patológicos, que comunica uma doença análoga aos pacientes momentaneamente hiperestesiados, de maneira a produzir um estado patológico mais ou menos durável. Essa transmissão é rara, à exceção do contágio material do nervo psíquico.

CAPÍTULO III

Transmissão dos estados emotivos

Passemos agora ao quinto grupo: transmissão de sentimentos e de estados emotivos em geral. Estas transmissões são um tanto comuns, só que se efetuam raramente por “influência” pura e simples, no sentido eletrotécnico do termo. Mais frequentes, as percepções ordinárias dos sentidos, da vista e da audição ajudam a comunicação direta, por induções maquinais, mais ou menos inconscientes. Sabemos como é fácil adivinhar o estado mental de uma pessoa conhecida pela expressão de sua figura e o timbre de sua voz.

Como é a transmissão direta que nos interessa, examinaremos sobretudo os fatos nos quais outras influências são mais ou menos eliminadas.

No fato seguinte, a influência da imaginação não está excluída, mas ela é pouco provável. Tomo este fato de um magnetizador conhecido, o Sr. Lafontaine, cujas conferências experimentais feitas em Manchester suscitaram a Braid a ideia primeira de suas descobertas:

“Certo dia, magnetizando um de meus amigos, Devienne, pintor, obtive um efeito apropriado para fixar a incerteza sobre a existência e a comunicação do fluido vital. Devienne sofria de uma dor de cabeça que o impedia de trabalhar. Ele me propôs que eu o aliviasse. Consentiu, mas com a condição de que ele me desse um copo de vinho de Bordeaux, pois eu estava fatigado. Ele se apressou em satisfazer meu desejo; comi um biscoito, tomei um copo de vinho e comecei a magnetizar. Concentrei toda minha ação no cérebro e no estômago, colocando as mãos sobre esses dois órgãos e, sempre magnetizando, tomei outro copo de vinho. Meu doente tinha os olhos fechados sem poder abri-los; mas ele não dormia. Depois de uma hora de magnetização, a dor de cabeça desapareceu, mas meu amigo estava numa alegria fora do comum, como se tivesse bebido. Eu o desliguei prontamente e, para minha admiração, o efeito continuava.

Suas pernas se sustentavam a custo. Ele não havia tomado nada e eu só tinha bebido dois copos de vinho, sem sentir qualquer efeito. Meu fluido estava, pois, carregado de partes espirituosas contidas no vinho e eu as transmiti ao doente sem que restasse qualquer traço em mim.”

Ao lado desse relato eu coloquei, há alguns anos, um ponto de exclamação. Hoje eu não acho o fato impossível. É interessante que o álcool se tenha transmitido diretamente, sem ter produzido um efeito marcante no magnetizador.

Lafontaine conta que na sua prática e na de outros magnetizadores ele encontrou não só esse fato de transmissão de sensações físicas, mas também de sensações morais, o doente ficando triste ou alegre, se o magnetizador estivesse indisposto ou preocupado. Nem sequer era necessário que os doentes fossem adormecidos para provarem esses diferentes efeitos físicos e morais; bastava que fossem magnetizados.

Devo assinalar que no caso de Devienne a transmissão teve lugar num estado intermediário entre o sono e a vigília. Ora, lembremos que, no caso da Srta. M., que sentia o estado moral das pessoas que a cercavam, esse fenômeno se manifestou sempre no momento de despertar. Isso, porém, não impede que, sendo o sonambulismo um estado muito variável, muito elástico, as condições do monoidéismo possam ser realizadas momentaneamente e, então, o mesmo fenômeno pode ter lugar.

Baragon observou um caso análogo em que uma jovem que ele magnetizou ficou embriagada. Entretanto, ele mesmo não estava nesse estado, mas tinha bebido. Pelo efeito da transmissão, produziu-se embriaguez numa jovem delicada, eminentemente mais sensível que um homem aos efeitos do álcool.

Trata-se também de um caso de transmissão involuntária, com a aparência de uma amplificação, devido à sensibilidade do sujeito. Mas é provável que, nesse caso, o contágio psíquico tenha desempenhado um certo papel, isto é, que a paciente imaginou ter um caso com um bêbado e que em um momento monoidéico esta ideia se realizou nela mesma por ideoplastia.

“A transmissão das sensações – diz o mesmo autor – se estende aos dois outros seres por uma harmonia geral e simpática. As impressões morais, de despeito, de cólera, de alegria, serão perceptíveis ao segundo, se elas afetarem o primeiro. Este organismo, todo ele subjugado, corpo e espírito, provará, melhor ainda do que eu, que o domino, as delicadas variações da opinião que podem ter as pessoas que me cercam sobre mim, nas minhas experiências, no magnetismo; e isso porque, sentindo uma a uma todas as minhas sensações, ele as analisa melhor do que eu mesmo, no recolhimento que lhe permite sempre esta semi-separação da matéria.”

Sem falar da “separação da matéria”, que não é apenas uma frase, reconheceremos que o sujeito pode sentir-se relativamente melhor por duas razões: primeiro porque ele está hiperestesiado e segundo porque ele está isolado. Hiperestesiado, isto é, como se um excitante insuficiente para mim, pode ser incômodo para ele. Não há amplificação real nas transmissões nervosas, como em qualquer transmissão; mas às vezes tem a aparência de uma amplificação, como, por exemplo, no último caso da embriaguez transmitida. É como se se tratasse de um peso que suportamos muito bem e que passamos para outra pessoa, fraca demais para suportá-lo. Ele está isolado, isto é, ele não está distraído; ele percebe melhor o que está em relação com a esfera de suas ocupações momentâneas e compreende melhor que nós o que significa uma entonação de voz, uma pequena risada, uma palavra que escapa de alguém. Ele não tem necessidade de “analisar” as sensações; é suficiente, para ele, sofrer a ação das associações baseadas na experiência inconsciente.

Sei que Baragnon objetará que o sujeito, estando isolado, não pode ouvir aquilo que fazem as pessoas estranhas. Mas é ainda um fenômeno complicado. O sujeito não ouve senão o seu magnetizador, o que quer dizer que ele responderá somente às suas perguntas e pode-se mesmo dizer que ele realmente não ouve, no sentido exato da palavra. Mas engana-se quem acreditar que as sensações auditivas estranhas permanecem completamente sem ação. Elas entram no cérebro e é então que

se produz um fenômeno que chamarei de *audição latente*; as impressões assim entradas (não digo percebidas) se associam, como todas as outras, se combinam e dão resultantes que, em dado momento, podem aparecer entre os outros estados mais intensos.

A lucidez (e eu não digo clarividência, mas lucidez como faculdade de refletir), aquela que é própria do sonambulismo ativo, deve ser considerada como inconsciente devido ao esquecimento completo ao despertar e as sensações latentes que não são percebidas no sonambulismo, mas que entram no cérebro, ali produzindo uma ação comparável às ações habituais, estas ações, afirmo, devem ser consideradas como um segundo grau de inconsciência. Abaixo da consciência há mesmo muitas camadas da inconsciência.

Toda uma série de fatos prova isso, e ousarei dizer que os fenômenos hipnóticos em geral seriam mais ou menos incompreensíveis sem esta graduação da inteligência. No momento é suficiente tirar dessas reflexões uma moral prática:

Se se quiser fazer experiências sérias, deve-se sempre considerar o sujeito adormecido, mesmo em estado de a-ideia profunda e apesar de todas as provas ordinárias de uma surdez ou de uma cegueira completa, como se ele estivesse acordado.

E “desconfie da sugestão!”

Este preceito de Bernheim deveria estar escrito em todos os laboratórios hipnóticos. Somente Bernheim não acredita, ou pelo menos não acreditava ainda na sugestão mental, ao publicar seu tratado.

Não se duvida nada, entre os sábios hipnotizadores, que fazendo experiências em um sujeito eminentemente sensível, inculca-se nele suas teorias, seus conhecimentos, suas crenças, mesmo suas suposições, e que se chega, assim, a se divertir consigo mesmo, acreditando-se fazer descobertas. Invocam-se os fenômenos como os exorcistas invocavam o diabo. Pois desconfiem vocês também da sugestão mental!

Baragnon, que era um bom prático e um observador muito perspicaz, aponta ele próprio certas ilusões desse gênero e nós citaremos algumas.

Um estado muito favorável às transmissões dos sentimentos e das emoções se obtém facilmente também na fase hipotáxica, isto é, no estado que resulta de uma concentração passiva da atenção, antes que a hipnose propriamente dita se manifeste. É um estado intermediário entre o sono e a vigília.

Ele é frequentemente obtido entre as pessoas que, colocando as mãos sobre uma mesa, esperam pacientemente que ela comece a girar. As pessoas também se divertem em sociedade, colocando ao “espírito” (isto é, ao inconsciente dos médiuns) questões relativas ao estado psíquico dos assistentes. Descobrem-se assim não somente o bom ou mau humor, os temores, os tédios, as confianças ou incredulidades, mas também as inclinações do coração, as simpatias e as antipatias dos assistentes.

Esse fenômeno foi muito comum entre os possuídos e os demoníacos dos séculos passados e, evidentemente, era explicado pela intervenção do diabo.

Um caso complicado foi observado por Charpignon:

“Ele prestava serviços a uma senhora casada. O marido dela, primeiro incrédulo, levou de tal maneira a sério os fenômenos que aconteciam e dos quais foi testemunha, que seu espírito ficou perturbado; ele só se ocupava de altas questões do destino humano e, tendo evidentemente uma tendência à melancolia, entregou-se a uma profunda exaltação e teve até ideia de fazer estourar seu cérebro para chegar mais depressa ao completo conhecimento das coisas. Teve, entretanto, suficiente discernimento para esconder seus pensamentos de sua mulher, passando a morar em outro aposento.

Durante esse tempo, as ideias da sonâmbula refletiam as perturbações mentais de seu marido. Uma excitação seguiu-se ao desencorajamento e ela gritou:

– Sim, se eu tivesse uma arma, eu estouraria a cabeça!

O marido tinha chegado, atraído pelos gritos.

– Ouve – disse a sonâmbula a seu esposo –, tu deves viver já que foste mole demais para querer morrer.

O autor acrescenta a esse fato as seguintes reflexões: inquietações vivas ou aflições profundas podem ter resultados tão funestos quanto uma doença. O sonâmbulo sente as angústias do magnetizador com muito mais dores, que ele não sabe a que atribuir o mal que o aflige.”

É de se notar que, no fato citado, não foi o magnetizador a causa das perturbações, mas uma terceira pessoa, unida somente à sonâmbula por ligações de uma simpatia e de uma vida em comum.

Deleuze disse a esse propósito:

“A ação do pensamento de um indivíduo sobre outro é ainda um fenômeno inexplicável, mas nosso pensamento se comunica pela palavra, pelos gestos, isto é, pelo som, pela luz. Sabemos nós, por acaso, se as modificações de nossa alma não se podem tornar sensíveis por outros meios? A que devemos esse sentimento, inerente à natureza humana, que nos faz desejar que um amigo ausente se preocupe conosco? O magnetismo dá um novo motivo a esse desejo: ele nos explica como aquele que se ocupa de um outro e para seu bem age sobre ele, como uma vez restabelecida a relação, seja pelo afeto e pelos hábitos, seja pelos meios físicos, pode existir uma comunicação entre dois seres que são forçados a viver separados um do outro... Desejo observar apenas que a filosofia ganharia muito se fizesse entrar na ordem natural e física os fatos que têm uma aparência de maravilhoso e que são, entretanto, atestados por homens esclarecidos. Não é a crença nesses fatos e sim as consequências que deles se tira que são a causa da superstição.”

Estas observações justas deveriam dar o que pensar àqueles que só admitem uma coisa: a inviolabilidade das verdades admitidas. Irei mais longe, dizendo que o espírito humano é pouco inventivo para criar um preconceito qualquer, sem qualquer base empírica. Trata-se somente de saber precisar onde

esta termina e onde começam a imaginação complementar e os erros.

Mas, quanto à importância prática desses fatos reais, ela está longe de poder satisfazer às aspirações “das almas sensíveis”. Os fatos das comunicações inconscientes, que podem ser frequentes, se perdem completamente sob a torrente das impressões e das associações normais, e os fatos da comunicação pura, experimental, são de tal forma raros que eles não poderão apresentar um valor prático, antes que se descubram todas as condições exatas de sua manifestação fisiológica.

Mas voltemos aos fatos. Jamais devemos nos inquietar com as aplicações quando se trata de uma verdade nova de ordem teórica. Acumulamos os fatos para chegar a uma boa teoria, e a aplicação virá por si.

Esta verdade às vezes nos embaraça.

“Acontece frequentemente – diz o conde de Maricourt – embaraçar-me e confundir-me a clarividência dos sonâmbulos, experimentando impressões ou adivinhando sentimentos que eu gostaria de esconder deles.”

Não contesto o fato, mas o advérbio frequentemente é, por assim dizer, demais. Eu poderia citar muitos fatos semelhantes, mas devido ao seu caráter íntimo e complicado são difíceis de ser contados sem entrar em numerosos pormenores explicativos que sobrecarregariam demais nosso estudo e de nada serviriam para convencer os incrédulos. São fatos que devem ser observados. Mas não se deve imaginar que um sonâmbulo “clarividente” descobre ou reproduz todo o tempo as nossas sensações. Aliás, os sonâmbulos que o conseguem são raros e isso não lhes acontece todos os dias. Como em todos os fenômenos de transmissão, há só momentos, de um quarto de hora mais ou menos, em que eles têm lugar.

Isso se aplica sobretudo nas transmissões claras, experimentais e nas sensações detalhadas. Conhecemos já bem alguns desses fatos. Vejamos agora alguns outros observados por outros experimentadores.

Começemos com Baragnon:

“Antes de nos voltarmos para o estudo da ligação moral e misteriosa que se estabelece pela via do fluido nervoso entre dois seres, é bom que se observem fatos que revelam uma intimidade não menos anormal e miraculosa entre dois corpos.

Profundamente ligado aos fatos físicos, porque eu creio que são eles que salvarão o magnetismo da destruição dos tempos até que as inteligências se abram para ele (Baragnon escreveu em 1853), eu vejo na transmissão da sensação uma nova alavanca contra a resistência.

Qual será essa comunhão íntima entre dois seres que a dor mais leve, as impressões físicas mais diversas, percebidas por um, repercutem no outro?”

Há sujeitos que sentem a sensação sem serem influenciados pelo pensamento e vice-versa; e no mesmo sujeito um desses dois fenômenos pode se manifestar, sem o acompanhamento do outro. As sensações se transmitem geralmente num estado monoidéico, no qual a *imitação dos movimentos* também existe, ao passo que a transmissão das ideias parece exigir um monoideísmo um pouco menos passivo e um pouco mais absorvido ao mesmo tempo; ele talvez esteja mais próximo do *poli-ideísmo* do que o outro, enquanto o estado que favorece a transmissão da vontade parece ainda mais passivo e mais próximo do a-ideísmo.

O mesmo autor faz ainda uma observação justa a propósito da influência mental durante as experiências em geral:

“Digamos, a este propósito, que ao tentarmos provas de insensibilidade no magnetizado e que, no momento em que operarmos as queimadelas, sentiremos certas impressões de nosso ato, um sentimento de repugnância e de mal-estar em cometer estas *crueldades*, e que nesse caso o paciente, por um efeito de transmissão de sensações, estremecerá também, não de dor, que é nula, mas em virtude de nossa própria angústia. É aqui que poderemos julgar se a recomendação de calma e de sangue frio é de grande importância. A reação do magnetizador no sujeito é, em tais condições, a primeira fonte

do remédio, como em estado contrário, a ativação do princípio perturbador.”

Isso é muito justo. Houve há tempos (em 1845) uma viva polêmica nos jornais consagrados ao magnetismo, a favor e contra experiências de insensibilidade, sobretudo entre Lafontaine, que as fazia publicamente, e Brice de Beauregard, que as considerava infames, entre outros motivos devido ao mal que os sonâmbulos sofriam durante ou depois do despertar. Até hoje não posso compreender esta polêmica. Fiz frequentemente experiências de insensibilidade em sonâmbulos; com a autorização de muitas pessoas, eu lhes impunha toda sorte de torturas aparentes, picadas, queimadelas com vela derretida, etc.; com as picadas, mesmo profundas, jamais tive o menor acidente. Em dois casos de queimaduras, uma com vela derretida e outra com ferro em brasa, o processo inflamatório seguiu seu curso normal, mas sempre sem o menor sofrimento, nem durante nem depois do sono. Foi até com grande impressão que soube que certos magnetizadores observam sempre maior ou menor dor depois do despertar. Hoje eu compreendo; depois da primeira experiência, perfeitamente bem sucedida, tive certeza de que o sujeito pode não sofrer nada, e esta certeza eu a sugeri efetivamente aos meus pacientes, ao passo que os operadores que começaram por ter um acidente acabaram conservando uma crença, uma emoção, uma inquietude, uma compaixão inútil que influenciam seus sujeitos. E há mais: o homem mais humanitário possível, o mais suscetível moralmente entre os magnetizadores, Deleuze, *jamais pôde provocar a insensibilidade*, e entretanto em outros (Esdaille, Baragnon, Lafontaine, Du Potet, etc.) a anestesia constitui um dos caracteres mais constantes do sono nervoso! Eis o que a respeito acrescenta Deleuze, depois de citar muitos casos de insensibilidade confirmados pelos médicos:

“Meus sonâmbulos jamais a apresentaram; sua sensibilidade era, ao contrário, mais delicada que em estado de vigília; o contato de um corpo não magnetizado era-lhes desagradável e o toque de uma pessoa estranha lhes fazia muito mal. Tenho certeza de que os sonâmbulos experimentaram convulsões e despertaram em virtude de

serem tocados bruscamente por alguém com o qual não estavam em “rapport” (relação).”

Tudo isso é verdade, mas os adversários também têm razão.

Provoca-se a insensibilidade quando se está seguro de que ela deve produzir-se.

E isso serve para todos os outros fenômenos, acidentes, estados – evidentemente tendo em conta o grau e a natureza da insensibilidade hipnótica do sujeito.

“Certo dia – diz Perronet – pareceu-me que um sujeito estava fatigado e que as poses que ele assumia, contra as leis da gravidade, deviam utilizar seu poder muscular; imediatamente, no momento preciso de minha concepção, errada sem dúvida, vi seus membros caírem em uma flacidez inerte; erguidos, eles caíam, como massa bruta ou como braços de polichinelo... Quatro ou cinco minutos depois, adquiri, num momento de mau humor, a firme vontade de fazer reviver naquele sujeito as propriedades inerentes ao estado cataléptico; tive a satisfação de conseguir. Desta experiência concluí que, nos fenômenos de catalepsia, tudo depende da direção volitiva ou intuitiva do operador, sem omitir as predisposições subjetivas do cataleptizado.”

Observemos bem que Mesmer, o homem vivo e irascível que desdenhava o sonambulismo, obtinha-o raramente, ao passo que ele obtinha quase sempre *crises* convulsivas, por ele consideradas necessárias; que Puységur, homem calmo e humanitário, raramente obtinha espasmos e quase sempre conseguia o sonambulismo; que o enérgico Lafontaine produzia profundos e tenazes; que se o crédulo Billot não fazia senão obedecer às divagações espontâneas de seus sonâmbulos, Donato, pleno de confiança em si mesmo, domina-as como feras domesticadas; que se muitos magnetizadores recomendam o mais profundo silêncio para não retardar a chegada do sono, o abade Faria e o general Noizet o provocavam gritando bem alto: “Durma!” Que se certos magnetizadores não chegam a provocar sugestões, a escola de Nancy só age por sugestão; que se os três estados clássicos se mostram todos os dias em Salpêtrière,

raramente ocorre em outros lugares; que “a causa que faz, desfaz”, mas raramente fora de *La Pitié*...

Isso é absolutamente como são os remédios novos, que só agem eficientemente num momento da fama.

– Pode ir embora, porque agora ele está curado!

Mas, então tudo é ilusão!... Tudo é apenas sensação, sentimento, crença dos operadores?

Não. Há verdades em todas essas observações opostas, só que é preciso não se deixar enganar por uma primeira impressão, se entusiasmar por uma ideia que não é mais que possível, por uma observação que talvez não seja devida ao acaso ou a circunstâncias particulares.

É preciso conservar na corrente da pesquisa uma *neutralidade de sentimentos*, pois todas as presunções, um tanto fortes, repercutem no sujeito eminentemente sensível e induzem a erro. É bom não esquecer que não se está lidando com um cometa, que não liga ao telescópio, nem com uma combinação química, que sofrendo a ação de um reativo, não se inquieta.

Agora passemos às experiências mais recentes, entre as quais é preciso citar as que foram feitas pela *Society for Psychical Research*, que tanto tem contribuído para a extensão dos estudos psicológicos delicados, até este momento completamente negligenciados.

“*Comunidade de sensações* – Passaremos para uma questão muito controvertida e discutível. Nós sustentamos que frequentemente temos observado uma comunidade de sensações verdadeiramente notáveis, entre o operador e seu sujeito, fenômeno que poderá ser chamado mais exatamente de *transmissão de sensações*. Esse fenômeno é, evidentemente, intimamente ligado àqueles dos quais se ocupa o comitê de transmissão mental. Nossas experiências diferem destas, em que o sujeito não está no seu estado normal, mas se encontra em um “sono mesmérico”. Eis como elas foram arranjadas. Fred. Walls (um jovem de 20 anos, o sonâmbulo) estava sentado numa cadeira, os olhos vendados, e o Sr. Smith estava atrás dele. O sujeito foi adormecido pelo

Sr. Smith com a ajuda de alguns passes. Este último foi, então, beliscado em diferentes lugares, de forma um tanto forte, e esta operação durou um ou dois minutos. Um silêncio absoluto foi observado, com exclusão de uma questão necessária:

– Você está sentindo alguma coisa?

Esta pergunta foi pronunciada pelo Sr. Smith, pois parecia que o sujeito não ouvia as outras pessoas. Na primeira série de experiências o Sr. Smith segurava uma das mãos do sujeito, mas esta precaução verificou-se inútil, uma vez que todo contato entre o operador e seu sujeito foi rompido nas experiências ulteriores.”

O resultado foi: em 16 experiências, 13 sucessos e 3 fracassos, na primeira série.

Na segunda série, em 24 experiências concernentes ao fato, houve 20 sucessos.

O protocolo foi assinado por W. F. Barret, Edmund Gurney, Fredrich H. Myers, N. Ridley, W. H. Stone, George Wyld e Frank Podmore.

De todas essas experiências podemos tirar algumas conclusões relativamente às vibrações nervosas, que não conhecemos ainda, e suas relações com a transmissão.

Em resumo:

Há correntes elétricas nos nervos? Sim. As correntes elétricas têm a propriedade de se induzirem à distância, apesar dos obstáculos de toda sorte? Sim. Esta indução é sempre palpável? Não. Para isso são necessários instrumentos de uma sensibilidade extrema, isto é, de bons pacientes. Há uma relação constante entre as excitações dos nervos e as correntes elétricas desses nervos? Sim.

Ora, é suficiente que uma excitação de um nervo A , acompanhada de uma mudança elétrica a , provoque, por indução, uma mudança análoga a' , em um nervo A' , para que esse nervo reproduza a excitação dada, em razão do princípio das associações organo-inorgânicas.

Não é contrário à razão que esta transmissão, ou esta indução, possa também ser dirigida, isto é, que mesmo sem a intervenção de correntes elétricas as correntes nervosas possam se induzir.

Não há, pois, necessidade de admitir uma força nova para tornar compreensíveis esses fenômenos: basta alargar e subtilizar um pouco as propriedades das forças conhecidas e as leis das reações, provavelmente inerentes a todos esses movimentos da natureza.

Enfim, é preciso não esquecer que uma localização exata é muito rara. Há sujeitos que sentem bem a dor num órgão correspondente, porém não do mesmo lado. Parece que a indução vai então para o lado mais sensível, ou para *nodi minoris resistentiae*.

CAPÍTULO IV

Transmissão das ideias

Com a transferência das sensações, deixamos o terreno da localização simpática. As ideias não são mais localizadas.

Evidentemente, como em tudo, há graus.

As sensações da vista e da audição têm menos relação local com seus órgãos do que as sensações do tato, mas elas se aproximam de tal forma das ideias propriamente ditas que é inútil tratá-las à parte. Se eu transmito a imagem de um rei de ouros olhando-o ou apenas imaginando-o, não haverá senão uma diferença de grau de clareza da representação, ao passo que nas sensações táteis o elemento emocional constitui uma diferença marcante.

Na esfera das ideias a ação é mais sutil e é presumível que uma transmissão direta e clara será mais rara ainda.

É sobretudo à Sociedade Inglesa de Pesquisas Psicológicas que cabe a honra de ter realizado um grande número de estudos a respeito, feitos com uma precisão e uma perseverança notáveis. Eles devem ser considerados não somente como o ponto de partida do estudo da sugestão mental, mas, em geral, um novo voo de toda a ciência psicológica. Não há dúvida de que eles fazem época na psicologia moderna.

Em muitos dos meus escritos poloneses, a partir de 1869, e sobretudo num estudo atual sobre a psicologia, publicado em 1881 pela *Revue Philosophique* de Ribot, salientei a necessidade absoluta de trabalhos coletivos em psicologia. Foi a Sociedade Inglesa que os realizou primeiro, dando um passo enorme nestes últimos anos.

Os resultados das pesquisas desta Sociedade no campo da sugestão mental estão consignados em quatro relatórios de um comitê especial do qual faziam parte Edmund Gurney, F. W. H. Myers, F. Podmore e W. F. Barret, professor de Física do Royal College of Science for Ireland. Também foram feitas experiências por Henry Sidgwick e pelo professor Balfour Stewart. Elas foram realizadas em Buxton, Cambridge, Dublin,

Liverpool, etc. Em toda parte o resultado foi o mesmo: a constatação da existência do fenômeno. Elas compreendiam baralhos, diferentes objetos, nomes e números. Mas os resultados mais interessantes foram obtidos com figuras desenhadas.

Minhas experiências com desenhos são muito menos notáveis, mas cheguei à conclusão de que há grandes diferenças individuais, sobretudo concernentes ao sujeito, assim como aos operadores. Creio, por exemplo, que uma imagem mental alucinatória se transmite melhor do que uma imagem realmente vista, apesar da clareza aparente maior neste último caso. Mas é certo que uma imagem mental alucinatória é mais monoidéica do que uma imagem simplesmente vista. Há também diferenças em relação ao sujeito: uns são mais influenciados por imagens visuais, outros por sons mentais, outros por imagens motrizes. Parece também que a transmissão é sensivelmente favorecida quando duas pessoas, capazes de concentrar bem seu pensamento, agem ao mesmo tempo e quando uma pensa com a ajuda de imagens visuais e a outra com a ajuda de sons das mesmas imagens, pronunciados mentalmente.

Mas o que é sobretudo digno de atenção e o que surge de minhas experiências, é que os êxitos se manifestam por séries, isto é, que há flutuações no estado do sujeito que favorecem ou se opõem à transmissão. Estas séries são talvez mais constantes no estado de sonambulismo do que no estado de vigília, mas o princípio da impressionabilidade simpática permanece sempre o mesmo. Para que possa ter lugar a transmissão, o cérebro não deve estar muito entorpecido nem muito distraído (poli-ideia) nem muito absorvido nas suas próprias ideias (monoideia ativa); ele deve, ao contrário, estar passivo, mas capaz de funcionar com absorção. Quanto mais o estado momentâneo se aproxima deste limite, maior é a chance de êxito.

À parte a transmissão imediata, existe uma transmissão latente e retardada. O estado do sujeito pode não permitir uma comunicação direta (devido à pressão das ideias que o ocupam ou devido ao entorpecimento cerebral); mas a comunicação se efetua insensivelmente e a ideia *percebida às escondidas* aparece de um modo despercebido em uma experiência seguinte, ou fora

da experiência. Richet já fez esta observação, muito importante, de que a transmissão se efetua mais facilmente do consciente para o inconsciente do que entre dois estados conscientes. Será mais fácil entre dois estados inconscientes? No momento não estamos em condições de esclarecer esta questão.

De qualquer forma sabemos que as melhores condições para as transmissões conhecidas são as seguintes:

da parte do operador: estado de monoideísmo declarado e ativo;

da parte do sujeito: estado de monoideísmo nascente, passivo.

O primeiro se aproxima do poli-ideísmo e o segundo do a-ideísmo. Em consequência, o sujeito-receptor não deve refletir nem adivinhar, mas sentir a ação da ideia transmitida. Pode-se dizer que esta transmissão – mesmo quando tem lugar num estado inconsciente – se efetua sempre por intermédio das camadas inconscientes do espírito. Eis por que o sujeito raramente pode dizer de onde lhe vem a ideia transmitida e ele tende mais a considerá-la como um ato espontâneo de seu próprio espírito do que uma sugestão recebida. Duas ou mesmo muitas ideias podem ser transmitidas ao mesmo tempo por dois ou muitos transmissores, mas então elas sofrem ainda maior influência do meio individual que as recebe, confundindo-se, geralmente, num resultado, num complexo modificado e assimilado às associações pessoais.

É permitido supor que a maior parte das transmissões realizadas na vida comum permanecem inconscientes para sempre. Elas nos explicam em parte esse fenômeno, indubitável na história da civilização, segundo o qual certas ideias, certas tendências e aspirações, dominam em certas épocas, e as reformas e revoluções se manifestam por vezes simultaneamente, em regiões afastadas e quase sem relações recíprocas.

Os primeiros séculos do Cristianismo, a época das Cruzadas, a da Renascença, a da Grande Revolução, são exemplos. É também notável que o movimento literário conhecido sob o nome de romantismo tenha feito sua evolução quase

simultaneamente em toda parte, mesmo no Japão; que os anos 1830-31 e 1846-48 se assemelham tanto em diferentes países, etc.

Há epidemias de ideias, incontestavelmente. Mas aqui ainda, como nas categorias precedentes de transmissão, a imitação prevalece sobre a comunicação direta; limitemo-nos, entretanto, a assinalar um elemento a mais na explicação positiva de certas comunidades de espírito, um elemento de resto muito pouco perceptível, na mecânica geral da história.

Desde que se chegou a se convencer da possibilidade de uma transmissão do pensamento, deve-se esperar encontrar traços disso, mesmo na antiguidade. Por mais raro que possa ser, esse fenômeno não deveria escapar de autores que escrupulosamente notaram as manifestações extraordinárias das faculdades humanas.

Limito-me a registrar alguns exemplos somente, visto o pouco valor científico dessas observações distantes.

Santo Agostinho conta que, na época em que ele era maniqueu, costumava consultar adivinhos. Licentius, que ele põe em cena em seus livros contra os acadêmicos, lembra-o da lucidez de um certo adivinho chamado Albicerius. Certo homem sábio e célebre vai à procura de Albicerius, depois de ter elaborado o projeto de adquirir uma herdade, e o entretém com o fim de lhe fazer revelar esse desenho secreto, a fim de julgar sua habilidade. O adivinho lhe diz a natureza do projeto e ainda lhe especifica, sem hesitar, o nome da herdade, tão bárbaro e difícil que o próprio consulente, o sábio Flaccianus, quase não se lembrava mais. Albicerius adivinhou ainda o pensamento daqueles que o interrogavam.

Há ainda o caso do padre Ars, morto em 1876, que lia, segundo se diz, o pensamento dos que o consultavam e desconcertava, pela segurança infalível de sua visão, os céticos. Joseph de Cupertius, canonizado sob o nome de São Cupertino, famoso por suas numerosas ascensões, tinha o dom de ler o pensamento dos penitentes que não ousavam confessar-lhe alguns pecados pesados.

Graças a um preconceito fatal da humanidade, provas quase certas da transmissão do pensamento já eram recolhidas no século XVII. Falo da opinião que admitia a existência de demônios e sua encarnação no corpo de certos infelizes. Esse preconceito, como todos os preconceitos, aliás, não era de todo privado de fundamento. Os fatos sobre os quais ele se baseava eram fatos reais. A sua interpretação é que era errada, pois ela refletia um estado lamentável de conhecimentos. A excentricidade de uma moléstia terrível que hoje não mais nos assusta graças aos trabalhos clássicos de Charcot, e que aparece frequentemente no terreno favorável de uma grande sensibilidade hipnótica, fez crer aos observadores dos séculos passados que era preciso uma força estranha ao homem e uma força diabólica, para explicar essas manifestações. E como o diabo não se pode apoderar de um corpo batizado senão com o consentimento de sua alma, queimavam-se esses infelizes, para facilitar-lhes a expiação de seus pecados.

Diminuía-se, assim, nossa herança neuropatológica, destruindo-se ao mesmo tempo grande número de excelentes sujeitos hipnóticos.

Não se deve imaginar, entretanto, que se procedia irrefletidamente para condenar um homem ou uma mulher acusados de demonolatria. Ao contrário, ninguém era considerado *possuído* antes de um sério exame.

Segundo o ritual, o padre chamado para exorcizar devia, depois de preparado pelo jejum, pelas orações e outras boas obras, ao sair da santa missa, coberto, mandar interiormente que o demônio lhe fizesse um sinal. E o demônio, forçado a obedecer, devia se revelar. Assim, segundo o ritual, só se devia exorcizar os doentes que poderiam desfrutar da faculdade maravilhosa de conhecer os pensamentos não expressos.

Evidentemente, tal não era a interpretação dos exorcistas. Acreditava-se, ao contrário, impossível a transmissão de pensamento e se, apesar de tudo, o doente respondesse às perguntas mentais, em estado de crise hístico-epilética, ou em estado de sonambulismo espontâneo, isso era prova de que ele não estava doente, mas possuído. Admitia-se que o diabo, que

era um espírito, mas um espírito maligno, era capaz de ouvir os pensamentos; mas um simples mortal, nunca.

O padre Surin, recapitulando as provas da possessão das religiosas ursulinas de Loudun, apresentou, como uma das mais incontestáveis, o fato de que elas revelavam os pensamentos mais secretos. Entre os exemplos estão estes dois:

“No dia seguinte à minha chegada, estava lá, no exorcismo, um homem que me declarou desejar ver se o demônio conhecia nossos pensamentos. Eu pedi que ele fizesse um comando de coração; e depois que ele o fez, eu pressionei o demônio para que fizesse aquilo que o homem havia mandado fazer; depois de se ter recusado várias vezes, ele foi até o altar e apanhou o evangelho de S. João e o homem garantiu que ele havia mandado, no seu coração, que o demônio mostrasse o último evangelho que havia sido dito na missa.

– Um de nossos padres, querendo provar se era verdade que os demônios conhecem nossos pensamentos, fez um comando interior e em seguida fez outro; no espaço de um instante fez cinco ou seis, um após o outro, atormentando o demônio, dizendo: *Obediat ad mentem*. O demônio repetiu em voz alta tudo o que lhe mandaram fazer.”

Entre outras testemunhas que afirmaram a existência da comunicação do pensamento entre os religiosos de Loudun, deve ser citado o irmão do rei, que assinou um certificado no qual atesta que não está entre os que duvidam da possessão, por várias razões, entre outras porque uma religiosa havia obedecido a uma ordem que ele tinha dado mentalmente, sem proferir uma só palavra e sem fazer qualquer sinal.

Eis a passagem em questão:

“Nós, Gaston, filho da França, duque d’Orleans, certificamos... E tendo ainda desejado ter um sinal perfeito da possessão dessas jovens, ajustamos secretamente e em voz baixa com o padre Tranquille, capuchinho, para ordenar ao demônio Sabulor, que possuía então a irmã Claire, que ele fosse beijar a mão direita do padre Elysée, seu exorcista; o

dito demônio pontualmente obedeceu segundo nosso desejo, o que nos fez crer certamente que o que os religiosos, trabalhando em exorcismo, nos haviam dito das possuídas é verdade, não havendo nada de aparência que tais movimentos e conhecimentos das coisas secretas possam ser atribuídos a forças humanas. Pelo que, querendo render testemunho ao público, outorgamos o presente atestado, que assinamos com nosso nome, fazendo contra-assinar pelo secretário de nossas ordens, casa e finanças da França, a 11 de maio de 1635. Assinado: Gaston.”

Devemos isso ao príncipe Gaston; foi ele dos primeiros a fazer experiência de sugestão mental.

O jesuíta Surin fez mais. Ele afirmou, sobre sua consciência, que a possessão era real e jurou, perante Deus e a Igreja, que “mais de duzentas vezes os demônios descobriram coisas muito secretas, ocultas no seu pensamento ou na sua pessoa”. Foi esta revelação que determinou a condenação daqueles infelizes.

Evidentemente o fenômeno da transmissão não se manifestava sempre e foram necessários esforços consideráveis e assíduos por parte do padre Surin para obter bom número de provas. O exorcista (leia-se o magnetizador) conquistava, assim, uma influência pessoal sobre os sujeitos. Os extáticos adivinhavam às vezes o pensamento, mas era preciso que o padre Surin os conhecesse com antecipação.

Passemos aos sonâmbulos, dando a palavra a Bertrand:

“Entre os sonâmbulos que magnetizei, não encontrei nenhum que apresentasse a comunicação de pensamentos a um grau um pouco elevado. Entretanto, posso citar dois fatos. Um trata de minha primeira sonâmbula, na qual executei os procedimentos, no meio dos quais eu tinha o costume de despertá-la, com uma firme vontade contrária, para que ela não despertasse. Nesse instante ela tinha fortes movimentos convulsivos.

– Que é que você tem? – dizia-lhe eu.

– Como – perguntava ela –, você me pediu para despertar e não quer que eu desperte?”

Esta experiência é muito conclusiva, mas raramente tem lugar, pois a associação ídeo-orgânica que se forma entre certos gestos e o despertar provoca isso por hábito, não obstante a fraca influência contrária, puramente mental.

“Outro exemplo é o de uma pobre mulher, sem educação e não sabendo ler, que era capaz, dizia-se, em sonambulismo, de compreender o sentido das palavras cuja significação lhe era desconhecida no estado de vigília. E, com efeito, ela me explicou, da maneira mais justa e mais engenhosa, o que se devia entender por *encéfalo*, palavra que eu mesmo lhe propus. Este fenômeno só se explica reconhecendo que essa mulher lia no meu pensamento a significação da palavra sobre a qual eu a interroguei.”

Este fato é digno de atenção. Se compararmos as apreciações diagnósticas dos sonâmbulos, consignadas nos livros de magnetizadores que não possuíam conhecimentos anatômicos suficientes, com as apreciações dos sonâmbulos dirigidos por um médico, ver-se-á uma grande diferença de precisão.

A menos que se admita que nenhum dos médicos que fizeram essas experiências não tenha sabido se abster das sugestões verbais, é bom constatar, pelo sim e pelo não, um concurso de transmissão de ideias, no gênero que acaba de citar Bertrand.

O primeiro a atrair a atenção dos observadores sobre o fenômeno da sugestão mental em sonambulismo provocado foi o marquês de Puységur. Encontramos em seus escritos um grande número de fatos.

Algum tempo depois de Puységur, um distinto médico de Lyon, presidente da Sociedade Médica desta cidade, foi levado a constatar os mais maravilhosos fenômenos de magnetismo. Ele era adversário do mesmerismo, mas o acaso quis que ele fosse obrigado a reconhecer uma série de fatos muito mais extraordinários do que todos os que Mesmer havia anunciado. Seus trabalhos sobre a catalepsia, sobre a ação do ímã, da eletricidade, dos metais, sobre o fenômeno dito de “transposição dos sentidos”, etc., enfim sobre aquilo de que aqui nos ocupamos, constituem um marco do magnetismo. Eles são hoje

absolutamente ignorados, mas como já se passou um século desde então, eu não tenho dúvidas de que um belo dia se anunciará que um hipnotizador de Lyon ou de Paris os *descobriu* de novo e, graças ao seu engenho, à sua autoridade e à ignorância da história, formou-se uma nova escola “hipnótica”.

Enquanto isso, registremos que o Dr. Petetin, morto em 1808, aplicava o magnetismo, fazendo notáveis observações; que em 1815 o abade Faria, experimentador verdadeiramente original, é o pai dos *sugestionistas*, que se ocupam só da sugestão verbal e não admitem a transmissão da vontade; e que uma terceira escola surgiu, mais diretamente ligada a Mesmer, chamada dos *fluidistas*, fundada por Deleuze.

Deleuze, como se sabe, conhecia perfeitamente os fenômenos da transmissão. Ele entrevia mesmo todo o partido que a ciência poderia tirar desta descoberta, para fazer entrar no domínio positivo um grande número de fatos, até então incompreensíveis e próprios para preconceitos. Ele acreditava tanto na comunidade de pensamento entre o magnetizador e seu sujeito que chegou a dizer, com encantadora ingenuidade:

“Quando se quer perguntar qualquer coisa ao sonâmbulo, é preciso exprimir sua vontade por palavras. Os bons sonâmbulos ouvem a vontade sem que seja preciso falar-lhes. Mas por que empregar esse meio sem necessidade? É uma experiência e dever-se ia fazer uma lei proibindo toda e qualquer experiência.”

Na época de Deleuze foram publicados numerosos volumes sobre a aplicação terapêutica do magnetismo, mas toda a parte científica experimental não fez qualquer progresso. Curava-se tudo. Só por acidente a sugestão mental foi observada.

Certos magnetizadores, entretanto, estudaram um pouco a questão e deixaram algumas observações interessantes. Citarei as que merecem confiança, tentando separar a transmissão de pensamento da transmissão da vontade, de que me ocuparei adiante.

A transmissão de ideias e de palavras, ou de pensamentos em geral, se apresenta de várias formas:

- 1º) Como experiências diretas e desejadas – São os casos menos numerosos. A esta categoria pertencem os ensaios dos Drs. Teste, Puel, Comet, Barrier, Perronet, etc. Mas são sobretudo as experiências recentes do professor Barret e da Sociedade de Psicologia Inglesa que nos revelaram este fenômeno.
- 2º) Como experiências de visão aparente – São as mais numerosas e nelas geralmente se confunde a transmissão de pensamento com as lembranças de uma visão real de objetos presentes ou distantes.
- 3º) Enfim, mencionaremos também que a transmissão de pensamento se junta acidentalmente a muitas outras categorias de fatos, sobretudo no pseudo-hipnotismo.

As experiências recentes e melhor controladas da comissão inglesa já formam um volume inteiro. Reproduzirei algumas apenas.

A Srta. Relph – sujeito – fica sentada e os objetos escolhidos são escondidos atrás de uma cortina às suas costas. Experiências sem contato. Ela acertou a cor de todos os objetos e muitas vezes o naipe do baralho. Recomendei a mesma série para o Sr. Preyer, para que fizesse a mesma experiência tirando a sorte. Eis alguns fatos, narrados pelos magnetizadores:

1) Em Tour, uma sonâmbula minha cliente, diz Lafontaine, adivinhava sistematicamente tudo o que meu amigo Renard, provisor de colégio, trazia nos bolsos, diariamente. Clarisse, a sonâmbula, executava tudo o que eu mandasse fazer mentalmente, o que prova que se tratava de um fenômeno de transmissão de pensamento.

2) O Sr. de la Souchère, ex-aluno da Escola Politécnica, sábio, químico residente em Marselha, tinha uma doméstica, mulher do campo, a qual tinha grande facilidade de fenômenos durante o sonambulismo. Diz ele que Lazarine, a moça, “entrava comigo em perfeita comunicação de pensamento e ficava de tal modo insensível que eu a furava com uma agulha e ela nada sentia”. De la Souchère conta que ela adivinhava o que as

pessoas escondiam, desde que ele, é claro, conhecesse o objeto, transmitindo-o mentalmente.

3) O Dr. Bertrand conta que certo magnetizador místico tinha um sonâmbulo que durante o sono só via anjos e espíritos de todas as espécies. Estas visões serviam para confirmar mais e mais o magnetizador na sua crença religiosa. Como ele sempre citava os sonhos de seu sonâmbulo em apoio de seu sistema, um outro magnetizador se incumbiu de desmenti-lo, mostrando-lhe que um sonâmbulo não tinha as visões que ele narrava. Propôs, então, para provar o que anunciava, fazer ver ao mesmo sonâmbulo a reunião de todos os anjos do paraíso à mesa, comendo um peru. Assim, ele adormeceu o sonâmbulo e depois de algum tempo lhe perguntou se não via nada de extraordinário; este respondeu que via uma grande reunião de anjos, que estavam em torno de uma mesa, comendo.

CAPÍTULO V

Transmissão direta da vontade

Passemos à transmissão da vontade.

Vou começar pelo relato de um bom observador, hoje completamente esquecido. Trata-se do advogado Fournel, autor de vários livros, um dos quais sobre o sonambulismo magnético. Conta ele ter visto um sonâmbulo fazer o que ele ordenou: pegar um chapéu que estava sobre uma mesa de um escritório e colocá-lo na cabeça de um dos presentes. “Eu não disse nada – acrescenta ele –, mas somente fiz um sinal que traçava as linhas que eu queria que ele percorresse”. O sonâmbulo, que tinha os olhos vendados, se levantou da cadeira, seguiu a direção indicada por meu dedo, foi até a mesa, apanhou o chapéu entre muitos objetos e colocou-o na cabeça da pessoa indicada.

Vale aqui observar que mesmo quando o sujeito não vê nossos gestos, eles facilitam a experiência. Nesse caso, diversos agentes contribuem para o resultado:

- 1º) as correntes de ar são muito bem sentidas à distância;
- 2º) as impressões auditivas que acompanham os gestos;
- 3º) as atrações, muito ativas, entre certos sujeitos;
- 4º) a própria concentração mental do operador, muito facilitada pela mímica.

Trata-se de um caso de transmissão da vontade dos mais comuns e que é praticado habitualmente. Mas neste capítulo não nos devemos esquecer de que foi Puységur quem primeiro estimulou esse gênero de pesquisas.

Frequentemente nos admiramos de que certos observadores conservam as palavras “sono magnético”, dadas por Mesmer e Puységur a uma certa forma de sonambulismo provocado, hoje confundido com hipnose. Esta denominação tem uma relação íntima com a transmissão da vontade. As analogias, que Puységur acreditava dever constatar entre certos fenômenos de eletricidade e magnetismo e as aptidões dos sonâmbulos, podem nos parecer hoje inexatas e superficiais; mas é preciso não

esquecer que ele mesmo as considerava como analogias e não como provas de uma identidade natural.

Vejam algumas observações mais recentes neste campo. O Dr. Lafontaine conta o seguinte:

“Foi durante uma sessão, na casa do sábio e incrédulo Dr. Bretonneau, que tive a honra de ver Béranger, nosso célebre cantor. Béranger havia assistido a muitas experiências de transmissão de pensamento e desejou fazer ele mesmo uma delas, para convencer o dono da casa. Depois de algumas indicações de minha parte, ele tomou a mão da sonâmbula, pedindo-lhe para executar aquilo que ele lhe ordenava mentalmente. Ele agiu com tal força de vontade que sua outra mão fazia tremer a mesa sobre a qual a apoiava. Logo vimos a sonâmbula se levantar, dirigir-se para o Dr. Bretonneau, tomar sua mão e, apesar de sua resistência, levá-lo até onde estava Béranger, que declarou que aquela havia sido sua ordem mental.”

Um fisiologista eminente, H. Beaunis, professor da Faculdade de Nancy, declarou recentemente:

“Jamais consegui até o presente constatar, entre os sujeitos que observei, os fenômenos maravilhosos admitidos por certos magnetizadores, tais como a adivinhação mental e outros. Todas as vezes que a sugestão que eu queria produzir era simplesmente pensada e não expressa, ela não se realizava... Não quero, entretanto, negar esses fatos na presença de sábios de muito boa-fé; o que posso dizer é que eu jamais os observei.”

Esta sim é uma linguagem verdadeiramente científica; e se Beaunis jamais encontrou nada semelhante, ele tem o direito de fazer todas as reservas. Mas o acaso fez com que ele se convencesse. Pouco mais tarde contou que certa ocasião, na residência do Dr. Liébeault, pediu a um jovem sonâmbulo, já adormecido, que abraçasse o primo, presente na reunião. O pedido foi escrito numa folha de papel, que todos leram em

silêncio. Ele deveria abraçar o primo depois de acordar. Foi o que ele fez, coroando de êxito a experiência.

Passemos agora às transmissões puramente mentais da vontade, isto é, às experiências feitas sem contato, sem gestos e sem atrações, às vezes mesmo sem olhar.

Uma tentativa de demonstração desse fenômeno delicado foi feita em 1837 pelo Dr. Berna diante de uma comissão acadêmica. Mas ela malogrou completamente, pelo menos segundo o relatório do Sr. Dubois. Os comissários não puderam constatar sequer a existência de sonambulismo. Vejamos um trecho do relatório:

“Um dos itens do programa tinha por título obedecer à ordem mental de, no meio de uma conversação, cessar de responder verbalmente ou por sinais a uma pessoa designada. O magnetizador procurou provar à comissão que a potência tácita de sua vontade chegaria a produzir este efeito.”

Mas a experiência não deu certo.

Quando o sujeito conversa com outra pessoa, isto é, quando ele se encontra em estado de poli-ideísmo ativo, é muito difícil agir sobre ele mentalmente, antes de tudo porque seu *rappor*t (relação) com o magnetizador é enfraquecido por essa divisão com outra pessoa; e também principalmente porque, para que uma ação tão fraca possa ser sentida é preciso que nenhuma outra a ela se oponha. Frequentemente as pessoas que conversam entre si não nos ouvem; pois o mesmo fenômeno, guardadas as proporções, tem lugar em relação a uma palavra mental. Eu admiro a fé robusta desses médicos que, sem conhecer as condições de um fenômeno tão fugaz, queiram se expor a um fracasso, diante de uma comissão de incrédulos!

Os magnetizadores de hoje são mais prudentes. Apresento a seguir um relato de Aksakof, a respeito de experiências que ele viu Donato fazer.

“... É conhecido que um dos aforismos mais exaltados da fisiologia moderna é que a atividade psíquica não passa da periferia dos nervos. Se pudssemos demonstrar que o

pensamento humano não fica circunscrito ao domínio do corpo, mas que ele pode ultrapassá-lo, agir à distância sobre outro corpo humano, transmitir-se para seu cérebro, sem qualquer procedimento visível ou reconhecido, e ser reproduzido pela palavra, movimento, ou outro meio qualquer, isso seria um fato imenso diante do qual a fisiologia materialista deveria se inclinar.”

Aqui o Sr. Aksakof se engana. Não há qualquer relação entre a sugestão mental e a questão do materialismo ou do espiritualismo. Apesar de seu caráter inusitado, a sugestão mental é um fato de ação e não de natureza íntima das coisas que não conhecemos. A ação à distância não é uma característica própria das coisas imateriais – se é que há coisas imateriais. A eletricidade não se tornou uma coisa “espiritual” depois que se inventou o telégrafo.

Prossigamos.

“No dia 17 de novembro de 1878 fui à casa do Sr. Donato e, depois de alguns minutos de conversa, pusemos mãos à obra.

Primeira experiência – Pedi a Donato que adormecesse a Srta. Lucile; ele colocou uma poltrona entre duas janelas da sala, a alguns passos da parede; a Srta. Lucile sentou-se ali e adormeceu em poucos instantes. Nós ficamos na frente dela. Foi então que eu tirei do bolso um caderno de notas, de onde saquei uma folha de papel que passei para o Sr. Donato, pedindo-lhe que mandasse a Srta. Lucile fazer o que estava indicado no papel, mas apenas com o olhar. Lá estava escrito: “Estender o braço esquerdo”. Donato leu, ficou ao nosso lado e começou a olhar para Lucile. Um instante depois seu braço esquerdo começou a se levantar.

Segunda experiência – Passei para Donato um lenço grande, pedindo-lhe que cobrisse com ele a cabeça e os olhos de Lucile; as bordas do lenço caíam sobre seus ombros. Retomamos nossos lugares. Passei para Donato, em absoluto silêncio, um segundo bilhete: “Erguer o braço direito

verticalmente”. Dócil ao pensamento de Donato, que apenas olhava para ela, Lucile fez o movimento pedido.

Terceira experiência – Depois de um breve intervalo, recomeçamos. A Srta. Lucile adormeceu novamente. Passei mais um bilhete para Donato: “Colocar as duas mãos na cabeça”. Desta vez pedi a Donato que ficasse atrás do sujeito e não na frente. Seu esforço foi inútil, pois ela não fez o movimento solicitado. Não me admirei, pois as relações gerais de polaridade entre o operador e seu sujeito ficaram invertidas.”

De minha parte, não creio que se deve invocar uma causa incomum. A alma espiritualista tem um lado esquerdo e um lado direito? De resto, agindo a grande distância não se pode saber qual é a posição do sujeito.

A propósito desse fracasso Donato observou:

“Sem discutir a questão da polaridade, devo dizer que minha objeção não repousa nesse fenômeno. Colocado atrás de Lucile, eu não podia acionar seus braços, colocados fora de minhas vistas.”

Isto quer dizer que Donato acreditava mais numa ação direta sobre o membro visado do que por intermédio do cérebro. Não posso dizer que esta teoria seja falsa; mas se os raios luminosos refletidos dos olhos do operador, ou de uma outra causa qualquer, facilitam a ação local, eles não são necessários e recordo que a maior parte de minhas experiências com a Sra. M. foi feita sem o concurso da ação física do olhar e sem gestos.

Continuemos com o artigo de Aksakof:

“Nesse momento me aproximei de Donato e ocorreu um fenômeno curioso. Como eu queria pedir a Donato para que concentrasse sua vontade no occipital de Lucille e como eu estivesse atrás dela, minha mão dirigiu-se, involuntariamente, para suas costas, para indicar o lugar do qual estava falando. Logo que minha mão se aproximou de suas costas, a uma distância de apenas alguns centímetros, o corpo de Lucile, por um movimento brusco, inclinou-se para frente. Foi assim

que tive a confirmação do fenômeno de polaridade, ou de atração e repulsão, que já observara na representação pública.”

Este fenômeno não prova a polaridade. Todas as pessoas estranhas, tocando ou aproximando sua mão esquerda ou direita, teriam recebido o mesmo movimento repulsivo. Este fenômeno prova apenas que isso que chamamos de relação magnética não consiste unicamente em uma concentração da atenção, mas se apoia também numa base física.

Poder-se-ia dizer que o ato do magnetizador estabelece nos movimentos moleculares dos nervos do sujeito uma tonalidade particular, concordante com a do magnetizador, e que então um corpo que não a possua, isto é, que apresenta uma tonalidade diferente, impressiona desagradavelmente o sujeito. Nesse caso, basta fazer alguns passes diante do ponto em questão, para conquistar o direito de tocá-lo.

CAPÍTULO VI

Sugestão mental a prazo

O fenômeno que deve agora merecer nossa atenção constitui um caso especial da transmissão da vontade: uma transmissão retardada, a prazo fixo. Na realidade, não é a transmissão que é retardada, mas somente a execução da ordem comandada. É uma sugestão mental a longo prazo.

Já conhecemos bem as sugestões verbais a longo prazo. Elas são hoje coisas banais. Você ordena a um sujeito hipnotizado ou magnetizado que execute um ato qualquer depois que ele despertar: amanhã, depois de amanhã, dentro de dez horas, dentro de alguns meses. Despertado, ele não desconfiará de nada, mas na hora certa se verá obrigado a executar suas ordens, sem saber como nem por que lhe veio essa ideia. O mais frequente é que o sujeito a assimile, por assim dizer, e creia estar agindo por sua própria conta, como para confirmar a tese de Spinoza: “Nós não conhecemos as causas que determinam nossas ações”.

O Dr. Gibert, no caso, serviu-se da sugestão mental e da sugestão verbal, obtendo resultados bastante satisfatórios.

Não é de se admirar menos, nesta categoria de fatos, já por si extraordinários, que certos sonâmbulos nos quais as transmissões de ordem diretas não funcionem sejam muito suscetíveis de ser influenciados a longo prazo.

Para explicar esse fato é preciso lembrar a distinção que fazemos de duas camadas inconscientes: uma forte, que se manifesta no sonambulismo, a outra fraca, oprimida por aquela, subtraída à nossa investigação direta, mas que pode, em momento propício, reconquistar seu direito de ação. Parece que nesta última camada as transmissões são mais fáceis, sem que nos possam dar uma prova evidente de sua existência. É o domínio das “sensações imperceptíveis” de Leibnitz. Elas não se podem manifestar imediatamente. Mas se lhes dermos o tempo necessário para minar as camadas superiores, elas vão reaparecer na superfície.

“As sugestões mentais – diz Janet – podem ser feitas sobre a Sra. B. de outra maneira e ter sucesso. Conseguem-se pouco quando a mandamos executar a ordem imediatamente, durante o sono; consegue-se muito melhor quando a mandamos, mentalmente, executar uma ação mais tarde, algum tempo depois do despertar.

1) No dia 8 de outubro Gibert fez uma sugestão desse gênero: sem pronunciar palavra, aproximou sua frente da frente da Sra. B. durante o seu sono letárgico e se concentrou durante alguns instantes, passando-lhe mentalmente uma ordem. Gibert não contou a ninguém a ordem, mas escreveu-a, colocando o papel num envelope. No dia seguinte fui à casa da Sra. B., pois sabia apenas que ela deveria cumprir a ordem entre 11 e 12 horas. Às 11:30 a mulher ficou agitadíssima, deixou a cozinha e foi até à sala onde apanhou um copo. Perguntou-me se eu a tinha chamado e eu disse que não. Ela saiu e depois voltou várias vezes. Nesse dia ela não fez mais nada, pois adormeceu pela ação a distância de Gibert. Abri o envelope e constatei que Gibert lhe havia ordenado que entre 11 e 12 horas ela oferecesse um copo d’água a cada pessoa presente em sua casa.

2) No dia 10 de outubro combinamos, Gibert e eu, fazer a seguinte sugestão: “Amanhã ao meio-dia feche as portas da casa a chave”. Escrevi a sugestão numa folha de papel e guardei. Gibert fez a sugestão como da maneira precedente, aproximando sua frente da frente da Sra. B. No dia seguinte, quando cheguei, ao meio dia menos um quarto, encontrei a casa fechada a chave. Foi a Sra. B. quem a fechou. Quando lhe perguntei por que, ela me respondeu:

– Eu me sentia muito fatigada e não queria que você entrasse para me adormecer.

Ela estava muito agitada, vagueava pelo jardim e eu a vi colher uma rosa e ir até à caixa de correspondência colocada perto da porta. Eram atos sem importância, mas é curioso notar que eram precisamente os atos que havíamos cogitado fazê-la cumprir na véspera. Decidimos, só depois, que ela fizesse outro, o de fechar a porta, mas o pensamento dos

primeiros ocupou o espírito de Gibert e exerceu sua influência.

3) A 13 de outubro Gibert ordenou-lhe, sempre pelo pensamento, que abrisse um guarda-chuva no dia seguinte, ao meio-dia, e que andasse à volta do jardim, por duas vezes. No dia seguinte, ao meio-dia, ela estava muito agitada, deu duas voltas pelo jardim, mas não abriu o guarda-chuva. Pouco depois eu a adormeci, para acalmá-la. Suas primeiras palavras foram:

– Por que você me fez andar pelo jardim? Eu tinha um ar de boba... Se fosse ontem... que choveu, muito bem... mas hoje, com bom tempo... seria ridículo...

Era verdade. Na véspera havia chovido; ela não queria abrir o guarda-chuva num belo dia”.

Em que estado estas sugestões a longo prazo são possíveis? Veremos mais adiante, mas esta é outra história.

No início das experiências da Sra. B. só se apresentaram dois fatos distintos: o *sono profundo* e o *sono leve*, isto é, o sonambulismo propriamente dito (poli-ideia passiva ou ativa). O primeiro se caracterizou por uma imobilidade muscular completa; o segundo por uma sensibilidade excessiva, com facilidade de movimento e inteligência.

Esses dois estados se alternavam indefinidamente, o que quer dizer que depois de ter contado com uma certa espontaneidade inteligente, o sujeito, como que fatigado, recaía na imobilidade a-ideica, para passar de novo para a lucidez do sonambulismo. Era sinal de uma sensibilidade hipnótica máxima, pois, a um grau um pouco menor, o sujeito não retorna mais à a-ideia, mas passa, pouco a pouco, do sono ao estado de vigília, ou então repousa, passando por um estado muito vizinho do sono normal, voltando a si depois. Essa passagem pode durar muitas horas, mas sempre carregada de sensibilidade. O sujeito alcança uma sensibilidade máxima, girando em torno desses dois estados principais, sem despertar por si mesmo.

Sem entrar em detalhes, podemos afirmar, baseados no relatório do Sr. Janet, que nenhum dos três estados clássicos, tais

como foram descritos por Charcot (catalepsia, letargia, sonambulismo) existia naquela ocasião.

Mas algum tempo depois o Sr. Janet foi para a Salpêtrière estudar a trindade hipnótica, passando a trabalhar para descobrir as três fases na Sra. B. “Se estes não existiam nela – pensava ele –, não será, então, o caso de tentar produzi-los”. Mas não era fácil.

Era preciso insistir infinitamente, ensaiar, verificar, sobretudo pela letargia clássica, cuja produção foi muito laboriosa. Afinal, ele conseguiu produzir (esta a palavra) seis estados diferentes.

“Dois estudos novos – disse Janet –, empreendidos no mesmo sentido, destinaram-se a verificar os resultados precedentes, mas é preciso dizer, complicaram um pouco a coisa”. *Um pouco* não é bem a palavra.

O fato é que a Sra. B., além das três fases principais, apresentou, na época, outras três fases intermediárias: a catalepsia letárgica, o sonambulismo letárgico e o sonambulismo de olhos abertos, ou sonambulismo cataléptico.

Evidentemente, o sujeito, forçado nas suas tendências naturais, se defendia como podia.

Mas Janet queria regularizar por mais tempo esse círculo vicioso “fazendo o sujeito atravessar toda a série desses estados, num ou noutro sentido”. Mas este último se defendia tão bem que manifestou uma sétima fase, que Janet chamou de catalepsia letárgica, depois uma oitava, a letargia sonambúlica (é como se disséssemos branco-negro), que veio se juntar ao sonambulismo letárgico, já mencionado.

É este último estado que nos interessa particularmente, pois foi nessa fase que puderam ser feitas as sugestões mentais a prazo (aproximando a frente do magnetizador da frente da sonâmbula). Estas sugestões não puderam ser realizadas imediatamente, mas sim numa fase seguinte, mais ativa. Importa-nos tomar conhecimento do que seja esta fase.

No sonambulismo letárgico persiste ainda a resolução muscular, como na fase precedente; há ainda insensibilidade, mas já certos fenômenos morais, ausentes no estado precedente,

reaparecem: o sujeito se põe a *sonhar alto* (sonho sonambúlico, que às vezes merece o nome de delírio sonambúlico); ele se torna sensível e se queixa de dores ou, se não as sentir, se encaminha imediatamente para o estado seguinte.

Esta observação de Janet é muito engenhosa, pois é precisamente o momento das percepções latentes de segunda ordem esperarem um estado mais móvel (o sonambulismo lúcido de Janet) para poderem se manifestar. Uma vez declarado o sonambulismo lúcido (a poli-ideia), “novas sugestões são quase impossíveis”.

Trata-se do mesmo estado que eu já descrevi no caso da Sra. M., como monoidéico, mas um pouco menos avançado, isto é, se pudermos nos exprimir assim, um pouco mais poli-idéico (sonho em voz alta: um sonho é sempre alucinatório) e um pouco mais ativo (ela se queixava de dores), o que quer dizer que eu agia sobre a Sra. M. no estado de *monoidéismo nascente*, em que ela já não mais estava passiva; ao passo que Janet agia sobre a Sra. B. em estado de monoidéismo declarado. Eis por que eu podia agir imediatamente, enquanto esses senhores eram obrigados a influenciar o inconsciente de segunda ordem, já enterrado pelo inconsciente de primeira ordem e que, em consequência, devia esperar sua vez para elevar-se a um grau superior.

Estas distinções são sutis, sei bem disso, mas não há como desprezá-las. Devo observar, de resto, que é difícil, senão impossível, obter todas as graduações num mesmo sujeito; os sujeitos se caracterizam precisamente por uma tendência preponderante para tal ou qual estado e já é muito poder obter uma só nuance dessas fases fugitivas com um pouco de persistência.

Eu me convenci, fazendo experiências com B., de que as sugestões imediatas dificilmente têm êxito porque uma ordem mental direta excita demais, produzindo uma espécie de monomania sonâmbula, que constrange sempre a transmissão imediata.

Quanto às fases, Janet conseguiu ainda uma nona catalepsia sonambúlica que, até o momento, completa a série. Depois desse

nono estado, voltava o primeiro, e assim por diante. A sucessão era cada vez mais rápida e, no fim, já não era mais um estado sonambúlico, mas uma confusão de estados. No começo era preciso girar a manivela... perdão, pressionar o polegar para fazer percorrer todos esses estados no sentido da letargia para a catalepsia, ou soprar nos olhos para fazê-los percorrer em sentido inverso; depois isso já não mais era necessário: o sujeito mesmo girava, como um moinho.

Observemos que aqui a pressão do polegar substitui “a pressão no vértice da cabeça” ou o sopro. “A razão desta marcha é ainda muito obscura”, diz Janet. Para mim ela é clara. Todas as fases que se imaginam e que ainda se imaginarão só podem apresentar uma única coisa: um sono mais ou menos profundo; isso quer dizer:

- a) paralisia parcial do cérebro (poli-ideia);
- b) paralisia incompleta do cérebro (monoideia);
- c) paralisia total do cérebro (a-ideia).

Mas, como a paralisia que se observa no hipnotismo (emprego aqui esta palavra num sentido geral) não é uma paralisia definitivamente patológica, mas sim um estado fisiológico de inibição, esta inibição, ou paralisia relativa, deve sempre ser acompanhada de uma dinamogenia, isto é, de uma exaltação relativa, que mantém o equilíbrio. O total da energia nervosa permanece quase o mesmo, mas uma parte do cérebro perde o que a outra ganha. Em consequência, ainda que o campo psíquico permaneça sempre mais ou menos restrito no sonambulismo, e mesmo por causa dessa restrição, as funções psíquicas podem ganhar em qualidade o que perderam em quantidade.

Toda causa inibitória (e a faculdade inibitória de uma causa não depende unicamente só dela, mas de uma relação desta causa com o terreno e o meio momentâneo da ação), toda causa inibitória, dizia eu, fará avançar o sujeito, da poli-ideia para a a-ideia, e toda causa dinamogênica o fará avançar em sentido inverso.

Mas é preciso não esquecer que o cérebro não é o único centro nervoso do organismo.

A distribuição nova da energia vital, o aparecimento do *mais* e do *menos* se restringe raramente ao cérebro; ela se estende a outros centros: o cerebelo, o bulbo, a medula e os gânglios. Se o cérebro perde tudo, são estes que ganham e isso segundo as relações hereditárias ou adquiridas, próprias a esses centros. Ora, é na natureza desta organização sábia de nossa economia que existe um certo antagonismo fisiológico entre a ação do cérebro e a dos centros automáticos (cerebelo, bulbo, medula) e, do outro lado, entre todo o sistema cérebro-espinhal e o sistema ganglionar.

A esses antagonismos primordiais se juntam os antagonismos parciais, que caracterizam o indivíduo ou o momento, e vê-se daqui qual será a complexidade dos fenômenos que podem resultar.

Suponhamos que a ação do cérebro seja momentaneamente abolida (estado a-idéico); são os centros automáticos que se aproveitarão disso, haverá um exagero de reflexos, como numa rã decapitada. Mas a energia vital, depois de ter esvaziado o cérebro, mais ou menos completamente, pode se retirar tanto para o cerebelo como para a medula, e então, em lugar dos reflexos, por assim dizer, inanimados, teremos uma série de movimentos automáticos e coordenados, teremos um *sonambulismo exteriormente ativo*, mais ou menos inteligente, segundo o concurso que prestará o cérebro ao cerebelo. Se a energia se desloca, principalmente para a medula, ela poderá ainda invadir de preferência os feixes anteriores, e então haverá uma exaltação das contrações (*a-ideia letárgica ou letargia de Charcot*) com excitação neuromuscular profunda e mecânica, que poderá assumir a forma mais tenaz de contração geral, isto é, de *a-ideia tetânica*; ou então a dinamogenia poderá se manifestar igualmente nos cordões posteriores e dar lugar a uma *hiperestesia reflexa*, na qual as mais leves excitações superficiais serão suficientes para provocar a contração (a contração sonambúlica de Charcot, mas que não é própria apenas do estado sonambúlico). Esta hiperestesia poderá ser seguida de uma

anestesia completa se a inibição tiver lugar no estado de exaltação; e, num caso análogo aos anteriores, teremos uma paralisia completa, com uma resolução dos músculos, isto é, uma *a-ideia simplesmente paralítica*.

Cada parcela do sistema nervoso, cada gânglio, cada feixe, direi quase cada célula, pode ser excitado ou paralisado momentaneamente; nenhuma ordem rigorosa, nenhuma classificação regular e obrigatória desses complexos pode ser feita seriamente. Todos os caracteres exteriores do sonambulismo em geral (anestesia, hiperestesia, catalepsia, contração, excitabilidade neuromuscular) podem ser provocados a um grau, dependendo das condições gerais momentâneas, em todas as fases hipnóticas, mesmo em estado de vigília.

Em consequência, perde-se o tempo quando se quer precisar com demasiados pormenores as combinações dos sinais exteriores; junta-se uns aos outros quantas vezes se quiser, modifica-se, substitui-se à vontade e se houver qualquer coisa de essencial, de fundamental nessas combinações, trata-se unicamente do estado psíquico, o estado do próprio cérebro, e esse estado se resume em um sono mais ou menos profundo: *poli-ideia, monoideia, a-ideia*.

Nesse tecido (de pessoas eminentemente sensíveis) pode-se bordar tudo o que se quiser.

Façam-me um esboço arbitrário combinando, ao azar, os caracteres mais opostos, um estado fantástico qualquer: sonambulismo-letárgico-cataléptico-tetânico, e eu o produzirei no espaço de três dias.

Se, em seguida a uma excitação qualquer, a fase hipnótica mudar é porque essa excitação agiu ou adormecendo melhor ou despertando mais o sujeito, e essa mudança natural irá arrastar consigo uma carga de caracteres acidentais, que foi inoculada no sujeito por passes e sopros cuja ação física é negada, por sugestão verbal, por hábito, por associação ídeo-orgânica, enfim, às vezes por *sugestão mental*. É assim que Braid e seus sucessores às vezes fizeram magnetismo.

Janet chegou a fazê-lo, conscientemente, embora continue ainda a confundir o hipnotismo e o magnetismo, chamando de hipnótico o sono da Sra. B., que jamais foi hipnotizada.

“Uma vez que a sugestão mental – disse ele – podia adormecer a Sra. B., a mesma sugestão deveria fazê-la passar de uma fase do sono para outra. Foi fácil verificar. A Sra. B. estava em sonambulismo letárgico. Quando eu fazia as sugestões mentais, sem tocá-la, eu simplesmente me punha a pensar: “Quero que você durma”. Ao cabo de alguns instantes ela caía em letargia sonambúlica (isto é, em um sono um pouco mais profundo). Eu repetia a mesma ordem mental; ela suspirava e ei-la em letargia, depois em letargia cataléptica e cada vez que eu recomeçava este pensamento, ela passava para um estado novo.

Ela passa, assim, por todas as fases e volta para seu primeiro estado. Algo a notar é que esse comando mental fazia sempre o sujeito avançar no mesmo sentido. Voltava outra vez para o sonambulismo letárgico e eu tentava fazê-la voltar para o sonambulismo lúcido. Em lugar de pensar “adormeça outra vez”, eu pensava “acorde”.

No começo, Janet não conseguia: por uma compreensível questão de hábito, o sujeito passava para uma fase mais profunda; mas pouco a pouco o inconsciente compreendeu a ideia de seu mestre e a sucessão das fases se realizou segundo o desejo inexprimido do magnetizador.

O pensamento do magnetizador – conclui o autor – pode, pois, por uma influência inexplicável – mas que aqui é imediatamente verificável – fazer o sujeito percorrer as diferentes fases num ou noutro sentido.”

Temos, assim, uma prova direta de que a criação das fases pode ser solicitada mentalmente como a criação dos estados psíquicos diferentes, no “freno-hipnotismo” de Braid.

Eu não gostaria que se pensasse que minha crítica constitui um ataque contra Janet. Antes de tudo, não costumo atacar ninguém, como *pessoa* e, no caso, não se trata sequer das opiniões de Janet. Suas conclusões são muito prudentes, muito

reservadas, e não poderiam ser atacadas. Eu apenas quis aproveitar a ocasião para analisar os *fatos* publicados por aquele autor, fatos que considero como uma das melhores provas contra as tendências esquemáticas da escola hipnótica de Charcot. Involuntariamente Janet as reduziu *as absurdum* , querendo prestar-lhes serviço.

Vejam as suas próprias conclusões. Antes de tudo, ele previne o leitor para que “não tire qualquer conclusão geral de uma monografia”. Depois se explica mais claramente:

“Alguns atribuem uma grande importância às fases do hipnotismo e o fazem quanto aos estados distintos uns dos outros; outros vêm aí somente fenômenos insignificantes produzidos artificialmente pelo observador. Os fatos que eu contei e, sobretudo, a maneira como eles foram observados, não coincidem nem com uma nem com a outra dessas opiniões extremas. Eles nos mostram que os três estados primitivos não têm tão grande importância, pois podemos determinar muitas outras, tão bem caracterizadas e tão duráveis. Seu número, creio, nada tem de fixo; eu observei seis e logo depois, certamente, nove. O número dessas fases continuou o mesmo durante umas quinze sessões, mas eis que nas últimas fui forçado a constatar a existência de um novo estado, ainda mais distinto, mas evidentemente em vias de formação... Não há dúvida de que com um exercício maior do sujeito, e com maior habilidade do operador, se poderiam determinar ainda outros estados.”

Mas Janet não admite que essas fases sejam simples fenômenos acidentais: e ele tem razão. Um estado artificialmente produzido é sempre uma resultante de influências pessoais do operador e da natureza fisiológica ou idiossincrásica do sujeito. Mas quanto mais o sujeito é móvel, mais essas primeiras influências prevalecem. Eis a experiência que fiz diante daqueles senhores de Havre; eu peço a Janet que me indique um estado no qual a catalepsia do braço é impossível. Ele me indica um desses estados letárgicos com resolução completa dos músculos. Sem dizer nada, tomo o braço do sujeito (que não foi adormecido por

mim); ergo o braço e ele cai; não há, pois, catalepsia. Recomeço, insistindo um pouco; o braço cai outra vez, mas lentamente. Ergo-o pela terceira vez com a intenção de ver a catalepsia se manifestar e o braço fica no ar e conserva a atitude que lhe imprimo. Não tive êxito numa segunda experiência, na qual se tratava de provocar a confirmação dos movimentos começados e estranhos a uma dada fase; mas Janet, ele também, não consegue na primeira vez. Enfim, quando a fé de Janet em relação ao valor das fases começou a ficar abalada, o sujeito, ele mesmo ou talvez seu inconsciente, perdeu a cabeça, os estados se confundiram, ele saltou, pos assim dizer, dois ou três e creio que, naquela hora, todo esse edifício, pacientemente construído, ruiu.

Se não bastassem essas circunstâncias para derrubar de uma vez por todas esta questão complicada e supérflua, eu acrescentaria ainda que, quando Gibert (que não acreditava em fases) adormecia o sujeito, as fases não apareciam...

Moral: Desconfie da sugestão mental!

Será o contato necessário para as sugestões a prazo? O contato das mãos parece indiferente, o contato da frente facilita, talvez, a inoculação, segundo a opinião de Gibert. Mas o que é interessante (pelo menos creio ter observado esta circunstância em B) é que a inoculação psíquica parece dolorosa para o sujeito; ele sofre a ação com dores, se debate, reage com uma espécie de convulsão. Depois o vírus psíquico é pouco a pouco assimilado e o sujeito se acalma. Saberá ele nos dizer imediatamente o que acaba de ser inoculado? Creio que não. Sua atitude não trai e, de resto, se fosse diferente, ele seria capaz de realizar imediatamente a ordem dada, o que não acontece. Em consequência, estamos autorizados a crer que a inoculação tem lugar do consciente para o inconsciente de segunda ordem, que os traços percebidos são fracos demais para aparecerem imediatamente na cena da vida cerebral, mas que elas persistem e se conservam nas camadas inferiores da memória, para ali reaparecerem somente no momento em que a hora, associada a elas, vier a soar. Então o vírus dinâmico se desembaraça da opressão das ideias conscientes, que o mantinham confinado na sombra, as ideias sugeridas se apoderam do campo psíquico (do

cérebro) e provocam uma espécie de monomania quase sonambúlica, que luta durante algum tempo com a poli-ideia normal. Depois, logo que as ideias sugeridas se apagam, nesse corpo-a-corpo com o estado normal, elas conseguem inserir-se mais ou menos entre as ideias conscientes e se realizarem exteriormente.

Se a luta for longa e o sujeito inquieto, irritado, se se absorve cada vez mais na sua monomania, sem tender para uma execução clara e imediata, ele chega como chegou, na minha estada em Havre, a dormir por influência psíquica automática.

E então se restabelece a calma. O cérebro repousa, numa a-ideia passageira.

CAPÍTULO VII

Sugestão mental à distância

Só nos resta uma última categoria de fatos: a que envolve o caso de uma ação à distância. São seguramente os fenômenos mais extraordinários e menos compreensíveis. É verdade que, desde que admitamos uma ação mental, isto é, a influência do pensamento humano vizinho do nosso, a questão da distância se torna secundária. Aqueles que se contentam com noções místicas poderão até sustentar que o pensamento, sendo independente da matéria (infelizmente ele não é), pode muito bem agir daqui até a lua, como de uma frente para outra frente. Mas o método positivo não nos permite ultrapassar a experiência. É bom lembrar, nesse sentido, as sábias palavras do “Hipócrates do magnetismo”, Deleuze:

“As impressões que os objetos produzem se enfraquecem em razão da distância em que eles são colocados. Quanto mais afastados ficamos de um objeto, menos ele envia raios de luz aos nossos olhos. O som de um sino diminui à medida que nos afastamos, acabando por não ser ouvido. As impressões produzidas nos sonâmbulos devem também se enfraquecer com a distância. Assim, o que um sonâmbulo sente da ação de seu magnetizador localizado a vinte passos não sentirá a vinte mil... Esses limites não são bem conhecidos, eles são mais ou menos distanciados segundo o grau de sensibilidade dos sonâmbulos; mas eles existem e é preciso registrá-los quando a experiência puder constatá-los.”

Há ainda outra causa de erro possível, que recomenda a maior reserva, não somente em face de um espaço mais ou menos grande, mas em relação à ação à distância em geral.

Somos obrigados a admitir que certos sujeitos podem perceber o pensamento de outros; mas não sabemos exatamente ainda como isso ocorre. Se, como supõe Morin, a sugestão mental só prova uma exaltação extraordinária de faculdades perceptíveis ordinárias, esta percepção pode se exercer a dois passos, como a vinte passos numa mesma sala, mas não através

de um tabique qualquer e completamente sem o conhecimento do sujeito. A dúvida está bem aqui e compreende-se que não possamos admitir o contrário, sem provas experimentais suficientes. É por isso que, tendo já constatado de um modo, para mim indubitável, a sugestão mental, mesmo sem o conhecimento do sujeito, não me senti de todo autorizado a admitir os fatos enunciados por Gibert e Janet e que fui ao Havre para verificá-los. Estava lá o nó da questão: tudo depende da ação à distância. Nós não podemos fazer qualquer ideia decisiva sobre o processo da transmissão próxima, antes de saber se essa transferência só é possível em condições de percepção ordinária, ou então se ela pode se manifestar ainda além da ação provável de nossos sentidos. E, ao mesmo tempo, toda a teoria do magnetismo deve necessariamente tomar outro rumo.

Mas, por outro lado, é de se notar que se chegarmos a admitir uma transmissão próxima, independente de toda percepção normal, a questão da distância se tornará secundária, no sentido de que uma ação a um quilômetro de distância não nos deverá impressionar muito mais do que uma ação a um metro, tendo em vista a própria natureza do fenômeno, que então assumirá um caráter particular de uma transmissão *sui generis*, análoga às transmissões telefônicas ou radiofônicas, e independente de uma percepção sensorial direta.

Admitamos que as reservas de Deleuze conservem seu valor e que ele nos faz avançar lentamente, à medida que surgirem provas fornecidas pela experiência.

Mesmer conhecia muito bem a transmissão mental à distância. Veremos que ele lhe conferiu uma teoria engenhosa e é bem provável que foi isso que mais chocou seus contemporâneos: a largueza de sua visão, o fluido universal, etc. Só que, mesmo para o sonambulismo em geral, ele acreditou dever fazer segredo desta parte de seus estudos, comunicando-a apenas a alguns privilegiados. De um modo geral, Mesmer experimentava mais do que escrevia, resumia muito brevemente os resultados adquiridos, e mesmo os princípios de sua doutrina foram impressos em um pequeno número de exemplares. E estes eram distribuídos só para alguns alunos escolhidos, sempre sob a

chancela do segredo. Por causa disso temos muito poucos detalhes sobre o que se passava na “câmara das crises”, inacessível aos profanos.

No caso da ação à distância, a uma pequena distância, mas de uma outra sala, podemos citar, entretanto, uma experiência interessante, contada por uma testemunha judicial, o sábio austríaco Seifert, que antes tratava Mesmer de charlatão e que, depois, e principalmente sob a influência dos fatos que vou narrar, acabou admitindo sua teoria.

1) A cena se passa em 1775 em Rochow, Hungria, num velho castelo do barão Horetzky de Horka. Mesmer tratava o barão pelo magnetismo, fazendo o mesmo com numerosos outros doentes da vizinhança que o consultavam. Seifert achava tudo isso uma blague.

Certo dia leu num jornal uma notícia sobre Mesmer, na qual se dizia que este havia provocado convulsões em alguns epiléticos aparentemente curados pelo exorcista Gassner, mantendo-os num quarto vizinho e passeando apenas seus dedos na direção dos doentes. Seifert chegou ao castelo, jornal na mão, e encontrou Mesmer cercado de alguns cavaleiros. Ele perguntou se era verdade o que dizia o jornal e Mesmer confirmou. Então pediu a Mesmer uma prova da ação através de uma parede. A princípio Mesmer se recusou, mas foi tal a insistência que ele acabou aceitando a experiência. Escolheu entre os seus doentes mais sensíveis um jovem judeu, afetado de uma doença do peito. Colocou o doente num quarto vizinho, separado da sala em que a experiência seria feita por uma parede de dois pés e meio de espessura. Nestas condições, a experiência não poderia ser totalmente concludente, já que o sujeito esperava por uma experiência qualquer, porém, assim mesmo, ela se tornou interessante devido a certas particularidades.

Mesmer postou-se a três passos da parede, enquanto Seifert, observador, se colocou sob a porta entreaberta, de maneira a poder vigiar ao mesmo tempo o experimentador e o doente. Eis o que ele constatou:

Mesmer fez primeiro alguns movimentos transversais com o dedo indicador da mão esquerda, na direção presumida do doente. Este começou logo a se lastimar, parecendo sofrer.

– Que é que você tem? – perguntou Seifert.

– Estou me sentindo mal – disse ele.

Não satisfeito com esta resposta, Seifert exigiu uma descrição mais clara do que sentia.

– Sinto – disse o judeu – como se tudo se balançasse em mim, à direita e à esquerda.

Para evitar as questões, ele pediu-lhe que declarasse as alterações que sentia em seu corpo, sem esperar pelas perguntas. Alguns minutos depois, Mesmer fez movimentos ovais com o dedo.

– Agora tudo gira em mim, como num círculo – disse o doente.

Mesmer parou esta ação e, quase em seguida, o doente declarou que não sentia mais nada, e assim por diante. Todas estas declarações correspondiam perfeitamente, não apenas aos movimentos da ação ou dos intervalos, como também ao caráter das sensações que Mesmer queria provocar.

2) Outra experiência não menos extraordinária. Sabe-se que Mesmer sustentava que a transmissão física é favorecida pelo som e que as ondas sonoras podem, por assim dizer, ser carregadas de fluido e transmiti-lo à distância. Ora, era costume no castelo do barão que dois músicos fizessem soar, de tempos em tempos, suas cornetas de caça num quiosque do jardim. Os doentes, que esperavam a chegada de Mesmer, separados por muros do jardim, gostavam de ouvir essa música. Um dia Mesmer, querendo fazer a experiência, foi até o quiosque. Seifert foi até a sala dos doentes, para ver Mesmer. Não o encontrou, mas ficou impressionado ao ver que alguns doentes, em lugar de se alegrarem com a música, como de costume, começaram a ficar inquietos, manifestando mesmo certos acidentes nervosos mais graves. Seifert continuou procurando Mesmer, encontrando-o no quiosque, segurando na mão direita a corneta

de caça, na qual soprava a música. Ele lhe contou o que acabara de ver. Mesmer sorriu.

– Eu esperava por isso – disse ele.

Em seguida tocou o instrumento segurando-o com a mão esquerda. Depois parou e disse:

– Agora os doentes vão se acalmar.

Voltaram ao salão e encontraram os doentes voltando a si pouco a pouco.

Podemos admitir uma ação semelhante?

Será preciso fazer experiências nesse sentido para que possamos pronunciar-nos. Mas não haverá aqui certa analogia entre esse fato e o do radiophone de Bell, no qual um raio de luz transmite a voz? Quem ousaria crer num efeito semelhante há dez anos? Entretanto, é um fato. E eis outro ainda, que eu observei uma só vez, precisando, pois, ser verificado.

A Sra. M. dormia um sono magnético. Esperando a hora de despertar, toquei alguns acordes no piano. Logo a sonâmbula, que se encontrava em estado de a-ideia paralítica pouco profunda, manifestou atenção e pareceu encontrar prazer naqueles sons. Como ela jamais ouvia ninguém, a não ser a mim, eu quis verificar qual seria a ação de sons provocados por outra pessoa. Fiz sinal para a Srta. B., que se colocou ao piano e tocou os mesmos acordes. A Sra. M. não manifestou qualquer sensação. Recomecei; ela ouviu. A Srta. B. tocou de novo e bem forte; nenhuma ação.

– Você me está ouvindo tocar? – perguntei à sonâmbula, tentando induzi-la a erro.

– Não – disse ela –, não ouço nada.

Eis um caso particular de *rapport* (relação), provavelmente muito raro, pois de hábito os sonâmbulos ouvem mais ou menos toda música e, sobretudo, o canto. É possível que tenha havido uma tal diferença física entre os sons provocados pelo magnetizador e os mesmos sons provocados por outra pessoa? É possível admitir que as vibrações sonoras possam transmitir o

movimento tônico pessoal, do qual depende a percepção momentânea do sonâmbulo? É isto que ainda resta estudar.

3) Parece que as experiências à distância têm sido frequentes na França ali pelo ano de 1784, pois numa brochura atribuída ao marquês de Dampierre, lê-se o seguinte:

“Muitas vezes se fez a seguinte experiência: uma pessoa muito suscetível foi deixada com outras pessoas prevenidas, que procuravam distraí-la; durante esse tempo ela foi magnetizada sem o saber, do quarto vizinho, e o efeito foi tão pronto e tão sensível como se o magnetizador estivesse perto dela. A única diferença foi que ela se contraía no começo da ação, tomando o que sentia como uma doença natural e ela só cessou de se contrair quando lhe disseram que estava sendo magnetizada. Uma só experiência não seria decisiva; nós a multiplicamos e sempre os efeitos foram mais ou menos marcantes, segundo o grau da sensibilidade da pessoa magnetizada.”

4) Mas há ainda traços mais antigos. Foi ensaiada com sucesso a ação à distância nos possuídos de Loudun.

“Aconteceu muitas vezes que os exorcistas (magnetizadores inconscientes) chamavam secretamente esta mesma religiosa (Elizabeth Bastard) às vezes mentalmente e só com o pensamento, outras vezes em voz baixa, mas sem ser ouvida por ninguém no mundo. Esta jovem sentia-se atraída para o local de onde era chamada e, duvidando do que era, se atirava ao chão para resistir à sua inclinação e, não obstante, nessas ocasiões, ela obedecia normalmente.”

5) Van Helmont, grande médico e grande sonhador do século XVII, teve que estudar esta questão. Ele acreditava que todo homem é capaz de influenciar seus semelhantes à distância, mas que, geralmente, essa força permanece adormecida em nós e oculta pela “carne”. Para se exercer ela precisa de uma certa concordância entre o operador e o paciente. Este último deve ser sensível e exercitado na sua sensibilidade, que, sob a influência de sua “imaginação interior”, vai ao encontro da ação. É

sobretudo na cavidade do estômago que esta ação mágica se faz sentir, pois “o sentimento na cavidade do estômago é mais delicado do que nos dedos e mesmo nos olhos. Às vezes o sujeito não pode suportar a colocação da mão nessa região”. A observação de que a ação magnética se faz sentir primeiro na cavidade do estômago é interessante. O Dr. Héricourt disse recentemente: “A Sra. D. pretendia que todas as vezes em que eu pensava nela, ela sentia uma dor forte na região precordial; era, aliás, essa mesma dor que ela sentia quando as sessões de sonambulismo se prolongavam e que me obrigavam a terminá-las”. Van Helmont diz encontrar um grande mistério no fato de haver no homem uma energia tal que, por sua exclusiva vontade e por sua imaginação, faz com que ele possa agir fora de si, imprimir uma influência durável sobre um objeto muito afastado. “Esse mistério – diz ele – ilumina de uma luz suficiente numerosos fatos difíceis de ser compreendidos e que se prendem ao magnetismo de todo o corpo, à potência mental do homem e a tudo o que se disse sobre a magia do homem e seu domínio do universo”.

Não esqueçamos que isso foi escrito há dois séculos! (1682 – J. B. von Helmont, *Opera Omnia*).

6) A comparação do sujeito sensível com uma agulha imantada aparece sempre nestes antigos autores. Ela se justifica pela analogia indubitável que existe entre a ação física de uma mão e a do ímã em geral; mas sobretudo pela ação *atraente* do magnetizador sobre o magnetizado. Trata-se de uma questão muito complicada, pois ela apresenta inúmeras formas diferentes:

- 1^a) atração por ideoplastia, fascinação, imitação dos movimentos;
- 2^a) atração física reflexa pela aproximação da mão;
- 3^a) atração física e mental direta, isto é, sem o intermédio da percepção ordinária, a distância.

O sujeito magnetizado é sempre levado para o operador, ele o procura, tende a se aproximar dele; igualmente a experiência de sugestão mental que se realiza mais facilmente é aquela que

consiste em fazer vir o sujeito para o operador. Acontece que o sonâmbulo se inclina sempre para o lado do magnetizador e Janet observou que depois de ter adormecido a Sra. B. à distância, ele a encontrou com a cabeça inclinada na direção de sua ação. Mas o fato mais extraordinário desse gênero é citado por Bruno:

“O fenômeno que mais me impressionou, porque foi o primeiro que ocorreu diante de meus olhos, foi o de uma jovem de 18 anos. Havia cinco ou seis meses que tinha sido condenada a morrer dos pulmões. Ela adormeceu desde o terceiro ou quarto dia de tratamento. Seu sono se tornou muito profundo em poucos dias. Quando eu a magnetizava, sua cabeça pendia na minha direção; eu era obrigado a ajeitá-la suavemente na cadeira, para impedir que caísse sobre mim. Como se trata de um efeito comum no sono, eu não lhe prestei maior atenção; depois de tê-la magnetizado, eu a deixei dormir tranquilamente e fui atender outra doente. Novo embaraço: esta jovem pendia para o lado, caía às vezes sobre a vizinha. Fiz ceder-lhe uma grande poltrona, própria para dormir. Precaução inútil: sua cabeça pendia suavemente e toda a parte de seu corpo não era retida pela poltrona, seguia esse movimento. De repente tive uma ideia: parecia-me que a cabeça pendia sempre para o lado em que eu me encontrava. Mudei de lugar; qual foi a minha surpresa quando vi que ela, como uma verdadeira agulha imantada, seguia a curva que eu lentamente percorria ao redor, a uma distância de cinco a seis pés. Quando eu parava, ela parava, sempre na direção de minha pessoa. Saí da sala, descí para o pátio e me desloquei para diferentes direções. Fui me colocar a uma distância muito grande, no ângulo que minha casa fazia, cujos dois lados de um segundo pátio davam para duas ruas diferentes: minha bússola designava sempre, com a mais perfeita exatidão, o ponto do horizonte em que eu estava colocado. E era preciso segurá-la, se não ela cairia. Esta experiência foi muito boa, uma vez que eu a fiz perante um médico a quem deixei na sala. Depois de me ter colocado em vários pontos fora da sala, ele me sugeriu que fosse até a rua

e me conduziu até a esquina, longe de casa. Quando o médico voltou, apressado, para a sala, encontrou a jovem caída no assoalho. No dia seguinte o mesmo médico, tendo algumas dúvidas, pediu-me que recomeçasse a experiência. Enquanto eu ia descendo para a rua, ele desejou que eu fizesse a volta em torno da casa vizinha, situada a oeste. E subiu para a sala em seguida, para ver o que aconteceria. Tínhamos combinado que seria evitado que a jovem caísse; ele chegou a tempo de ser testemunha de um prodígio. Eu seguia muito lentamente, pensando sempre nela, e isso sem conhecer toda a importância desta operação do espírito. A cabeça da jovem indicava-lhe perfeitamente a direção de minha caminhada; ele se apercebia da ação que eu fazia pela posição do corpo, que ameaçava cair. Uma senhora que tinha o hábito de socorrê-la nesse estado segurava-a. Mas logo isso não foi necessário; ela se ergueu e a nova direção de sua cabeça, que descrevia uma curva de leste para oeste, anunciou meu retorno.”

Esta observação é interessante para nós porque mostra como um fenômeno físico de atração corporal pela simples presença do magnetizador pode se acentuar pelo concurso de uma ação mental. Mas trata-se de um caso muito raro, em que frequentemente a atração é puramente reflexa (sensação de calor e de correntes de ar), ou, se ela for direta, não se exerce senão a uma distância muito pequena. É de se notar, ainda, que a sonâmbula de Bruno suportava o contato de uma terceira pessoa, o que quer dizer que ela não estava no estado de hiperestesia propriamente dito. Este é um ponto cuja importância não nos escapará, no âmbito teórico. A atração forte é sempre acompanhada de uma rigidez nos membros. Às vezes ela cessa no momento de uma contração geral, mas há sempre uma tendência à contração ali onde a atração se manifesta. Depois de Bruno, e frequentemente sem conhecer seus trabalhos, muitos magnetizadores constataram o mesmo fenômeno. É preciso considerá-lo como um auxiliar da sugestão mental, uma vez que se chama o sujeito para si.

7) Diz Du Potet:

“Às vezes encontramos sujeitos de tal mobilidade, que podemos agir sobre eles através de tabiques, muros, no momento em que é impossível supor que eles conheçam nossa intenção. Eles se sentem próximos de nós, percebem nosso afastamento, adormecem para despertarem e adormecerem de novo, de acordo com a nossa vontade.

Experiências no Hotel Dieu (4 de novembro de 1820) – Estamos todos reunidos na sala de nossas reuniões, menos a doente. O Sr. Husson, médico desse hospício, me diz:

– Você adormece a doente sem tocá-la. Gostaria que você tentasse obter o sono sem que ela o visse e sem que ela fosse prevenida de sua chegada aqui.

Eu respondi que gostaria de tentar, mas não garantiria o sucesso da experiência porque a ação à distância, através de corpos intermediários, dependia da sensibilidade particular do indivíduo. Combinamos um sinal. O Sr. Husson, que tinha na mão uma tesoura, escolheu o momento em que ele a atiraria sobre a mesa. Fizeram-me entrar num gabinete separado da sala por uma grossa parede e cuja porta foi fechada a chave. Fizeram vir a doente, que foi colocada com as costas para o local onde eu estava, a uma distância de três ou quatro pés. Comentaram com ela que eu ainda não havia chegado. Por fim, em vista do atraso, disseram que eu não mais viria, dando-se a esse comentário toda a aparência de verdade. Ao sinal combinado, embora eu não soubesse onde e a que distância estava a Srta. Samson, comecei a magnetizar, observando o mais profundo silêncio e evitando fazer o menor movimento que pudesse marcar minha presença. Eram então nove horas e trinta e cinco minutos; três minutos depois ela adormeceu e, desde o início da direção de minha vontade em ação, viu-se a doente piscar os olhos, mostrando os sintomas do sono, até cair no sonambulismo comum. Repeti esta experiência no dia 7 de novembro seguinte, diante do professor Récamier. Este tomou todas as precauções possíveis e o resultado foi igual ao de nosso primeiro ensaio. Eis os detalhes desta experiência. Logo que cheguei ao local das sessões, às nove e quinze, o Sr. Husson veio me prevenir

de que o professor Récamier desejava estar presente e ver-me adormecer a doente através da parede. Combinamos um sinal. Entrei no gabinete, onde me fecharam. Fizeram a Srta. Samson entrar; Récamier colocou-a a seis pés de distância do gabinete, coisa que eu não sabia, de costas para mim. Ele conversou com ela, dizendo-lhe que eu não viria, e ela, então, quis se retirar. No momento em que Récamier lhe perguntou se ela comia carne (esta era a palavra-senha combinada), eu comecei a magnetizá-la. Eram nove horas e trinta minutos; três minutos depois Récamier tocou-a, levantou suas pálpebras, segurou suas mãos, fez perguntas e nós tivemos a prova de que ela estava completamente adormecida. Mas não bastavam esses dois fatos para admitir um fenômeno tão estranho. De qualquer forma, Du Potet perguntou a Récamier:

– Então, estais convencido?

– Convencido não – respondeu ele –, mas abalado.

Quisemos repetir as experiências, variando-as com a mudança da hora e das circunstâncias. Eis o que fizemos: Certa noite, acompanhado por Husson e por outros médicos, cheguei à sala onde estava a doente. Puseram-me a muitos leitos de distância, observando o mais completo silêncio, de modo que eu não pudesse ser visto. Magnetizei-a às 7 horas e 8 minutos; às 7:12 nós todos nos aproximamos e constatamos que o sono e a insensibilidade que a caracterizavam habitualmente existiam no mais alto grau. É inútil dizer que o dia da experiência foi escolhido pelo médico-chefe e não por mim. Que todos viram, antes da experiência, que a doente não estava dormindo. E, enfim, que minha ação havia sido dirigida a vinte pés de distância. Para destruir toda espécie de incerteza sobre o resultado desta ação prodigiosa, eis o que fizemos, ou melhor, o que me mandaram fazer. O Sr. Bertrand, doutor em Medicina pela Faculdade de Paris, tinha assistido às sessões. Ele havia dito que não achava extraordinário que a magnetizada adormecesse, estando o magnetizador no gabinete; que ele acreditava que o concurso particular das mesmas circunstâncias levaria a um resultado

semelhante sem minha presença; que de resto a doente poderia estar naturalmente predisposta. Ele propôs, então, a experiência que passarei a descrever:

Tratava-se de fazer vir a doente ao mesmo lugar, de fazê-la sentar-se na mesma cadeira e local habitual, de desenvolver o mesmo discurso a seu respeito e na sua presença. Ele achava que ela adormeceria em seguida. Eu concordei, em consequência, em chegar com meia hora de atraso. Às nove horas e três quartos começou-se a executar o plano. Fizeram a Srta. Samson sentar-se na mesma poltrona em que ela habitualmente se sentava e na mesma posição; formularam várias perguntas; depois deixaram-na tranquila; simularam os sinais empregados antes, como jogar a tesoura sobre a mesa; repetiram tudo afinal. Mas esperaram em vão o estado magnético; a doente se mexia, trocava de posição e não dava o menor sinal de querer dormir, nem, naturalmente, magneticamente. O prazo expirou e eu fui para o hotel, onde entrei às 10 horas e 15 minutos. A doente declarou não ter nenhuma vontade de dormir, mas encostou a cabeça e dormiu durante um minuto e meio.”

Tal é o relatório do principal interessado no caso. Vejamos agora o que nos dizem os incrédulos intransigentes, Burdin e Dubois:

“Husson chegou inopinadamente à sala às sete horas da noite, acontecimento singular nos hábitos de um chefe de serviço tão exato, tão pontual. Husson não disfarçou. Foi direto ao leito da Srta. Samson e para confundi-la (como se confundir uma sonâmbula fosse coisa fácil) ele se dirigiu à sua vizinha e disse:

– É por você que eu estou aqui esta noite; esta manhã você me perturbou, mas agora eu estou achando-a melhor; fique tranquila, tudo irá bem.

Era a sonâmbula que devia dizer a si mesma: tudo irá bem; ele queria preveni-la. Mas não foi tudo. Colocaram astuciosamente o magnetizador num leito de intervalo de seu sujeito; uma lâmpada, disse Bertrand, iluminava a sala e se

encontrava colocada atrás do magnetizador, de sorte que ele podia aparecer como uma sombra chinesa. E Husson, também a pouca distância, tinha os olhos fixos nela; por acaso não queria ele uma experiência bem instituída?... Pois o que aconteceu então? Foi a moça, uma vez todos os preparativos terminados, que disse em voz alta, para admiração dos experimentadores:

– É impressionante como meus olhos ardem; estou caindo de sono! Vou adormecer.”

Mas Burdin e Dubois não assistiram à experiência. Vejamos o que diz o próprio Bertrand, a quem os autores acadêmicos se referem:

“Husson teve a complacência de acolher minhas objeções e de concordar com uma experiência que devia servir de contraprova, mostrando até que ponto as circunstâncias acessórias, que acabo de assinalar, poderiam agir na ausência do magnetizador. Tratava-se de fazer vir a doente na hora comum, no mesmo gabinete, de fazê-la sentar-se na mesma cadeira, de simular um sinal, numa palavra, de se comportar na ausência do magnetizador exatamente como costumava se fazer quando ele estava lá. Tudo foi feito como eu pedi; e, contra aquilo que eu havia presumido, a doente não adormeceu... Esta experiência, não tendo o resultado que dela eu esperava, me levou a propor uma segunda, que me parecesse mais conclusiva ainda: consistia em dirigir a ação magnética na doente, não somente à sua revelia, mas ainda numa hora em que ela não esperasse que nós agiríamos sobre ela. Numa hora, por exemplo, em que todo mundo estivesse deitado e, depois de se ter assegurado de que ela dormia (é muito fácil distinguir o sono natural do sono magnético), magnetizá-la de longe, sem o seu conhecimento... Foi no instante em que já nos tínhamos retirado para um canto da sala, que o local da experiência foi escolhido.

Muitas circunstâncias tornaram, a meu ver, esta experiência duvidosa. Uma lâmpada que iluminava a sala achava-se atrás do magnetizador e a pouca distância dele, de modo que seu

corpo, por pouco que estivesse visível, era fácil de ser percebido pela doente. Uma outra causa da incerteza resultou na exatidão com a qual se queria fazer a experiência; pois Husson, tendo desejado assegurar para si mesmo que a doente não dormia, foi obrigado a fazer-se ver por ela; e alguma precaução que ele tenha podido tomar, para fazê-la crer que ela não era o objeto de sua visita noturna, deve ter-lhe causado, ao menos, alguma dúvida, capaz de despertar sua atenção. Tanto mais que fazia 15 dias que ela tinha sido sujeito de uma série de experiências, algumas das quais montadas com o objetivo de exercer sobre ela alguma ação, à sua revelia.”

Bertrand termina sua análise declarando que ele não contesta os fatos, mas que está bem longe de confirmar a realidade do agente magnético e de apresentar estas experiências como concludentes.

Sou da mesma opinião. Elas não são concludentes, como não são despidas de todo valor, como querem fazer crer Burdin e Dubois. Elas foram as primeiras experiências públicas desse gênero e Du Potet teve o mérito de ter ousado o primeiro passo.

“Pouco tempo depois – diz ainda Bertrand no seu livro editado em 1826 –, ensaios semelhantes foram feitos em Salpêtrière, por homens versados no estudo da Medicina, por alunos destacados que se tornaram médicos estimados. Seus resultados fizeram se converter à crença dos fenômenos de sonambulismo o autor da *Fisiologia do sistema nervoso*, Dr. Georget, que registrou nessa sua obra o resultado de suas pesquisas. Estas experiências arrastaram também a crença do Dr. Rostan, autor de muitas boas obras e de um grande número de artigos do novo *Dictionnaire de Médecine*, compilação na qual ele acaba de publicar um artigo sobre magnetismo animal, onde expõe as observações que o convenceram. O Sr. Georget, assim como Rostan, proclamam, é verdade, a existência de um agente particular e acreditam, sobretudo, na influência da vontade do magnetizador, ao qual fazem desempenhar um papel tão

importante como Deleuze e Puységur. Mas não é de se admirar muito, de tal forma é fácil a ilusão quando se observam seres para quem a crença menos fundamentada se torna uma fonte de fenômenos reais. Passei pela ilusão na qual ainda estão os distintos médicos que acabo de nomear. Que me seja permitido esperar que um dia eles cheguem a adotar o ponto de vista no qual me detive. O importante é o testemunho que eles deram sobre a realidade dos fenômenos; esse testemunho felizmente veio fortalecer aquilo que já havia convencido homens aos quais não se pode atribuir nenhuma intenção de mentir. Outras experiências foram feitas em todos os hospitais de Paris; foram feitas no Pitié, no Charité, sob a direção de Fourquier, no hospital Saint-Louis, e em toda parte obtiveram-se resultados mais ou menos significativos; sempre encontrando a oposição da administração.”

8) Bertrand se enganou quanto aos resultados definitivos das experiências feitas à distância. Cinco anos depois da publicação de sua obra, novas provas foram trazidas pela comissão acadêmica nomeada naquela ocasião. O Dr. Foissac repetiu as experiências de Du Potet com pleno sucesso e nas melhores condições. Morin, outro incrédulo, relatando esses fatos, só pôde fazer uma única objeção: a de um possível acordo entre o Dr. Foissac e o doente...

É difícil admitir a suposição de Morin, ou ainda a de Burdin e Dubois. E, para dizer a verdade, esses senhores não a fazem seriamente; mas eles têm razão quando, em várias questões, dizem que toda delicadeza deve ser eliminada e que Foissac não devia ter sabido da hora exata com antecipação.

9) Diz Lafontaine:

“O sono à distância só se produz em pessoas que são frequentemente magnetizadas. Em Rennes o Dr. Dufihol, reitor da Academia, e Rabusseau, inspetor, vieram um dia, em companhia de alguns médicos, ao hotel onde eu estava hospedado. Dufihol pediu-me que o acompanhasse até sua casa, prevenindo-me de que uma dama desejava falar

comigo. Saí com ele. Quando íamos atravessar o pátio, entramos numa das salas do hotel e Dufihol entabulou uma conversa cujo objetivo eu não sabia qual era. Um quarto de hora depois ele me disse:

– Você pretendia adormecer o seu sujeito à distância, sem que ele fosse prevenido. Pois quer tentar essa experiência agora?

Eu aceitei. Três minutos depois eu disse a Dufihol que o sujeito devia estar dormindo. Ele me pediu que permanecesse na sala, atravessou o pátio, subiu as escadas e, quando chegou perto da porta, ouviu aqueles senhores dizerem ao sujeito:

– Olá, você está dormindo? Acorde!

Dufihol entrou precipitadamente e encontrou o sujeito dormindo: então me chamou e disse:

– Na presença de fatos como esse, é preciso acreditar, meus senhores. Fui eu quem pediu a Lafontaine para que adormecesse o sujeito da sala do hotel.”

Esta experiência foi bem organizada. E eis mais duas, feitas de improviso:

“Terminada a reunião, várias pessoas se agruparam em torno de Lafontaine, conversando. Foi nesse momento que ocorreu a experiência. O sujeito estava afastado e conversava com alguns guardas. Alguém disse a Lafontaine:

– Será que você poderia adormecê-lo daqui?

– Sem dúvida. – respondeu ele. – Cerquem-me para que ele não me possa ver.

Ao cabo de alguns momentos o sujeito estava dormindo.

Em Cinq-Mars-laPile, duas horas antes de uma sessão pública, eu me encontrava na casa do Dr. Renand. Havia lá umas doze pessoas, discutindo magnetismo. Propuseram-me adormecer minha paciente da casa do doutor à sala da prefeitura, na qual eu havia feito a sessão. Aceitei. A condição era que eu não saísse da casa, que dois dos presentes ficassem comigo, os quais me indicariam o instante em que era preciso começar; outros dois iriam procurar a

sonâmbula, que estava no hotel, e a conduziram até a prefeitura sem lhe falar nada. Havia cerca de meio quilômetro de distância da casa do doutor até a prefeitura. As duas pessoas que estavam comigo, uma das quais era o Sr. de la Béraudiaire, me preveniram de que eu podia começar. Quatro minutos depois avisei que o sujeito deveria estar dormindo. E realmente estava.”

Acrescentemos que Lafontaine não admite a ação direta ou uma transmissão da vontade, mas somente a do fluido emitido de fora, sob o império da vontade.

10) O Dr. Dusart completa assim sua observação sobre a Srta. J.:

“Todos os dias, antes de sair, eu a mandava dormir até o dia seguinte a uma hora determinada. Certo dia esqueci essa precaução, e já estava a 700 metros de distância quando percebi. Não podendo voltar, disse a mim mesmo que talvez minha ordem pudesse ser ouvida, apesar da distância. Formulei, então, a ordem de dormir até o dia seguinte às 8 horas e continuei meu caminho. No dia seguinte cheguei às 7:30 e a doente dormia.

– Por que é que você está dormindo ainda?

– Mas, senhor, eu estou lhe obedecendo.

E ela me explicou que pouco depois de eu ter saído, no dia anterior, ela me ouvira ordenar para que dormisse até às 8.

– Ora – disse ela –, ainda não são 8 horas.

Esta experiência, muitas vezes renovada, e em horas diferentes, sempre teve o mesmo resultado.”

A experiência é interessante, antes de tudo, porque parece provar que não somente o contato das fronteiras é desnecessário; mas que a ação pode ser exercida a 7 quilômetros de distância; depois, porque ela prova que, em tais condições, a influência pode alcançar não somente o sono como o despertar, provavelmente mesmo com especificação de uma ideia particular, como a de uma hora determinada.

Mas eis o que parece mais extraordinário ainda:

“No dia 1º de janeiro suspendi minhas visitas e cessei qualquer relação com a família. No dia 12, encontrando-me a 10 quilômetros da doente, achei que podia tentar fazê-la obedecer-me. Pedi, então, à doente que adormecesse. No dia seguinte, às 6 horas da manhã, recebi um emissário que me trazia uma carta do pai da jovem. A carta dizia que na véspera ele tentara tudo para adormecer a filha. Só depois de muita luta ela adormecera. E logo em seguida disse que adormeceu porque recebeu uma ordem minha.”

Torna-se, pois, provável que, com um conhecimento exato das condições do fenômeno, pode-se chegar a comunicar à distância pensamentos inteiros, como se faz hoje pelo telefone...

O Dr. Glay acrescenta a esta observação uma sugestão de ordem experimental. Diz ele:

“Parece que o Dr. Dusart não conseguiu fazer sua doente adormecer à distância senão depois de tê-la submetido a uma certa educação. Assim, diz ele que havia antes adormecido o sujeito um bom número de vezes por ordem mental, mas dada de muito perto. Evidentemente, não se compreende muito bem qual pode ser a influência desta espécie de educação.”

Creio que é possível compreender muito bem a influência desta educação:

a) – Antes de tudo, ela é observada em todos os fenômenos hipnóticos e magnéticos sem exceção: o sujeito se torna cada vez mais sensível no curso das experiências. O hipnoscópio nos permite controlar este efeito, e eu já observei na minha nota comunicada à Sociedade de Biologia, em 1884, que nesse campo existe um contraste muito claro entre a sensibilidade imaginária e a verdadeira sensibilidade: as pessoas que se julgam muito sensíveis, muito “nervosas”, que têm fé no magnetismo, sem possuírem esta *sensibilidade* especial, que não depende da vontade nem da fé, experimentam diversas sensações mais ou menos fortes no primeiro ensaio hipnótico. Estas sensações são causadas pela emoção, pelo medo, pela expectativa, em uma palavra, pela imaginação. Renovando a prova do hipnoscópio, veremos que essas sensações diminuem rapidamente e

desaparecem, enquanto que os efeitos devidos a uma sensibilidade real persistem e se acentuam a cada aplicação.

Se, depois de um primeiro ensaio hipnoscópico, hipnotizarmos ou magnetizarmos o sujeito durante um mês, por exemplo, e se refizermos em seguida a experiência hipnoscópica, encontraremos sempre os marcos de uma sensibilidade maior. Por quê? Porque a ação, que consiste em uma influência reflexa entre o cérebro e os gânglios, deve necessariamente apresentar os fenômenos próprios a todas as ações reflexas em geral que se aprendeu, se enraízam e se tornam cada vez mais fáceis. Uma veia nervosa qualquer, percorrida uma vez por uma excitação qualquer, apresentará uma resistência menor, no momento de uma segunda passagem da mesma excitação. É a isso que Ribot chamou de *memória orgânica*, e esta memória não deve ser menos propícia às excitações fracas do que às ações mecânicas comuns.

b) – É preciso não esquecer que se a sensibilidade hipnótica é independente da vontade orgânica do sujeito, o mesmo não acontece com seu inconsciente. O inconsciente pode ser considerado quase como um governo secreto, frequentemente, se não sempre, mais poderoso que aquele que com o nome de *Eu₁*, reina à luz do dia mas... não governa. Com este *Eu*, mais vaidoso do que poderoso, você pode cuidar das questões superficiais, mas com o *Eu₂* você pode concluir tratados concernentes a todas as funções vitais.

Você poderá lhe dizer, por exemplo: “Enquanto o *Eu₁* dorme, você vigiará, contando as horas e os minutos e despertará a tal hora; você vigiará seu primeiro-ministro, que se chama Mudança de matéria, para que ele não ande tão depressa; você ativará a igualará o movimento vital em todas as províncias de seu reino, fechará a fronteira a correntes estrangeiras; cassará os focos patológicos que perturbam o seu sono, etc.”, e ele obedecerá; ele tem o poder de obedecer a você. Em consequência, a vontade do *Eu₂* pode ir ao encontro da nossa, pode nos ajudar, facilitar cada vez mais as nossas tarefas.

c) – Deve haver uma grande analogia entre uma voz falada e uma voz mental. Ora, às vezes dificilmente compreendemos a

palavra de uma pessoa estranha; ela fala muito depressa ou muito baixo e pronuncia mal; mas pouco a pouco a gente se habitua; as associações se formam e, como a mãe que compreende o balbucio do seu filho, nós aprendemos a associar os sons mais ou menos confusos a ideias claras. É possível que as vibrações que transmitem o pensamento e a vontade não sejam menos confusas, nem menos imperfeitas; em consequência, é preciso senti-las se repetirem, para bem avaliar suas diferenças; e é completamente compreensível que o hábito, a educação, o exercício favoreçam esta percepção.

d) – Enfim, já observamos que a invasão do sujeito por um foco radial exterior, e uma *regulagem*, conforme a natureza dinâmica desse foco, se efetuam pouco a pouco e constituem o que chamamos de *rapport* (relação). Ora, esse *rapport* forma uma condição necessária para todas as transmissões mentais.

11) Narra Richet:

“Estando com meus colegas na sala, almoçando, e estando presente nosso colega Landouzy, então interno como eu no Hospital Beaujon, resolvi garantir que poderia adormecer uma doente à distância e que eu a faria vir até a sala onde estávamos, apenas por um ato de minha vontade! Mas ao cabo de dez minutos ninguém apareceu; a experiência foi considerada como fracassada. Na realidade a experiência não fracassara, pois algum tempo depois vieram prevenir-me de que a doente passeava nos corredores, adormecida, tentando falar-me, mas não me encontrou. E, com efeito, assim foi, sem que eu pudesse obter de sua parte outra resposta para explicar seu sono e esse passeio errante, senão pelo fato de que ela queria falar comigo.”

Aqui é mais a falta de educação magnética que aparece. Se ela estivesse habituada a estas experiências, como os sonâmbulos de Du Potet e Foissac, ela, sem dúvida, teria reconhecido a causa de seu passeio. Outra circunstância merece ainda ser assinalada: a sonâmbula não encontrou Richet e, por várias razões; porque Richet parou de influenciar, porque ali onde a atração física não se junta à ação (como na experiência de Bruno) o sujeito não

pode encontrar seu caminho; ela sabia que deveria ir a alguma parte, mas não sabia aonde e, enfim, é provável que esta ideia dominante de ir ver Richet provocou nela uma monomania sonâmbula que, como todas as monomanias, impede de se ver com clareza. Não nos ocorre, por exemplo, procurar uma faca que jaz em nossa frente na mesa; quanto mais a procurarmos, menos a vemos: afinal, renunciamos à busca e aí a encontramos. De resto, é bom lembrar uma circunstância análoga em nossa experiência em Havre, quando a Sra. B. procurava Gibert e não o encontrava. Ela vinha, entretanto, de uma distância de um quilômetro, obedecendo a uma ordem mental. Isso nos explica o insucesso de muitos magnetizadores que, depois de terem induzido mentalmente seus sujeitos, não conseguem fazer-se encontrar, quando trocam de lugar. O sujeito se impacienta, se confunde e não ouve mais.

12) Héricourt completa assim sua nota já citada:

“Logo minha ação se estendia, com os mesmos resultados. As circunstâncias nas quais eu exercia pela primeira vez esta ação a longa distância merecem ser relatadas. Estando um dia no meu gabinete, veio-me a ideia de tentar adormecer a Sra. D., que eu acreditava estar em sua casa, a 300 metros da minha. Eram 15 horas e comecei a andar pela sala, pensando no resultado que eu queria obter. Nisso vieram me procurar para que eu fosse ver os doentes. Esqueci-me momentaneamente da Sra. D., com quem eu deveria me encontrar às 16:30 numa praça. Lá fui e não a encontrei. Só a vi à noite, numa visita social, e eis que ela me contou, de maneira absolutamente espontânea, sem que eu sequer fizesse alusão à sua ausência no encontro, o seguinte: às 15 horas, estando no seu quarto, veio-lhe um desejo invencível de dormir. As pálpebras eram como chumbo e as pernas dobravam-se. Passou para a sala, para afugentar o sono, mas atirou-se num canapé. A empregada, que naquele momento entrou na sala, contaria mais tarde que a encontrou dormindo pesadamente, os pés frios, *como morta*. Assustada, a empregada tratou de socorrê-la. A Sra. D. sentiu então, quando acordou, uma terrível dor de cabeça, que só passou às

17 horas, exatamente a hora em que eu, sem saber se a experiência estava dando certo, resolvi despertá-la mentalmente. Eu pus a Sra. D. ao corrente da experiência que havia feito à sua revelia e propus outras, das quais participaram várias testemunhas. Entre estas citarei o major-médico e um capitão da minha unidade, da qual eu era major. Todas essas experiências foram do mesmo tipo: estando numa sala com a Sra. D., eu lhe dizia que iria tentar adormecê-la de uma sala vizinha, as portas estando fechadas. Eu passava, então, para a outra sala, onde ficava alguns minutos, com o pensamento bem claro no sentido de mantê-la desperta, isto é, no seu estado normal. Quando voltava, encontrava a Sra. D. realmente no seu estado normal e rindo do meu insucesso. Um instante mais tarde, ou em outro dia, eu passava para a sala vizinha sob um pretexto qualquer, mas desta vez com a intenção de produzir o sono. Um minuto depois o mais completo resultado era obtido. Não se invoque aqui nenhuma outra sugestão que não a sugestão mental. As condições dessas experiências, que se controlam reciprocamente, são de uma simplicidade e de um valor sobre os quais eu chamo atenção, pois elas constituem uma espécie de esquema a seguir, para a demonstração.”

Esta observação é eminentemente instrutiva.

Com efeito, as experiências negativas de controle apresentam um interesse todo especial. Recorde-se uma contraprova desse gênero, pedida por Bertrand e que Du Potet conseguiu realizar. Encontramos também fatos análogos no relato de Pierre Janet e na maior parte dos casos em que uma ação puramente mental foi constatada. Tocou-se no sujeito, houve passes e simulação de adormecê-lo, sem qualquer resultado positivo.

Mas isto é muito raro; a maior parte dos sujeitos eminentemente sensíveis sofre a ação ideoplástica e eu creio, mesmo, que um certo número dos que são capazes de ser influenciados à distância não resistirão a uma ação imaginária; e que, em consequência, a prova negativa de Héricourt não pode ser decisiva. Mas o que parece certo é que os sujeitos sugestivos à distância ou mentalmente são menos sugestionáveis

verbalmente. Eles sentem a ação real por mais fraca que ela seja, mas não se influenciam. É verdade que isso pode ser devido à educação, mais do que a uma diferença efetiva de sensibilidade. Nestes últimos tempos, a sugestão anda fazendo a moda ou sugerindo aos sujeitos toda sorte de alucinações e a escola de Nancy não faz outra coisa há muito tempo. Nestas condições, não é de se admirar que se obtenham sujeitos muito divertidos, mas completamente impróprios para um estudo sério. A partir do fato de que tudo é imaginação, uma ação verdadeira fica despercebida. É o contrário disso que estão fazendo os magnetizadores sérios, como Bruno, Puységur, Deleuze, etc. Eles se esforçam para conduzir os sonâmbulos sem contrariá-los e para desenvolver mais suas faculdades do que sua mobilidade sugestiva. A sugestão verbal não deve ser negligenciada, pois ela pode prestar grandes serviços à terapêutica, mas antes de tudo é preciso desenvolver as propriedades sinceras desta sensibilidade extraordinária, se se quiser fazer progressos reais do ponto de vista teórico. Não é de se admirar que com a mania das sugestões se chegue a ridicularizar o magnetismo e a substituir os sonâmbulos pelos órgãos da Barbária.

13) Vejamos ainda as experiências feitas à distância na Sra. B.:

“a) – Sem preveni-la de sua intenção, Gibert fechou-se num quarto vizinho, a uma distância de seis ou sete metros, e de lá tentou adormecê-la mentalmente. Eu fiquei – diz Janet – ao lado do sujeito e constatei que ao cabo de alguns instantes os olhos se fechavam e ela começou a dormir. Mas o que me pareceu curioso é que, na letargia, ela não ficou de todo sob minha influência. Não pude provocar nela nem contração nem atração, embora ficasse a seu lado enquanto dormia. Ao contrário, ela obedecia inteiramente a Gibert, que não estava presente; enfim, foi Gibert quem teve que despertá-la e isso prova que ele a havia adormecido. Entretanto, aqui uma dúvida ainda pode persistir. A Sra. B. certamente não ignorava a presença de Gibert na casa; ela sabia também que ele viera para adormecê-la. Embora me pareça bem pouco

verossímil, pode-se supor que ela adormeceu por sugestão, no preciso momento em que Gibert a comandou da sala vizinha.

b) – A 3 de outubro de 1885 eu entrei na casa de Gibert, às 11:30 da manhã, e pedi-lhe que adormecesse a Sra. B. por comando mental, sem sair de seu gabinete. Essa mulher de forma alguma estava prevenida, pois nós jamais a havíamos adormecido naquela hora. Ela estava numa outra casa, a 500 metros de distância. Fiquei todo o tempo a seu lado, para ver o resultado desse singular comando. Verifiquei que ela não adormeceu de todo e, então, eu mesmo a adormeci pelo toque e, desde que ela entrou em sonambulismo, antes que lhe fizesse qualquer pergunta, começou a falar assim: “Eu sei que o Sr. Gibert quis me adormecer... mas quando percebi, procurei água e pus as minhas mãos na água fria... não quero que me adormeçam assim...” Verificação feita, ela tinha realmente posto suas mãos na água fria, antes de minha chegada. Conteí esta experiência porque ela me parece curiosa sob vários pontos de vista. A Sra. B. pareceu ter consciência, em estado de vigília, desta influência que se exerceu sobre ela; ela pôde resistir ao sono pondo suas mãos na água fria; enfim, ela não se prestou complacientemente a essas experiências, o que pode ser considerado como uma garantia de sua sinceridade.

c) – No dia 14 de outubro Gibert me prometeu adormecer a Sra. B. à distância, a uma hora qualquer do dia que ele escolhesse ou que lhe seria designada por uma terceira pessoa, mas que eu devia ignorar. Só cheguei ao pavilhão onde se encontrava a Sra. B. às 4:30; ela dormia já fazia um quarto de hora. Mesma insensibilidade e mesmos caracteres que precedentemente; não havia completo sonambulismo. Mas nesse dia ocorreram outros fenômenos. Gibert só chegou às 5:30; contou-me então que havia cogitado de adormecer a Sra. B. às 4:15 e que ele estava então em Graville, isto é, a dois quilômetros de onde estava a Sra. B. Foi-lhe muito difícil provocar a contração e despertar o sujeito.

d) – Ainda a 14 de outubro, a Sra. B. foi adormecida a partir de Graville e eu observei, durante o seu sono, os

seguintes fenômenos: exatamente às 5 horas, dormindo, ela começou a gemer e a tremer, murmurando as seguintes palavras: “Chega... Chega... Não faça isso... Você é mau...” Levantou-se e, sempre gemendo, deu alguns passos e, explodindo risadas, se deitou no sofá e adormeceu profundamente. Às 5:05 essa mesma cena se reproduziu, mas só que ela dizia: “Você não pode, você não pode...” Mesma cena às 5:10. Quando Gibert chegou, às 5:30, mostrou-me uma carta que lhe foi entregue por outra pessoa, que não podia ter tido qualquer comunicação com a Sra. B. Na carta propunha-se que a Sra. B. fosse comandada a fazer diferentes atos de 5 em 5 minutos, depois das 5 horas. Esses atos, complicados demais, não chegaram a ser executados, mas no exato momento em que Gibert os ordenou, de Graville, eu vi, a dois quilômetros de distância, o efeito que essas ordens produziam. Parecia que a Sra. B. ouvia realmente tais ordens, que a elas resistia e que não podia desobedecer senão na base de uma distração de Gibert.”

Novas experiências foram feitas. Do relato delas extraio a segunda nota de Janet, apresentada perante a Sociedade de Psicologia Fisiológica a 31 de maio de 1886.

“É sobretudo no sono provocado à distância que conduzimos estas novas pesquisas, pois esse fato é da maior importância e parece um tanto fácil de verificar. Como eu tinha que me assegurar da realidade desse fenômeno, procurei eu mesmo produzi-lo numerosas vezes com toda a precisão possível.

A Sra. B. voltou a Havre depois de 10 de fevereiro; estava com muito boa saúde e não sofrera, depois de sua última viagem, qualquer acidente nervoso. Uma única vez ficara indisposta, disse ela, contando como foi. Certa pessoa da região onde estivera e que em outras épocas costumava adormecê-la com muita facilidade tentava produzir de novo nela o sono magnético. Não conseguiu. A Sra. B., depois dessas tentativas, teve uma forte dor de cabeça e uma indisposição durante alguns dias. Preocupou-se muito,

achando que nunca mais alguém conseguiria adormecê-la. Nós não nos preocupamos, pois havíamos combinado que, às vésperas de sua partida do Havre, durante a última sessão de sonambulismo do dia 14 de outubro, Gibert lhe havia proibido ser adormecida por qualquer pessoa fora de Havre. A sugestão foi feita mentalmente, encostando a fronte. Entretanto, não posso relatar esse fato como um exemplo preciso de sugestão mental, pois não estou certo de que não discutimos a questão na presença dela, durante o sono. O fato é que funcionou, durante quatro meses. Logo que a Sra. B. esteve conosco, Gibert pressionou sua mão como de outras vezes e ela adormeceu em dois minutos; eu mesmo a adormeci no dia seguinte, com muita facilidade.

Adormecendo-a tentei, frequentemente, eu mesmo adquirir sobre essa mulher uma espécie de influência, para poder experimentar o sono à distância. Durante as primeiras sessões adormeci a Sra. B. segurando-lhe a mão ou o pulso, sem tentar outros procedimentos.

Ao cabo de alguns dias pude provocar-lhe o sono muito rapidamente. Coisa de três ou quatro minutos até chegar a meio minuto. Agora já não era mais necessário fixar seu pensamento na ordem do sono para adormecer a Sra. B. A ação física exercida no seu ponto hipnógeno do pulso substituía qualquer outra influência. O comando mental conservava sua importância quando não se tocava o sujeito, quando ele era adormecido por sugestão mental, na mesma sala.

Depois de uma dezena de sessões, durante as quais eu adormeci a Sra. B. seis vezes, tentei comandar o sono sem estar perto dela, mas ficando no quarto vizinho.

A experiência teve resultado: depois de ter pensado cinco minutos em adormecê-la, entrei no seu quarto e ela estava completamente adormecida, com a cabeça e o corpo pendendo fortemente para o lado em que antes eu me encontrava. A experiência, entretanto, não foi conclusiva, pois a Sra. B. desconfiava de minhas intenções.

A 22 de fevereiro, depois de 14 sessões de sonambulismo e depois de tê-la adormecido 8 vezes, tentei, pela primeira vez, comandar seu sono de longe. Eu estava em minha casa, a uma distância de 400 ou 500 metros do pavilhão onde a Sra. B. se encontrava, quando tentei concentrar meu pensamento na ordem do sono, como já havia feito anteriormente na sua presença. Sem muita convicção, levei 5 minutos. Só fui vê-la uma hora depois, persuadido do pouco sucesso de minha iniciativa. Para grande admiração minha, as pessoas da casa me advertiram de que a Sra. B. estava seriamente indisposta havia já uma hora: sentiu tonturas e interrompeu seu trabalho, para beber um copo d'água e lavar as mãos e o rosto. Ela mesma me contou sobre a indisposição que sentiu e que não sabia explicar. A este propósito é bom lembrar que, em estado de vigília, a Sra. B. não suspeitava de que se pudesse adormecê-la de longe. Esta singular coincidência mostra duas coisas:

- 1º) que eu podia exercer uma certa ação sobre esta mulher, mesmo de longe;
- 2º) que por uma razão qualquer, seja por falta de costume, seja graças à ação da água fria, a Sra. B. pôde resistir à minha ação e não adormecer...

A 2 de março recomecei o mesmo comando, desde minha casa, às 15 horas. Fui vê-la uma hora depois e encontrei-a em atitude singular. Estava sentada e costurava um guardanapo; os olhos estavam abertos, os movimentos continuavam a se produzir com muita regularidade, mas com uma lentidão extraordinária: dava apenas três ou quatro pontos por minuto. Levantei seu braço, sem dizer nada, e ele ficou no ar, imóvel; ela estava em estado cataléptico e assim ficou, para espanto dos presentes, durante uma hora. Pouco a pouco ela foi cessando de responder às perguntas e ficou assim, imóvel. Baixei-lhe as pálpebras tão logo ela caiu para trás, e nesse estado de sonambulismo de forma letárgica ela não cessava de repetir: “Oh, tenho sono... Você não deve me acordar... Tenho sono... Vou cair... Não falem comigo... Onde está o Sr. Janet?”. Num instante de lucidez ela me reconheceu, pegou

minha mão com um grito de satisfação e adormeceu calmamente.

No dia seguinte, 3 de maio, a Sra. B. não foi adormecida e passou muito bem.

A 4 houve um incidente curioso. Eu pretendia adormecer a Sra. B. de minha casa, através de comando mental ordinário; pensei nisso uns três ou quatro minutos, quando entraram na minha sala algumas pessoas, interrompendo minha singular ocupação. Foi-me impossível retomá-la e, quando, uma hora depois, eu pude ir até o pavilhão em que a Sra. B. se encontrava, tinha certeza de que a experiência havia fracassado. A Sra. B. estava numa cadeira, dormindo havia já três quartos de hora; por minha recomendação ninguém deveria acordá-la. Quis pegar na sua mão, para provocar contrações características, mas ela imediatamente acordou, se levantou e disse que não estava adormecida de todo. Entretanto o olhar estava espantado, a postura titubeante e tive que sustentá-la para conduzi-la a um outro aposento. Em seguida ela adormeceu completamente, segurando minha mão. Não há qualquer coisa de espantoso nessa meia sonolência se produzindo exatamente no dia e na hora em que eu tentei adormecê-la, sem que dispusesse de tempo suficiente?

A 5 de março, nas mesmas condições e desta vez às 5 horas da tarde, pensei adormecê-la durante dez minutos e pouco depois encontrei-a no mesmo estado cataléptico descrito acima.

A 6 de março foi Gibert quem tentou adormecê-la de sua casa e em hora totalmente diferente, às 20 horas. Conseguiu. Uma testemunha declarou que viu a Sra. B. adormecer exatamente às 20:03. Uma tal precisão torna qualquer coincidência fortuita difícil de ser imaginada.

Nos dias seguintes nada fizemos. A 10 de março foi Gibert quem a adormeceu, a partir de sua casa, mas como não pude assistir ao fato, deixo de registrá-lo. Nos dias 11 e 12, nada tentamos. A 13, eu a adormeci, de minha casa, às 4 horas e encontrei-a meia hora depois em estado de catalepsia. Ela

costurava com movimentos automáticos, muito lentamente. Sem nada dizer, sem tocar nela, portanto sem que ela tivesse percebido minha presença, contentei-me em comandá-la através do pensamento, ordenando-lhe que dormisse profundamente. Ela deu um suspiro, o movimento das mãos cessou e ela ficou imóvel na última posição.

Insisti para que ela caísse para trás, no mais completo relaxamento muscular. No dia 14 de março eu a adormeci ainda da mesma maneira, encontrando-a em um estado de sonambulismo letárgico, sem qualquer movimento.

A 16 de março combinamos que Gibert adormeceria a Sra. B., de sua casa, pelo pensamento, e que ele tentaria, sempre de sua casa, forçá-la a se levantar e vir encontrar-nos. Meu irmão, Jules Janet, interno dos hospitais de Paris, encontrava-se então no Havre e deveria ir comigo à casa de Gibert, antes das 8 horas da noite, momento em que tínhamos a intenção de começar a experiência. Um atraso inesperado impediu-nos de encontrar Gibert na hora marcada e a experiência só pôde começar às 9 horas. Registro esse incidente insignificante porque se a Sra. B. tivesse, por acaso, sido prevenida de nossa intenção, ela teria adormecido e se poria em marcha às 8 horas e não às 9.

Eis o que aconteceu. Não querendo deixá-la andar adormecida pelas ruas sem precauções, deixei Gibert e fui até o pavilhão onde estava a Sra. B. Não entrei, com receio de produzir alguma sugestão com minha presença, mas fiquei longe, na rua. Às 9 horas e alguns minutos a Sra. B. saiu bruscamente da casa e andou apressadamente. Fui atrás e vi que ela estava com os olhos completamente fechados, apresentando todos os sinais do estado sonambúlico. Caminhava evitando todos os obstáculos e levou muito tempo para me reconhecer. No começo me repeliu e disse que não queria ser acompanhada. Mas acabou aceitando e pareceu satisfeita com minha presença, momentos depois. Continuou andando até chegar à casa, entrou e caiu numa poltrona na mais profunda letargia. Essa letargia só foi interrompida um instante, por um período de sonambulismo no qual ela

murmurou: “Cheguei... Vi o Sr. Janet... Me enganei de rua... Havia muita gente... Um homem se pôs na minha frente...” Depois adormeceu por longo tempo.

Esta experiência foi recomeçada com o mesmo êxito diante de Paul Janet a 20 de abril e uma vez diante dos Srs. Myers, Marillier e Ochorowicz no dia 22.”

Janet termina o relatório com um resumo das experiências de sono à distância, feitas ora por ele, ora pelo Dr. Gibert.

Em 22 experiências ele teve 6 fracassos, três logo no começo, quando o hábito sonambúlico ainda não era muito forte, um outro mais tarde, depois de uma interrupção de alguns dias nas sessões, e duas quando o sujeito resistiu mais de meia hora antes de adormecer. Em suma, 16 sucessos “precisos e completos”. “É de se crer – diz ele – tenha havido 16 coincidências fortuitas e exatas? A suposição é talvez um pouco inverossímil; terá havido, todas as vezes, uma sugestão involuntária de nossa parte? Só posso responder uma coisa: que tomamos, sinceramente, todas as precauções para evitá-la.”

Todas essas experiências tendem a demonstrar não somente a ação à distância em geral, mas ainda:

- 1º) a importância do *rapport* (relação) que só se estabeleceu depois de muitas magnetizações consecutivas e que inseriu um selo de individualidade em cada experiência conseguida (a paciente reconhecia sempre se era Gibert ou Janet quem a adormecia à distância, e a profundidade do estado provocado depende da intimidade desse *rapport* (relação);
- 2º) a importância de uma concentração do pensamento, por parte do magnetizador;
- 3º) a falta de uma diferença perceptível de grau, entre uma ação de alguns passos a alguns quilômetros de distância (é bem isso o que observamos nas comunicações telefônicas: a voz só se enfraquece em distâncias consideráveis. Para nós o fio representa o *rapport*).

Mas a questão dos limites ainda é muito prematura. Notemos somente que a distância maior, mencionada nas experiências, é de 10 quilômetros.

Supondo que o fenômeno é verdadeiro, seria interessante conhecer as condições favoráveis ou desfavoráveis a uma transmissão à distância. Um só magnetizador, M. Aubin Gauthier, acreditou poder formulá-las. Segundo ele:

- 1º) os corpos inanimados não interrompem a ação à distância;
- 2º) os vegetais ajudam;
- 3º) certos animais a desarranjam;
- 4º) homens demais podem impedi-la.

Ele acrescenta ainda que “em tempos de trovoadas é difícil magnetizar, não somente à distância, mas também em presença”.

É inútil dizer que só estou citando essas afirmações a título de curiosidade.

TERCEIRA PARTE

Teorias, conclusões e aplicações

CAPÍTULO I

A hipótese da percepção exaltada

Diz A. S. Morim, no seu estudo *Do magnetismo e das ciências ocultas* (1860):

“A comunicação de pensamento é uma das faculdades que mais frequentemente encontramos entre os lúcidos, e às vezes ela tem lugar em muitos outros gêneros de lucidez, que se gabam de encontrar, se bem que realmente não existam. Há poucos sonâmbulos em condições de descobrir o nosso pensamento de maneira seguida e de formulá-lo com as próprias expressões que temos no espírito. O mais frequente é que o sonâmbulo captura fragmentos de seu pensamento na hora em que você o incumbe de descobrir, seja de coisas distantes, seja de coisas passadas; e então o lúcido se imagina estar vendo realmente essas coisas, se bem que nada mais faz do que ler em seu espírito. Se em seguida você quiser que ele leia em seu pensamento, você terá que concentrar sua atenção naquilo que você quer fazê-lo ver e isso você não conseguirá. Assim, o lúcido rouba o seu pensamento à sua revelia e à revelia dele e quando você lhe propuser que leia o seu pensamento, como exercício, ele será incapaz disso. Quanto a este último ponto, há exceções, notadamente a que relata Puel, de um cataléptico; mas elas são muito raras.

(Morim, que escreveu em 1860, não podia, naturalmente, conhecer as experiências recentes feitas pela Sociedade Psicológica Inglesa e outras.)

E, sobretudo, não se pense que, munidos de um bom lúcido, se poderá penetrar à vontade no segredo dos pensamentos. Quando um lúcido chega a captar alguns pensamentos, ele só o faz com as pessoas com as quais está em relação, e mesmo esta faculdade tão reduzida é variável,

intermitente, sujeita a ilusões, de modo que o lúcido crê possuí-la, dando como uma descoberta os sonhos de sua imaginação.”

Morin não indica as causas presumidas desta variabilidade. Mas estas observações gerais são justas, com a única restrição de que, quando um sonâmbulo é bem conduzido, ele jamais dirá ver isto ou aquilo, se não estiver vendo nada. A verificação, de resto, não é tão difícil.

Morin reduz à comunicação dos pensamentos a ação aparente da vontade. Ele não admite nem fluido nem uma ação física qualquer, nem a influência direta da vontade sobre os órgãos do sujeito. Se este último deixar cataleptizar um membro, paralisar ou hiperestésiar um sentido, é porque depois de ter adivinhado o pensamento de seu magnetizador, ele influencia seu próprio corpo.

Mas ele também rejeita uma transmissão real do pensamento. Este não é transmitido senão por sinais ordinários.

E, para legitimar esta adivinhação, segundo os sinais exteriores do pensamento, ele invoca alternadamente a frenologia, a fisiognomonia e a quiromancia.

Quanto à frenologia, eu não compreendo realmente o que ela faz aqui, visto que nenhum frenologista sustentou ainda que, tocando com a cabeça os órgãos correspondentes, possa se adivinhar os pensamentos e que os sonâmbulos que o fazem não tocam os órgãos frenológicos.

Acrescentando-se que a frenologia não é uma ciência demonstrada, tem-se o direito de eliminá-la.

As mesmas observações se aplicam à quiromancia.

Mas, quanto à fisiognomonia, ou mais precisamente à patognomonia (sinais de expressão em geral), a aproximação é digna de atenção. Não é de se duvidar que nossos pensamentos, e mais ainda nossos sentimentos e nosso caráter em geral, se reflitam em nosso rosto, esse “espelho da alma”. Afirmar Morin:

“Entre os indícios que pode oferecer o exterior do corpo humano, ele é que atrai mais o olhar; o indivíduo dado à

embriaguez, por exemplo, não traz na face os estigmas horríveis de seus hábitos? Há outros sinais que, bem menos aparentes, não são menos reais e que, para serem percebidos, demandam uma grande clarividência. Lavater era dotado, nesse sentido, de uma penetração que se é tentado a encarar como adivinhação, e lia correntemente nos rostos como se fossem livros. Se as regras que ele estabeleceu não puderam constituir a ciência da fisiognomonia nem servir para formar fisionomistas tão hábeis como ele, os princípios sobre os quais ele fundou seu sistema não são menos verdadeiros e os resultados aos quais ele chegou provam que, para completar sua obra, trata-se agora de formular o método que instintivamente ele conduzia com admirável acerto.”

Aqui eu estou inteiramente de acordo com Morin. A fisiognomonia tem uma base positiva que tende a um determinismo geral, aplicável tanto ao desenvolvimento dos organismos como a seus caracteres estáveis e que, na espécie, pode se resumir neste princípio: *Nada é accidental no exterior de um organismo vivo*. Não se trata de conhecer as relações casuais que existem, sem dúvida. Mas estamos ainda longe desse objetivo e eu creio, mesmo, que para chegar até lá mais depressa, será bom, em lugar de formular as leis fisiognomônicas, o que ainda é prematuro, será bom, dizíamos, continuar os estudos da patognomonia, renovados com tanta autoridade por Darwin.

A expressão dos estados mais ou menos passageiros, de doenças, de dores, de emoções, da atenção e de tendências volitivas, se prestam muito mais às pesquisas experimentais do que a expressão dos caracteres nos traços estáveis, que por muito tempo ainda não poderá ser julgada senão por uma espécie de intuição, baseada na experiência inconsciente.

Mas não é menos certo que aqueles que, desde sua infância, adquiriram o hábito de observar, podem perfeitamente decifrar com muita aproximação o caráter de um homem na sua fisionomia. Pelos contrastes claros é quase impossível um engano. O sonâmbulo poderá, pois, possuir a mesma faculdade e dela se servir para a adivinhação dos sentimentos, das tendências e dos hábitos.

Eis ainda um ponto que merece ser assinalado, no que diz respeito à adivinhação das doenças. Há uma obra, hoje muito rara e esquecida, única no gênero. Ela é devida a um destacado médico, professor da Universidade de Freiburg, o Dr. K. N. Baumgaertner, e tem o título de *Physiognomice pathologica, Krangen Physiognomik*, Stuttgart – Leipzig, 1839. É um grosso volume que contém um atlas apresentando os tipos fisionômicos de todas as doenças principais. As figuras, quase de tamanho natural, são pintadas a mão, de modelos naturais, por excelentes artistas. Nada mais interessante para um médico que esta cristalização, por assim dizer, de sinais patológicos que nos permitem distinguir pelo exterior, pelo aspecto, uma doença do coração de uma doença do útero, por exemplo. Muitos médicos experimentados têm esta facilidade de apreciação. Os sonâmbulos podem possuí-la até graças à experiência inconsciente de toda a vida que, insensível em estado de vigília sob a pressão dos atos conscientes, poderá se manifestar no isolamento psíquico do sonambulismo.

O mesmo se dá com os sinais das emoções; e Morin chegou a mencionar sobretudo as nuances da voz, que, mesmo contra nossa vontade, traem nossos sentimentos e sobretudo nossas aprovações ou nossas dúvidas. A adivinhação de um pensamento depende às vezes desses sinais mínimos.

“O físico é a expressão do moral”, diz Morin com justeza. Depois ele conclui:

“O lúcido que penetra o pensamento não faz outra coisa senão o que faz o frenólogo, o fisionomista ou o quirognomista, só que ele vê um monte de sinais materiais que escapam à nossa visão e que completam as indicações que nos dá o exame do crânio, da figura das mãos. O lúcido não tem senão os meios análogos aos nossos, porém mais extensos. Tudo se resume na observação dos órgãos. Ele não pode se dar conta, nem dar contas a nós, do valor de cada sinal. É uma espécie de linguagem que ele compreende instintivamente sem saber os princípios. E isso não nos deve causar admiração, pois cada um de nós conhece os primeiros elementos dessa linguagem sem os ter aprendido e mesmo

sem ter formulado suas regras... Que, numa reunião, alguém venha falar de um sujeito de forma a chocar um dos assistentes, que este deixe ver na sua fisionomia os sentimentos que o animam, qualquer um se impressionará com isso e afirmará, por exemplo, que ele está com despeito, raiva, sede de vingança, ódio contido, etc. Mas perguntem aos espectadores quais são os sinais materiais que lhes revelaram tantas coisas; a maior parte responderá que eles não sabem nada, mas que estão certos de seu julgamento e que os sentimentos em pauta foram manifestados de maneira a não causar impressões. Da mesma forma o sonâmbulo, que lê o pensamento de outro, não pode dizer como esse pensamento se tornou aparente para ele; tudo o que ele sabe é que o viu.”

Em resumo, como disse o próprio Morin, “a questão está concentrada na maneira como os sonâmbulos veem os objetos materiais”.

Pois é precisamente aí que está o lado fraco da teoria.

Antes de tudo, não é justo esquecer as sensações auditivas e olfativas; depois, como o sonâmbulo tem os olhos fechados, ou ao menos não se serve deles para adivinhar o pensamento, a teoria de Morin não faz mais do que unir uma questão incompreensível a uma outra que não o é menos. “Como é que os sonâmbulos veem os objetos materiais?...” Mas esta é outra questão! Quanto a nós, não queremos abordá-la; entretanto, somos tentados a crer que Morin, que para explicar a comunicação do pensamento, liga-a ao sonambúlico, saberá nos explicar esta última. Mas não, ele rejeita todas as hipóteses conhecidas e “confessa sua ignorância”.

De nossa parte, voltamos ao ponto de partida.

Acrescentemos que a teoria de Morin não explica as experiências nas quais o sujeito volta as costas ao operador, tem os olhos vendados e *a fortiori* ela não explica uma transmissão qualquer à distância.

L. Figuiier desenvolveu esta teoria, sempre admitindo o mesmo princípio:

Segundo ele, tudo se explica por uma exaltação excepcional dos sentidos e da inteligência no estado de sono. O sonâmbulo não tem outras sensações senão as de nossos sentidos; mas sua percepção sendo exaltada, ele percebe os menores sinais voluntários ou involuntários procedentes do magnetizador e, por seu intermédio, adivinha seu pensamento. Diz ele:

“A exaltação passageira dos sentidos do sonâmbulo magnético explicará, segundo penso, o fenômeno ao qual os magnetizadores deram o nome de *sugestão* ou *penetração do pensamento*. Quando um magnetizador declara que seu sonâmbulo vai obedecer a uma ordem expressa mentalmente por ele, e quando o sonâmbulo, coisa aliás rara, cumpre esse esforço, não é impossível ter-se em conta esse aparente milagre que, se fosse real, inverteria todas as noções da fisiologia e, podemos dizê-lo, as leis conhecidas da natureza viva. Nesse caso, um ruído, um som, um gesto, um sinal qualquer, uma impressão inapreciável a todos os demais assistentes é suficiente para que o sonâmbulo, visto o estado de tensão de seus principais sentidos, venha a compreender, sem qualquer meio sobrenatural, o pensamento que o magnetizador quer comunicar-lhe. Assim, não mais neste caso do que nos outros, o indivíduo magnetizado não tem o privilégio de romper as barreiras comuns que a natureza impôs ao exercício de nossas faculdades.”

Como disse Sêneca, *ad id sufficit natura quod poscit*. Mas desde o tempo desse estoico “as barreiras comuns da natureza”, sem serem rompidas, recuaram lindamente e além disso, se há uma teoria que possa impedir o desenvolvimento de todas as noções da fisiologia moderna, ela é seguramente a teoria das barreiras intransponíveis, desde que tivesse sido admitida antes da descoberta dessas noções. Pode-se saber exatamente onde se encontram essas barreiras? Uma placa metálica, por exemplo, poderá ou não falar como um homem? Bouillaud, que não foi o primeiro, disse que não, que isso seria subverter todas as noções de fisiologia. Disse isso diante do fonógrafo de Edison, em plena Academia, e agarrou a garganta do infeliz intérprete do célebre inventor americano, acusando-o de ventriloquia...

Enfim, por que e de que maneira a sugestão mental deveria subverter todas as noções da fisiologia?

Nem todas, em todo caso. Espero que a teoria da digestão, por exemplo, possa continuar tranquila; a teoria da circulação também; como a da respiração, da reprodução, etc.

O que está em jogo é a teoria da percepção. Mas será que a existência de uma transmissão sutil qualquer pode destruir os fatos e as leis de uma transmissão grosseira e palpável? A descoberta do telégrafo elétrico subverteu as estradas de ferro?

Não, é melhor não abusar desse preceito, além do mais muito sábio, que reconhece certos limites naturais a todas as ciências. Não sejamos mais naturalistas do que a própria natureza; deixemos a ela a iniciativa da oposição.

Em suma, a teoria de Morin e de Figuiet, que entretanto admitem os fatos da sugestão mental, não toma conhecimento do conjunto e seria dificilmente aplicável ao caso de uma transmissão clara qualquer, dos mitos aqui citados por seus autores. Mas não se pode contestar que ela pode ser utilmente desenvolvida, para servir à interpretação de um grande número de casos mistos, nos quais a percepção normal exaltada se junta a uma transmissão verdadeira. É preciso também reconhecer nela a vantagem de que se inspira num princípio eminentemente científico: o de reconduzir o desconhecido para o conhecido, na medida do possível. Só que, creio eu, é mal aplicada.

Em todo caso é uma hipótese evasiva. Ela contorna a dificuldade em lugar de encará-la de frente.

Passemos agora às teorias que admitem francamente o fenômeno.

CAPÍTULO II

A hipótese da exaltação do cérebro

Em primeiro lugar é preciso citar Bertrand.

Este eminente analista, na verdade, não desenvolveu uma teoria completa da sugestão, mas emitiu muitas concepções claras a respeito, que merecem ser mencionadas.

Bertrand não admite uma ação a distância ou, em geral, uma ação física qualquer; ele é o pai científico da teoria sugestiva do magnetismo. É o próprio sujeito que se influencia, por imaginação; mas a imaginação do sujeito pode ser influenciada por um pensamento estranho, mesmo sem qualquer sinal exterior. O pensamento se transmite, mas não a vontade. Em consequência, se o sujeito executa a ordem dada, não é a vontade do magnetizador que agiu sobre seus membros, mas sim que, tendo percebido o pensamento do operador, ele concorda em executá-lo. Afirma Bertrand:

“O conde de Lutzelbourg, procurando se instruir a respeito, fez a seguinte experiência: disse, no ouvido de uma testemunha, aquilo que ele queria que uma sonâmbula executasse e perguntou à doente se ela a determinaria. “Eu sei – respondeu ela – e executo o que o senhor está pedindo. O senhor pediu que eu me sentasse na minha cadeira e eu obedeci.” Em geral, os magnetizadores de hoje (1823) me parecem admitir com uma rapidez inconcebível a opinião sobre a influência direta da vontade de um homem sobre outro homem; eu não conheço nenhuma ideia mais fácil de ser destruída por quem quer que deseje pensar. Antes de tudo, não há nada que nos seja tão íntimo do que nossa vontade; ela sozinha constitui a personalidade, o *Eu*.

(Bertrand confunde aqui muitos fenômenos; a personalidade é um complexo de todos os caracteres psíquicos próprios ao indivíduo; o *eu* é apenas um foco, um ponto central, móvel e momentaneamente e relativamente simples desse conjunto complicado; a vontade, enfim, não é

mais do que uma resultante das tendências patrocinadas pelo *eu* reinante.)

E se a vontade do magnetizador se apodera, como se supõe, da pessoa do sonâmbulo, este não será mais do que um autômato, movido por molas estranhas do corpo do magnetizador.”

Muito bem, acontece com frequência que o sonâmbulo nada mais é do que um autômato. Bertrand, instruído na escola humanitária de Puységur e de Deleuze, não conhecia os hipnotizadores e os magnetizadores modernos, com seus órgãos de barbárie. Ele ainda era daqueles que pediam aos doentes a permissão para fazer-lhes o bem.

“Eu não sei – acrescenta ele – como os partidários desta influência da vontade não se tenham assustado com a consequência. Segundo eles, um sonâmbulo cego, agente movido por um impulso estranho, tomará um punhal e o enterrará no seio de seu próprio pai, sem poder resistir à vontade que o dominará; e ele só tomará conhecimento de sua ação quando o crime estiver cometido. Felizmente não é assim e todos os fatos que deram lugar à estranha opinião que eu combato, não podem provar outra coisa que não seja a comunicação do pensamento e a influência limitada que ele pode ter sobre as determinações do sonâmbulo.”

Ainda aqui Bertrand se engana. A experiência não tem sido feita por sugestão mental, mas sim pela sugestão verbal e é perfeitamente certo que, em estados mais ou menos vizinhos do monoideísmo o sujeito pode cometer um crime comandado, sem perceber nada, mesmo depois do cumprimento do movimento ordenado. A oposição só é possível em pleno sonambulismo e pode ser suprimida por alguns passes. Há cerca de 5 por cento de pessoas que não podem opor uma resistência séria. De resto, não se pode misturar a moral com as questões de fato. O que é verdade é verdade, eis tudo. Se tivermos que nos “assustar com as consequências” estudando um problema, jamais chegaremos a nada de novo, pois toda coisa nova assusta os conservadores. Cristo não foi crucificado por causa das “novidades perigosas”?

Nem Sócrates nem Copérnico se assustaram com as consequências de uma verdade. Deixaram aos outros a tarefa de os condenar.

Felizmente os tempos mudaram. H. Taine deu uma boa resposta quando o censuraram porque suas ideias poderiam se tornar perigosas: “Nunca pensei que uma verdade pudesse servir para alguma coisa.”

Mas, sim, ela pode servir para alguma coisa, só que não se deve inquietar com antecipação. E eu estou certo de que o império da vontade dos magnetizadores sobre os magnetizados, quando for bem conhecido, poderá contribuir mais para o bem do que para o mal.

“Assim, para resumir – conclui Bertrand –, eu penso que é absurdo supor que, em qualquer caso, uma vontade estranha possa agir diretamente sobre os órgãos dos sonâmbulos, e ainda menos sobre suas determinações – (a primeira frase é justa, a segunda é falsa) –; mas me parece que um número de fatos suficientes para ocasionarem a convicção provam que não é raro que os sonâmbulos tenham conhecimento da vontade ou do pensamento das pessoas com as quais eles estão em relação, e que este conhecimento pode levá-los a agir e produzir neles os mesmos efeitos como se tivéssemos lhes falado. Acho mesmo que, como esse fenômeno resulta da *comunicação simpática* dos movimentos do cérebro de quem comanda, o sonâmbulo conhecerá mais facilmente a ordem que lhe foi dada, se esta for acompanhada de um gesto qualquer que, não podendo ser feito sem um movimento muito grande das fibras cerebrais, favorecerá a comunicação; é isso que a experiência confirma em todos os casos e é isso que eu mesmo venho observando. De resto, a opinião que estou enunciando foi adotada por muitos magnetizadores.”

A distinção absoluta feita por Bertrand, entre a transmissão de pensamento, que ele admite, e a transmissão da vontade, que ele rejeita, é um pouco ociosa. Para ter razão ele teria que fazer uma outra ainda, a de uma ação direta da vontade sobre os órgãos periféricos e da transmissão da vontade ao cérebro.

Quanto aos músculos, por exemplo, é certo que sem uma excitação física local dos tendões ou dos nervos, é impossível colocá-los em movimento por um ato de vontade estranha, mas esse também não é o sentido da expressão: *ação sugestiva da vontade*. E, desde que se admita uma transmissão do pensamento, não há razão para se vociferar contra os que acreditam que a tendência para um movimento qualquer pode ser transmitida tão bem como uma ideia puramente passiva e objetiva. Desde que se desperte um sentimento, desperta-se também uma tendência que lhe é própria. E Bertrand não nega a transmissão de sentimentos. Em consequência, com esta reserva de que o fenômeno não pode se verificar senão por uma ação reflexa do cérebro, não mais temos necessidade de traçar um limite absoluto entre a vontade e o pensamento.

Bertrand sempre tem em vista um estado poli-idéico do cérebro e é isso que o engana. Quando há muitas ideias elas podem se opor à execução e, se esta tiver lugar, não se pode realizar senão pelo consentimento das ideias. Mas quando não há? Quando toda oposição é eliminada pelo estado da a-ideia ou do monoideísmo nascente, como é que se pode querer que a ideia inoculada e tornada dominante pelo seu isolamento não determine a execução? É precisamente neste estado que se devem fazer as experiências diretas.

Quanto à questão do “como” da transmissão, Bertrand não se pronuncia. Mas parece admitir a *exaltação do cérebro* com paralisia dos sentidos exteriores, como uma condição essencial, e ele faz uma aproximação muito justa entre o simpatismo das doenças, que ele muitas vezes constatou, e o das ideias. Diz ele:

“A comunicação do pensamento apresenta-se mais frequentemente entre os sonâmbulos estáticos, fazendo com que o estado de exaltação moral não possa ocorrer sem um aumento considerável da *sensibilidade do cérebro*, aumento esse que favorece, entre o cérebro do sonâmbulo e o dos assistentes, uma *comunicação simpática* semelhante àquela em virtude da qual ele sente, nas outras partes do corpo, as dores que sofrem as pessoas que estão em *rapport* (relação) com ele.”

E em outro lugar ele diz:

“Vimos que minha vontade não expressa teve uma verdadeira ação sobre a doente em estado de paralisia e não teve nenhuma que fosse instantaneamente sensível em estado de vigília.”

Veremos mais tarde a importância desta simples observação.

CAPÍTULO III

A hipótese de uma ação psíquica direta

O simpatismo de Bertrand, sem ser claro, nada tinha de místico. Era uma espécie de indução, no sentido elétrico da palavra. Um pensamento induzia um pensamento análogo, como uma corrente elétrica induz uma corrente elétrica análoga. Nada passa diretamente de um cérebro para outro cérebro. Seria isso uma ação à distância, a uma pequeníssima distância? (Bertrand não admitia outra). Sem dúvida, mas ele não se pronunciou a respeito; essa passagem não ficou esclarecida.

Muitos magnetizadores quiseram preencher esta lacuna admitindo *qualquer coisa que passa* e, como não podia deixar de ser, emprestaram a este intermediário qualidades tanto psíquicas como físicas, segundo a inclinação de seu espírito.

Detenhamo-nos um pouco nesta primeira hipótese.

Minha alma age sobre outra alma.

Que há de mais simples do que supor uma transferência real de meus pensamentos? Não é isso que irá embaraçar um espiritista. Se meu pensamento pode mover meu corpo e o pensamento de meu sujeito o seu, basta supor que meu pensamento passou para seu cérebro, para se compreender tudo.

Quando se trata de explicar a visão à distância, dizemos simplesmente que a alma do sujeito, depois de ter deixado momentaneamente seu corpo, foi ver o que se passa a cem léguas, depois voltou e contou o que viu.

Seria um pouco tedioso deixar assim o corpo sem alma; mas os espíritas encontraram um meio de remediar o caso: a alma fica no seu lugar; o espírito é que se incumbe da excursão.

Da mesma forma a transmissão e o pensamento. A alma (ou o espírito *ad libitum*), não tendo limites como o corpo, pode se distanciar um pouco para ocupar momentaneamente uma posição estranha, executar o que tinha que executar, para depois voltar para a sua concha. Descartes reconheceu a impossibilidade de uma ação do pensamento sobre a extensão (a matéria), mas não sobre um outro pensamento.

Em consequência, elas poderiam se entremear; e se alguma coisa deve nos impressionar nesse caso é que tal acontece só raramente. Dever-se-ia esperar por uma comunidade universal: – Passa-me tua experiência e eu te passarei minha esperança... Seria realmente muito cômodo. Uma pessoa sozinha poderia aprender por todo mundo e depois revender suas ideias diretamente, a tanto por série: uma associação por dois níqueis e mesmo duas por um níquel, uma vez que está provado que aquele que comunica suas ideias ao sonâmbulo não perde nada.

Infelizmente esse comércio é prematuro ainda. Nós não nos detivemos, acima, se uma alma ou um pensamento de uma alma pode deixar seu corpo; e se, depois de ter deixado, ela se torna mais poderosa que antes. É o que se precisará provar antes de tudo.

Em lugar de supor uma passagem direta, certos espiritualistas se contentam com uma ação igualmente mística, porém mais vaga ainda.

“Concebemos – diz Chardel – que os obstáculos e as distâncias desaparecem para uma alma lúcida. Ela não se inquieta muito; ela se livra naturalmente desse novo modo de investigação e recobra seu gênero de ação que lhe é próprio.” (Chardel não indica as fontes de seu saber.)

É simples como um “bom-dia”. Sem admitir um deslocamento real ou um alargamento místico das faculdades, pode-se entrever um “esplendor” quase físico:

“O espírito – diz Allan Kardec, o grande mestre do espiritismo – não está fechado no corpo como numa caixa: ele irradia-se em torno; eis por que ele se pode comunicar com outros espíritos, mesmo em estado de vigília, embora o faça com mais dificuldade do que durante o sono.”

É bonito; só que precisaria provar que existe uma analogia entre uma alma e uma lanterna. O que, aliás, ainda não será suficiente, pois uma lanterna apenas ilumina, enquanto que uma alma pode comandar movimentos. É verdade que um raio de luz

pode mover um radiômetro de Crookes, mas não se determinou ainda o que seja um *raio do espírito*, nem do que ele é capaz.

Sabemos que os espíritas admitem ainda uma transmissão de pensamento entre as almas encarnadas e os espíritos libertos. “Os espíritos não têm senão a linguagem do pensamento; eles não têm uma língua articulada”, garante Allan Kardec, e podemos acreditar em sua palavra.

Assim, se algum espírito tem alguma coisa para nos dizer, ele é obrigado a servir-se de um intérprete. Esse intérprete é o *médium*.

“É o espírito do médium que é o intérprete, porque ele está ligado ao corpo que serve para falar...” Mas às vezes esse único intermediário não é suficiente:

“O espírito familiar é quase sempre aquele que serve de intérprete, para comunicar ao médium o pensamento do espírito evocado, quando este for elevado demais para julgar conveniente não vir pessoalmente, ou quando outras ocupações o impedem. O pensamento entre espíritos se comunica sem o socorro da linguagem falada. Se tu evocas um espírito que ignora a língua, ele transmite diretamente seu pensamento a teu espírito familiar, que o traduz na língua que tu conheces e que te é familiar.” (São palavras de J. Roze em *Revelações do mundo dos espíritos*, 1862.)

Certos espiritualistas foram mais longe; eles admitiram a necessidade de intérpretes espirituais não somente para uma comunicação entre um homem vivo e um espírito invocado, mas também entre o magnetizador e o seu sujeito.

“A influência que um homem exerce sobre o homem pela ação do magnetismo – diz o Dr. Billot – vem de um auxiliar desconhecido, cuja presença só pode dar a solução dos fenômenos magnéticos.”

Este auxiliar é o mundo dos espíritos, bons ou maus; sobretudo maus, garante o marquês de Mirville.

Esses autores se colocam no ponto de vista dos exorcistas: o homem não é capaz de perceber o pensamento de outrem; em

consequência, se ele parece perceber é que o seu anjo da guarda – ou o diabo – lhe soprou as palavras.

Não podemos perder nosso tempo examinando essas fantasias extracientíficas. Notemos apenas que, se a credulidade pode levar tão longe, uma incredulidade também não é de todo preferível.

“A dúvida – disse Arago – é uma prova de modéstia, e ela raramente negou o progresso das ciências. Não se pode dizer o mesmo da incredulidade.”

Se se quiser ter uma prova do que pode produzir um ceticismo patológico, nada melhor do que ler Mabru, “laureado da Academia de Ciências”. Este autor escreveu um livro de 500 páginas (*Os magnetizadores julgados por eles mesmos*, Paris, 1885) para dizer que nada viu no magnetismo, apesar de todas as cartas que escreveu e de todos os concursos que ele mesmo instituiu. Para ele “o pretendido sonambulismo magnético não existe mais do que o fluido, e os fenômenos que se atribuem ao sonambulismo não são mais do que pura ilusão”.

Ele também admite um intérprete para os fenômenos de transmissão... um comparsa.

“Para não sermos logrados em todos esses belos serões, tão frequentemente repetidos com vantagens em certos salões magnéticos – diz ele –, o meio é bem simples: basta suprimir o comparsa. Não há nem fluido animal nem sonambulismo artificial, nem magia, nem feitiçaria; todas essas pretendidas ciências na realidade não possuem qualquer fato científico e, quando a força de circunspeção, mortificação e de constrangimento chega a provocar a sonolência em um doente ou num sujeito a quem se fatigou (o que se consegue numa pessoa cujos sentidos estão em repouso), esse sono nada mais é do que o sono ordinário. Ele não conta com qualquer das propriedades maravilhosas do pretendido sono magnético. Ele existe com frequência nas sessões de comparsas, mas fora disso é completamente falso que exista entre o *adormecedor* e seu sujeito uma relação ou um estado psíquico outro que não sejam as relações ordinárias da vida

comum. Não somente a coisa não existe como não pode existir...”

“Há erros – diz Cabanis – dos quais só os homens de espírito são capazes.”

Mabru não tem esta desculpa, mas ele tem uma outra:

“La Bruyère disse: *Todo espírito que está no mundo é inútil para aquele que não está.*”

Ultimamente Mabru foi ultrapassado por um membro da Academia de Ciências Políticas e Morais. Trata-se de Desjardins, que nem sequer quis ver as provas, não permitindo que outros as vissem. Ele condena os estudos hipnóticos. Nada estudou, mas está perfeitamente convencido de que todas as experiências de sugestões, terapêuticas, pedagógicas e outras “malogram miseravelmente”. Isso não impede que elas sejam nocivas e criminosas. Deve-se punir não somente os hipnotizadores como também os hipnotizados, “pois o homem não tem o direito de abdicar sua humanidade e seu livre-arbítrio”.

Pode-se esperar que o insigne jurisconsulto não se deterá aí. Resta-lhe ainda propor uma lei contra os que dormem durante a noite, visto que não deve ser permitido ao homem se transformar voluntariamente em uma massa inerte e abdicar de seu livre-arbítrio.

“Este eloquente protesto – diz P. Favreuil – foi unanimemente aprovado e seu autor foi vivamente aplaudido. Arthur Desjardins acaba de aplicar no hipnotismo um golpe direto do qual se espera que não consiga se levantar.”

Quem viver verá. Notemos apenas que isso se passou em 13 de agosto de 1886, portanto no século XIX, em Paris, na Academia.

CAPÍTULO IV

A hipótese de uma ação física direta

A maior parte dos magnetizadores admite a existência de um fluido nervoso, vital ou magnético.

Troçou-se muito sobre esse fluido e devemos admitir que o assunto se presta a isso. Mas aqueles que fizeram muitas experiências são os únicos capazes de julgar a questão e eles dirão que a aparência é tal como se alguma coisa passasse do magnetizador para o sujeito.

Esse fluido sutil deve servir de intermediário entre o espírito e o corpo. É ele que excita os músculos e transmite as sensações ao cérebro; é ele que, sob o impulso da vontade, se projeta para fora, para afetar os nervos do sujeito. Sendo de natureza móvel, se ele sofrer a influência do meio, reflete, em consequência, a personalidade do homem, seus sentimentos e sua vontade, se impregna, por assim dizer, das alterações de nosso espírito; unindo-se a um outro fluido semelhante, embora individualmente diverso, pode fazer passar para este as mesmas modificações virtuais. É, pois, o fluido que transmite o pensamento, não tendo esta necessidade de deixar seu corpo para agir sobre outro corpo.

Quem primeiro expôs esta teoria foi Lecat (*Tratado das sensações*, Paris, 1767), doutor em medicina e professor de fisiologia. Seu fluido se chama *fluido animal* e é interessante constatar que já em 1767 havia um esforço para explicar certas transmissões misteriosas. Diz Lecat:

“Esse fluido, dotado do caráter particular de uma paixão, leva a impressão até ao fluido animal dos outros “indivíduos”, pois “as sensações e as pressões consistem em modificações do fluido animal e esses caracteres se comunicam aos fluidos da mesma espécie e são suscetíveis de mudanças a todo instante”. Esse fluido é uma emanção que o autor confunde frequentemente com as emanções odoríferas, como, de resto, faz a maioria dos magnetizadores.”

Citemos ainda uma última passagem:

“Desde que tomemos conhecimento dos fatos evidentes que provam que os diferentes caracteres do fluido animal e dos fluidos vegetais produzem nos fluidos de outros indivíduos emoções, alterações de caracteres, não se terá dificuldade em conceber todos os efeitos que resultam de seu consenso natural ou de seu conflito, qualquer que seja o gênero: intelectual, animal ou animo-vegetal.”

Tal é, em algumas palavras, a teoria do fluido magnético.

Mas por que magnético?

Para responder a esta questão, ouçamos o que diz o principal promotor desta teoria, J. P. F. Deleuze:

“Um sonâmbulo percebe a vontade de seu magnetizador, executa uma coisa que lhe é pedida mentalmente. Para se compreender este fenômeno é preciso considerar os sonâmbulos como ímãs infinitamente móveis: não ocorre um movimento no cérebro de seu magnetizador, sem que esse movimento não se repita nele, ou ao menos sem que ele o sinta.”

Mas é sobretudo o fenômeno mais evidente e mais frequente da atração que faz pensar nessa analogia. A experiência de Bruno, como se recorda, mostra esse fenômeno elevado a um grau excepcional; mas é muito comum ver a mão do sujeito atraída pela proximidade da mão do magnetizador e seguir seus movimentos. Um ímã aproximado do sujeito produz o mesmo fenômeno; e, embora esta ação não leve propriamente a se denominar magnética, compreende-se que vários fenômenos tenham podido determinar a escolha da expressão “magnetismo animal”, que não é mais néscia do que a de “eletricidade”, dada a fenômenos que conhecemos e que nada têm a ver com o âmbar (elétron).

Deleuze faz ainda outra comparação:

“Sabe-se que se colocarmos lado a lado dois instrumentos em uníssono e se dedilharmos as cordas do primeiro, as cordas correspondentes do segundo ressoam por si mesmas.

Esse fenômeno físico é semelhante ao que tem lugar no magnetismo.”

Segundo esta analogia, este seria o fluido magnético que transmitiria as vibrações psíquicas, como as vibrações sonoras são transmitidas pelo ar.

Quanto à ação a uma distância maior, eis o que diz o autor:

“Embora seja muito difícil explicar como o fluido magnético pode agir de um aposento para outro, a maior parte dos magnetizadores estão convencidos disso. Eu mesmo fiz experiências que o provam. Entretanto, esse fenômeno, sendo daqueles que me parecem inconcebíveis, poderá ser examinado de novo, a meu convite, pelos magnetizadores (1813). De resto, a luz e o som não são levados a grandes distâncias, sem que se possa conceber no móvel que os envia uma força suficientemente grande para arrastá-los rapidamente, mesmo através do corpo. Que a luz seja uma emanção de corpos luminosos ou uma comoção do éter, não é tão fácil de compreender como é que a luz de um carvão ou de uma vela se faz perceber instantaneamente a uma grande distância através de corpos transparentes, ou como a luz de uma estrela chega até nós. Pode haver fenômenos em que nos recusamos a acreditar porque nunca os observamos. Nem por isso não são mais incompreensíveis que outros, que nunca nos impressionam porque nós os vemos todos os dias.”

Mais adiante ele acrescenta:

“Para que o fluido que parte de mim atue sobre o do homem que eu magnetizo é preciso que os dois fluidos se unam, que tenham o mesmo tom de movimento. Se eu apalpar com vontade e atenção e se aquele em quem eu quero agir estiver em estado passivo ou de inação, será o meu fluido que determinará o movimento do seu. Acontece então algo semelhante ao que ocorre entre um ferro imantado e um que não o está: à medida que passamos várias vezes e no mesmo sentido um no outro, o primeiro comunica ao outro seu

movimento ou sua virtude. Isto não é uma explicação, mas sim uma comparação.”

E mais adiante:

“Uma vez que os nervos são embebidos de uma certa quantidade de fluido, eles adquirem uma suscetibilidade da qual não fazemos a mínima ideia quando no estado comum. Considerai o indivíduo magnetizado como fazendo parte, de alguma forma, de seu magnetizador, e não mais vos admirareis de que a vontade deste aja sobre ele e determine seus movimentos. Eis tudo o que posso dizer sobre o princípio da ação magnética e sobre a influência da vontade.”

Evidentemente não é uma explicação. Mas nem Deleuze, nem qualquer de seus sucessores se gabaram jamais de ter explicado todo o mistério. Eles somente têm insistido sobre a necessidade de admitir uma ação física que eles resumem pelas palavras *emissão de fluido*, para conceber, na medida do possível, os diferentes fenômenos de transmissão.

“A vontade – diz Lafontaine – não pode agir materialmente sobre um outro corpo. Nossa vontade só age sobre nós mesmos, produzindo uma secreção mais ativa no cérebro e contrações no plexo; daí a emissão de uma grande quantidade de fluido e mais intensidade na ação... Podemos, pois, dizer com razão que os fenômenos magnéticos têm uma só e única causa, o fluido vital, e que a vontade não é, aqui, mais do que um acessório, como em todas as coisas... O que faz pensar que a vontade age sobre o magnetizado é um dos efeitos que se apresentam no estado de sonambulismo. Um sonâmbulo cuja lucidez for desenvolvida vê o pensamento do magnetizador e obedece à ordem mental. É uma transmissão de pensamento; conclui-se daí que a vontade, à qual o sujeito estava submetido, devia ser a causa; mas cometeu-se um erro, confundiu-se causa com efeito. A transmissão de pensamento não é mais do que um resultado do estado particular no qual se encontra o sujeito. Se o magnetizador não estiver com disposição de saúde e de força convenientes, se ele estiver fatigado, nada produzirá ou produzirá muito pouco, ainda que

ponha toda sua vontade naquilo que está fazendo. Se, ao contrário, o magnetizador estiver em plena força e saúde, mesmo magnetizando mecanicamente, distraído, sem vontade, ele produzirá, entretanto, efeitos positivos... Para fazer cessar o estado magnético é preciso desmagnetizar, é preciso libertar o sujeito ou o membro sobre o qual ele estiver agindo, de todo fluido que a ele se transmitiu; e terá que agir fisicamente, pois se não o fizer, ou se o fizer levemente, poderão ocorrer malefícios passíveis de degenerar em graves acidentes.

(Esta última observação, independentemente da teoria do fluido, é muito justa. Fala-se frequentemente de acidentes nocivos depois de uma magnetização. Pois bem, jamais – e eu me apoio numa experiência de 19 anos – uma magnetização, feita em condições regulares, pode fazer mal; ao contrário, ela sempre deve fazer mais ou menos bem; o caso menos favorável é quando o efeito é nulo. Mas as experiências feitas às pressas, para puro espetáculo, por magnetizadores ambulantes ou por hipnotizadores que não estudaram a literatura do sujeito, são nocivas quase sempre, e a causa principal de acidente é uma desmagnetização insuficiente. Diminui-se pela metade o efeito favorável do magnetismo e às vezes causam-se problemas sérios, depois de um despertar prematuro, muito brusco ou incompleto).

Os partidários da vontade – diz ainda Lafontaine – parecem apoiar-se em um outro exemplo para defender sua causa: quando um magnetizador adormece à distância, sem fazer um movimento, um sujeito a quem tem o hábito de magnetizar, ou mesmo quando o magnetiza pela primeira vez, eles pretendem que a vontade age sozinha. É um erro. O magnetizador, concentrando-se em si mesmo, provoca a emissão do fluido, que vai impressionar o sujeito, adormecendo-o. Aqui, como em toda parte, há uma simples projeção do fluido vital.”

Trata-se de uma teoria bem simples. Se o fluido existisse seria cômodo para a explicação de fatos e para aplicações terapêuticas; é preciso, pois, agir como se o fluido existisse.

Mas, antes de tudo, é certo que em um grande número de fatos a intervenção do fluido é teoricamente inútil e que ali onde somos obrigados a reconhecer uma ação física, ela não prova ainda o deslocamento, nem mesmo a existência de um fluido particular. Em outras palavras: a teoria do fluido é muito simples diante da complexidade de fatos e inutilmente complicada diante de fatos simples.

Entretanto, Lafontaine tem plena razão quando diz que, desde que admitimos uma ação à distância, será preciso admitirmos uma ação física. O pensamento, como tal, não pode nem passear nem irradiar para outro lugar que não seja o cérebro que lhe pertence ou ao qual ele pertença. Mas a emissão, ou o transporte, assim como a própria existência de um fluido vital particular, não pode ser demonstrada, nos obrigará a procurar um princípio mais positivo para elucidar nosso problema.

CAPÍTULO V

A hipótese de um fluido universal

Em geral pensa-se que foi Mesmer o promotor da teoria do fluido nervoso, vital ou magnético, que se solta de nosso corpo, projeta-se para fora e, em caso de necessidade, transporta-se pelo espaço, etc. É um erro, propagado por aqueles que não leram Mesmer ou que não o compreenderam. A teoria que acabamos de esboçar, de resto muito antiga, foi elaborada por um trabalho coletivo de muitos de seus alunos indiretos e sobretudo pelas revelações de sonâmbulos, que se explicaram como puderam.

Explicarei aqui a teoria de Mesmer. Tudo o que é acessível à investigação pode se resumir em duas palavras: matéria e movimento. Mas para chegar a esta conclusão é preciso liberar nossos conhecimentos dessa impressão superficial que lhes dão nossos sentidos.

“Nós adquirimos todas as ideias pelos sentidos: os sentidos só nos transmitem propriedades, acidentes, atributos: as ideias de todas essas sensações se exprimem por um objetivo ou epíteto, como quente, frio, fluido sólido, pesado, leve, sonoro, colorido, etc. Substituíam-se esses epítetos por comodidade da língua, por substantivos; logo se substantivaram as propriedades; se diz *o calor, a gravidade, a luz, o som, a cor*, e eis aí a origem das abstrações metafísicas.” (Mesmer, 1778).

Estas substâncias foram multiplicadas e personificadas. Daí os espíritos, as divindades, os demônios, os gênios, etc.

“Resta-nos um certo número destas entidades, que precisam ser eliminadas para se chegar a uma visão nítida dos fenômenos. Este é, em geral – diz Mesmer – o objetivo a que me proponho.”

A matéria apresenta muitos graus de fluidez. A água é mais fluida que a areia, pois ela pode preencher os interstícios de seus grãos; o ar é mais fluido do que a água, pois ele pode se dissolver nesta; o éter é mais fluido do que o ar... É difícil

determinar onde esta divisão acaba, mas podemos supor que há ainda muitos graus desse gênero e que existe uma matéria primitiva universal, cuja condensação graduada reúne todos os estados da matéria. Qualquer que ela seja, é preciso admitir, segundo Mesmer, que todo o espaço do mundo está preenchido, e podemos muito bem chamar esse fluido, que preenche tudo, de *fluido universal*. Alguns físicos já reconhecem a existência de um fluido universal, mas erraram ao precisar os caracteres desse fluido, ao sobrecarregá-los de propriedades e de virtudes específicas que não podemos conhecer. Esse fluido existe, embora não sintamos a sua presença. Nós estamos, perante ele, quase na situação dos peixes, que seriam fortemente abalados se um dos seus anunciasse que o espaço entre o fundo e a superfície do mar está cheio de um fluido; que não é senão por esse meio que eles se aproximam, que afastam, e que esse fluido é o único meio de suas relações recíprocas. “O fluido universal não é senão o conjunto de todas as séries da matéria dividida pelo movimento de suas partículas.” Para ele o universo é derretido e reduzido a uma só massa. Tudo o que dele se pode dizer é que ele é fluido por excelência e, em consequência, que ele deve presidir sobretudo as transmissões de movimentos mais sutis do que os efetuados por outros fluidos mais conhecidos. A água pode transmitir movimento a um moinho; o ar transmite as vibrações dos sons; o éter, da luz; o fluido universal, o movimento da vida. Cada uma dessas séries corresponde a um grau dos fenômenos e as suas vibrações não podem ser percebidas senão a um grau correspondente da organização (da agregação em geral) da matéria. Nem o calor, nem a luz, nem a eletricidade, nem o magnetismo são substâncias, mas sim efeitos de movimentos nas diversas séries do fluido universal. Sem ser pesado ou elástico, esse fluido determina os fenômenos de peso, de coesão, de atração, etc., em seguida às reações do movimento comunicado.

A atração, para dizer a verdade, não existe na natureza; ela é apenas um efeito aparente dos movimentos comunicadores e, em geral, todas as propriedades e todas as pretensas forças não são senão um resultado combinado da organização dos corpos e do

movimento do fluido no qual eles estão mergulhados. É este fluido que preside as influências mútuas de todos os corpos; e como essas ações e reações são, por assim dizer, simbolizadas pela influência mútua do ímã e do ferro, pode-se bem dar o nome de magnetismo universal a esta influência mútua geral. Nada escapa a esta influência, que pode ser mais ou menos inapreciável, mas que teoricamente não tem limites. Os corpos celestes agem sobre nós e nós reagimos sobre os corpos celestes, assim como sobre aqueles que nos cercam. É esta propriedade do corpo animal que o torna suscetível de uma série de ações e reações que, devido a uma analogia com o ímã, pode ser chamada de magnetismo animal. Em consequência, o magnetismo, tão universal como o animal, não é um fluido, mas uma *ação*; um movimento e não uma matéria; uma transmissão do movimento e não uma emanção qualquer. Um deslocamento não pode ser feito sem substituição, pois todo o espaço está cheio, o que supõe que se um movimento da matéria sutil é provocado num corpo, produz-se também um movimento semelhante em um outro suscetível de receber, qualquer que seja a distância entre os corpos.

“Considerando – acrescenta Mesmer – que a influência recíproca é geral entre os corpos; que o ímã nos apresenta o modelo desta lei universal e que o corpo animal é suscetível de propriedades análogas às do ímã, creio poder justificar a denominação de magnetismo animal que adotei. Vejo com pesar que se tem abusado desta denominação; desde que tem havido uma familiarização com a palavra, as pessoas julgam ter ideia da coisa. À medida que minhas descobertas eram postas na fila das quimeras, a incredulidade de alguns sábios me deixou toda a glória da invenção; mas depois que eles foram forçados a reconhecer sua existência, começaram a exhibir obras da antiguidade, nas quais se encontram as palavras *fluido universal*, *magnetismo*, *influência*, etc. Não é questão de palavras e sim da coisa e, sobretudo, da utilidade de sua aplicação.”

A vida não é senão uma manifestação de um movimento sutil, cuja cessação é a morte. Entre esses movimentos sutis as

sensações ocupam um lugar destacado; todas as ações são o resultado das sensações. Os órgãos dos sentidos correspondem a diferentes graus da sutileza das vibrações. Mas a matéria nervosa, ela própria, como produto supremo da organização, é capaz de ser influenciada diretamente pelas vibrações as mais sutis, da matéria mais sutil, isto é, do *fluido universal*, e esta faculdade, até aqui negligenciada ou desconhecida, Mesmer a chama de *sentido interior*.

Devo lembrar que esta denominação aparece com frequência na história da psicologia, mas com outro significado. Aristóteles já se ocupava desta questão. Depois dele Albertus Magnus, Occam, Giordano Bruno, Cremonins, etc. já falam de um *sensus interior* ou mesmo de *sensibus internis*. Mas este termo tem sido tomado, seja no sentido de um *sensus communis*, que reúne todas as sensações, seja no sentido da percepção e da consciência de si mesmo.

O que se vinha fazendo era travestir o problema colocado por Aristóteles; é preciso admitir um sexto sentido para ver o que os olhos veem, para ouvir o que os ouvidos ouvem, etc., ou, enfim (na psicologia moderna), dá-se o nome de sentido interno à faculdade de perceber as sensações internas corporais. O sentido que lhe dá Mesmer é completamente diferente. Ele crê que a matéria nervosa em geral e a substância cinzenta em particular pode ser afetada diretamente pelas vibrações do fluido universal. Ele via aí uma fonte de conhecimentos vagos, quase sempre inapreciáveis, sobretudo no homem, no qual as impressões dos sentidos e o desenvolvimento da reflexão abafam essas fracas percepções; mas entre os animais, que têm sentidos menos aperfeiçoados, esta sensibilidade puramente cerebral compensa a imperfeição dos sentidos e os substitui em muitos atos das suas vidas. Ela os põe em relação com toda a natureza, faz-lhes adivinhar as direções no espaço, pressentir as revoluções terrestres ou atmosféricas, a utilidade ou não de certos alimentos e, em geral, forma uma espécie de experiência inconsciente à qual se deu o nome de instinto. No homem esta faculdade não se manifesta senão excepcionalmente no sono normal e, sobretudo, no sonambulismo, depois de um entorpecimento dos sentidos

ordinários e da ausência de ideias conscientes que habitualmente o sufocam.

“Se é verdade – diz Mesmer como, aliás, tentarei provar – que somos afetados pelo encadeamento dos seres e dos acontecimentos que se sucedem, compreender-se-á a possibilidade dos pressentimentos e de outros fenômenos análogos.

No estado de “crise”, os sentidos do sonâmbulo podem se estender para todas as distâncias. Parece que toda a natureza se faz presente nele. A própria vontade lhe é comunicada independentemente de todos os meios convencionais. Estas faculdades variam em cada indivíduo; o fenômeno mais comum é o de ver o interior do seu corpo e mesmo de outros... Mas é raro encontrar todas estas faculdades no mesmo indivíduo.

Como é que o homem pode receber a impressão de outra vontade que não a sua?

Esta comunicação não pode ter lugar entre dois indivíduos em estado ordinário, a não ser que o movimento, resultante de seus pensamentos, seja propagado do centro para os órgãos da voz e para as partes que servem para exprimir os sinais naturais ou convencionais; esses movimentos são então transmitidos para o ar ou para o éter, como meios intermediários, para serem recebidos e sentidos pelos órgãos dos sentidos externos. Esses movimentos assim modificados pelo pensamento no cérebro e na substância dos nervos podem, independentemente e sem o concurso do ar e do éter, se estender a distâncias indefinidas e se relacionam imediatamente com o sentido interno de um outro indivíduo.

Por aí se percebe como a vontade de dois indivíduos pode se comunicar por seus sentidos internos e, em consequência, como pode existir uma reciprocidade, um acordo, uma espécie de convenção entre duas vontades, e que podemos chamar de estar em *rapport* (relação).

Esse gênero de sensações só pode ser adquirido pela radiação dos fluidos, que podem estar no ar comum. Faltam-

me as expressões, como se eu tivesse que explicar as cores pelo som. No caso, é preciso suprir pelas reflexões que se possa fazer sobre as pré-sensações constantes dos homens e sobretudo dos animais, nos grandes acontecimentos da natureza, a distâncias inacessíveis para seus órgãos aparentes, sobre a irresistível atração dos pássaros e dos peixes em suas viagens periódicas e, enfim, sobre todos os fenômenos relativos que nos apresentam o sono crítico do homem.”

Essas representações podem referir-se tanto ao passado como ao futuro, porque ver o passado é simplesmente sentir as causas nos efeitos, e ver o futuro é adivinhar os efeitos pelas causas. Tudo o que *foi* deixou traços; da mesma forma, o que *será* já está determinado pelo conjunto das causas.

Mas por que o estado de sono é mais apropriado do que o da vigília, para manifestar essas diferentes transmissões?

Mesmer responde com muita precisão:

- “1º) Porque as funções dos sentidos são suspensas e a continuidade do sensório comum com os órgãos externos, mais ou menos interrompida. As impressões das matérias circundantes não se operam, pois, sobre os órgãos dos sentidos externos, mas direta e imediatamente sobre a própria substância dos nervos. O sentido interno se torna, assim, o único órgão das sensações.
- 2º) Como depois do entorpecimento dos sentidos as funções psíquicas da memória consciente, da imaginação, da reflexão, etc. são também suspensas e, em consequência, as impressões diretas da substância cerebral se encontram liberadas da pressão dos sentidos externos, “elas se tornam sensíveis àquelas, ainda que sejam sozinhas. Como a lei imutável das sensações diz que a mais forte cancela a mais fraca, esta pode ser sensível, na ausência de uma mais forte. Se a impressão das estrelas não é sensível aos nossos olhos durante o dia como é durante a noite, embora sua ação seja a

mesma, é porque ela é ofuscada pela impressão superior da presença do sol.”

Para as transmissões individuais de homem para homem, é preciso admitir ainda duas outras condições:

- 1º) A do *rapport* (relação) – A ação especial entre dois seres é favorecida por uma espécie de acordo, pela produção natural ou artificial de um tom do movimento ou de um movimento tônico análogo, e que torna um cérebro mais suscetível a uma vibração pertencente à mesma categoria.
- 2º) A da *educação* – A perfeição desse sono crítico varia não somente segundo a marcha da crise, a temperatura e os hábitos dos sujeitos, como depende também e, em alto grau, de uma espécie de educação que se pode dar durante esse estado; é como um telescópio cujo efeito varia como os meios de ajustá-lo.

Num estado favorável às transmissões de todo gênero, o homem entra em relação com toda a natureza, como se fosse um líquido cuja superfície perfeitamente equilibrada refletisse todas as imagens do universo. Mas imaginem essa superfície agitada (impressões dos sentidos ordinários) e verão o líquido se mexendo numa infinidade de ondas e reações, e a reflexão das imagens desaparecerá.

Mas, evidentemente, é raro que todas essas condições de perceptividade cerebral estejam reunidas. Estimulados por certos casos excepcionais, vários observadores acreditaram poder fazer sonâmbulos lúcidos à vontade. Esqueceram-se de que é sempre em estado de sono que os sonhos se misturam com sensações verdadeiras. Confundiram magnetismo com sonambulismo.

Mesmer acreditava, como Spencer, que as partículas de uma certa matéria são afetadas principalmente pelas partículas que têm movimentos análogos e, guiado por este pensamento, admitiu uma série de movimentos cada vez mais sutis, e uma série de estados de matérias cada vez mais rarefeitas ao estado sólido, líquido, gasoso, etéreo e um estado mais sutil ainda, do fluido universal ou da matéria primitiva que pode, ela também,

apresentar graus que nos são desconhecidos. Logo, ele dividiu o trabalho da natureza e distinguiu o fluido universal, suscetível sobretudo de vibrações vitais, do éter, ao qual ele entrega principalmente a luz. Nada sabemos a respeito desta organização; mas creio que não há limites absolutos na natureza e prefiro, portanto, ficar com a graduação de Mesmer do que com a teoria do fluido, sem dúvida imponderável, dos físicos modernos. Este fluido, que nada mais é do que uma negação absoluta da matéria “ponderável”, constitui uma espécie de matéria absolutamente contrária a tudo o que sabemos da matéria ordinária e, digamos francamente, contrária ao senso comum. As partículas da matéria ordinária se atraem, as do éter se repelem, etc. Um monte de fantasias! O éter é um fluido imponderável. Ora, se fluido quer dizer alguma coisa, fluido imponderável quer dizer contra-senso. Um fluido quer dizer qualquer coisa que pode escoar, deve ser empurrado por alguma coisa e, em consequência, pesar em alguma coisa. Além disso admite-se que as moléculas do éter são atraídas pela matéria ordinária, e quando um corpo é atraído por um outro corpo, este pesa sobre ele. Depois, o éter não pode preencher todo o espaço, precisamente porque ele é rarefeito. Enfim, se é ele que nos deve explicar as atrações e a ponderabilidade, ele não pode ser em si mesmo nem ponderável e nem imponderável, pois não é senão por um *rapport* (relação) entre ele e a matéria ordinária que estas qualidades se manifestam.

Numa palavra, eu compreendo a necessidade de um gás que conhecemos, isto é, mais rarefeito que o hidrogênio (talvez haja muitos, não sei), mas não compreendo uma matéria que não é matéria, um corpo rarefeito que suprime a vida, um *deus ex machina* que tudo deve explicar, sem ser ele mesmo compreensível. Prefiro minha ignorância do que uma ciência semelhante. E suplico aos matemáticos para que não imaginem que podem descobrir o que quer que seja fora das relações fundadas na experiência. Um psicólogo pode saber isso. Ele pode estimar quanto quiser as quatro, cinco e *n* dimensões que lhe desenvolvamos com a ajuda de símbolos abstratos, mas ele confessa francamente que pode imaginar muito bem as três

dimensões, não mais. Se Zoellner vivesse ainda, sem dúvida teria explicado a transmissão mental por uma passagem através da quarta dimensão e nós teríamos mais uma teoria.

Sem isso resta-nos somente assinalar uma última, unicamente para efetuar uma transição entre as hipóteses precedentes e a nossa.

Esta transição nós a encontraremos na teoria de Puységur.

CAPÍTULO VI

A hipótese de uma transmissão psicofísica

O simpático bruxo de Busancy, que tanto se apaixonou pela sugestão mental, merece uma menção. Ele foi soldado (marechal de campo do Corpo Real da Artilharia) e gostava de resolver logo as questões. As séries do fluido universal de Mesmer se instalavam em sua cabeça mas ele, o marquês de Puységur, era cortês demais para contrariar seu mestre. Preferia acusar-se a si mesmo de incapacidade metafísica. A teoria não lhe importou muito. “Aumentem o número de experiências – diz ele – e vocês chegarão a uma teoria; do contrário estarão perdendo tempo”. Se fosse preciso esperar, para reconhecer os fenômenos conhecidos da eletricidade, do ímã e do galvanismo, para se chegar a um acordo sobre as explicações de suas causas, não se teria hoje nem o para-raios, nem a bússola nem a pilha de Volta. Existe um fluido elétrico, um fluido magnético, um fluido galvânico? Ele não sabe nada, nem precisa acreditar na existência de um fluido.

Passando em revista os fenômenos do calor, do fogo, da máquina elétrica, da luz, da pilha de Volta e do galvanismo, do ímã e dos bruxos (indivíduos sensíveis que encontram, ao que parece, correntes de água subterrânea) e por uma série de comparações e de reflexões de uma perfeita clareza, ele chega a reconhecer, em oposição às ideias dominantes de seu tempo, que o calor não é senão o efeito sensível ao contato da transmissão de um movimento e que, em consequência, “o calórico não existe”, que a causa das propriedades magnéticas do ímã deriva unicamente de um movimento tônico e intestino no ferro, de natureza mais ou menos semelhante ao existente na pilha de Volta! Enfim, que tudo é “transmissão de movimento”.

Puységur é incomparável nas suas deduções a propósito de uma experiência de transmissão de pensamento, posto ao lado de uma experiência de máquina eletrostática. Ele apresenta dois problemas: acender à distância um pavio com a ajuda de uma faísca elétrica e agir mentalmente à distância sobre seu irmão que está em Versalhes.

“Fiz uma ação de girar a manivela da máquina sem mudar de lugar; esta ação teve seu resultado, que é o de comunicar o movimento; de onde eu concluo que todos os pavios do mundo não podem se acender senão pela transmissão de um movimento comunicado. Meu irmão está a quatro léguas daqui. Vejamos como eu poderei transmitir-lhe movimento. Nada de mais simples: eu me lembro de sua imagem e penso nele. – Eis o místico e o sortilégio! – Nada disso, trata-se de pura física. Todo ato humano não é precedido da vontade? Esta vontade não é também precedida do pensamento que concebeu a possibilidade de sua execução? Este pensamento é, pois, o princípio motor; ele está em mim, como a bandeja de vidro na máquina elétrica. – E você crê que pode produzir algum efeito em seu irmão pela ação de seu pensamento? – Certamente não! Ele perceberá menos ainda, nesse caso, da ação de meu pensamento, do que você, já que ele não está isolado.”

Em síntese, ele desenvolveu a mesma teoria de Mesmer, porém simplificada e popularizada, menos o fluido universal e menos a precisão notável do iniciador do magnetismo. Esta teoria foi apresentada ultimamente pelo Dr. Perronet sob o nome de *ondulacionismo*. Sua fórmula, brevemente enunciada, é a seguinte:

“A sugestão é um fenômeno pelo qual um indivíduo transmite a um ou a muitos indivíduos seus próprios pensamentos, conscientes ou inconscientes, materializando-os na forma de objetos representados pelos pensamentos e passando por esta série de fenômenos intermediários:

- 1º) ondulações nervosas de origem central e em direções centrífugas, ondulações essas que são provocadas por um mecanismo desconhecido, nos órgãos que servem de apoio para suas faculdades psíquicas;
- 2º) ondulações, na periferia de seu corpo, de contrações fibrilares, ou outros fenômenos em geral inconscientes;
- 3º) ondulações determinadas no meio cósmico pelos movimentos precedentes;

4º) choque das extremidades nervosas dos indivíduos receptores, por estas ondulações cósmicas que produzem nos centros psíquicos daqueles o último fenômeno ondulatório, traduzido pela percepção real do objeto significado pela ideia.”

E agora façamos abstração de todas essas teorias, lembrando-nos apenas dos fatos. Tentarei torná-los compreensíveis na medida do possível, no estado atual das pesquisas.

CAPÍTULO VII

Os elementos de uma explicação científica

Recordemos que:

- 1º) a sugestão dita mental é um fenômeno muito complexo que, em consequência, não pode ser explicado com a ajuda de um princípio simples e único;
- 2º) mesmo em relação a um fato determinado e isolado, a teoria deve ser dupla: psicológica e física;
- 3º) em todos os fenômenos desse gênero deve-se considerar, de um lado, as condições da parte do operador, e do outro as condições da parte do sujeito.

Isso quanto ao princípio geral de uma explicação científica.

Mas o que quer dizer *explicar*?

Explicar não quer dizer outra coisa senão *reduzir o desconhecido* para o conhecido e só há um meio de efetuar esta redução: indicando as condições nas quais o fenômeno se manifesta e sem as quais ele não pode se manifestar. É tudo o que se pode fazer e é também tudo o que é preciso. Não se deve ter a ilusão de um conhecimento adequado do que quer que seja. Determinam-se as condições do fenômeno, que se resumem, na medida do possível, nas leis que nada mais são do que uma generalização da observação. Toda a ciência está aí.

Antes de poder precisar as condições de um fenômeno, é preciso descrevê-lo, é preciso analisá-lo, a fim de circunscrever seu conteúdo e designar-lhe um lugar adequado entre os outros fenômenos. É isso que temos tentado fazer, tratando separadamente as diversas transmissões psicofísicas. Resultou que a sugestão mental propriamente dita deve ser considerada em conexão com vários fenômenos de transmissão física que a elucidam através de uma gradual aproximação.

Vimos também que um grande número de fatos, atribuídos à transmissão física ou mental, não constituem senão uma transmissão aparente.

Esta transmissão aparente pode ser explicada, segundo os casos:

- 1º) por uma harmonia pré-estabelecida entre dois mecanismos associativos, independentes um do outro, mas ambos dependentes de um meio psíquico;
- 2º) por uma presunção, baseada nas sensações ordinárias da vista, do ouvido, do olfato e do tato.

Estas sensações que traem nosso estado orgânico ou psíquico podem ser cumpridas pelo próprio sujeito, por causa:

- 1º) da experiência inconsciente que nos é própria e que se faz valer sobretudo na ausência da reflexão consciente;
- 2º) das associações ídeo-orgânicas que podem descobrir a significação das influências mais ou menos despercebidas no estado normal;
- 3º) da ideoplastia, que realiza no sujeito a ideia sugerida pela experiência inconsciente e por associações ídeo-orgânicas;
- 4º) da educação hipnótica e magnética que facilita o concurso de todos os agentes citados.

Resulta que a transmissão aparente deve ser favorecida:

- 1º) pela exaltação dos sentidos;
- 2º) pela exaltação da inteligência;
- 3º) pelo isolamento dos sentidos e da inteligência, que permite concentrar toda a atenção na direção desejada.

Mas toda essa teoria se torna insuficiente desde que se trate de explicar os fatos nos quais os indícios involuntários, fornecidos pelo princípio da *exteriorização expressiva* de todo estado psíquico ou orgânico, não mais podem entrar em ação. Admitindo-se que a perceptividade sensorial tem limites tão incompreensíveis como o próprio fenômeno, será preciso recorrer a um outro princípio que, desta vez, deverá nos explicar não mais a transmissão aparente, mas a transmissão verdadeira.

A transmissão verdadeira embarça os fatos nos quais um estado *a* do cérebro *A* é reproduzido pelo cérebro *B*, sem o intermédio dos sinais visuais, auditivos, olfativos ou táteis.

É fácil adivinhar que, na prática, essas duas categorias de transmissão devem se confundir e que somente nas experiências expressamente feitas e a uma certa distância pode-se ter segurança de que a transmissão verdadeira age sozinha.

Se o pensamento é um fenômeno puramente cerebral, no sentido de que ele não pode ser engendrado por nenhum outro órgão, ele jamais é limitado só ao cérebro, quanto às manifestações que o acompanham. Não há pensamento sem expressão; podemos mesmo dizer, com Sietchénoff, que não há pensamento sem uma contração muscular; mas eu prefiro a primeira fórmula, mais geral, uma vez que ela envolve também as secreções, as emanações, a produção direta do calor e da eletricidade. Podemos ficar absolutamente imóveis e pensar em toda espécie de coisas, mas analisando nossa atitude, verificaremos:

- 1º) que se a reflexão for um pouco intensa, há sempre um começo da palavra; a laringe, a língua, a mandíbula, executantes de pequenos movimentos;
- 2º) que se o pensamento apresenta um caráter mais visual que auditivo, o olho, apesar da oclusão, segue os movimentos dos objetos imaginários e a pupila se dilata ou se retrai segundo a distância do objeto imaginário;
- 3º) que a respiração se regula, se acelera ou para, segundo o curso de nossas ideias;
- 4º) que nos músculos dos membros há sempre uma contração interna, correspondente aos movimentos inacabados, nos quais se pensa;
- 5º) que todos os estados emotivos são acompanhados de uma alteração correspondente, na circulação;
- 6º) que uma concentração de vontade se reflete numa concentração correspondente do diafragma;

- 7º) que todos esses fenômenos devem determinar uma modificação nas funções da vida vegetal, na mudança da matéria e, em consequência, na produção das secreções e emanações diversas;
- 8º) que é certo que todo trabalho psíquico determina uma produção de calor e, provavelmente, que existe mesmo uma transformação direta do trabalho psíquico em calor irradiante.

O efeito dessas ações não pode estar limitado à superfície de nosso corpo e, em consequência, ainda que a uma certa distância, essas mudanças podem influenciar imperceptivelmente os sentidos de um organismo qualquer e fazer-se sentir, de maneira mais ou menos distinta, por um organismo excepcionalmente impressionável.

Apoiando-nos em uma única categoria de sensações, podemos chegar às explicações parciais, imperfeitas, dizendo, por exemplo:

- 1º) que o sujeito decifra o pensamento nos sinais patognomônicos visuais e que, em consequência, a teoria da sugestão mental traz consigo uma teoria de visão exaltada;
- 2º) que, sendo o pensamento habitualmente falado e podendo o sujeito apresentar uma hiperacústica extraordinária, podemos encarar a sugestão mental como uma audição exaltada da palavra interna e dos ruídos da respiração;
- 3º) que, estando provado que as emoções são acompanhadas de um odor cutâneo, podemos exagerar esses indícios, admitindo que mesmo cada pensamento, um pouco concentrado e persistente, sobretudo o da aprovação ou negação, se caracteriza por uma modificação olfativa perceptível;
- 4º) que o calor libertado em seguida a um esforço mental, modificado pela aproximação do corpo e dos gestos (correntes de ar), pode guiar o sujeito, fazer com que ele sinta sobretudo o começo e a direção da ação e dar

lugar, assim, a uma explicação puramente calórica de certas influências ditas mentais;

- 5º) que, nas experiências com contato imediato, todas as vibrações e tensões expressivas dos músculos podem servir de sinal palpável, por uma interpretação de nossos pensamentos, e dar lugar a uma teoria mecânica da sugestão;
- 6º) que o fenômeno da atração reflexa, baseado em uma sensibilidade cutânea exaltada, permite imaginar uma teoria puramente atrativa da sugestão e dizer que todos os movimentos mentalmente comandados são executados em razão de uma atração física reflexa;
- 7º) que o fenômeno da imitação dos movimentos, sendo comum e suscetível de um considerável aperfeiçoamento, permite dizer que, se mesmo de olhos fechados o sujeito pode reproduzir os movimentos do operador, esse fenômeno tem um grau mais elevado e poderá se manifestar por movimentos inacabados e dar lugar a uma teoria exclusivamente imitativa.

Todas essas considerações, tomadas separadamente, e mesmo coletivamente, não podem se aplicar senão a um certo número de fatos, mas nós devemos levar em conta um dos princípios enunciados segundo o qual alguns deles podem ser evocados, sem um exagero evidente.

Algumas experiências de controle podem precisar a justeza ou a incompatibilidade de sua aplicação.

Em geral, para algumas experiências feitas de perto, parece certo que existe uma graduação de facilidades e que ela pode ser resumida nas seguintes categorias:

- 1º) com contato, gestos e olhares;
- 2º) sem contato, com gestos e olhares;
- 3º) sem contato, sem gestos, com olhares;
- 4º) sem contato, sem gestos e sem olhares.

A partir deste último grau, a influência não diminui mais com a distância, até a um limite desconhecido. Se a ação pôde ser

exercida do fundo de um quarto à revelia do sujeito, ela poderá sê-lo, igualmente, de um outro quarto, de uma outra casa, etc.

O fato de uma graduação frequentemente sensível a uma pequena distância e de uma diferença imperceptível a uma grande distância prova:

- 1º) que em certos casos o contato, os gestos e o olhar têm sua parte na ação;
- 2º) que esta ação, assim como a das sensações olfativas, não são suficientes para explicar outros casos.

Além do mais, o contato é quase sempre indiferente. Os gestos se tornam inúteis e o olhar não exerce uma ação palpável. Em consequência, se esses agentes têm uma ação qualquer à distância, esta ação deve ser subjetiva, o que quer dizer que ela facilita a concentração do pensamento no operador.

Da parte do operador as condições têm sido pouco estudadas. Mas é provável:

- 1º) que haja diferenças pessoais;
- 2º) que essas diferenças podem ocorrer não somente a um grau de intensidade do pensamento, mas também devido à natureza desse pensamento, quer visual, auditivo ou motriz;
- 3º) que é preciso reservar uma certa parte a uma espécie de acordo, de concordância entre as naturezas das duas inteligências;
- 4º) que os esforços excessivos da vontade prejudicam a nitidez da transmissão, sem aumentar consideravelmente sua intensidade;
- 5º) que um pensamento firme, persistente, prolongado ou repetido durante mais ou menos longo tempo constitui uma condição eminentemente favorável;
- 6º) que uma distração qualquer parece ser desfavorável à ação;

- 7º) que os pensamentos fracos e mesmo momentaneamente inconscientes podem ser transmitidos involuntariamente;
- 8º) que os esforços musculares que acompanham sempre um esforço de vontade são mais ou menos indiferentes; mas que a expressão muscular no operador pode ser útil subjetivamente em razão do hábito que une o pensamento aos seus sinais expressivos.

Destas considerações resulta que o operador deve insistir menos no “eu quero” do que no conteúdo desta vontade, e é bem provável que não é a vontade forte que favorece a sugestão, mas sim o pensamento claro.

Da parte do sujeito podemos considerar sucessivamente os quatro estados principais:

- 1º) no estado a-ideico profundo a transmissão jamais é imediata, mas às vezes pode ser latente;
- 2º) no estado do monoideísmo nascente ela pode ser imediata e perfeita;
- 3º) no estado do poli-ideísmo passivo ela pode ser mediata ou imediata, mas sempre mais fraca;
- 4º) no estado do poli-ideísmo ativo as condições se complicam e é preciso considerá-las separadamente:
 - a) ela pode ser direta, se o sujeito nos ajudar absorvendo voluntariamente uma concentração mais ou menos monoidéica: ele escuta mentalmente, ele procura e, às vezes, acha;
 - b) ela pode ser indireta, isto é, latente, igualmente com um certo ajustamento da parte do sujeito e este caso parece ser o mais frequente;
 - c) enfim, ela pode ser, por exceção, mediata ou imediata, mesmo sem que o sujeito esteja prevenido da ação.

E aqui tocamos na questão da ação mental em estado de vigília, que demanda algumas explicações: o estado sonambúlico

de poli-idéica ativa não difere do estado de vigília senão por duas características, uma absoluta e a outra relativa.

1 – A diferença absoluta, isto é, constante, necessária, é apenas quantitativa; a vigília é um estado mais poli-idéico do que o sonambulismo. Neste último há sempre uma restrição da vigília, apesar do monoideísmo aparente que seduziu muitos psicólogos (Bain, Morell, etc.), pois nosso pensamento é sempre muito complicado; temos simultaneamente um monte de sensações que lutam entre si, e uma série de lembranças que procuram se livrar da pressão das ideias dominantes. No sonambulismo esse número é bem menor; a maior parte das sensações comuns fazem falta (anestesia); a maior parte das lembranças ficam paralisadas. Podemos afirmar que é mais fácil influenciar à revelia um sujeito acordado do que um sujeito que se encontra em estado sonambúlico claramente ativo. Neste caso, o sujeito é mais absorvido e, em consequência, menos abordável. O estado normal é em geral menos sensível devido à oposição de um grande número de ideias que lutam pela existência, mas ele é menos concentrado, mais elástico, mais variado e, portanto, mais acessível. Dizendo que é mais elástico quero dizer que no estado normal nosso pensamento se projeta mais facilmente à direita e à esquerda, sem deixar o fio que o conduz; mas eu o disse sobretudo devido à particularidade seguinte: o estado normal não é um estado completamente poli-idéico; ele consiste mais em um agregado móvel de todos os estados possíveis, com preponderância da poli-ideia. Há momentos monoidéicos, evidentemente. Mas tudo se mistura, se sucede com uma rapidez muito grande. Mas é isso que torna este estado acessível às influências fracas, sobretudo nos sujeitos hipnotizáveis cujo espírito, em geral, se caracteriza por uma tendência constante ao monoideísmo.

2 – A segunda diferença entre o estado sonambúlico e o estado normal é apenas relativa, porém mais importante para o sujeito. É relativa porque não existe entre os hipnotizados. Um hipnotizado não se põe em relação com ninguém. É relativa, ainda, sob outro ponto de vista, porque, embora exista o isolamento no sonambulismo magnético, esse isolamento

apresenta apenas uma diferença de grau, com o estado normal, durante o qual a sugestão pode ocorrer. Na verdade ela não se realiza jamais em um estado normal sem traço de relação. É preciso que essa relação seja estabelecida, seja por magnetizações ulteriores, seja por um laço de sangue, de simpatia, de um intercâmbio diário, enfim, por uma influência excepcional instantânea.

Esse detalhe nos leva ao fundo da questão.

A relação, sendo uma condição *sine qua non* de uma ação clara, precisa ser definida.

Já vimos que a natureza desse fenômeno é essencialmente dupla: psíquica e física. Conhecemos, já, os elementos psíquicos, restando-nos analisar agora a causa física desses fenômenos. Vejamos:

Temos nós o direito de admitir uma causa física no “magnetismo animal?”

Registremos, de passagem, que, conforme o aspecto geral dos fenômenos, até o momento confundidos sob um só nome, “fenômenos hipnóticos”, esta causa não nos é necessária senão para certas categorias de fatos. Mas isso não suprime a dificuldade; ela permanece, embora na sombra. E o que choca os espíritos legitimistas é que esta ação física parece “transtornar todas as noções da fisiologia”.

“Eu jamais compreendi – diz Brown-Séguard – como um homem inteligente e conhecedor dos princípios fundamentais da fisiologia pode admitir uma tal transmissão (uma transmissão de *força nêurica* de um indivíduo para outro), quando o estudante menos instruído sabe como são vãos, depois da secção de um nervo motor, os esforços, os desejos, a vontade de mover a parte paralisada...”

Eu não gostaria de passar por um estudante menos instruído, mas ousarei dizer a meu mestre que eu, por mim, compreendi como isso é possível.

A vontade, diz Brown-Séguard, não pode alcançar um músculo cujo nervo motor foi seccionado, ao passo que lhe

parece natural que ela possa alcançar um músculo cujo nervo motor não foi seccionado. Pois para mim isso não parece de todo natural. Concordo que ela não possa alcançar um músculo cujo nervo foi partido, mas não admito que ela possa alcançar um músculo cujo nervo motor permanece intacto. A vontade é um fenômeno cerebral que jamais foi constatado fora do cérebro. Ela não se transmite ao nervo motor que sai desse cérebro para confinar num músculo. Paralelamente, o movimento mecânico de um músculo não se transmite a um nervo sensitivo para chegar ao cérebro, mas ele pode, deve, provocar uma corrente molecular que se transmite para o cérebro e ali desperta um outro fenômeno dinâmico de uma outra natureza desconhecida, mas que distinguimos interiormente como *sensação* ou *ideia*. A vontade está no mesmo caso. Para atingir o músculo, ela tem absoluta necessidade de um intermediário molecular, que percorra o nervo, e é certo que este intermediário não pode atravessar um fio partido. O telefone fica mudo. Se nos detivermos nesta experiência, teremos o direito de dizer, em relação ao telefone, o que Brown-Séguard diz em relação ao músculo.

Felizmente nossa ciência não para aí. Brown-Séguard, ao proclamar duas verdades incontestáveis se enganou duas vezes. Eis as duas verdades:

- 1º) uma tal força, absolutamente limitada a um ponto material qualquer, não existe;
- 2º) se assim fosse, os princípios mais fundamentais da fisiologia, entre os quais os princípios da inibição e da dinamogenia de Brown-Séguard seriam invertidos.

A ação telefônica normal cessa desde que o fio se rompe. Ela também será nula *para nós*, não estando o fio rompido, mas desde que o circuito não tenha senão um só telefone. É possível transmitir a palavra com um só telefone? Não, e entretanto ele funciona.

Tomemos um outro telefone, que também tem um circuito fechado e que também fica mudo. Aproximemos este do primeiro, ou somente do fio do primeiro telefone, ou

simplesmente o fio do primeiro telefone ao fio do segundo; este último vai falar, vai reproduzir a palavra, embora não tenha nenhum contato material entre os dois sistemas. Ele falará por indução. É esta transmissão que corresponde a uma transmissão mental e não a que existe entre um músculo e um cérebro. Meu cérebro não age sobre os músculos do sujeito, mas ele pode agir sobre seu cérebro. Se, em lugar de um segundo telefone pusermos ao lado um outro instrumento, um eletroscópio, por exemplo, não obteremos nada, mas não se poderá concluir que não há qualquer ação elétrica em torno do telefone, pois para constatar uma ação análoga é preciso um instrumento análogo, um telefone por um telefone, um cérebro por um cérebro.

Não tenho a intenção de abusar dessa analogia. Comparação não é razão; se não houvesse outras provas de uma ação física indutiva, esta de nada nos serviria.

Mas, independentemente de toda teoria, os fatos nos obrigam a admitir uma ação física. Seríamos obrigados a isso se nenhum outro fenômeno análogo existisse.

Eis esses fatos, em duas palavras, sem que eu possa prová-los:

- 1º) Há casos em que o magnetizado distingue a presença de seu magnetizador, independentemente das sensações ordinárias. Ele distingue seu contato entre muitos outros, mesmo que seja por intermédio de um corpo inerte que não possa influenciá-lo. Em consequência, se o sujeito distingue tão bem o contato de seu magnetizador através de uma haste de madeira, por exemplo, como de forma direta, é certo que existe uma corrente molecular qualquer, própria do organismo do magnetizador, e que denota sua presença quase como uma corrente galvânica denota a presença de uma pilha por intermédio de um fio que nos toca. A objeção de que a maioria dos sujeitos não experimentam nada não tem valor, pois não sentimos nada também com uma corrente de fraco elemento galvânico, embora a bússola venha a manifestar claramente sua presença. Suponhamos que há 40 anos, quando Du Bois Raymond

publicava suas descobertas sobre a eletricidade animal, nós tivéssemos contestado suas afirmações, dizendo que nenhum galvanômetro havia revelado a presença das correntes que ele anunciara. Isto seria verdadeiro e, entretanto, injusto, porque naquela época Du Bois possuía só um multiplicador capaz de revelar sua presença.

- 2º) Pode-se obter efeitos significativos do ponto de vista terapêutico, agindo sem contato e à revelia dos doentes, por exemplo nas crianças adormecidas. Há, pois, uma ação indutiva que ultrapassa a superfície do corpo.
- 3º) Constatam-se claras diferenças na ação dita magnética de diferentes pessoas, sem que a influência moral possa explicar. Uma mão age diferente de outra mão; há, pois, uma ação física e uma ação física pessoal.
- 4º) Enfim, desde que os fatos nos obrigam a admitir uma ação de longe, é preciso admitir uma ação real de perto.

Não podendo precisar a natureza desta ação, podemos, entretanto, dizer o seguinte:

- 1º) Todo ser vivo é um foco dinâmico;
- 2º) Um foco dinâmico procura sempre propagar o movimento que lhe é próprio;
- 3º) Um movimento propagado se transforma segundo o meio que ele atravessa.

Entremos em alguns detalhes:

Eu não sei se *as forças*, como tais, existem na natureza; e *a fortiori* eu não sei se elas existem fora da natureza; mas o que sei é que a força não é senão um movimento. Dizemos “movimento” quando vemos movimento; dizemos “força” quando o movimento é invisível. Um animal dormindo tem a “força” para se levantar, uma vez que existe nele um movimento molecular latente que se pode transformar em um movimento mecânico visível. Uma vez morto o animal não mais terá essa força, porque o movimento molecular interno, que constitui a mudança biológica da matéria, parou.

Podemos, assim, considerar esta força como um movimento oculto, isto é, molecular.

Um movimento tende sempre a se propagar.

Por que às vezes se afigura que ele desaparece? Ele pode se anular? Não. Se o movimento não se cria, ele também não se perde. Assim, quando vemos um trabalho qualquer – mecânico, elétrico, nervoso, psíquico – desaparecer sem efeito visível, não se pode inferir senão de duas uma:

- 1º) é uma transmissão;
- 2º) é uma transformação.

Num meio que não oponha qualquer resistência, um movimento se transmite indefinidamente. Imaginem o universo formado por um meio imóvel, mas capaz de ser movido e não apresentando qualquer resistência; bastará empurrar com o dedo um só átomo para pôr todo o universo em movimento. E se esse átomo estiver sozinho no mundo, ele avançará por toda a eternidade. Avançará em linha reta, segundo a antiga mecânica, mas num círculo infinito, segundo a nova, e é aqui que começam as farsas científicas. Limitemo-nos a dizer que não há qualquer razão para que esse movimento cesse.

Mas tal não é o universo: ele tem resistência. O que quer dizer essa resistência? Para explicá-la faz-se como os selvagens: emprestamos à matéria as qualidades que nos são próprias. Depois de ter objetivado um sentimento subjetivo muscular, na noção da “força”, procede-se como os que se opõem à força, emprestando à matéria nossa preguiça sob o nome de “inércia”. A inércia não existe mais do que a força, mais do que o repouso absoluto. Mas o que existe certamente é o *movimento* que, se não for da mesma natureza, se opõe a um outro movimento.

Que acontece então? Acontece que o movimento inicial se transforma.

Tal é o grande princípio do universo.

Não somente *transmissão*, como dizia Puységur, mas *transformação*.

Onde acaba a primeira e começa a segunda?

A filosofia física nos dá uma ideia muito clara:

- a) num meio idêntico, só há transmissão;
- b) num meio diferente, há transformação.

Um núcleo dinâmico, propagando-se sem movimento, propaga-se por tudo ao redor; mas esta transmissão não se torna visível senão nas rotas de menor resistência. Eis por que se diz que o magnetismo escolhe o ferro; que o calor escolhe os bons condutores; que uma corrente galvânica dá preferência a um fio grosso entre muitos fios, como o raio escolhe as linhas de sua rota, como a impressão da luz escolhe o nervo que lhe convém, como a vontade escolhe a fibra que faz seu serviço, etc.

Mas, na realidade, nada escolhe nada. Somos nós que fazemos a escolha subjetivamente, por incapacidade de ver as coisas invisíveis. A pressão que um líquido doente exerce num vaso é a mesma que é exercida na sua parede intacta ou furada. Mas o líquido só sai pelo furo e então a outra pressão não mais nos interessa. Em lugar de uma substância, tomemos uma força. Atiremos uma pedra num lago, não longe de suas bordas. Esse choque provocará uma série de ondas. Elas são visíveis na superfície da água. Acabam na borda: Não. A terra sente o choque como a água e o propaga; só que ela propaga à sua maneira, invisivelmente. Que faz uma força que encontra um meio impróprio para seu gênero de movimento? Ela se transforma, eis tudo. Não há outras causas de transformação. Transformação supõe resistência. Você passa uma corrente elétrica num fio grosso. Você tem a corrente e não percebe nenhuma outra força. Mas corte o fio grosso e una os extremos com a ajuda de um fio fino; esse fio se incandesce; verifica-se a transformação, aí, de uma parte da corrente em calor. Vamos adiante com a experiência: tome uma corrente mais ou menos forte e intercepte um fio mais resistente ainda ou uma varinha de carvão bem fina. A varinha se encherá de luz e a luz será ainda mais intensa se você partir o carvão em dois, introduzindo um condutor ainda mais resistente: o ar. Uma parte da corrente se transforma então em calor e em luz. Você crê que esta luz só age como luz, na lâmpada que brilha? Errado. Ela age em todo o

redor, primeiro como luz visível e depois invisivelmente como calor e como corrente elétrica. Aproxime um ímã. Se ele for fraco e móvel, sob a forma de uma agulha, o feixe de luz o fará afastar-se; se ele for forte e imóvel, ele é que fará o feixe de luz afastar-se. Os raios luminosos que batem nas asas não transparentes de um radiômetro de Crookes fazem mover o pequeno moinho. E tudo isso à distância, sem contato, sem condutores especiais. E tudo isso porque, longe dali, gira-se uma manivela, ou porque um processo químico quase imperceptível trabalha numa pilha!

Um processo, ao mesmo tempo químico, físico e psíquico se opera no cérebro. Um ato complicado desse gênero se propaga na massa cinzenta como as ondas se propagam na água. São fenômenos intensos, cuja intensidade não é mecânica; ela é mais sutil e mais concentrada. O que chamamos de ideia é um fenômeno muito localizado. Mas não esqueçamos que para fazer nascer uma ideia há necessidade de milhares de impressões repetidas, e todas representam uma força. Essa força é acumulada, condensada numa ideia. Vista de seu lado fisiológico, uma ideia não é mais do que uma vibração que se propaga, sem, todavia, ultrapassar o meio em que ela pode existir como tal. Ela se propaga na medida em que lhe permitem outras vibrações semelhantes. Ela se propaga por mais tempo se tomar um caráter que, subjetivamente, chamamos de *emotivo*. Uma emoção é mais expansiva do que uma ideia indiferente; ela pode ocupar todo o cérebro em detrimento de outras ideias. Mas ela não pode ir além sob pena de ser transformada. Como toda força, ela também não pode ficar isolada, e como toda força, ela se esvai. A ciência oficial não lhe dá mais do que uma rota: os nervos motores. São os buracos de uma lanterna pelos quais os raios luminosos atravessam. Só o pensamento não irradia como uma flama.

O pensamento fica em si mesmo; como a ação química de uma pilha, ele se faz representar fora por seu correlato dinâmico que se chama corrente, para a pilha, e que se chama... não sei como, para o cérebro. Em todo o caso, é também um *correlato relativo*. Este último não é e nem pode ser limitado às correntes

nervosas das fibras motoras. Ele representa todas as transformações do movimento cerebral, transformações tanto mais sutis e tanto mais radicais quanto maior a diferença existente entre o meio anatômico do pensamento e o meio ambiente; corpos sólidos, líquidos ou gasosos sem excetuar o éter, considerado como o quarto estado da matéria.

Ora, chegamos à conclusão de que o movimento que corresponde ao pensamento não pode ser exceção na natureza e que esse movimento se transforma também em outras formas de movimento, necessárias, todavia desconhecidas em sua maior parte.

“Não se opera – diz De Parville – um deslocamento de matérias na natureza morta, um ato voluntário ou inconsciente na natureza viva, sem que haja uma produção de eletricidade em relação exata com a energia do trabalho despendido.”

Além da eletricidade, há produção de calor, há produção de movimento mecânico, talvez de luz; mas minha intenção não é precisar; creio que não conhecemos a milésima parte das mudanças moleculares que um pensamento pode produzir. Devemos nos contentar com uma simples constatação: a energia se transmite e se transforma, aqui como em qualquer outra parte.

CAPÍTULO VIII

A lei da reversibilidade

Devemos, pois, considerar o pensamento como um ato dinâmico. Esse ato dinâmico se desenvolve no seio de um foco dinâmico mais amplo que se chama ação nervosa. Esta última deve ser considerada como um mecanismo particular funcionando sobre um fundo ainda mais amplo, do agregado vital inteiro. O organismo completo possui um *tom* dinâmico que lhe é próprio e que depende da natureza anatômica e fisiológica geral, assim como de seu estado de equilíbrio momentâneo. Esse equilíbrio é governado pela tensão nervosa e esta última pela mobilidade psíquica. Este triplo microcosmo dinâmico age sobre um meio, primeiro por sua presença apenas, como máquina vivente, depois por seu estado, como sistema nervoso e, enfim, por seu pensamento, como centro psíquico.

Sendo o movimento contagioso, compreende-se que um *tom* suficientemente marcado poderá ser comunicado aos objetos ambientais e sobretudo a um outro organismo, cujo tom individual é menos peremptório, cuja natureza consiste precisamente em uma mobilidade passiva, facilmente modificável. A influência é sem dúvida recíproca, mas é a modalidade mais forte, mais amplamente constante que dá o tom. E então um contato estranho produzirá ou uma dissonância desagradável ao sujeito, ou nada, dependendo da solidez do tom que domina. Neste último caso teremos a ver com uma corrente vigorosa e decisiva que se oporá a toda infração. Quanto mais for assegurada a união dinâmica pelo contato, pelos passes repetidos, pela submissão fisiológica do sujeito, menos a transmissão é constrangida, menos ela encontra resistência. Certos gêneros de movimento (calor, eletricidade) podem se comunicar sem modificação sensível. Mas nem o princípio da comunicação, nem o princípio da transformação nos servirá muito para a explicação da sugestão mental, se não forem completados por um outro princípio, que pode ser resumido numa lei de física geral. Nós a chamaremos de *lei da reversibilidade*.

Sabemos já que toda força se propaga (lei da transmissão); que toda força propagada que encontra uma resistência se transforma (lei da transformação); mas não sabemos ainda o que pode ocorrer com uma segunda ou terceira transformação. Ora, pode resultar que um movimento, duas vezes transformado, recupere seu caráter primitivo. Em que caso isso pode acontecer? Em um caso particular no qual o movimento comunicado reencontra um meio análogo a seu ponto de partida. É a lei da reversibilidade.

Segundo esse princípio, uma transformação é sempre reversível.

Teoricamente a coisa parece natural, mas é preciso não esquecer que ela é menos evidente na prática, pois raramente as mesmas condições acompanham uma transformação reiterada. Durante muito tempo se produziu a eletricidade pela fricção, sem que se duvidasse que a própria fricção pode ser produzida pela eletricidade. O *fonoautógrafo*, isto é, a ação mecânica da palavra, era conhecido há muito tempo sem que se suspeitasse que uma ação mecânica também pode reproduzir a palavra no *fonógrafo* de Edison.

Verifica-se, daí, a utilidade de uma lei que nos assegure por antecipação que, desde que o efeito *A* pode ser produzido por uma causa *B*, inversamente, um efeito *B* pode ser provocado por uma causa *A*.

Se o trabalho mecânico produz o calor, inversamente o calor pode produzir o trabalho mecânico. O homem selvagem já utilizava o primeiro fato; o outro só foi aplicado seriamente na máquina a vapor.

Se a eletricidade em movimento pode produzir um ímã, um ímã em movimento pode produzir uma corrente elétrica, e se por rotação mecânica se obtém uma corrente, inversamente uma corrente pode produzir uma rotação mecânica.

Se uma ação química pode engendrar a luz, a luz pode engendrar uma ação química e, se esta ação química encontra condições particulares, ela vai nos produzir uma imagem que era

visível antes de agir quimicamente e que, depois de ter agido quimicamente, volta a ficar visível numa fotografia.

A magia da ciência não fica aí. Você quer, com ajuda de uma lâmpada comum, iluminar uma outra lâmpada que se encontra em Versalhes, por exemplo? Pois isso é possível utilizando-se a bateria termoelétrica de Clamond, um condutor de um dínamo ligado a um motor elétrico.

É possível um raio de luz transmitir a palavra? Perfeitamente, pois isso foi feito por Bell e Tainter. Mas qual o físico que admitia isso há 20 anos?

Vejamos o que se passa no caso do cérebro: o seu cérebro carregou os nervos motores de seu pensamento transformado. Os nervos o transmitiram para os músculos e para as cordas vocais, as cordas vocais para a atmosfera, a atmosfera para o espelho, o espelho para a luz, isto é, o éter, o éter para a lâmina de selênio, o selênio para a corrente de uma pilha, a corrente da pilha para o eletroímã, este para a placa vibradora, a placa para o ar, o ar para o tímpano, o tímpano para os pequenos ossos do ouvido médio, estes para a membrana do labirinto, a membrana do labirinto para o líquido do ouvido interno, o líquido para os órgãos terminais do nervo acústico e, enfim, o nervo acústico para o cérebro. E este cérebro reproduziu o pensamento de outro cérebro. Por quê? Porque a última transmissão encontrou um meio análogo ao do seu ponto de partida.

E você acha que isso jamais se produziu antes de Bell e Tainter?

Por que não? Toda pessoa que falava diante de um espelho enviava sua palavra para o universo. E não esqueçamos que esse não passa de um caso particular de uma lei geral. Tudo se transmite, tudo se transforma, tudo pode ser reproduzido.

Se alguma coisa não se reproduz visivelmente é porque as condições de reprodução são mais ou menos afastadas de uma analogia perfeita dos meios. Encontre um receptor sensível e você terá a reprodução. Falava-se num telefone, antes de se ter um outro para a recepção. Mas o telefone não é senão um modelo plástico e grosseiro de uma transmissão biológica

reversível. O fotofone é já mais delicado; ele se contenta com um raio. Chegará um dia em que se dispensará o raio e nos contentaremos com um intermediário qualquer, um jato d'água, uma corrente de ar. As invenções vão sempre do complexo para o simples. Aliás, elas não fazem mais do que imitar a natureza, aperfeiçoando-a.

Disso resulta, entre outras coisas, que a luz pode ser carregada com uma palavra. Ora, paralelamente, o calor da mão pode estar carregado de uma boa saúde e de uma boa intenção.

Vão gritar que é misticismo. Tanto pior para os que gritarem, pois eles perderão a oportunidade de aprender uma verdade soberba! Pouco me importa que ela tenha sido propagada por uma turba ignorante; se é uma verdade, agradeçamos à turba. Sim, como o *la* de um pistão não é o *la* de uma flauta e o *la* de um instrumento qualquer não é o de uma corda vocal de um homem, assim o calor da mão não é idêntico ao calor de um cataplasma. E não se invoque o termômetro como juiz! Um termômetro não tem mais direito de julgar uma diferença assim, do que um barômetro de julgar a pureza da atmosfera ou uma balança de julgar a qualidade de dois vinhos.

Outra observação: nós não devemos dissimular que as transformações jamais são completas. Digo jamais com pleno conhecimento de causa. Fiz esforço para provar que uma força *A* se transforma sempre em mais de uma força *B*, *C*, *D*, etc. Um golpe de martelo produz não somente um abalo mecânico, mas também calor, eletricidade, um som, uma mudança magnética, etc. Jamais uma força *A* se transforma totalmente numa força *B*. Eis por que o equivalente mecânico do calor não pode ser uma quantidade absolutamente constante na prática e eis por que, em lugar de palavra *equivalente* preferi servir-me da palavra *correlato dinâmico*. Há mais do que isso: o universo não é vazio nem morto. Uma força que se transmite encontra outras forças e se ela não se transforma senão pouco a pouco, então ela se limita a modificar uma outra força à sua custa, mas sem quase nada sofrer com isso. É sobretudo o caso de forças persistentes, bem concentradas, bem apoiadas pelo meio; é o caso do equilíbrio fisiológico, da força nervosa, da força psíquica, das ideias, das

emoções, das tendências. Elas modificam as forças ambientais sem desaparecerem, elas não se transformam senão insensivelmente, elas ganham até em ação indutiva, como o ímã ganha com uma armadura de ferro doce ao qual ele comunica sua força. Um sentimento comunicado nada perde; ao contrário, uma indução polar frequentemente o sustenta.

Seria preciso escrever toda uma psicologia e toda uma filosofia da natureza para elucidar suficientemente estas questões sutis. Limitemo-nos a dizer que há na natureza “morta” fatos análogos. Uma faísca provoca um incêndio. Mas tudo o que constitui o incêndio, mesmo a primeira chama, não pode ser considerado como o equivalente mecânico da faísca. Esta última nada mais fez do que liberar uma série de forças latentes. Se o telefone magnético produz, ele próprio, a corrente que transmite a palavra, o mesmo não acontece com um transmissor microfônico. Este precisa de uma pilha e a palavra não faz mais do que modificar uma corrente existente; ela lhe imprime modificações correlativas, ela a incumbe de uma missão, sem se enfraquecer.

É assim que procede o pensamento do magnetizador.

CAPÍTULO IX

Últimas suposições

Transportemo-nos agora para uma outra situação para ver o que acontece. Tomemos o sono à distância e tentemos explicá-lo.

Os magnetizadores dizem que sua vontade concentra o fluido e depois o projetam para fora, numa direção aproximativa, como uma dose de ópio. Esse fluido é tão inteligente e tão amável que corre a toda velocidade, encontra seu caminho, alcançando o sujeito. Ele o invade e, no momento em que o sujeito estiver convenientemente saturado, o sono se declara, de longe como de perto. Como o ópio, ele tem virtudes *soníferas*.

Mas no caso é preciso provar, antes de tudo, que o fluido existe, depois que ele pode ser projetado, em seguida que ele sabe encontrar seu caminho e, enfim, que ele se detém exatamente no sistema nervoso do sujeito.

Em suma, não se ganha muita coisa com esta teoria. Descreve-se a ação, *substancializando-a*, como dizia Mesmer.

Encaremos a questão por outro lado.

Suponhamos, no momento, que a teoria sugestiva é a única verdadeira, isto é, que se o sujeito adormece o faz por sua própria imaginação, pela ideoplastia. A ideia do sono se apresenta no seu espírito, encontra um momento de monoideia e se realiza. Bastaria, nesse caso, transmitir ao sujeito a *ideia* do sono para que ele adormecesse. Essa ideia não pode chegar desta forma. As ideias não viajam. Mas nós sabemos, já, que as ideias enviam para toda parte seu correlato dinâmico. Para toda parte quer dizer em toda volta. Não é uma substância que se transporta, mas sim uma onda que se propaga e que se transforma cada vez mais, na medida da diferença e da resistência dos meios que ela atravessa. Ela pode atingir toda espécie de corpos sem nenhuma ação sensível, e digo sensível porque seria contrário ao princípio mecânico do universo dizer que por isso ou por aquilo ela não tenha nenhuma ação. Assim, a ação é geral, mas ela fica mais ou menos insensível antes de encontrar um meio análogo e todas as condições necessárias para

uma transformação reversível. Um cérebro *B* reúne estas condições: a ideia correspondente é despertada nele e ele adormece.

Mas então todos os cérebros sensíveis que se encontram no círculo não deveriam fazer o mesmo?

Não, porque todos esses cérebros não são regulados, não estão em *rapport* (relação) com o operador. E eu creio que não é possível agir à distância sem que haja esse *rapport*, o que consiste no seguinte: o tom dinâmico do sujeito corresponde ao do operador e, por hábito e por educação, o cérebro do sujeito se torna sensível de um modo especial a essas influências mínimas.

A ação mental à distância, supondo que ela seja certa, será consciente ou inconsciente? Isto é: o sujeito suspeita de algo, antes de se submeter inteiramente?

Frequentemente não. A transmissão é mediata: do consciente para o inconsciente. A ideia sugerida não entra na poli-ideia normal; mas depois de ter encontrado um momento monoidéico (e um momento absolutamente monoidéico jamais é consciente; quem diz consciência diz poli-ideia), ela se realiza também pela ideoplastia. Só então, no estado sonambúlico, o sujeito pode perceber o seguimento da influência e adivinhar a causa. Frequentemente, então, a imagem do operador é sugerida e produz uma alucinação verídica.

Mas também acontece que o sujeito adivinha a ação antes de se submeter completamente. Às vezes, sobretudo depois de um desfalecimento momentâneo do operador, ele tem o tempo e a força para se opor. Neste caso temos que fazer uma sugestão imediata, mas insuficiente, seja por causa do operador, seja por causa do sujeito. Mas então, às vezes, a sugestão imediata falha se transforma em uma sugestão mediata, retardada, que pode ainda encontrar seu momento propício.

A ação pode, então, ser consciente ou inconsciente; mas ela é sempre puramente cerebral? Dito de outra forma: a transmissão se opera no sujeito pelo cérebro no organismo, ou pelo organismo no cérebro?

Na hipótese de Baragnon, o qual acredita que a transmissão de sensações serve de base a toda sugestão mental, seriam os nervos que, sendo os primeiros a ser afetados, atuariam no cérebro.

Do ponto de vista fisiológico geral, sem pensar na ação à distância, esta suposição não está isenta de fundamento. A lei da reversibilidade se aplica tanto à fisiologia do sistema nervoso como às questões de física geral. Se uma emoção se exprime por uma atitude muscular, esta última, provocada exteriormente, pode reproduzir a emoção. É isso que provam as sugestões musculares de Braid. Paralelamente, as sensações transmitidas poderiam reproduzir a ideia que as acompanha no operador. Mas será que o operador tem realmente sensações de sono quando provoca o sono? Isso seria um pouco puxar os fatos pelos cabelos. Ele somente tem a *ideia* do sono; além disso eu creio que, pelo menos quanto às experiências feitas à distância, a ação simpática de dois cérebros é ainda mais compreensível que uma ação simpática dos nervos. E como o próprio cérebro é suficiente para produzir, através de uma ação centrífuga, todas as sensações possíveis, é melhor nos determos neste limite.

Admito, ou melhor, suponho, que uma ação à distância poderia ser exercida única ou principalmente por intermédio do cérebro.

Temos admitido, é verdade, uma ação física e mesmo uma ação psíquica local. Mas é quase impossível eliminar, na hipnologia em geral, o concurso do cérebro, isto é, de uma ideoplastia ou de uma ação reflexa sensorial. Você pode agir sobre um só membro; você pode paralisar um só dedo ou um só ouvido, mas a aparência de uma ação localizada dos passes, da aproximação da mão, do ímã, dos metais, das diversas substâncias medicamentosas não nos deve induzir ao erro; mesmo quando o cérebro parece adormecido ele pode reagir por associações ídeo-orgânicas reversíveis. Uma só categoria da ação física parece admissível: é aquela cujo modelo apresenta a comunicação do calor. Eu posso aquecer uma mão fria segurando-a entre as minhas mãos quentes e então a ação não é reflexa, ela é puramente física. É provável que outras

transmissões físicas do mesmo gênero existam. É provável que uma mão bem nutrida de sangue, bem vitalizada pelas correntes normais dos músculos e dos nervos, uma mão que transpira de modo normal, que, enfim, no conjunto de suas vibrações moleculares é perfeitamente equilibrada, é provável, dizia eu, que do ponto de vista teórico uma mão assim pode comunicar seu *tom* a uma parte doente, reanimar por indução um movimento molecular amortecido, acalmar os excessos dinâmicos vitais e restabelecer um equilíbrio perturbado.

Eu compreendo que tudo isso se pode efetuar mesmo a uma pequena distância, sempre dirigindo localmente a mão para um dado membro. Todavia, o que eu dificilmente compreenderia é uma ação semelhante a grande distância ou através da parede; e eu creio que então isso não é mais uma comunicação física direta que age, mas sim a sugestão cerebral, e se o sujeito da experiência de Mesmer sentia atrás de um muro os movimentos de seus braços, isso se dava mais por transmissão transformada e reversível do pensamento do que por uma ação física local. Mas não insistamos, não estando a questão suscetível ainda de uma discussão rigorosa.

E eis o que eu creio poder inferir de uma série de minhas experiências, assim como das de Bertrand e de outros:

Contrariamente à teoria da exaltação dos sentidos, a sugestão mental parece se operar melhor quando os sentidos estão completamente paralisados. E então estaremos certos de estar na presença de uma verdadeira transmissão mental. Verifica-se uma *exaltação do cérebro*, ima exaltação toda particular, que definiremos adiante, mas não uma exaltação dos sentidos.

É uma questão delicada que eu apresento com toda reserva.

Parece-me que Mesmer mais uma vez tinha razão. Ele sustentava que se o sujeito, no qual todos os sentidos são absolutamente paralisados (o que acontece às vezes na catalepsia e no êxtase), ouve seu magnetizador, ele o ouve por sugestão mental. A palavra, ainda que pronunciada de viva voz, impressiona diretamente seu cérebro e não seu ouvido.

Mesmer se enganava em parte porque generalizava muito. Ele acreditava que sempre que o sujeito não ouve senão seu magnetizador, ele só o ouve mentalmente. Mas nós já vimos que, em certa medida, o fenômeno da relação se deixa explicar por uma impressionabilidade especificada, por uma percepção eletiva, e é preciso sempre dar preferência às influências conhecidas antes de recorrer a um princípio essencialmente novo. Assim, se em lugar de uma anestesia relativa estivermos na presença de uma insensibilidade absoluta e geral, é verdadeiramente difícil compreender como uma palavra do magnetizador, pronunciada igualmente de modo inaudível, pode ser ouvida com grande facilidade!

Em resumo, eu considero como provável a existência de duas espécies de sugestão mental: uma condicionada por uma exaltação dos sentidos, exaltação relativa frente às sensações provenientes do magnetizador, o que constitui *rapport* (relação) comum; e outra condicionada por uma paralisia completa dos sentidos, com a exaltação inteiramente excepcional do cérebro.

Neste último caso há sempre uma espécie de febre localizada no cérebro. A cabeça fica quente e os membros frios. Dir-se-ia que toda a força nervosa se concentra nos hemisférios. A circulação não é viva, mas ela pode se tornar mais viva que de hábito, a qualquer momento, e sob a influência de uma exaltação mínima.

Admitindo que é sobretudo a ação dos vasos constritores que regula a circulação capilar, será preciso conferir-lhes, nesse caso, uma mobilidade de excitação e de relaxamento toda especial. Quanto a fenômenos elétricos, eis como se pode conhecê-los. Sabemos, depois dos trabalhos de Du Bois-Raymond, que as correntes próprias dos nervos como dos músculos sofrem um enfraquecimento durante a ação nervosa propriamente dita; o que quer dizer que uma quantidade de energia dada se manifesta tanto sob a forma de uma ação nervosa como sob a forma de uma ação elétrica. No caso que nos interessa, a ação nervosa psíquica é nula; mas pode se tornar muito intensa. Em consequência, é preciso admitir que existe no cérebro uma tensão elétrica excepcional, mas que pode desaparecer rapidamente e que, em

geral, deve sofrer grandes mudanças momentâneas. Enquanto o cérebro permanece em a-ideia, a tensão elétrica é grande e ela excita os vasos motores que contraem as artérias. Mas graças a uma tensão do sangue, sobretudo arterial, a menor diminuição de tensão elétrica pode aumentar o trabalho nervoso e produzir uma dilatação das artérias. É suficiente, pois, supor que as correntes elétricas da atmosfera, modificadas por uma transmissão psicofísica – como o raio do fotofone é modificado pela palavra – transmitem esta modificação para as correntes elétricas do cérebro, para se compreender a reprodução de um fenômeno mental.

Peço ao leitor não criticar muito esta pequena incursão no domínio do invisível. É possível que as coisas se passem de outra forma; é possível sobretudo que esse processo íntimo seja muito mais complexo. Faz-se de tudo para não ficarmos com ar de idiotas diante de um fenômeno que “subverte todas as noções fisiológicas”. Esperemos que ele nada subverta e que lance uma luz viva sobre muitos fatos obscuros.

Para que assim seja, é preciso encontrar para tal fenômeno conexões sólidas com fenômenos próximos e mais ou menos conhecidos. Se a lei da reversibilidade explica a ação à distância, ela deve também explicar a ação de perto e esta última deve encontrar analogias com fatos ainda mais rudimentares.

Nós já assinalamos que a ação mental à distância encadeia-se intimamente com a ação física de perto e com muitos fenômenos de simpatismo e de contágio nervoso. Vamos descer mais abaixo na escala, para depois soldar as duas séries da evolução.

Existe uma ação à distância no seio de um só e mesmo organismo.

“É uma propriedade característica do sistema nervoso – diz Maudsley – que uma excitação localizada se transmite também a partes afastadas.” Como isso ocorre nós não sabemos; é indiferente também designar esse fenômeno com o nome de simpatia ou de consentimento das partes, de indução, infecção ou ação reflexa, ou com qualquer outro nome. “Qual pode ser a causa desse fato – pergunta D. Whytt –, que às vezes a

amputação de um braço ou de uma perna provoca a contratura dos músculos da mandíbula, mais do que de um outro órgão? Nossa ignorância não nos deve impressionar; ninguém sabe por que numa planta sensitiva, na *mimosa pudica*, por exemplo, a excitação aplicada a um só ponto se propaga por toda a folha e, às vezes, até para as folhas vizinhas; ninguém sabe como se efetua a indução elétrica; por que um só ponto de um músculo excitado transmite a excitação ao longo das fibras ou como se transforma a substância de um nervo em estado eletrônico.”

Mas não é necessário conhecer tudo isso em pormenores para capturar o princípio. Ora, esse princípio consiste manifestamente na lei que acabamos de citar.

Uma excitação qualquer causada por uma mudança anatômica ou puramente dinâmica, espontânea ou provocada, constitui sempre um foco de movimento. Esse movimento, como todos os movimentos da natureza, se propaga. Se ele se propaga através de um meio idêntico (fibras nervosas da mesma natureza), só há transmissão. Se ele encontra um meio diferente, há transformação. E é então que se manifesta o fenômeno do simpatismo, no mesmo indivíduo.

Um estado inflamatório da pituitária pode se transformar na mucosa das pálpebras, da laringe, dos pulmões, dos intestinos, etc., na totalidade ou em parte, e então só há transmissão. Mas pode se efetuar através das mucosas intermediárias sem alcançar um ponto afastado, que individualmente constitui um *nodus minoris resistentiae*, pois aqui, como em toda parte, a transmissão não se torna palpável senão em rotas de uma resistência menor.

Haverá transformação completa se dois órgãos diferentes reagirem um sobre o outro à distância. É assim que um deslocamento do útero pode determinar um acesso de melancolia que desaparece com a recolocação deste órgão; se a ação é levada ao cérebro é porque ele estava particularmente disposto. Eu observei uma outra simpatia desse gênero. Numa mulher atáxica um deslocamento do útero provoca dores ciáticas que cessarão logo depois da reposição. Aqui os nervos ciáticos

apresentavam um terreno favorável (devido à ataxia), embora o cérebro se opusesse a toda influência.

A gravidez pode provocar regularmente uma loucura, ao passo que em outros casos é a razão que vem com a gravidez e de tal forma que só permanece nesse período. Um pessário pode suprimir instantaneamente certos casos de melancolia (Fleming, Maudsley), como uma pressão nos ovários pode deter um ataque histérico (Charcot) e, no homem, a pressão no testículo detém um ataque cataléptico histérico (Avde). Sabemos que a presença de vermes no intestino pode causar o prurido nasal e outros fenômenos simpáticos e que uma agulha nas mesmas condições pode determinar convulsões (Whytt).

Mas o que é sobretudo interessante é uma transformação total, que se manifesta em muitos doentes e que já foi notada pelo Dr. Darwin e ultimamente por Maudsley. Existe um certo antagonismo entre as convulsões e o delírio. Muito frequentemente o delírio se manifesta no momento em que as convulsões se detêm, e reciprocamente. Nesse caso é a excitação da medula que se transmite ao cérebro e ali se transforma sob a influência do meio. Ao contrário, quando a transmissão tem lugar transversalmente, isto é, de uma metade do corpo para outra, ela encontra, frequentemente, um órgão idêntico e, em consequência, não muda de caráter. É assim que uma dor de cabeça, uma nevralgia qualquer, uma contração, uma anestesia ou hiperestesia passa da direita para a esquerda e o fenômeno da transferência hipnótica mostra que todos os fenômenos unilaterais, sensações, alucinações podem ser transferidos.

Esse fenômeno é bem conhecido em princípio desde os trabalhos da comissão nomeada pela Sociedade de Biologia para estudar a metaloterapia do Dr. Burq. Mas, às vezes, a transferência apresenta uma forma particular. Eis, por exemplo, um fato interessante observado por Ollivier: num caso de semi-anestesia esquerda, picando a perna insensível, este autor provocou uma sensação dolorosa no ponto correspondente da perna direita.

Há, pois, no mesmo organismo:

- a) uma ação à distância (excitação refletida num órgão distanciado); a excitação pode ser de origem psíquica e todos os casos de *ideoplastia* podem ser considerados como os fatos de uma ação mental à distância, no seio do mesmo organismo;
- b) uma transmissão com transformação parcial aparentemente completa (transmissão e transformação das doenças de um órgão para outro, diferente); aqui ainda o ponto de partida pode ser psíquico;
- c) uma transferência de sintomas, isto é, uma transmissão psíquica ou física reversível, nos órgãos análogos bilaterais.

A um grau um pouco mais elevado observa-se uma transmissão de um organismo para outro, ligado com este somente por uma comunidade de nutrição. Falo das influências maternas que sofre o feto.

Um outro gênero de transmissão é constituído pela transmissão hereditária, que é mais psíquica do que física. Coisa estranha! Isso é bem admitido porque há aí uma gota de albumina que serve de ponto de apoio para nossa imaginação, enquanto se recusa admitir uma transmissão pelo contato, como se fosse mais fácil compreender que uma série de tendências e aptidões morais pode ser encerrada numa gota de matéria! Eis, por exemplo, um caso observado por Brown-Séguard:

“O fato assinalado pelo Dr. Harvey, de Edimburgo, como tendo sido observado no homem e em algumas espécies de animais, apresentou-se de maneira muito clara na cobaia. A mãe foi fisicamente modificada de maneira a parecer-se com o pai. Cobaias-machos que tiveram o nervo simpático cervical partido tiveram filhotes apresentando os efeitos da secção desse nervo e a mãe também, na época do nascimento dos filhotes, mais tarde apresentou os mesmos efeitos.”

Assim, agiu-se sobre o pai e foi a mãe que sofreu a ação! Esse fato é menos impressionante do que o contágio nervoso ou a transmissão mental?

Não há limites absolutos na natureza. Tudo se encadeia numa evolução gradual. Se uma mãe pode ficar parecida com o pai por uma transmissão fisiológica, se o embrião, depois de ter herdado do pai, pode comunicar sua doença à mãe, se as moléstias nervosas são hereditárias, com transformação ou não, se a epilepsia pode suceder à loucura nos pais, ou a loucura à epilepsia, por que não será o mesmo por um contato íntimo entre dois indivíduos, contato muito mais amplo e muito mais direto que o de um corpúsculo espermático que, além do mais, não é absorvido pela mãe, mas, ao contrário, se alimenta e se transforma à custa dela?

E uma vez o contágio nervoso admitido, estamos no terreno da sugestão mental e aqui chegamos, como vimos, por uma série de fenômenos intermediários: transmissão da saúde, sensações do magnetizador, sensações dos sujeitos, transmissão de dores, de sensações objetivas, de emoções, de ideias e da vontade. A ação da vontade à distância nada mais é do que uma última escala de uma longa série evolucionista.

E no fundo de tudo isso só há uma coisa, a mesma que há entre o ferro e o ímã, a mesma que há entre o sol e a terra: transmissão e transformação do movimento.

Só nos resta registrar as aplicações.

Como? A sugestão mental terá que ter uma aplicação prática qualquer?

Ao começar este estudo eu também não teria acreditado nisso. Pensei em fazer uma obra de pura teoria e, constatando uma nova verdade, não me preocupei em saber se ela poderia servir para alguma coisa. Mas certos casos ultimamente observados me parecem de natureza a legitimar uma aplicação mediata.

Façamos notar antes de tudo que, a partir do momento em que nós admitimos a realidade da ação mental, é preciso penitenciar-nos com os magnetizadores e reservar uma certa parte a esta influência, na prática geral do magnetismo. Não se deve mais agir maquinalmente, mas acrescentar à ação sugestiva ou física a influência de um pensamento e de uma vontade firme.

É verdade que habitualmente fazemos isso sem dar nenhuma importância. Mas aqueles que muito hipnotizam negligenciam esse concurso e então acontece, como a mim mesmo aconteceu, que eles obtêm menos do que aquilo que poderiam obter. Eis um exemplo: Coloquei uma questão a uma doente adormecida que me respondia habitualmente sem dificuldade. Mas naquele dia pareceu que ela dormia mais profundamente do que de hábito e, apesar de minha insistência, ela não me respondia. A doente permanecia com o braço direito esticado, como se quisesse escrever. Então dei-lhe um lápis e ela escreveu. Fraco... Eu não compreendi e me impacientei. Ela também, mas continuou apática. Afinal, eu disse com mais energia psíquica: “Responda! Eu quero!” Então ela me respondeu e me explicou que não tinha força para falar porque eu não o exigi com suficiente firmeza.

Eu sei que na grande maioria dos casos a ação mental não servirá para grande coisa. Mas, como nunca se sabe onde começa sua eficácia, será bom tentar.

Antes de tudo será preciso levar isso em conta nas aplicações terapêuticas e não fazer pouco dos magnetizadores que exigem do operador uma certa simpatia moral para com o doente e um desejo firme de fazer-lhe o bem. Será preciso levar em conta o estado físico e psíquico no qual nos encontramos, para não inocular no doente um mal ou um desencorajamento moral.

Estas são aplicações gerais. Mas isso não é tudo. Outros fatos me sugeriram a ideia de uma aplicação mais específica.

Eu imaginava, no começo, que ali onde a sugestão verbal fracassa, *a fortiori*, a sugestão mental não nos serve para nada. Pois bem, me enganei! Ela pode servir e pode mesmo ser muito útil.

Às vezes acontece, nas doenças nervosas, e sobretudo mentais, que uma certa questão, solicitada ao doente, produz um efeito deplorável. É preciso, no entanto, que esta questão seja elucidada ou arrumada de um jeito ou de outro. Um médico criterioso sabe administrar as suscetibilidades naturais ou patológicas do doente e começa com palavras disfarçadas. Ele *prepara* o doente. Mas às vezes isso não adianta nada, sobretudo

no sonambulismo. A menor lembrança provoca o ataque, a menor ordem numa direção dada provoca oposição. Pois é precisamente desses casos que tirei um grande partido da sugestão mental. E devo acrescentar que os dois sujeitos nos quais fiz esses ensaios não eram sugestionáveis diretamente nem pela palavra nem pelo pensamento. Tratava-se, num caso, de transportar o leito para outro quarto. Em razão de circunstâncias particulares, era impossível convencer a doente da necessidade dessa mudança, que, entretanto, interessava à sua saúde. Um dia, estando eu perto dela, que dormia, comecei a pensar, durante pelo menos dez minutos: “Você vai transportar a cama para outro quarto; você precisa mudar a cama para outro quarto...” Alguns minutos depois ela começou a conversar comigo sobre diferentes assuntos e de repente falou sobre a questão da cama. E ela mesma decidiu que a cama deveria ser mudada. Conhecendo bem as condições, estou certo de que a sugestão mental não foi estranha à súbita mudança; mas, como garantia, fiz outro ensaio. Durante dez minutos pensei: “Você vai pôr sua mão direita na cabeça; ponha sua mão direita na cabeça...” A ação imediata foi nula; mas um quarto de hora depois ela colocou sua mão direita na cabeça e a manteve assim durante dez minutos, sem nenhum motivo racional.

Outra experiência semelhante foi com a Sra. Z., que não queria se deitar e que depois de ter resistido a todas as tentativas de persuasão verbal, cedeu a uma sugestão sem palavras, a uma sugestão mental *retardada*.

Em geral, minhas últimas observações parecem provar que a sugestão mental retardada é muito mais comum do que se pensa, isto é, que ela pode se efetuar ali onde a ação direta imediata é nula.

Eis um resultado que seguramente terá importância se for confirmado em escala mais vasta.

Enfim, mencionemos ainda que, nos sujeitos em que a ação direta é possível, a aplicação se torna mais clara e poderá se exercer todas as vezes que se tratar de uma série de associações, ou de suscitar uma outra, sem que o sujeito suspeite da intenção. Pois já sabemos que a sugestão mental pode permanecer

despercebida. E o sujeito sofre a ação atribuindo-a a motivos pessoais.

Devo falar das aplicações teóricas? Elas são muito numerosas. Um monte de fatos até agora inadmissíveis poderão e deverão ser examinados seriamente.

Com efeito, a transmissão psicofísica poderá nos explicar:

- 1º) certos casos de apreciação instintiva das doenças;
- 2º) certos casos de contágio nervoso direto;
- 3º) certas ilusões de observadores que não se põem ao abrigo de uma influência mental;
- 4º) certos casos de uma pretendida visão à distância;
- 5º) certos fenômenos inacreditáveis e, às vezes, bem constatados, de alucinação verídica;
- 6º) comunicação de certas sensações, nos sonhos de sono normal;
- 7º) as pretendidas adivinhações de “espíritos batedores”;
- 8º) a influência mística de certos personagens;
- 9º) as diferenças pessoais de “hipnotizadores” e as diferenças características dos efeitos que eles obtêm;
- 10º) muitos fatos registrados na história da civilização e atribuídos aos demônios, aos oráculos, aos feiticeiros, aos possuídos, etc.

Mas isso seria uma verdadeira ressurreição do ocultismo e da magia!

Perfeitamente. E eu não me queixo, pois esse ocultismo e essa magia se tornarão uma ciência. Direi mais: poderão regenerar a nossa. Seja dito que a ciência deste século peca um pouco por falta de fantasia. Ela entrou na rotina, fez barricada num terreno seco e descolorido, se desperdiçou em pequenos detalhes, em pequenas medidas e pequenas fórmulas, muito úteis, muito necessárias, mas que jamais podem constituir uma ciência. Uma ciência não é completa sem uma concepção geral, isto é, sem filosofia. E se abusou tanto da fantasia filosófica em épocas precedentes que chegamos a crer que podemos passar

sem ela. Acredita-se que o positivismo científico, que exclui a pesquisa das causas “eficientes” e das causas “finais” como realmente inabordáveis, no estado atual de nossa evolução, deve excluí-las para sempre, e não somente aquelas causas como também todo fenômeno presumido que parece ultrapassar os limites de nosso saber.

Trata-se de uma prevenção censurável. Os velhos sistemas arbitrários foram vencidos, está bem, mas não é nada bom que um outro melhor não tenha vindo substituí-los. E é preciso avançar, suavemente, mas avançar, não somente em relação às mesmas observações, cada vez mais numerosas, mas também no que diz respeito a uma concepção filosófica cada vez mais ampla, vigorosa e profunda.

Ora, eu acho que jamais chegaremos a uma visão de conjunto dos fenômenos sem nos desembaraçarmos da rotina da escola, sem abordar francamente os problemas do ocultismo e da magia.

Notemos bem que a própria doutrina sensualista nos ensina que o homem não inventa os problemas, mas que ele os coloca na sua experiência. A magia não é mais do que uma ciência experimental, mal fundamentada, desnaturada, incompleta, degenerada, tudo o que se quiser, mas sempre uma ciência primitivamente experimental. Recomeçemos os estudos com os meios aperfeiçoados que possuímos, com esta precisão de métodos da qual nos orgulhamos e veremos que um progresso inesperado virá desta aliança entre o passado e o presente: uma nova época de renascimento.

Se não me engano, ela já começou.

As grandes descobertas científicas destes últimos anos trazem esta marca miraculosa e, ao mesmo tempo, positiva: faz-se falar os corpos brutos e os raios do sol. Analisam-se quimicamente os corpos celestes, coloca-se o problema de uma visão elétrica à distância, regenera-se a medicina dos exorcistas e os milagres dos estigmatizados, revisa-se o velho espiritismo, volta-se para os amuletos de metaloscopia, para as palavras mágicas do Oriente...

Tanto melhor! Gosto desse despertar juvenil de um espírito forte. Nós mesmos estaremos seguros da nossa sanidade lógica, de nosso equilíbrio mental e de nossas tendências positivas, enraizadas por um século de experiência, por jamais termos medo de uma extravagância mística?

Não, o ocultismo não é perigoso para a civilização porque existe, mas porque ele se apoderou de alguns raios de luz que a ciência não procura tomar dele.

Evidentemente haverá sempre um certo número de espíritos elevados que irão banhar-se com complacência no vago e no obscuro. Mas não são eles que farão viver os preconceitos. Estes serão sustentados pelas aspirações daqueles que, descontentes com uma ciência claro-escuro, procuram uma luz mais viva, e a procuram como as mariposas da noite: queimando as asas.

Um médico inteligente, de uma imaginação viva e sincera, mas cético por rotina científica, assiste a uma sessão de espiritismo. Veio trazido por um amigo. Nem mesmo por curiosidade, tal sua convicção quanto à patetice dessas “manipulações e ilusões”. Sorriso nos lábios, ele faz perguntas aos “espíritos” a fim de desmascarar a burrice humana. Mas eis que o “espírito” se vinga. O inconsciente do médium adivinha seus pensamentos e nosso cético se confunde todo. Como homem sincero que é, proclama a verdade. Como a ciência jamais se inquietou com o fenômeno da sugestão mental, ele não a conhece, considera-a impossível e, em consequência, cai no misticismo, torna-se espírita e propaga o contágio.⁴

A ciência perdeu um homem útil. Por quê? Porque ela negligenciou, por vaidade e presunção, as descobertas de sua rival.

Não, a sugestão mental não favorece o ocultismo; ao contrário, ela o expulsa. E uma vez reconhecida, uma vez regenerada pela ciência positiva, ela irá nos traduzir em acentos mais potentes e mais dignos de nosso século o eco misterioso das velhas verdades.

Notas:

¹ Foi no ano em que apareceu meu primeiro trabalho sobre o *Magnetismo* (Varsóvia, *Gazeta Polska*, 1867).

² Veremos a seguir que a explicação dada aqui de *rapport* (relação) não serve senão para um certo número de casos.

³ Dei esse nome a um ímã especial que, aplicado num dedo, serve para descobrir a sensibilidade hipnótica.

⁴ O ilustre Ochorowicz começou a mudar seus conceitos errôneos sobre o Espiritismo a partir de suas experiências com a notável médium italiana Eusápia Paladino, na década de 1890. Eis sua declaração na “Gazeta Semanal Ilustrada”:

“Quando me recordo de que, numa certa época, eu me admirava da coragem de William Crookes em sustentar a realidade dos fenômenos espíritas; quando reflito, sobretudo, que li as suas obras com o sorriso estúpido que iluminava a fisionomia dos seus colegas, ao simples enunciado destas coisas, eu coro de vergonha por mim próprio e pelos outros.”

(Fonte: Victor Ribas Carneiro – “ABC do Espiritismo”, 2ª parte, cap. 2 – “Opiniões de cientistas e escritores europeus e americanos”).

(Nota desta edição eletrônica.)